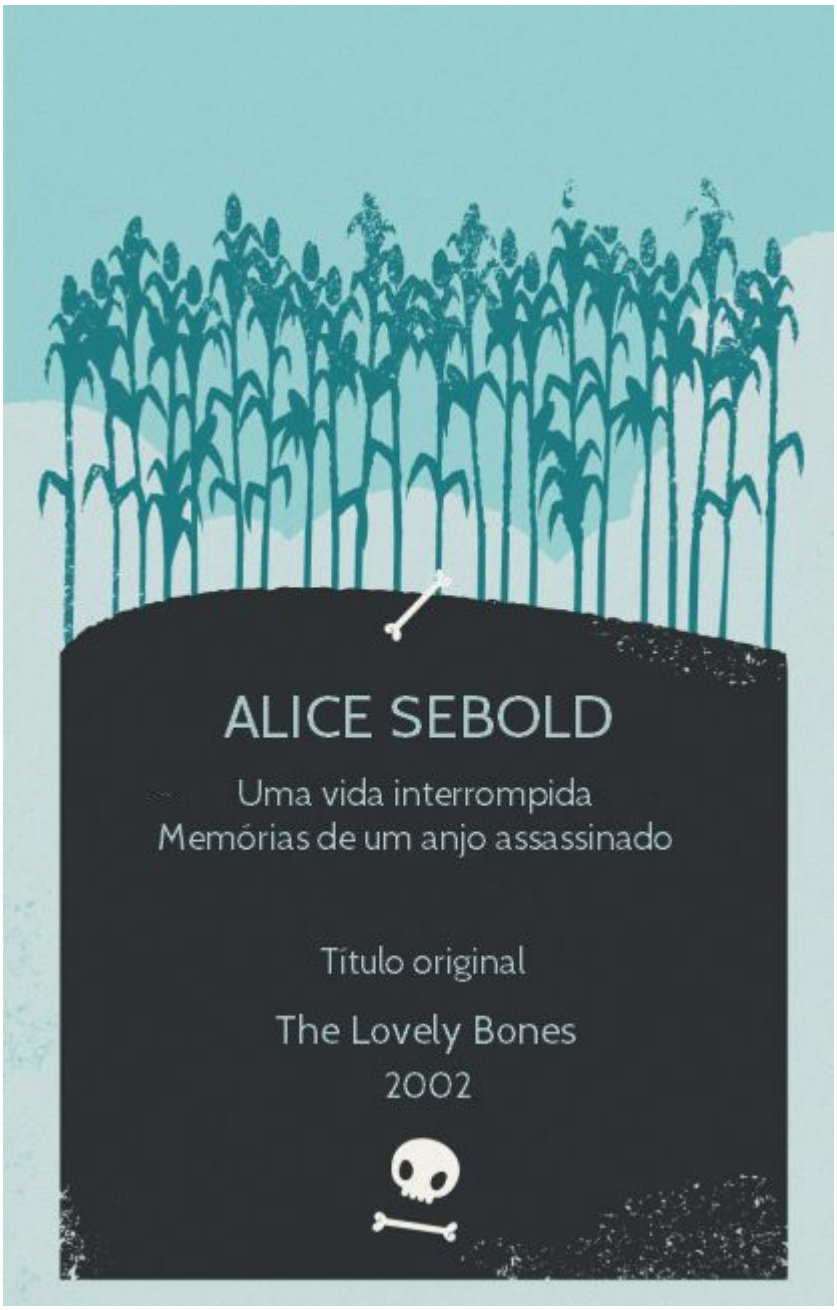
Uma vida interrompida

Memórias de um anjo assassinado

ALICE SEBOLD



ROMANCE


ALICE SEBOLD
Uma vida interrompida
Memórias de um anjo assassinado
Título original
The Lovely Bones
2002

ALICE SEBOLD
Uma vida interrompida — Memórias de um anjo assassinado
Título original: The Lovely Bones
© 2002 by Alice Sebold
Ediouro, 2003

Orelhas

Quando encontramos Susie Salmon pela primeira vez, ela já está no céu.

Enquanto observa a Terra desse estranho e novo lugar, ela nos conta, com a voz jovial e animada de uma menina de 14 anos, uma história ao mesmo tempo comovente e cheia de esperança.

Nas semanas que se seguem a sua morte, Susie vê a vida continuar sem ela — seus amigos de colégio trocam boatos sobre seu desaparecimento, sua família nutre esperanças de ela ser encontrada, seu assassino tenta não deixar pistas. A medida que os meses passam sem pistas, Susie vê o casamento de seus pais ser arruinado pela perda, sua irmã se endurecer em um esforço para ser forte, e seu irmão caçula tentar entender o significado da palavra morte.

E ela explora o lugar chamado céu. Ele se parece um pouco com o pátio do seu colégio, com o tipo certo de balanços. Há orientadores para ajudar os recém-chegados a se adaptar e amigas para dividir o quarto.

Tudo o que ela sempre quis aparece no instante em que ela pensa — exceto o que ela mais quer: estar novamente junto das pessoas que amou na Terra.

Com compaixão, saudade e uma compreensão cada vez maior, Susie vê suas pessoas queridas superarem a dor e começarem a se curar. Seu pai embarca em uma busca arriscada para capturar seu assassino. Sua irmã realiza um feito de notável ousadia. E o menino

de quem Susie gostava continua sua vida, e acaba se vendo envolvido em um acontecimento milagroso.

Uma Vida Interrompida é luminoso e surpreendente, um romance que constrói, a partir da dor, a mais esperançosa das histórias. Pelas mãos de uma brilhante nova escritora, essa história sobre a pior coisa que uma família pode enfrentar é transformada em um romance cheio de suspense, e até engraçado, sobre o amor, a memória, a alegria, o céu e a cura.

Para sempre, Glen.

Dentro do globo de neve na escrivaninha do meu pai havia um pinguim usando um cachecol listrado de vermelho e branco.

Quando eu era pequena, meu pai me punha no colo e pegava o globo de neve. Virava-o de cabeça para baixo, fazendo toda a neve se acumular na parte de cima, depois o desvirava depressa. Ficávamos os dois olhando a neve cair suavemente em volta do pinguim. Eu pensava que o pinguim estava sozinho lá dentro, e me preocupava com ele. Quando disse isso ao meu pai, ele respondeu: "Não se preocupe, Susie; ele tem uma vida boa. Está preso dentro de um mundo perfeito."

Capítulo 1

Meu sobrenome era Salmon, salmão, igual ao peixe; meu primeiro nome era Susie. Eu tinha 14 anos quando fui assassinada no dia 6 de dezembro de 1973. Nas fotos de meninas desaparecidas que saíam nos jornais nos anos 70, a maioria delas se parecia comigo: meninas brancas de cabelos castanhos cor de camundongo. Isso foi antes de crianças de todas as raças e sexos começarem a aparecer nas caixas de leite ou na correspondência diária.

Ainda era na época em que as pessoas acreditavam que coisas assim não aconteciam.

No meu livro de classe do ginásio coloquei a citação de um poeta espanhol a quem a minha irmã tinha me apresentado, Juan Ramón Jiménez. Dizia mais ou menos o seguinte: "Se alguém lhe der uma folha de papel pautado, escreva no sentido contrário." Escolhi essa citação tanto porque ela expressava meu desprezo pelos ambientes estruturados do tipo sala de aula e porque, já que não era uma citação ridícula de alguma banda de rock, pensava que ela mostrasse meus dotes literários.

Eu fazia parte do Clube de Xadrez e do Clube de Química e queimava tudo o que tentava ler na aula de prendas domésticas da Sra. Delminico.

Meu professor preferido era o Sr. Botte, que lecionava biologia e gostava de animar os sapos e lagostins que tínhamos de dissecar fazendo-os dançar em suas tigelas enceradas.

A propósito, eu não fui morta pelo Sr. Botte. Não pensem que todas as pessoas que vão encontrar aqui são suspeitas. É esse o problema. Nunca se sabe. O Sr. Botte compareceu à minha homenagem (assim como, devo acrescentar, quase todo o colégio em que eu estudava — nunca fui tão popular) e chorou bastante. Ele tinha uma filha doente. Todo mundo sabia disso, então quando ele ria das próprias piadas, que já eram velhas muito antes de ele virar meu professor, nós também ríamos, às vezes nos forçando, só para deixá-lo feliz. A filha dele morreu um ano e meio depois de mim.

Ela tinha leucemia, mas nunca a vi no meu céu.

Meu assassino foi um homem do nosso bairro. Minha mãe gostava das flores dos canteiros dele, e meu pai uma vez conversou com ele sobre fertilizantes. Meu assassino acreditava em coisas antiquadas como casca de ovo e borra de café, que segundo ele sua própria mãe tinha usado.

Meu pai chegou em casa sorrindo, fazendo piadas sobre como o jardim do cara podia ser lindo, mas que teria um fedor insuportável quando chegasse o calor.

Mas no dia 6 de dezembro de 1973 estava nevando, e na volta do ginásio eu peguei um atalho pelo milharal. Estava escuro na rua porque os dias eram mais curtos no inverno, e eu me lembro de como os pés de milho quebrados dificultavam minha passagem. A neve caía fraca, parecendo uma porção de mãozinhas, e eu estava respirando pelo nariz até ele começar a escorrer tanto que tive de abrir a boca. A dois metros de onde o Sr. Harvey estava, pus a língua para fora para sentir o gosto de um floco de neve.

— Não fique assustada — disse o Sr. Harvey.

É claro que dentro de um milharal, no escuro, eu fiquei assustada. Depois de morta pensei em como o ar tinha um leve cheiro de colônia, mas que eu não estava prestando atenção ou pensei que o cheiro viesse de alguma das casas mais à frente.

— Sr. Harvey — disse eu.

— Você é a filha mais velha dos Salmon, não é?

— Sou.

— Como vão seus pais?

Embora fosse a mais velha da minha família e fosse boa em testes de ciências, nunca tinha me sentido realmente confortável na presença de adultos.

— Bem — respondi. Eu estava com frio, mas a autoridade natural da idade dele e o fato suplementar de ele ser um vizinho e conversar com meu pai sobre fertilizantes me prenderam ali.

— Eu construí uma coisa ali atrás — disse ele. — Quer ver?

— Estou com um pouco de frio, Sr. Harvey — respondi —, e minha mãe gosta que eu volte antes de escurecer.

— Já escureceu, Susie — disse ele.

Agora gostaria de ter percebido que isso foi estranho. Eu nunca tinha dito meu nome para ele. Acho que pensei que meu pai tinha lhe contado alguma das constrangedoras piadas que pensava serem apenas provas de amor por seus filhos. Meu pai era o tipo de pai que coloca uma foto sua pelada aos 3 anos de idade no banheiro do andar de baixo, o banheiro de hóspedes. Ele fez isso com minha irmã caçula, Lindsey, graças a Deus. Pelo menos fui poupada dessa indecência. Mas ele gostava de contar uma história sobre como, quando Lindsey nasceu, eu fiquei com tanto ciúme que um dia quando ele estava no telefone no quarto ao lado fui até o outro lado do sofá — ele conseguia me ver de onde estava — e tentei fazer xixi em cima da Lindsey, que estava dentro do moisés. Essa história me humilhava sempre que ele a contava, para o pastor da nossa igreja, para nosso vizinho, o Sr. Stead, que era terapeuta e cuja opinião a

respeito ele gostaria de ouvir, e para qualquer pessoa que um dia dissesse: "A Susie tem muita coragem!"

— Coragem! — dizia meu pai. — Você nem imagina como — e começava imediatamente a contar a história de quando *Susie-fez-xixi-na-Lindsey*.

Mas o fato é que meu pai não tinha falado de nós para o Sr. Harvey nem contado para ele a história de quando Susie-fez-xixi-na-Lindsey.

O Sr. Harvey mais tarde diria as seguintes palavras para minha mãe, quando a encontrasse na rua: — Fiquei sabendo da terrível, terrível tragédia. Qual era mesmo o nome da sua filha?

— Susie — respondeu minha mãe, controlando-se para aguentar o peso daquilo, peso que ela esperava ingenuamente que um dia fosse diminuir, sem saber que ele apenas seguiria doendo de maneiras novas e variadas pelo resto de sua vida.

O Sr. Harvey falou o de sempre: — Espero que peguem o miserável. Sinto muito por sua perda.

A essa altura eu estava no meu céu, juntando os pedaços dos meus membros, e não pude acreditar na audácia dele.

— Esse homem não tem vergonha — disse eu a Franny, minha orientadora de recepção.

— Com certeza — disse ela, e foi só o que disse. O meu céu não tinha muitos rodeios.

O Sr. Harvey disse que aquilo ia demorar só um minuto, então eu o segui até um pouco mais adiante no milharal, onde havia menos pés quebrados, porque ninguém usava aquele caminho como atalho para o colégio. Minha mãe tinha dito a meu irmão menor, Buckley, que o milho do milharal era incomível quando ele perguntou porque ninguém do bairro o comia.

— O milho é para cavalos, não para gente — disse ela.

— Nem para cachorros? — perguntou Buckley.

— Não. — respondeu minha mãe.

— Nem para dinossauros? — perguntou Buckley. E assim por diante.

— Eu fiz um esconderijozinho — disse o Sr. Harvey.

Ele parou e se virou para mim.

— Não estou vendo nada — disse eu. Eu tinha consciência de que o sr. Harvey estava me olhando de um jeito estranho. Homens mais velhos já tinham olhado assim para mim depois de eu ter perdido minhas gordurinhas de criança, mas geralmente eles não ficavam enlouquecidos comigo quando eu estava vestindo minha parca azul e minhas calças amarelas boca de sino. Os óculos dele eram pequenos e redondos com uma armação dourada, e os seus olhos olhavam para mim por cima deles.

— Você deveria ser mais observadora, Susie — disse ele.

Eu estava era com vontade de observar o caminho para longe dali, mas não o fiz. Por que não? Franny disse que essas perguntas eram inúteis.

— Não fez e pronto. Não fique quebrando a cabeça. Não adianta nada.

Você morreu e tem de aceitar isso.

— Tenta outra vez — disse o Sr. Harvey, e agachou-se e bateu no chão.

— O que é isso? — perguntei.

Minhas orelhas estavam congelando. Eu não queria usar o gorro colorido com pompom e sininhos que minha mãe tinha feito para mim em algum Natal. Em vez disso eu o tinha enfiado no bolso da parca.

Lembro-me que cheguei perto e pisei com força no chão perto dele. O chão parecia ainda mais duro do que a terra congelada, que já era bem dura.

— É madeira — disse o Sr. Harvey. — Impede a entrada de desabar. Fora isso é tudo feito de terra.

— O que é feito de terra? — perguntei. Eu não estava mais com frio nem achando esquisito o jeito como ele tinha me olhado. Era como se eu estivesse na aula de ciências: eu estava curiosa.

— Vem ver.

Era difícil entrar lá dentro, ele reconheceu isso quando estávamos os dois dentro do buraco. Mas eu estava tão maravilhada ao ver como ele tinha construído uma chaminé capaz de deixar a fumaça sair se ele um dia quisesse fazer uma fogueira que nem pensei na dificuldade de entrar e sair do buraco. Pode-se acrescentar a isso que fugir não era um conceito no qual eu tivesse alguma experiência de verdade. O mais perto que eu tinha chegado de fugir tinha sido do Artie, ura menino estranho do colégio que era filho de um agente funerário. Ele gostava de fingir que andava carregando uma agulha cheia de formol. Ficava desenhando no caderno agulhas com gotas pretas pingando.

— Que chocante! — disse eu ao Sr. Harvey. Ele podia ter sido o corcunda de Notre Dame, sobre o qual tínhamos lido na aula de francês. Eu não estava nem aí. Regredi completamente. Eu era meu irmão Buckley no dia da excursão ao Museu de História Natural de Nova York, onde ele tinha se apaixonado pelos enormes esqueletos exibidos. Eu não usava a palavra chocante em público desde o primário.

— Como tirar um doce de uma criança — disse Franny.

Ainda posso ver o buraco como se fosse ontem, e foi. A vida para nós é um eterno ontem. Era do tamanho de um quartinho, a lavanderia da nossa casa, por exemplo, onde deixamos nossas botas e capas de chuva e onde mamãe tinha conseguido espremer uma lavadora e uma secadora de roupas, uma em cima da outra. Eu quase podia ficar em pé lá dentro, mas o Sr. Harvey tinha que ficar curvado. O jeito como ele tinha cavado o buraco tinha formado um banco na lateral. Ele se sentou imediatamente.

— Pode olhar — disse ele.

Fiquei olhando maravilhada para a prateleira escavada acima dele na qual ele tinha posto fósforos, uma fileira de pilhas e uma lanterna fosforescente à pilha que era a única luz lá dentro — uma luz mortiça que tornava seus traços difíceis de distinguir mesmo quando ele estava em cima de mim.

Na prateleira tinha um espelho, uma navalha e creme de barbear. Achei aquilo estranho. Por que ele não fazia isso em casa? Mas acho que pensei que um homem que tinha uma ótima casa de vários andares e construía um quarto subterrâneo a menos de um quilômetro de distância devia ser meio biruta. Meu pai tinha uma boa maneira de descrever gente como ele: "O homem é excêntrico, só isso."

Então eu acho que estava pensando que o Sr. Harvey era excêntrico, e bastei do quartinho, e ali estava quente, e queria saber como ele tinha construído aquilo, qual era a mecânica da coisa e onde ele tinha aprendido a fazer algo assim.

Quando o cachorro dos Gilbert encontrou meu cotovelo, três dias depois, e o levou para casa preso a uma palha de milho reveladora, o Sr.

Harvey tinha fechado o buraco. Eu estava em trânsito nessa época. Não o vi suar, retirar o reforço de madeira, pôr todas as provas dentro de sacos junto com as partes do meu corpo, com exceção daquele cotovelo.

Quando comecei a ser capaz de observar os acontecimentos na Terra, estava mais preocupada com a minha família do que com qualquer outra coisa.

Minha mãe estava sentada em uma cadeira ao lado da porta de entrada com a boca aberta. Seu rosto pálido estava mais pálido do que eu jamais tinha visto. Seus olhos azuis estavam fixos. Meu pai estava tomado por um afã. Queria saber detalhes e passar o pente fino no milharal junto com a polícia. Eu ainda agradeço a Deus por um inspetorzinho chamado Len Fenerman. Ele destacou dois oficiais

uniformizados para levar meu pai até a cidade e fazê-lo mostrar todos os lugares a que eu costumava ir com meus amigos. Os policiais mantiveram meu pai ocupado em um shopping durante todo o primeiro dia. Ninguém contou para Lindsey, que tinha 13 anos e idade suficiente, nem para Buckley, que tinha 4 e, para ser honesta, nunca entenderia totalmente.

O Sr. Harvey me perguntou se eu queria beber alguma coisa. Foi o que ele disse. Eu disse que precisava ir para casa.

— Seja educada e tome uma Coca — disse ele. — Tenho certeza de que as outras crianças fariam isso.

— Que outras crianças?

— Eu construí isso para as crianças do bairro. Pensei que poderia ser uma espécie de clube.

Acho que mesmo naquela hora eu não acreditei nisso. Pensei que ele estava mentindo, mas achei que era uma mentira lamentável. Imaginei que ele estivesse se sentindo só. Tínhamos lido sobre homens assim na aula de saúde. Homens que nunca se casavam e comiam comida congelada toda noite e tinham tanto medo de rejeição que sequer tinham animais de estimação. Senti pena dele.

— Tudo bem — disse eu. — Vou tomar uma Coca.

Depois de algum tempo ele disse: — Não está com calor, Susie? Por que não tira sua parca? — Tirei.

Depois disso ele falou: — Você é muito bonita, Susie.

— Obrigada — disse eu, mesmo que ele estivesse me olhando de um jeito que minha amiga Clarissa e eu tínhamos apelidado de calafrio.

— Você tem namorado?

— Não, Sr. Harvey — respondi. Engoli o resto da Coca, que era muita, e disse: — Preciso ir, Sr. Harvey. Este lugar é bacana, mas eu preciso ir.

Ele se levantou e ficou parecendo um corcunda na frente dos seis degraus escavados que conduziam de volta ao mundo.

— Não sei por que você acha que vai embora.

Falei para não precisar encarar o seguinte fato: o Sr. Harvey não era um excêntrico. Ele me dava calafrios e fazia eu me sentir esquisita agora que estava bloqueando a porta.

— Sr. Harvey, eu tenho mesmo que ir para casa.

— Tira a roupa.

— O quê?

— Tira a roupa — disse o Sr. Harvey. — Quero verificar que você ainda é virgem.

— Eu sou, Sr. Harvey — disse eu.

— Quero ter certeza. Seus pais vão me agradecer.

— Meus pais?

— Eles só querem meninas boazinhas — disse ele.

— Sr. Harvey — disse eu —, por favor, me deixe ir embora.

— Você não vai embora, Susie. Você agora é minha.

Naquela época os exercícios físicos não estavam na moda; aeróbica mal era uma palavra. As meninas tinham de ser macias, e só as meninas que desconfiávamos serem lésbicas conseguiam subir nas cordas no colégio.

Eu lutei muito. Lutei o máximo que pude para não deixar o Sr. Harvey me machucar, mas meu máximo não foi forte o suficiente, não chegou nem perto, e eu logo estava deitada no chão, com ele por cima de mim ofegando e suando, depois de perder os óculos durante a briga.

Eu estava tão viva nessa hora. Pensei que era a pior coisa do mundo estar deitada de costas com um homem suando em cima de mim. Estar presa debaixo da terra sem ninguém saber onde eu estava.

Pensei na minha mãe.

Minha mãe estaria olhando os ponteiros do relógio do seu forno. Era um forno novo e ela adorava o fato de ele ter ura relógio.

— Posso medir até os minutos — disse ela para sua própria mãe, uma mãe que não dava a mínima para fornos.

Ela ficaria preocupada, mas mais zangada do que preocupada, com meu atraso. Quando meu pai entrasse com o carro na garagem, ela se agitaria, preparando-lhe um drinque, um xerez, e faria cara de irritada: — Sabe como é o ginásio — diria ela. — Talvez seja um carnaval fora ir época.

— Abigail — diria meu pai —, como pode ser um carnaval fora de época se está nevando?

Sem ter tido sucesso, minha mãe poderia trazer Buckley para a sala depressa e dizer: — Vai brincar com o seu pai — enquanto se recolhia para a cozinha e tomava um gole de xerez também.

O Sr. Harvey começou a apertar os lábios nos meus. Eles estavam inchados e molhados e eu queria gritar, mas estava com medo demais e exausta demais de lutar. Eu já tinha sido beijada uma vez por alguém de quem gostava. O nome dele era Ray e ele era indiano. Tinha sotaque e a pele escura. Não era para eu gostar dele. Clarissa chamava seus olhos grandes de pálpebras semicerradas de "esquisitões", mas ele era legal e inteligente e me ajudou a colar na prova de álgebra fingindo não ter ajudado. Ele me beijou na frente do meu escaninho na véspera do dia em que entregamos nossas fotos para o livro de classe. Quando o livro saiu no final do verão, vi que embaixo da sua foto ele tinha respondido à pergunta habitual "Meu coração pertence a" com "Susie Salmon". Acho que ele tinha planos. Lembro-me que seus lábios estavam rachados.

— Não, Sr. Harvey — consegui dizer, e continuei dizendo aquela palavra muitas vezes. Não. E disse, por favor, muitas vezes também. Franny me disse que quase todo mundo implorava, ‖por favor," antes de morrer.

— Eu quero você, Susie — disse ele.

— Por favor — disse eu. — Não. — disse eu. Algumas vezes eu combinava os dois. "Por favor, não" ou "Não, por favor". Era como

insistir que uma chave funciona quando ela não funciona ou gritar "Deixa que eu vou, deixa que eu vou, deixa que eu vou" enquanto uma bola passa voando por cima de você e vai parar na arquibancada.

— Por favor, não.

Mas ele cansou de me ouvir suplicar. Pôs a mão no bolso da minha parca e embolou o gorro que minha mãe tinha feito para mim, enfiando-o dentro da minha boca. O único som que fiz depois disso foi um fraco tilintar de sinos.

Enquanto ele beijava meu rosto e meu pescoço com seus lábios molhados e depois começava a enfiar as mãos por baixo da minha blusa, eu chorei. Comecei a deixar meu corpo; comecei a habitar o ar e o silêncio. Chorei e me debati para não sentir. Ele rasgou minhas calças, sem conseguir encontrar o zíper invisível que minha mãe tinha costurado cuidadosamente na lateral.

— Calcinha branca grande — disse ele.

Eu me senti imensa e deformada. Era como se eu fosse um mar em que ele estivesse mijando e cagando. Senti os cantos do meu corpo se abrindo e se fechando, como em uma cama de gato, de que eu brincava com Lindsey só para fazê-la feliz. Ele começou a se movimentar em cima de mim.

— Susie! Susie! — ouvi minha mãe chamar. — O jantar está na mesa.

Ele estava dentro de mim. Estava grunhindo.

— Tem vagem e cordeiro. Eu era a tigela, ele era o pilão.

— Seu irmão fez uma nova pintura a dedo, e eu fiz bolo de maçã.

O Sr. Harvey me fez ficar quieta debaixo dele e ouvir o seu coração bater e o meu coração bater. Ouvir o meu pulando como o de um coelho, e o dele batendo forte, como um martelo por baixo da roupa. Ficamos ali deitados com nossos corpos se tocando e, enquanto eu tremia, percebi uma coisa incrível. Ele tinha me feito aquilo e eu tinha sobrevivido. Era só isso. Eu ainda estava

respirando. Ouvia seu coração. Sentia seu hálito. A terra escura à nossa volta tinha o cheiro do que era, uma terra úmida, onde vermes e animais viviam suas vidas cotidianas. Eu poderia ter gritado durante horas.

Eu sabia que ele ia me matar. Não percebi naquela hora que era um animal que já estava morrendo.

— Por que você não se levanta? — perguntou o Sr. Harvey enquanto rolava para o lado e depois se agachava acima de mim.

Sua voz era suave, a voz de um amante acordando tarde. Uma sugestão, não uma ordem.

Eu não conseguia me mexer. Não conseguia me levantar.

Quando eu não me levantei — terá sido só isso, o fato de eu não aceitar sua sugestão? — ele inclinou o corpo para o lado e tateou, por cima de sua cabeça, pela prateleira em que estavam sua navalha e seu creme de barbear. Trouxe de lá uma faca. Nua, ela sorria para mim, curvando-se em um esgar.

Ele tirou o gorro da minha boca.

— Diz que me ama — falou ele.

Gentilmente, eu disse.

O fim chegou assim mesmo.

Capítulo 2

Quando cheguei no céu pela primeira vez, pensei que todo mundo via o que eu via. Que no céu de todo mundo tinha traves de futebol ao longe e mulheres lançando pesos ou dardos em câmera lenta. Que todos os prédios se pareciam com ginásios suburbanos do nordeste americano construídos nos anos 60. Prédios grandes e atarracados espalhados por terrenos arenosos com projetos paisagísticos ruins, e anexos e espaços abertos para fazê-los parecer modernos. Minha parte preferida era como os blocos coloridos eram turquesa e cor de laranja, iguaizinhos aos blocos do científico de Fairfax.

Algumas vezes, na Terra, eu fazia meu pai passar de carro na frente científico de Fairfax para poder me imaginar estudando lá.

Depois da sexta, sétima e oitava séries do ginásio, o científico teria sido um novo começo. Quando eu chegasse no científico de Fairfax, insistiria para ser chamada de Suzanne. Usaria os cabelos escovados à Ia Farrah Fawcett ou presos em um coque.Teria um corpo que os meninos desejassem e as meninas invejassem, mas seria também tão legal que eles se sentiriam culpados por fazer qualquer outra coisa a não ser me adorar. Eu gostava de pensar em mim mesma — depois de chegar a uma espécie de status de rainha — protegendo alunos desajustados no refeitório. Quando alguém gozasse de Clive Saunders por andar feito uma menina, eu o vingaria imediatamente chutando as partes pudendas do gozador.

Quando os meninos provocassem Phoebe Hart por causa de seus peitos grandes, eu faria um discurso sobre porque piadas de peito não eram engraçadas. Precisava esquecer que eu também tinha feito listas na margem do meu caderno quando Phoebe passava: tetas, marquises, peitarras. No final dos meus devaneios, eu estava sentada no banco de trás do carro enquanto meu pai dirigia. Tinha feito tudo certo.

Eu passaria pelo científico em questão de dias, não anos, ou, inexplicavelmente, ganharia um Oscar de Melhor Atriz no primeiro ano.

Eram esses meus sonhos na Terra.

Depois de alguns dias no céu, percebi que as lançadoras de dardos e de pesos e os meninos jogando basquete no asfalto rachado estavam todos em suas próprias versões do céu. Só que as deles combinavam com a minha — não a duplicava exatamente, mas tinha uma porção das mesmas coisas acontecendo.

Conheci Holly, que virou minha colega de quarto, no terceiro dia. Ela estava sentada no balanço. (Não questionei o fato de um científico ter balanços: era isso que fazia aquele lugar ser o céu. E não eram balanços de fundo chato — todos tinham braços e eram feitos de uma borracha preta dura que envolvia o corpo e sobre a qual se podia pular um pouco antes de balançar.) Holly estava sentada lendo um livro em um alfabeto estranho que associei ao arroz com carne de porco que meu pai trouxe para casa do Hop Fat Kitchen, um restaurante do qual Buckley adorava o nome, adorava tanto que gritava "Hop Fat!" com toda força. Agora sei o que é um vietnamita, e sei que Herman Jade, dono do Hop Fat, não era vietnamita, e que Herman Jade não era o nome verdadeiro de Herman Jade e sim um nome que ele tinha adotado ao chegar nos Estados Unidos vindo da China. Holly me ensinou tudo isso.

— Oi — disse eu. — Meu nome é Susie.

Mais tarde ela me diria que tirou seu nome de um filme, Bonequinha de luxo. Mas naquele dia ela apenas disse o nome naturalmente.

— Meu nome é Holly — disse ela. Já que no céu dela ela não queria ter nenhum sotaque, não tinha.

Fiquei olhando para seus cabelos negros. Brilhavam como as promessas das revistas.

— Há quanto tempo você está aqui? — perguntei.

— Três dias.

— Eu também.

Sentei no balanço ao seu lado e virei meu corpo várias vezes para enrolar a corrente. Depois soltei e girei até parar.

— Você gosta daqui? — perguntou ela.

— Não.

— Nem eu.

Foi assim que começou.

No nosso céu, nossos sonhos mais simples tinham sido realizados. O colégio não tinha professores. Nunca tínhamos de entrar a não ser para a aula de artes no meu caso e para tocar na banda de jazz no caso de Holly. Os meninos não beliscavam nossa bunda nem nos diziam que cheirávamos mal; nossos livros-texto eram as revistas Seventeen, Glamour e Vogue.

E nossos céus se expandiam à medida que nosso relacionamento crescia.

Queríamos muitas das mesmas coisas.

Franny, minha orientadora de recepção, tornou-se a nossa guia. Franny tinha idade suficiente para ser nossa mãe — quarenta e poucos anos — e Holly e eu levamos um tempo para perceber que isso era uma das coisas que queríamos: nossas mães.

No céu de Franny, ela prestava serviços e era recompensada com resultados e gratidão. Na Terra, tinha sido assistente social para os sem-teto e os pobres. Trabalhava para uma igreja chamada Santa

Maria que servia refeições só para mulheres e crianças, e fazia tudo ali, desde operar os telefones até matar as baratas — usando golpes de caratê. Ela levou ura tiro na cara de um homem que procurava a mulher.

Franny foi falar com Holly e eu no quinto dia. Ela nos estendeu dois copos descartáveis de refrigerante de lima e nós bebemos.

— Estou aqui para ajudar — disse ela.

Olhei para seus pequenos olhos azuis rodeados por rugas de expressão e disse-lhe a verdade.

— Isto aqui está um tédio.

Holly estava ocupada tentando esticar a língua longe o bastante para ver se tinha ficado verde.

— O que vocês querem? — perguntou Franny.

— Não sei — disse eu.

— Tudo o que precisam fazer é desejar alguma coisa, e se desejarem o bastante e realmente souberem por quê, a coisa vai se realizar.

Parecia tão simples, e era. Foi assim que Holly e eu conseguimos nosso duplex.

Eu odiava nossa casa na Terra. Odiava os móveis dos meus pais e o jeito como nossa casa tinha vista para outra casa e outra casa e mais outra — um eco da mesma coisa se repetindo até o outro lado do morro. Nosso duplex tinha vista para um parque, e ao longe, perto o suficiente para sabermos que não estávamos sozinhas, mas não perto demais, podíamos ver as luzes de outras casas.

Depois de algum tempo comecei a desejar mais. O que achei estranho foi o quanto eu desejava saber o que não sabia na Terra. Queria poder crescer.

— As pessoas crescem vivendo — disse eu a Franny. — Eu quero viver.

— Isso está fora de cogitação — disse ela.

— A gente pode pelo menos olhar os vivos? — perguntou Holly.

— Já estão olhando — respondeu ela.

— Acho que ela quer dizer vidas inteiras — disse eu — do começo ao fim, para ver como é. Conhecer os segredos. Assim a gente pode fingir melhor.

— Vocês não vão viver essas coisas — esclareceu Franny.

— Obrigada, sabichona — disse eu, mas nossos céus começaram a crescer.

Ainda havia o científico, toda a arquitetura de Fairfax, mas agora havia estradas saindo de lá.

— Sigam as estradas — disse Franny — e encontrarão o que precisam.

Foi então que Holly e eu começamos. Nosso céu tinha uma sorveteria em que, quando pedíamos picolé de hortelã, ninguém nunca dizia: "Não está na época"; tinha um jornal em que nossas fotos apareciam sempre e nos faziam parecer importantes; tinha homens de verdade e belas mulheres também, porque Holly e eu adorávamos revistas de moda. Algumas vezes Holly parecia não estar prestando atenção, e outras vezes quando eu ia procurá-la ela havia sumido. Era quando ela ia a uma parte do céu que não compartilhávamos. Eu sentia saudade dela nessas horas, mas era uma saudade estranha porque a essa altura eu já conhecia o significado de para sempre.

Eu não podia ter o que mais queria: o Sr. Harvey morto e eu viva. O céu não era perfeito. Mas passei a acreditar que, se observasse com atenção, e desejasse, poderia mudar as vidas das pessoas que amava na Terra.

Foi meu pai quem recebeu o telefonema no dia 9 de dezembro. Era o começo do fim. Ele informou à polícia meu tipo sanguíneo, teve de descrever a alvura da minha pele. Eles lhe perguntaram se eu tinha algum sinal particular. Ele começou a descrever meu rosto em detalhes, perdendo-se na descrição. O inspetor Fenerman o deixou continuar, já que a notícia seguinte era horrível demais para

que ele o interrompesse com ela. Mas então ele disse: — Sr. Salmon, nós só achamos um pedaço de corpo.

Meu pai estava em pé na cozinha e foi tomado por um calafrio nauseante. Como poderia dizer aquilo para Abigail?

— Então não pode estar certo de que ela está morta? — perguntou ele.

— Nada nunca é certo — disse Len Fenerman.

Foi essa frase que meu pai disse à minha mãe: "Nada nunca é certo."

Durante três noites, ele não tinha sabido como tocar minha mãe nem o que dizer. Antes, eles nunca tinham ficado arrasados juntos. Geralmente era um precisando do outro, mas não os dois precisando um do outro, e assim tinha sido possível, tocando-se, tomar emprestado a força do mais forte. E eles nunca tinham compreendido, como compreendiam agora, o significado da palavra horror.

— Nada nunca é certo — disse minha mãe, agarrando-se a isso como ele esperava que ela fosse fazer.

Minha mãe era a pessoa que conhecia o significado de cada amuleto da minha pulseira — onde os tínhamos comprado e por que eu gostava deles. Ela fez uma lista meticulosa do que eu estava carregando e vestindo. Se fossem encontradas a quilômetros de distância isoladas em alguma estrada, essas pistas poderiam levar um policial de lá a relacioná-las com a minha morte.

Na minha mente, eu oscilava entre a alegria doce e amarga de ver minha mãe enumerar todas as coisas que eu carregava e amava e sua esperança fútil de que essas coisas tivessem importância. De que um desconhecido que encontrasse uma borracha com um personagem de quadrinhos ou um broche de um astro de rock fosse entregá-los à polícia.

Depois do telefonema de Len, meu pai estendeu a mão e os dois ficaram sentados juntos na cama, olhando fixamente para a frente.

Minha mãe agarrando-se entorpecida àquela lista de coisas, meu pai com a sensação de ter entrado em um túnel escuro. Em determinado momento, começou a chover. Nesse instante pude sentir os dois pensando a mesma coisa, mas nenhum dos dois falou. Que eu estava em algum lugar lá fora, na chuva.

Que eles esperavam que eu estivesse bem. Que estivesse em algum lugar seco e quente.

Nenhum dos dois soube quem dormiu primeiro; com os ossos doendo de exaustão, eles caíram no sono e acordaram culpados ao mesmo tempo. A chuva, que havia mudado várias vezes conforme a temperatura caía, agora era granizo, e seu barulho, o barulho de pedrinhas de gelo batendo no telhado acima deles, os acordou juntos.

Eles não falaram. Olharam um para o outro na luz tênue produzida do abajur deixado aceso do outro lado do quarto. Minha mãe começou Chorar e meu pai a abraçou, enxugou suas lágrimas com os polegares enquanto segurava seu rosto, e a beijou com muita delicadeza nos olhos.

Desviei os olhos deles enquanto se tocavam. Voltei meus olhos para o milharal, vendo se havia alguma coisa que a polícia pudesse encontrar de manhã. O granizo vergava os pés de milho e fazia todos os animais entrarem em seus buracos. Não tão fundo debaixo da terra estavam os túneis dos coelhos selvagens que eu tanto adorava, os coelhinhos que comiam os legumes e flores pelo bairro e que algumas vezes, sem saber, levavam veneno de volta para os ninhos. Então, debaixo da terra e muito longe do homem ou da mulher que havia posto iscas de veneno no seu jardim, uma família inteira de coelhos se encolhia e morria.

Na manhã do dia 10, meu pai derramou o uísque na pia da cozinha, Lindsey lhe perguntou por quê.

— Tenho medo de beber — disse ele.

— Que telefonema foi aquele? — perguntou minha irmã.

— Que telefonema?

— Ouvi você dizer aquilo que sempre diz sobre o sorriso da Susie. Sobre estrelas explodindo.

— Eu disse isso?

— Você ficou esquisito. Era um policial, não era?

— Sem mentiras?

— Sem mentiras — concordou Lindsey.

— Eles encontraram uma parte de um corpo. Pode ser da Susie. Foi um violento soco no estômago.

— O quê?

— Nada nunca é certo — tentou meu pai. Lindsey se sentou à mesa da cozinha.

— Eu vou passar mal — disse ela.

— Querida?

— Pai, quero que me diga o que eles encontraram. Que parte do corpo, e depois vou precisar vomitar.

Meu pai pegou uma grande tigela de metal. Levou-a até a mesa e a colocou ao lado de Lindsey antes de se sentar.

— Está bom — disse ela. — Fala.

— Foi um cotovelo. O cachorro dos Gilbert encontrou.

Ele segurou a mão dela e então, como tinha prometido, ela vomitou dentro da brilhante tigela prateada.

Mais tarde naquela manhã o tempo clareou, e não muito longe da minha casa a polícia isolou o milharal e começou sua busca. A chuva, o gelo, a neve e o granizo derretidos e misturados tinham deixado o chão empapado; mesmo assim, havia uma área visível onde a terra havia sido recentemente mexida. Eles começaram por ali e cavaram.

Em alguns lugares, conforme o laboratório descobriu mais tarde, havia uma densa concentração do meu sangue misturada com a terra, mas na hora a polícia foi ficando cada vez mais frustrada, vasculhando o chão molhado e frio à procura de uma menina.

Junto à beirada do campo de futebol, alguns dos meus vizinhos mantinham uma distância respeitosa da fita da polícia, perguntando-se o que faziam aqueles homens, vestidos com pesadas parcas azuis, manejando pás e ancinhos como se fossem instrumentos médicos.

Meu pai e minha mãe ficaram em casa. Lindsey ficou no quarto. Buckley estava ali perto na casa de seu amigo Nate, onde passava bastante tempo ultimamente. Eles tinham dito a ele que eu estava dormindo na casa da Clarissa por alguns dias.

Eu sabia onde meu corpo estava, mas não podia dizer a eles. Fiquei olhando, esperando para ver o que eles iam achar. Então, como um raio, o final da tarde, um policial levantou o punho envolto em lama e gritou: — Aqui! — disse ele, e os outros oficiais correram para rodeá-lo.

Os vizinhos tinham ido para casa, com exceção da Sra. Stead. Depois de confabular em volta do policial descobridor, o inspetor Fenerman quebrou sua rodinha escura e se aproximou dela.

— Sra. Stead? — disse ele por cima da fita que os separava.

— Sim.

— A senhora tem um filho no colégio?

— Tenho.

— Poderia vir comigo, por favor? Um jovem oficial conduziu a sra. Stead por baixo da fita da polícia e pelo milharal esburacado e revirado até onde estava o resto dos homens.

— Sra. Stead — disse Len Fenerman —, isso lhe parece familiar? — Ele levantou um exemplar de *Não matem a cotovia*. — As crianças leem isso no colégio?

— Leem — disse ela, com o rosto perdendo a cor enquanto pronunciava aquela palavra curta.

— Se importa se eu lhe perguntar... — começou ele.

— Oitava série — disse ela, olhando para os olhos cor de ardósia de Len Fenerman. — Na série da Susan. — Ela era terapeuta e confiava em sua capacidade para ouvir notícias ruins e discutir

racionalmente os detalhes difíceis da vida de seus pacientes, mas se viu apoiando-se no jovem policial que a havia conduzido até ali. Eu podia ouvi-la desejando ter voltado para casa junto com os outros vizinhos, desejando estar na sala de estar junto com o marido, ou lá fora no quintal dos fundos com o filho.

— Quem é o professor da turma?

— A Sra. Dewitt — respondeu a Sra. Stead. — As crianças estão achando isso um tremendo alívio depois de Otelo.

— Otelo!

— É — disse ela, com suas informações sobre o colégio adquirindo subitamente extrema importância — e todos os policiais escutando. — A Sra. Dewitt gosta de modular sua lista de leitura, e logo antes do Natal dá um grande estirão com Shakespeare. Depois dá Harper Lee como recompensa. Se a Susie estava carregando Não matem a cotovia na bolsa, isso quer dizer que ela já deve ter entregado o trabalho sobre Otelo.

Tudo isso foi confirmado.

A polícia deu telefonemas. Eu vi o círculo se abrir. A Sra. Dewitt estava com o meu trabalho. Acabou devolvendo-o aos meus pais, sem nota, pelo correio. "Pensei que gostariam de ficar com isso", escreveu a Sra.

Dewitt em um bilhete que mandou junto com o trabalho. "Sinto muitíssimo." Lindsey herdou o trabalho porque lê-lo era doloroso demais para minha mãe. "O ostracizado: O homem só" era como eu o havia intitulado. Lindsey tinha sugerido "O ostracizado" e eu inventei a outra metade. Minha irmã fez três furos na lateral e prendeu cada página cuidadosamente manuscrita em um caderno vazio. Guardou-o no armário debaixo do estojo da Barbie e da caixa que continha seus bonecos Raggedy Ann e Andy em perfeitas condições que eu tinha invejado.

O inspetor Fenerman ligou para meus pais. Eles haviam encontrado um livro de colégio que, segundo acreditavam, poderia

ter-me sido entregue naquele último dia.

— Mas poderia ser de qualquer um — disse meu pai para minha mãe enquanto eles começavam outra vigília inquieta. — Ou ela poderia ter deixado cair pelo caminho.

As provas estavam se acumulando, mas eles se recusavam a acreditar.

Dois dias depois, no dia 12 de dezembro, a polícia encontrou minhas anotações da aula do sr. Botte. Os animais tinham tirado o caderno do lugar em que ele havia sido enterrado inicialmente — a terra não correspondia às amostras próximas, mas o papel pautado, com anotações das teorias que eu nunca conseguia entender, mas mesmo assim registrava diligentemente, tinha sido encontrado quando um gato derrubou um ninho de corvo. Havia pedaços do papel entre as folhas e gravetos. A polícia separou o papel pautado, junto com pedaços de outro tipo de papel, mais fino e rugoso, sem pauta.

A menina que morava na casa em que ficava a árvore reconheceu a caligrafia. Não era a minha caligrafia, mas sim a do menino que estava a fim de mim: Ray Singh. No papel de arroz especial de sua mãe, Ray tinha me escrito um bilhete de amor, que eu nunca li. Ele o tinha colocado dentro do meu caderno durante nossa aula de laboratório da quarta-feira. Sua caligrafia era característica. Quando os oficiais chegaram, tiveram de destrinchar os fragmentos do meu caderno de biologia e do bilhete de amor de Ray Singh.

— O Ray não está se sentindo bem — disse sua mãe quando um inspetor telefonou para sua casa e pediu para falar com ele. Mas descobriram que queriam saber graças a ela. Ray assentiu quando

ela repetiu as perguntas que o policial queria fazer a seu filho. Sim, ele tinha escrito um bilhete de amor para Susie Salmon. Sim, ele o tinha colocado dentro do seu caderno depois de o sr. Botte ter pedido a ela para recolher o teste-surpresa. Sim, ele tinha chamado a si mesmo de Mouro.

Ray Singh se tornou o suspeito número 1.

— Aquele menino adorável? — disse minha mãe a meu pai.

— O Ray Singh é legal — disse minha irmã durante um jantar monótono naquela noite.

Eu via minha família e sabia que eles sabiam. Não era Ray Singh.

A polícia foi até a casa dele e o interrogou com mão pesada, insinuando coisas. Eram estimulados pela culpa que liam na pele escura de Ray, pela raiva que sentiam diante de seus modos, e por sua mãe bela e, no entanto, exótica e indisponível demais. Mas Ray tinha um álibi. Todo um batalhão de nações podia ser chamado para depor a seu favor. Seu pai, que lecionava história pós-colonial em Penn, tinha chamado o filho para representar a experiência adolescente em uma palestra que deu na *International House* no dia em que eu morri.

De início, a ausência de Ray do colégio tinha sido vista como prova de sua culpa, mas quando a polícia recebeu uma lista dos quarenta e cinco presentes de que haviam escutado Ray falar em "Subúrbios: A experiência americana" foi obrigada a reconhecer sua inocência. Do lado de fora da casa dos Singh, a polícia retirou pequenos gravetos das cercas vivas. Teria sido tão fácil, tão mágico, como se a resposta literalmente caísse do céu de uma árvore no colo deles. Mas os boatos se espalharam e, no colégio, o fraco progresso social que Ray tinha feito se reverteu. Ele começou a voltar para casa imediatamente depois da aula.

Tudo isso me deixou louca. Ver tudo e não ser capaz de guiar a polícia em direção à estufa tão perto da casa dos meus pais, onde o sr. Harvey sentado esculpia ornamentos para uma casa de bonecas

gótica que estava construindo. Ele ouvia o noticiário e examinava os jornais, mas vestia a própria inocência como um confortável casaco velho. Houvera uma rebelião dentro dele e agora ele estava calmo.

Tentei encontrar consolo em Holiday, nosso cachorro. Sentia sua falta como ainda não tinha me permitido sentir da minha mãe e do meu pai, da minha irmã e do meu irmão. Aquele tipo de saudade significaria a aceitação de que eu nunca mais estaria com eles; podia parecer bobo, mas eu não acreditava nisso, jamais acreditaria. Holiday passava as noites com Lindsey, e ficava ao lado do meu pai toda vez que ele abria a porta para um novo estranho. Participava alegremente de qualquer alimentação clandestina da minha mãe. Deixava Buckley puxar seu rabo e suas orelhas dentro da casa de portas trancadas.

Havia sangue demais na terra.

No dia 15 de dezembro, em meio às batidas na porta alertando minha família que ela precisava se anestesiar ainda mais antes de abrir a casa a desconhecidos — os vizinhos gentis, mas pouco à vontade, os repórteres hesitantes, mas cruéis —, veio a batida que finalmente fez meu pai acreditar.

Era Len Fenerman — que tinha sido tão gentil com ele — e um oficial uniformizado.

Eles entraram, a essa altura conhecendo a casa o suficiente para saber que minha mãe preferia que entrassem e dissessem o que tinham a dizer na sala íntima para que minha irmã e meu irmão não escutassem.

— Encontramos um objeto pessoal que acreditamos ser da Susie — disse Len. Len era cuidadoso. Eu podia vê-lo pesando as palavras.

Ele fez questão de ser preciso para meus pais descartarem seu primeiro pensamento — que a polícia tinha encontrado meu corpo, que eu estava, com certeza, morta.

— O quê? — perguntou minha mãe, impaciente. Ela cruzou os braços e se preparou para outro detalhe inconsequente ao qual as outras pessoas atribuíam significado. Ela era um muro. Cadernos e romances não eram nada para ela. Sua filha podia sobreviver sem um braço. Muito sangue era muito sangue. Não era um corpo. Jack tinha dito e ela acreditava: nada nunca é certo.

Mas quando eles suspenderam o saco plástico com meu gorro dentro alguma coisa nela se partiu. O fino muro de cristal pesado que tinha protegido seu coração — que a tinha anestesiado de alguma maneira, fazendo-a não acreditar — se esfacelou.

— O pompom — disse Lindsey. Ela havia entrado em silêncio na sala de estar vinda da cozinha. Ninguém a tinha visto chegar a não ser eu.

Minha mãe emitiu um som e estendeu a mão. O som era um ganido metálico, o som de uma máquina humana se quebrando, emitindo os últimos sons antes de o mecanismo inteiro travar.

— Nós testamos as fibras — disse Len. — Parece que quem quer que tenha abordado a Susie usou isso durante o crime.

— O quê? — perguntou meu pai. Ele estava impotente. Estavam lhe dizendo algo que ele não conseguia compreender.

— Para fazê-la ficar calada.

— O quê?

— O gorro está coberto com a saliva dela — esclareceu o oficial uniformizado, que até agora havia guardado silêncio. — Ele o usou como mordaça.

Minha mãe arrancou o gorro das mãos de Len Fenerman, e os sininhos que ela havia costurado no pompom reuniram quando ela caiu ajoelhada no chão. Ela se inclinou sobre o gorro que tinha feito para mim.

Vi Lindsey se retesar na porta. Nossos pais estavam irreconhecíveis para ela; tudo estava irreconhecível.

Meu pai conduziu o bem-intencionado Len Fenerman e o oficial uniformizado até a porta da frente.

— Sr. Salmon — disse Len Fenerman —, com a quantidade de sangue que encontramos, e a violência que ele parece implicar, assim como outros indícios materiais sobre os quais conversamos, devemos trabalhar com a suposição de que a sua filha foi morta.

Lindsey ouviu o que já sabia, o que já sabia havia cinco dias, quando meu pai lhe falou sobre meu cotovelo. Minha mãe começou a chorar.

— Daqui para a frente vamos trabalhar com o caso como uma investigação de assassinato — disse Fenerman.

— Mas não tem corpo — tentou dizer meu pai.

— Todos os indícios apontam para a morte da sua filha. Eu sinto muito.

O oficial uniformizado tinha o olhar fixo à direita dos olhos suplicantes do meu pai. Eu me perguntei se aquilo era alguma coisa que eles aprendiam no colégio. Mas Len Fenerman olhou meu pai nos olhos.

— Mais tarde vou telefonar para saber como vocês estão — disse ele.

Quando meu pai se virou de volta para a sala de estar, estava arrasado demais para chegar perto da minha mãe sentada no carpete ou da forma tensa da minha irmã ali perto. Não podia deixar que elas o vissem. Subiu as escadas, pensando em Holiday no tapete do escritório. Ele o tinha visto pela última vez ali. Na densa juba de pelos em volta do pescoço do cachorro, meu pai se permitiria chorar.

Os três passaram aquela tarde caminhando na ponta dos pés, como se o som de seus passos pudesse confirmar a notícia. A mãe de Nate bateu na porta para devolver Buckley. Ninguém respondeu. Ela se afastou, sabendo que alguma coisa tinha mudado dentro da

casa, que se parecia exatamente com as outras ao seu lado. Ela se tornou a coconspiradora do meu irmão, dizendo-lhe que iam sair para tomar sorvete e arruinar seu apetite.

As quatro, minha mãe e meu pai se viram juntos no mesmo cômodo no térreo. Haviam entrado por portas opostas.

Minha mãe olhou para meu pai: — Mamãe — disse ela, e ele aquiesceu. Ele deu o telefonema para minha única avó viva, a mãe da minha mãe, vovó Lynn.

Fiquei preocupada que, se a deixassem sozinha, minha irmã fizesse alguma coisa impensada. Ela ficava sentada em seu quarto no velho sofá do qual meus pais haviam desistido e fazia o possível para se endurecer.

Respire fundo e prenda a respiração. Tente ficar parada por períodos cada vez pais longos. *Torne-se pequena e como uma pedra. Dobre as suas extremidades para dentro e esconda-as onde ninguém possa ver.*

Minha mãe tinha lhe dito que ela podia decidir se queria voltar ao colégio antes do Natal — faltava só uma semana — mas Lindsey decidiu ir.

Na segunda-feira, na sala de chamada, todo mundo a encarou enquanto ela se aproximava da frente da sala.

— O diretor gostaria de ver você, querida — confidenciou-lhe a sra. Dewitt em um tom contido.

Minha irmã não olhou para a sra. Dewitt enquanto ela falava. Estava se aperfeiçoando na arte de conversar com alguém olhando através da ressoa. Essa foi minha primeira pista de que alguma coisa teria que acontecer. A sra. Dewitt também era a professora de inglês, mas o mais importante era que ela era casada com o sr. Dewitt, o técnico de futebol dos meninos que tinha incentivado Lindsey a tentar entrar para o time.

Minha irmã gostava dos Dewitt, mas naquela manhã começou a olhar nos olhos apenas das pessoas com quem podia brigar.

Enquanto juntava suas coisas, ouviu sussurros por toda parte. Tinha certeza de que logo antes de ela deixar a sala Danny Clarke havia sussurrado alguma coisa para Sylvia Henley. Alguém deixou cair alguma coisa perto do fundo da sala. Eles faziam isso, pensava ela, para, ao se abaixarem para pegar o objeto e tornarem a se levantar, poderem dizer uma ou duas palavras para o vizinho sobre a irmã da menina morta.

Lindsey percorreu os corredores e entrou e saiu do meio das fileiras de escaninhos — esquivando-se de qualquer pessoa que pudesse estar por perto. Eu queria poder andar com ela, imitar o diretor e o jeito como ele sempre iniciava as reuniões no auditório: "O diretor é um amigo seu com princípios!", gemia eu em seu ouvido, fazendo-a começar a rir.

Mas embora ela tenha sido abençoada com corredores vazios, ao chegar à sala da diretoria foi amaldiçoada com os olhares vazios de secretárias consoladoras. Não importava. Ela havia se preparado em casa, no quarto.

Estava armada até os dentes contra qualquer ataque de simpatia.

— Lindsey — disse o diretor Caden —, eu recebi um telefonema da polícia hoje de manhã. Sinto muito pela sua perda.

Ela olhou bem para ele. Não era bem um olhar, e sim um raio laser.

— Qual é exatamente a minha perda?

O Sr. Caden achava que precisava tratar diretamente questões ligadas a crises dos alunos. Ele saiu de trás da mesa e conduziu Lindsey até o que era conhecido pelos alunos como O Sofá. Ele acabaria substituindo o sofá por duas cadeiras, depois que a política se espalhou pelo distrito do colégio e lhe disse: "Não é bom ter um sofá aqui — cadeiras são melhores. Sofás passam a mensagem errada."

O sr. Caden se sentou no Sofá e minha irmã também. Gosto de pensar que ela estava um pouco animada, naquele momento, por

mais que estivesse abalada, por estar sentada no verdadeiro Sofá. Gosto de pensar que não a tinha privado de tudo.

— Estamos aqui para ajudar de todas as maneiras que pudermos — disse o sr. Caden. Ele estava se esforçando ao máximo.

— Eu estou bem — disse ela.

— Quer conversar a respeito?

— De quê? — perguntou Lindsey. Ela estava sendo o que meu pai chamava de "petulante", como quando dizia: "Susie, não fale comigo nesse tom petulante."

— Da sua perda — disse ele. Estendeu a mão para tocar o joelho da minha irmã. Sua mão era como um ferro em brasa marcando sua pele.

— Eu não sabia que tinha perdido alguma coisa — disse ela, e com um esforço hercúleo fez os gestos de apalpar a saia e examinar os bolsos.

O sr. Caden não soube o que dizer. No ano anterior, Vicki Kurtz havia uma crise. Tinha sido difícil, sim, mas agora, retrospectivamente, Vicki Kurtz e sua mãe morta pareciam uma crise administrada com habilidade.

Ele tinha levado Vicki Kurtz para o sofá — não, não, Vicki apenas tinha andado direto para lá e se sentado — e dito: "Sinto muito por sua perda", e Vicki Kurtz tinha desatado a chorar como um balão superinflado. Ele a abraçou enquanto ela soluçava sem parar, e naquela noite levou o terno para o tintureiro.

Mas Lindsey Salmon era um caso totalmente diferente. Ela era boa, inteligente, um dos vinte alunos de seu colégio selecionados para o Simpósio dos Talentos estatal. A única mancha em sua ficha era uma pequena altercação no início do ano quando uma professora a tinha repreendido por levar literatura obscena — Medo de voar— para a sala de aula.

"Faça-a rir", eu queria dizer para ele. "Leve-a para ver um filme dos irmãos Marx, sente-se em uma almofada que peida, mostre-lhe a

cueca samba-canção que está usando, estampada com diabinhos comendo cachorro-quente!" Tudo o que eu podia fazer era falar, mas ninguém na Terra conseguia me ouvir.

O distrito escolar fez todo mundo fazer testes e depois decidiu quem era inteligente e quem não era. Eu gostava de aconselhar Lindsey, que ficava muito mais puta com seus cabelos do que com minha condição de burralda. Nós duas tínhamos nascido com fartos cabelos louros, mas os meus rapidamente caíram e foram substituídos por ralos tufos castanhos claros. Os de Lindsey ficaram e passaram a ocupar uma espécie de lugar mítico. Ela era a única verdadeira loura da nossa família.

No entanto, uma vez chamada de inteligente, isso a havia levado a fazer jus ao nome. Ela se trancava no quarto e lia livros grossos. Enquanto eu lia Você está aí, Deus? Sou eu, Margaret, ela lia Resistência, rebelião e morte, de Camus. Pode não ter entendido a maior parte, mas carregava o livro para cima e para baixo, e isso fez as pessoas — incluindo os professores — começarem a deixá-la em paz.

— O que estou dizendo, Lindsey, é que todos sentimos falta da Susie — disse o sr. Caden. Ela não respondeu.

— Ela era muito inteligente.. — insistiu ele.

Ela ficou olhando para ele com uma expressão vazia.

— Tudo depende de você agora. — Ele não fazia ideia do que estava dizendo, mas pensava que o silêncio pudesse significar que estava chegando a algum lugar. — Você agora é a única menina Salmon.

Nada.

— Sabe quem veio me ver hoje de manhã? — O sr. Caden tinha guardado seu *grand finale,* que estava certo de que ia funcionar. — O sr. Dewitt. Ele está pensando em treinar um time feminino — disse o sr. Caden. — A ideia toda surgiu por sua causa. Ele viu como você é

boa, tão competitiva quanto os meninos dele, e acha que outras meninas a seguiriam se você desse o exemplo. O que me diz?

Lá dentro, o coração da minha irmã se fechou como um punho.

— Eu diria que seria bem difícil jogar futebol no campo que fica a mais ou menos seis metros de onde minha irmã foi supostamente assassinada.

Gol!

A boca do sr. Caden se abriu e ele a ficou encarando.

— Mais alguma coisa? — perguntou Lindsey.

— Não, eu. . — O sr. Caden tornou a estender a mão. Ainda havia um fio — um desejo de entender. — Quero que você saiba o quanto lamentamos — disse ele.

— Estou atrasada para o primeiro tempo — disse ela.

Naquele instante ela me lembrou de um personagem dos filmes de faroeste que meu pai adorava, daqueles filmes a que assistíamos juntos na televisão tarde da noite. Havia sempre um homem que, depois de atirar, levava o revólver aos lábios e assoprava o cano. Lindsey se levantou e saiu da sala do diretor Caden devagar. As horas em que se afastava eram seus únicos momentos de descanso. Do outro lado da porta havia secretárias, na frente da turma havia professores, havia alunos em todas as carteiras, em casa havia nossos pais, e a polícia passava lá. Ela não se deixaria abater. Eu a observava, sentindo as frases que ela não parava de repetir para si mesma. Tudo bem. Está tudo bem.

Eu estava morta, mas era uma coisa que acontecia o tempo todo — as pessoas morriam. Ao deixar a sala da diretoria naquele dia, ela parecia estar olhando as secretárias nos olhos, mas na verdade estava prestando atenção em seu batom borrado ou em seu terninho de crepe estampado.

Em casa, à noite, ela se deitava de costas no chão do quarto e prendia os pés debaixo da escrivaninha. Fazia dez séries de abdominais. Depois se preparava para fazer flexões. Sem ser do tipo

para meninas. O sr. Dewitt tinha lhe falado sobre as flexões que fazia no exército, com a cabeça levantada, ou com uma mão só, batendo palmas entre uma e outra. Depois de fazer dez flexões, ela ia até a estante e escolhia os dois livros mais pesados — seu dicionário e um almanaque do mundo. Fazia flexões de bíceps até seus braços doerem. Prestava atenção apenas na respiração. Inspira.

Expira.

Sentada no mirante da praça principal do meu céu (nossos vizinhos, os O'Dwyer, tinham um mirante; eu tinha crescido morta de vontade de ter um), eu via minha irmã se encher de raiva.

Horas antes de eu morrer, minha mãe pendurou na geladeira um desenho que Buckley tinha feito. No desenho, uma grossa linha azul separava o ar do chão. Nos dias seguintes, vi minha família passar inúmeras vezes na frente daquele desenho e me convenci de que aquela grossa linha azul era um lugar real — um Meio-Termo, onde o horizonte do céu se encontrava com o da Terra. Eu queria entrar lá, no azul-violeta do Crayola, no azul-vivo, no turquesa, no céu.

Muitas vezes eu me via desejando coisas simples e conseguindo-as.

Tesouros em pacotes peludos. Cachorros.

Todos os dias no meu céu cachorros pequenos e cachorros grandes, cachorros de todos os tipos, corriam pelo parque do lado de fora do meu quarto. Quando eu abria a porta via cachorros gordos e felizes, magros e cabeludos, e até esbeltos e pelados. *Pitbulls* rolavam pelo chão, com as tetas das fêmeas inchadas e pretas, implorando para seus filhotes virem mamar, felizes ao sol. *Bassês* tropeçavam nas próprias orelhas, tentando andar, cheirando o traseiro dos *daschunds*, os tornozelos dos galgos e as cabeças dos pequineses. E quando Holly pegava seu sax tenor, ia se sentar do lado de fora da porta que dava para o parque e tocava blues, todos os cachorros corriam para formar seu coro. Eles se sentavam e ficavam uivando. Então outras portas se abriam,e mulheres saíam de onde moravam sozinhas ou

com companheiras de quarto. Eu também ia lá para fora, e Holly continuava tocando sem parar, com o sol se pondo, e todas dançávamos com os cachorros — todas nós juntas. Corríamos atrás deles, eles corriam atrás de nós. Corríamos em círculos. Usávamos vestidos de bolinhas, vestidos floridos, vestidos listrados, lisos. Quando a lua estava alta, a música parava. A lança parava.

Nós congelávamos.

A sra. Bethel Utemeyer, a mais velha moradora do meu céu, trazia seu violino. Holly tocava seu sax de leve. Elas faziam um dueto. Uma mulher velha e silenciosa, a outra mulher ainda uma menina. Sua música ia e vinha, criando um alívio louco e dissonante.

Todos os dançarinos entravam lentamente. A música reverberava até Holly, pela última vez, passar a melodia para a sra. Utemeyer que, silenciosa, ereta, histórica, terminava com um ritmo animado.

A essa altura a casa já dormia; essas eram as minhas Vésperas.

Capítulo 3

O estranho com relação à Terra era o que víamos quando olhávamos para baixo. Além da visão inicial que vocês devem imaginar, o velho fenômeno das *formiguinhas-vistas-do-arranha-céu*, havia almas abandonando corpos mundo afora.

Acontecia de Holly e eu estarmos olhando a Terra, prestando atenção a uma ou outra cena por um ou dois segundos, procurando o inesperado no mais mundano dos instantes. E então uma alma passava correndo por um ser vivo, tocava-o de leve no ombro ou na bochecha, e continuava seu caminho rumo ao céu. Os mortos nunca são exatamente vistos pelos vivos, mas muitas pessoas parecem extremamente conscientes de que algo mudou à sua volta. Elas falam de um gelo no ar. Os amigos do morto acordam depois de ter um sonho e veem uma pessoa ao pé da cama, ou no vão da porta, ou subindo, como um fantasma, em um ônibus da cidade.

No meu caminho saindo da Terra, toquei uma menina chamada Ruth. Ela era do meu colégio, mas nunca tínhamos sido íntimas. Ela estava no meu caminho naquela noite em que minha alma saiu gritando da Terra. Foi inevitável roçar nela. Uma vez liberada da vida, tendo-a perdido com tamanha violência, eu era incapaz de

calcular meus passos. Não tinha tempo para contemplação. Na violência, a pessoa se concentra em fugir.

Quando você começa a passar para o outro lado, e a vida vai se afastando como um barco se afasta inevitavelmente da margem, você se agarra à morte com força, como uma corda que vai transportá-la, e vai sendo arrastada por essa corda, esperando apenas chegar a algum lugar longe de onde está.

Como um telefonema da c ela da cadeia, passei raspando por Ruth Connors — telefone errado, engano. Eu a vi ali em pé perto do Fiat vermelho e empoeirado do sr. Botte. Quando passei por ela, minha mão se estendeu para tocá-la, para tocar o último rosto, sentir a última ligação com a Terra naquela adolescente *não-tão-comum*.

Na manhã do dia 7 de dezembro, Ruth reclamou com a mãe de ter tido um sonho que parecia real demais para ser um sonho. Quando a mãe perguntou como assim, Ruth disse: — Eu estava atravessando o estacionamento da administração do colégio e, de repente, descendo do campo de futebol, vi um fantasma pálido correndo na minha direção.

A sra. Connors mexeu o mingau de aveia que engrossava na panela.

Ficou olhando a filha gesticular com suas mãos de finos dedos compridos — mãos que tinha herdado do pai.

— Era uma mulher, eu podia sentir que era — disse Ruth. — Ela subiu voando do campo de futebol. Os olhos dela estavam fundos. Ela tinha um véu branco e fino por cima do corpo, leve como uma gaze. Eu conseguia ver o rosto dela através da gaze, e os traços sobressaíam, o nariz, os olhos, o rosto, os cabelos.

Sua mãe tirou o mingau do fogão e abaixou o fogo.

— Ruth — disse ela—, você está se deixando levar pela sua imaginação.

Ruth aproveitou a deixa para calar a boca. Nunca mais se referiu ao sonho que não foi um sonho, mesmo dez dias depois, quando a

história da minha morte começou a se espalhar pelos corredores do colégio, recebendo novos detalhes como todas as boas histórias de terror. Foi difícil pra eles, os meus colegas, tornarem o horror mais horrível do que já era. Mas ainda faltavam os detalhes — o quê, quando e quem virou sacos vazios para serem recheados com suas conjecturas. Satanismo.

Meia-noite. Ray Singh.

Por mais que tentasse, eu não conseguia guiar Ruth com força suficiente para o que ninguém tinha encontrado: minha pulseira de amuletos de prata. Eu pensava que poderia ajudá-la. A pulseira estava lá jogada, esperando alguma mão se estender para pegá-la, alguma mão que fosse reconhecê-la e pensar: pista. Mas ela não estava mais no milharal.

Ruth começou a escrever poesia. Se sua mãe ou os professores mais acessíveis não queriam ouvir falar na realidade mais sinistra que ela havia vivenciado, ela ia cobrir essa realidade com um véu de poesia.

Como eu queria que Ruth tivesse ido visitar minha família e conversado com eles. O mais provável é que ninguém, exceto minha irmã, sequer tivesse sabido o nome dela. Ruth era sempre a penúltima menina a ser escolhida na aula de ginástica. Era a menina que, quando uma bola de vôlei voava em sua direção, encolhia-se no lugar em que estava enquanto a bola batia no chão do ginásio ao seu lado, e suas companheiras de time e a professora de ginástica tentavam não reclamar.

Enquanto minha mãe ficava sentada em sua cadeira de encosto reto no nosso hall de entrada, vendo meu pai entrar e sair para dar conta de suas várias responsabilidades — ele agora prestava uma enorme atenção ao que faziam e onde estavam seu filho caçula, sua mulher e sua filha que tinha sobrado —, Ruth pegou nosso encontro acidental no estacionamento do colégio e saiu de cena.

Folheou os antigos livros de classe e encontrou as fotos das minhas turmas, assim como fotos de atividades como o Clube de Química, e as recortou com as tesouras de bordado em forma de cisne da mãe.

Conforme sua obsessão aumentava, eu continuava a prestar atenção nela, até a última semana antes do Natal, quando ela viu alguma coisa no corredor do nosso colégio.

Eram a minha amiga Clarissa e Brian Nelson. Eu tinha apelidado o Brian m "espantalho" porque, mesmo tendo ombros incríveis que faziam todas as meninas sonharem, seu rosto me lembrava um saco de juta cheio de palha. Ele usava um chapéu mole de couro tipo hippie e fumava tabaco enrolado, no fumódromo dos alunos. Segundo minha mãe, a queda da Clarissa por sombra de olhos azul-bebê era um primeiro sinal de alerta, mas eu sempre tinha gostado dela exatamente por esse motivo. Ela fazia coisas que não me deixavam fazer: clareava seus cabelos compridos, usava sapatos com salto plataforma, fumava cigarros depois da aula.

Ruth esbarrou com eles dois, mas eles não a viram. Carregava uma pilha de enormes livros que tinha pegado emprestado com a sra. Kaplan, professora de ciências sociais. Eram todos textos feministas clássicos, e ela segurava com as lombadas encostadas na barriga para que ninguém visse o que eram. Seu pai, empreiteiro, tinha lhe dado de presente dois prendedores de livros feitos de elástico superforte. Ruth tinha passado dois deles em volta dos livros que pretendia ler durante as férias.

Clarissa e Brian estavam rindo. A mão dele estava dentro da blusa dela.

Conforme ele ia subindo a mão ela ria mais, mas evitava suas investidas girando o corpo ou se afastando alguns centímetros. Ruth manteve distância disso como fazia da maioria das coisas. Teria passado por eles do jeito habitual, de cabeça baixa e olhando para o

lado, mas todo mundo sabia que a Clarissa tinha sido minha amiga. Então ela olhou.

— Vai, amor — dizia Brian —, só um montinho de amor. Só um.

Notei que Ruth franziu os lábios de nojo. Os meus estavam se franzindo no céu.

— Brian, eu não posso. Aqui não.

— E no milharal? — sussurrou ele.

Clarissa riu de nervoso, mas aninhou o rosto no espaço entre o pescoço e o ombro dele. Por enquanto, sua resposta seria não. Depois disso, o escaninho da Clarissa foi arrombado.

Levaram o caderno de colagens dela, várias fotografias coladas na parte de dentro do escaninho e o paço de maconha do Brian, que ele tinha escondido ali sem Clarissa saber.

Ruth, que nunca tinha ficado doida, passou aquela noite esvaziando o tabaco de um dos longos cigarros More *king size* marrons da mãe e enchendo-o de maconha. Foi se sentar na casinha de ferramentas com uma lanterna, olhando fotos minhas e fumando mais bagulho do que até os maconheiros do colégio conseguiam absorver.

A sra. Connors, sentada na janela da cozinha lavando louça, sentiu o cheiro vindo da casinha de ferramentas.

— Acho que a Ruth está fazendo amigos no colégio — disse ela ao marido, que estava sentado lendo seu Evening Bulletin com uma xícara de café. No final de um dia de trabalho, ele estava cansado demais até para especular qualquer coisa.

— Que bom — disse ele.

— Talvez ela ainda tenha salvação.

— Sempre tem — disse ele.

Quando Ruth voltou mais tarde naquela noite, com os olhos vermelhos por causa da lanterna e dos oito cigarros More que tinha fumado, sua mãe a recebeu com um sorriso e lhe disse que tinha torta de mirtilo na cozinha. Ruth precisou de alguns dias e de

algumas pesquisas não relacionadas com Susie Salmon, mas descobriu por que tinha comido a torta inteira de uma vez só.

O ar do meu céu muitas vezes cheirava a gambá — só um pouquinho.

Era um cheiro que eu sempre tinha adorado na Terra. Quando o sentia, além do aroma em si, eu tinha a sensação do cheiro. Era o medo e o poder do animal misturados para formar um cheiro almiscarado, pungente e duradouro. O céu da Franny tinha cheiro de tabaco puro classe A. O da Holly tinha cheiro de cumquat.

Eu passava dias e noites inteiros sentada no mirante olhando. Vendo Larissa se afastar de mim em direção ao reconforto de Brian. Vendo Ruth encará-la de trás de um canto perto da sala de prendas domésticas ou do lado de fora do refeitório perto de onde ficava a enfermeira. No começo, a liberdade que eu tinha de ver o colégio inteiro era inebriante.

Eu via o treinador de futebol assistente deixar chocolates anônimos para a professora ciências casada, ou a chefe de torcida tentando chamar a atenção de um menino que tinha sido expulso tantas vezes, de tantos colégios, que até ele tinha perdido a conta. Via o professor de artes transar com a namorada na sala do forno de cerâmica, e o diretor olhar comprido para o treinador de futebol assistente. Concluí que esse treinador de futebol assistente era um garanhão no universo do ginásio Kennet, mesmo que seu maxilar quadrado não tivesse efeito nenhum sobre mim.

Todas as noites, no caminho de volta para o duplex, eu passava debaixo de postes de luz antigos que tinha visto certa vez em uma peça de teatro. Os globos de luz ficavam pendurados no poste formando arcos.

Eu me lembrava deles porque, quando assisti à peça com meus pais, tinha-os achado gigantescos, pesadas bagas cheias de luz.No céu,eu brincava de me posicionar de modo que a minha sombra furasse as bagas enquanto caminhava para casa.

Depois de ficar olhando Ruth certa noite, encontrei Franny enquanto fazia isso. A praça estava deserta,e as folhas começavam a girar em um redemoinho mais adiante. Fiquei parada e olhei para ela — para as rugas de expressão que se acumulavam perto de seus olhos e de sua boca.

— Por que você está tremendo? — perguntou Franny.

E embora o ar estivesse úmido e frio eu não consegui dizer que era esse o porquê.

— Não consigo deixar de pensar na minha mãe — disse eu.

Franny segurou minha mão esquerda com suas duas mãos e sorriu.

Eu queria beijá-la de leve na bochecha ou que ela me abraçasse, mas em vez disso fiquei olhando ela se afastar na minha frente, vendo seu vestido azul se arrastar para longe. Eu sabia que ela não era minha mãe; não podia fazer de conta.

Virei as costas e voltei para o mirante. Senti o ar úmido subir por minhas pernas e braços, levantando bem de leve as pontas dos meus cabelos.

Pensei em teias de aranha de manhã, em como elas retinham pequenos diamantes de orvalho, em como, com um leve movimento do pulso, eu costumava destruí-las sem pensar.

Na manhã do meu décimo primeiro aniversário, eu tinha acordado muito cedo. Ninguém mais estava acordado, ou pelo menos era o que eu pensava. Desci as escadas em silêncio e procurei na sala de jantar, onde supunha que estariam meus presentes. Mas não havia nada ali. Era a mesma mesa da véspera. Mas quando me virei vi o presente em cima da escrivaninha da minha mãe na sala de estar. A linda escrivaninha com sua superfície sempre limpa. "A mesa de pagar contas" era como eles a chamavam. Envolta em papel de seda, mas ainda não embalada estava uma máquina fotográfica — que eu tinha pedido com a voz meio chorosa, de tão certa que estava que eles não iam me comprar uma.

Cheguei mais perto e olhei para a máquina. Era uma Instamatic, e ao seu lado havia três rolos de filme e uma caixa com quatro flashes quadrados.

Era minha primeira máquina fotográfica, meu kit de iniciante para virar o que eu queria ser. Fotógrafa de vida selvagem.

Olhei em volta. Ninguém. Vi através das persianas da frente, que minha mãe sempre deixava meio abertas — "convidativo porém discreto" —, que Grace Tarking, que vivia mais embaixo na rua e frequentava um colégio particular, estava andando com tornozeleiras de pesos presas nos pés.

Apressada, pus o filme na máquina e comecei a perseguir Grace Tarking como imaginei que, quando ficasse mais velha, perseguiria elefantes e rinocerontes selvagens. Ali eu me escondia atrás de persianas e janelas, lá me esconderia atrás de juncos altos. Eu me movia em silêncio, de um jeito que eu pensava ser cuidadoso, enquanto segurava a longa barra da minha camisola de flanela com a mão livre.

Acompanhei os movimentos dela pela nossa sala de estar, passando pelo hall de entrada até o quartinho do outro lado. Enquanto via sua forma se distanciar tive uma ideia brilhante — eu correria até o quintal dos fundos, de onde poderia vê-la sem obstáculos. Então corri na ponta dos pés até os fundos da casa, mas quando cheguei descobri que a porta da varanda estava escancarada, guando vi minha mãe, esqueci-me completamente de Grace Starking. Eu gostaria de poder explicar melhor do que isso, mas eu nunca a tinha visto sentada tão imóvel, tão ausente de alguma maneira.

Lá fora, na varanda fechada por uma tela, ela estava sentada em uma cadeira dobrável de alumínio frente para o quintal dos fundos. Segurava um pires, e em cima do pires estava sua habitual xícara de café. Naquela manhã não havia marcas de batom porque não havia

batom até ela o passar para. . para quem? Nunca a me ocorrido fazer aquela pergunta.

Para o meu pai? Para nós? Holiday estava sentado perto da bacia de pássaros, ofegando alegremente, mas ele não me viu. Estava olhando para minha mãe.

O olhar dela atendia até o infinito. Naquele instante, ela não era minha mãe, mas alguma coisa separada de mim. Olhei para o que eu nunca tinha visto, o nada a não ser Mamãe, e vi a pele macia e empoada de seu rosto — empoada sem maquiagem — macia sem ajuda. Juntos, suas sobrancelhas olhos formavam um conjunto. "Olhos de Oceano", assim a chamava pai quando queria uma de suas cerejas cobertas de chocolate, que ela dava escondidas no armário de bebidas como sua iguaria particular. E agora eu entendia o nome. Eu pensava que era porque seus olhos fossem azuis, mas agora via que era porque eram infinitos de um modo que eu achava assustador. Tive uma intuição naquela noite, não um pensamento formado, uma intuição de que, antes de Holiday me ver e sentir meu cheiro, antes da bruma orvalhada por cima da grama se evaporar e da mãe dentro dela acordar como fazia todas as manhãs, eu devia tirar uma foto minha nova máquina.

Quando o filme revelado chegou da oficina da Kodak em um envelope especial pesado, pude ver a diferença imediatamente. Havia apenas uma foto na qual minha mãe era Abigail. Era aquela primeira, tirada sem ela perceber, capturada antes do clique assustá-la e transformá-la na mãe da menina que fazia aniversário, na dona do cachorro feliz, na mulher do homem carinhoso, e na mãe também de outra menina e de um adorado menino. Dona de casa. Jardineira. Vizinha bem-humorada. Os olhos da minha mãe eram oceanos, e dentro deles havia perda. Pensei que tinha a vida toda para entendê-los, mas só tive aquele dia. Uma vez na Terra eu a vi como Abigail, e depois deixei a visão retroceder naturalmente — meu fascínio

contido pelo desejo de que ela fosse minha mãe e me abraçasse como essa mãe.

Eu estava no mirante pensando na foto, pensando na minha mãe, quando Lindsey se levantou no meio da noite e se esgueirou pelo corredor. Eu a olhava como olharia um ladrão rodeando uma casa em um filme. Sabia que, quando ela girasse a maçaneta da minha porta, ela cederia. Sabia que ela ia entrar, mas o que faria lá dentro? Meu território particular já havia se tornado terra de ninguém no meio da nossa casa.

Minha mãe não havia tocado nele. Minha cama ainda estava desfeita da manhã apressada da minha morte. Meu hipopótamo florido estava jogado entre lençóis e travesseiros, assim como uma roupa que eu tinha desistido de usar antes de escolher as calça boca de sino amarela.

Lindsey atravessou o tapete macio e tocou a saia azul-marinho e o casaco de crochê vermelho e azul que formavam duas bolas separadas, desprezadas sem pensar. Ela tinha um casaco laranja e verde feito no mesmo padrão. Pegou o casaco e o estendeu em cima da cama, alisando-o. Era ao mesmo tempo feio e precioso. Eu podia ver isso. Ela o afagava.

Lindsey acompanhou com o dedo a borda da bandeja dourada que eu tinha em cima da penteadeira, cheia de broches de eleições e do colégio.

Meu preferido era um broche cor-de-rosa com as palavras "Hippy-Dippy Diz Amor", que eu tinha encontrado no estacionamento do colégio, mas havia de prometer para minha mãe não usar. Eu guardava vários broches naquela bandeja e presos em uma flâmula de feltro gigante da Universidade de Indiana, onde meu pai tinha estudado. Pensei que ela fosse roubá-los — pegar um ou dois para usar — mas ela não fez isso.

Sequer pegou neles. Apenas deslizou a ponta dos dedos por cima de todas as coisas da bandeja. Foi então que viu uma pontinha

branca saindo de baixo da bandeja. Ela puxou.

Era a foto.

Ela expirou profundamente e se sentou no chão, com a boca ainda aberta e a mão ainda segurando a foto. As cordas se agitavam e batiam à sua volta, como uma tenda de lona que se soltou das amarras. Ela também, como eu até a manhã daquela foto, nunca tinha visto a mãe desconhecida. Tinha visto as fotos que vinham logo em seguida. Minha mãe parecendo cansada, mas sorrindo. Minha mãe e Holiday de pé na frente do corniso, quanto o sol atravessava seu roupão e sua camisola.

Mas eu tinha querido ser a única pessoa da casa a saber que minha mãe também era uma outra pessoa — alguém misterioso e desconhecido para nós.

Da primeira vez que passei para o outro lado, foi por acidente. Era dia 23

dezembro de 1973.

Buckley estava dormindo. Minha mãe tinha levado Lindsey ao dentista.

Naquela semana eles tinham decidido que todos os dias, como uma família, gastariam algum tempo tentando continuar a vida. Meu pai se atribuiu a tarefa de limpar o quarto de hóspedes do andar de cima, que muito tempo atrás tinha se transformado em seu quartinho.

O pai dele tinha lhe ensinado a construir barcos dentro de garrafas.

Minha mãe, minha irmã e meu irmão não davam a mínima para os barcos. Eu os adorava. O quartinho estava cheio deles.

Durante o dia todo,no trabalho, ele contava números — tarefa obrigatória para uma empresa de seguros de Chadds Ford — e à noite construía os barcos ou lia livros sobre a Guerra Civil para relaxar. Sempre que estava pronto para içar a vela ele me chamava. A essa altura o barco já tinha sido bem colado no fundo da garrafa.

Eu entrava e meu pai me pedia para fechar a porta. Muitas vezes parecia que a sineta do jantar tocava imediatamente, como se minha mãe tivesse um sexto sentido para coisas das quais não participava. Mas quando esse sentido a deixava na mão minha tarefa era segurar a garrafa para ele.

— Segura firme — dizia ele. — Você é meu primeiro contramestre.

Delicadamente, ele puxava o único barbante que ainda saía pela boca da garrafa, e voilà, todas as velas subiam, do mastro simples ao veleiro.

Tínhamos o nosso barco. Eu não podia aplaudir porque estava segurando a garrafa, mas sempre queria aplaudir. A partir daí meu pai trabalhava depressa, queimando a ponta do barbante até dentro da garrafa com um cabide de casaco aquecido em uma vela. Se ele fizesse isso errado, o barco inteiro estaria arruinado ou, pior ainda, as pequenas velas de papel pegariam fogo e, de repente, com um grande "fuuu", eu estaria segurando uma garrafa de chamas nas mãos.

Meu pai acabou construindo um suporte de madeira balsa para me substituir. Lindsey e Buckley não compartilhavam do meu fascínio.

Depois de tentar criar entusiasmo o bastante para eles três, ele desistiu e se recolheu ao seu quartinho. Para o resto da minha família, um barco dentro de uma garrafa era igual a qualquer outro.

Mas enquanto limpava naquele dia ele falou comigo.

— Susie, minha filhinha, minha marinheirazinha — disse ele —, você sempre gostou destes menores.

Fiquei olhando enquanto ele alinhava os barcos em garrafas em cima da mesa, tirando-os das prateleiras em que eles geralmente ficavam.

Usando uma camisa velha da minha mãe rasgada em pedaços, ele começou a tirar a poeira das prateleiras. Debaixo de sua

escrivaninha havia garrafas vazias — fileiras e mais fileiras de garrafas que tínhamos juntado para nossas construções futuras. No armário havia mais barcos — os barcos que ele tinha construído com o próprio pai, os que ele tinha construído sozinho, e finalmente os que tínhamos construído juntos.

Alguns eram perfeitos, mas suas velas ficavam amareladas; outros haviam desabado ou virado com os anos. E por fim havia aquele que tinha pegado fogo na semana anterior à minha morte.

Foi esse que ele quebrou primeiro.

Meu coração deu um pulo. Ele se virou e viu todos os outros, todos os anos que representavam e todas as mãos que os tinham segurado. As mãos de seu pai morto, as mãos de sua filha morta. Fiquei olhando enquanto ele quebrava o resto. Ele batizou as paredes e a cadeira de madeira com a notícia da minha morte, e depois ficou em pé no meio do quarto de hóspedes/

quartinho cercado por vidro verde. As garrafas, todas elas, estavam quebradas pelo chão, com as velas e os corpos dos barcos espalhados entre elas. Ele estava em pé no meio do naufrágio. Foi então que, sem saber como, eu me revelei. Em todos os pedaços de vidro, em todos os cacos e lascas, projetei meu rosto. Meu pai olhou para baixo e em volta, passeando os olhos pelo quarto. Louco. Foi só por um segundo, e depois eu desapareci. Ele ficou calado por um instante, depois riu — um uivo saído do fundo de seu estômago. Riu tão alto e tão profundamente que, no meu céu, seu riso me fez tremer.

Ele saiu do quarto e andou até o meu quarto duas portas mais adiante. O corredor era estreito, e minha porta era como todas as outras, oca o bastante para poder ser facilmente furada com um soco. Ele estava prestes a quebrar o espelho em cima da minha penteadeira, a arrancar o papel de parede com as unhas, mas em vez disso caiu na minha cama, soluçando, e abraçou os lençóis cor de lavanda enrolados em uma bola.

— Papai? — disse Buckley. Meu irmão segurava a maçaneta com a mão.

Meu pai se virou, mas foi incapaz de parar de chorar. Deslizou até o chão ainda segurando os lençóis, e então abriu os braços. Teve de pedir duas vezes ao meu irmão, coisa que nunca tinha feito antes, mas Buckley foi até ele.

Meu pai enrolou meu irmão nos lençóis que tinham o meu cheiro.

Lembrou-se do dia em que eu tinha implorado para ele pintar meu quarto de roxo e pôr um papel de parede da mesma cor. Lembrou-se de arrumar as *National Geographic* antigas nas prateleiras de baixo da minha estante. (Eu queria me imbuir de fotografia de vida selvagem.) Lembrou-se de quando havia apenas uma criança na casa, por um curto espaço de tempo, antes de Lindsey chegar.

— Você é muito especial para mim, rapazinho — disse meu pai, abraçando-o.

Buckley recuou e encarou o rosto franzido do meu pai, as marcas brilhantes de lágrimas no canto dos olhos. Assentiu com uma expressão séria e beijou a bochecha do meu pai. Era uma coisa tão divina que ninguém no céu teria sido capaz de inventar aquilo; uma criança tomando conta de um adulto.

Meu pai enrolou os lençóis em volta dos ombros de Buckley e lembrou-se de como eu caía da cama alta de baldaquino em cima do tapete, sem nunca acordar. Sentado em seu escritório em sua cadeira verde lendo um livro, ele se assustava com o barulho do meu corpo aterrissando.

Gostava de me ver dormir profundamente, sem ser perturbada por pesadelos ou mesmo pelo chão duro de madeira. Nesses momentos ele jurava que seus filhos seriam reis ou governantes ou artistas ou médicos ou fotógrafos de vida selvagem. Qualquer coisa que sonhassem poder ser.

Alguns meses antes de eu morrer, ele tinha me encontrado assim, mas escondido dentro dos lençóis comigo estava Buckley, de pijama, com seu urso, aninhado contra minhas costas, dormindo e chupando o dedo.

Naquele instante meu pai tinha sentido o primeiro sinal da estranha e triste mortalidade de ser pai. Sua vida tinha dado origem a três crianças, então o número o tranquilizava. O que quer que acontecesse com Abigail ou com ele, os três teriam um ao outro. Assim a linhagem que ele tinha começado lhe parecia imortal, como um forte filamento de aço seguindo rumo ao futuro, continuando depois dele onde quer que ele fosse parar. Até mesmo na velhice profunda e branca.

Ele agora encontraria sua Susie dentro de seu filho pequeno. Dê esse amor aos vivos. Ele disse isso a si mesmo — disse em voz alta dentro de seu cérebro — mas minha presença parecia puxá-lo, arrastá-lo para trás para trás para trás. Ele encarou o menininho que segurava nos braços.

"Quem é você?", viu-se perguntar. —De onde você veio?‖

Fiquei olhando meu pai e meu irmão. A verdade era muito diferente do que líamos no colégio. A verdade era que a linha entre os vivos e os mortos, aparentemente, podia ser difusa e borrada.

Capítulo 4

Nas horas depois de eu ser assassinada, enquanto minha mãe dava telefonemas e meu pai começava a percorrer a vizinhança de porta em porta me procurando, o sr. Harvey tinha tapado o buraco no milharal e levado embora um saco com as partes do meu corpo dentro. Ele passou a duas casas de onde meu pai conversava com o sr e a sra. Tarking. Andava pela faixa de terra entre duas fileiras de cercas vivas em guerra — o luxo dos O'Dwyer e a vara-de-ouro dos Stead. Seu corpo passou roçando nas folhas verdes resistentes, deixando vestígios de mim atrás de si, cheiros que o cachorro dos Gilbert sentiria e seguiria para achar meu cotovelo, cheiros que o granizo e a chuva dos três dias seguintes lavariam antes que se pudesse sequer pensar nos cachorros da polícia. Ele me carregou de volta até sua casa, onde, enquanto ele entrava para se lavar, fiquei esperando por ele.

Depois de a casa mudar de dono, os novos proprietários torceram o nariz para a mancha escura no chão de sua garagem. Ao levar compradores em potencial para ver a casa, a agente imobiliária disse que era uma mancha antiga, mas era eu, escorrendo do saco que o sr. Harvey carregava e me espalhando pelo concreto. O início de meus sinais secretos para o mundo.

Levaria algum tempo para eu perceber o que vocês sem dúvida já presumiram, que eu não era a primeira menina que ele matava. Ele sabia que tinha de tirar meu corpo do milharal. Sabia que tinha de

prestar atenção à meteorologia para matar durante um arco de precipitação leve a forte porque isso impediria a polícia de encontrar indícios. Mas não era tão cuidadoso quanto a polícia gostava de pensar. Esqueceu-se do meu cotovelo, usou um saco de pano para um corpo ensanguentado e, se alguém estivesse olhando, talvez tivesse achado estranho ver seu vizinho andando por uma faixa de terra que era apertada, mesmo para crianças que gostavam de fingir que as cercas vivas em guerra eram um esconderijo.

Enquanto esfregava o corpo na água quente de seu banheiro suburbano — um banheiro de disposição idêntica ao que Lindsey, Buckley e eu dividíamos — seus gestos eram lentos, não ansiosos. Sentiu-se invadir pela calma. Deixou as luzes do banheiro acesas e sentiu a água morna me lavar e então pensou em mim. Meu grito abafado em seu ouvido.

Meu delicioso gemido de morte. A magnífica pele branca que nunca tinha visto o sol, como a pele de um bebê, e depois cortada, tão perfeitamente, com a lâmina de sua faca. Tremeu sob o calor, com um calafrio de prazer arrepiando a pele de seus braços e pernas. Ele tinha me colocado dentro do saco de pano encerado e jogado lá dentro o creme de barbear e a navalha da prateleira de lama, seu livro de sonetos, e finalmente a faca suja de sangue. Esses objetos estavam misturados com meus joelhos, dedos da mão e do pé, mas ele fez um lembrete para tirá-los de lá antes de meu sangue ficar pegajoso demais mais tarde naquela noite. Os sonetos e a faca, pelo menos, ele recuperou.

Nas Vésperas havia todo tipo de cachorro. E alguns deles, os de que eu mais gostava, levantavam a cabeça quando sentiam um cheiro interessante no ar. Se o cheiro fosse forte o bastante, se não conseguissem identificá-lo imediatamente ou se, como era possível, soubessem exatamente o que era — e seus cérebros dissessem: "*Hum, steak tartare*" —, eles o seguiam até chegarem ao objeto em si. Diante da verdadeira mercadoria, da verdadeira história,decidiam

então o que fazer.Era assim que funcionavam.Não reprimiam seu desejo de saber só porque o cheiro era ruim ou o objeto era perigoso. Eles caçavam. Eu também.

O sr. Harvey levou o saco encerado laranja com meus restos dentro para um sumidouro a treze quilômetros do nosso bairro, uma área que até recentemente era abandonada, exceto pelos trilhos de trem e por uma oficina de motocicletas ali perto. No carro, sintonizou em uma estação de rádio que tocava canções natalinas sem parar durante o mês de dezembro. Dentro de sua imensa caminhonete, ele assobiava e se felicitava, sentindo-se satisfeito. Torta de maçã, cheeseburguer,sorvete,café. Satisfeito. Estava ficando cada vez melhor agora, sem nunca usar um padrão antigo que o aborrecesse, mas sim tornando cada morte uma surpresa para si mesmo, um presente para si mesmo.

O ar dentro da caminhonete estava frio e frágil. Eu podia ver o ar úmido quando ele expirava, e isso me fazia querer apalpar meus próprios pulmões endurecidos.

Ele seguiu pela estrada estreita que separava dois novos lotes industriais.

A caminhonete derrapou saindo de um buraco particularmente fundo, e o cofre que continha o saco com meu corpo dentro bateu no eixo interno da roda de trás da caminhonete, rasgando o plástico.

— Droga — disse o sr. Harvey. Mas não parou e recomeçou a assobiar.

Eu tinha uma lembrança de passar por aquela estrada com meu pai dirigindo e Buckley sentado ao meu lado — um único cinto de segurança para nós dois — em uma excursão ilegal fora de casa.

Meu pai tinha perguntado se algum de nós queria ver uma geladeira desaparecer.

— A terra vai engolir a geladeira! — disse ele. Pôs o chapéu e as luvas escuras de cordovão que eu cobiçava. Eu sabia que luvas com separações para cada dedo queriam dizer que você era adulto, e

luvas sem separações para os dedos queriam dizer que não era. (Para o Natal de 1973, minha mãe tinha me comprado um par de luvas com separações para cada dedo. Lindsey acabou ficando com elas, mas sabia que eram minhas. Ela as deixou na beira do milharal um dia depois do colégio a caminho de casa. Estava sempre fazendo isso — me deixando coisas.) — A terra tem uma boca? — perguntou Buckley.

— Uma grande boca redonda, mas sem lábios — disse meu pai.

— Jack — disse minha mãe, rindo —, pare. Sabe que eu peguei ele lá fora rosnando para as bocas-de-leão?

— Eu vou — disse eu. Meu pai tinha me dito que havia uma mina subterrânea abandonada e ela tinha desabado para formar um sumidouro. Eu não ligava; queria ver a terra engolir alguma coisa tanto quanto qualquer outra criança.

Então quando vi o sr. Harvey me levar para o sumidouro não pude evitar pensar como ele era esperto. Como ele pôs o saco dentro de um cofre de metal, me colocando no meio de todo aquele peso. Era tarde quando ele chegou lá, e ele deixou o cofre em sua caminhonete Wagoneer enquanto se aproximava da casa dos Flanagan, que moravam na propriedade em que ficava o sumidouro. Os Flanagan ganhavam a vida cobrando das pessoas que queriam jogar fora seus eletrodomésticos.

O sr. Harvey bateu na porta da casinha branca e uma mulher veio atender. O cheiro de alecrim e cordeiro encheu meu céu e chegou ao nariz do sr. Harvey vindo dos fundos da casa. Ele podia ver um homem na cozinha.

— Boa noite, senhor — disse a sra. Flanagan. — Tem alguma coisa para jogar fora?

— Na caçamba da caminhonete — disse o sr. Harvey. Ele estava preparado com uma nota de vinte dólares.

— O que tem aí dentro, um corpo? — brincou ela.

Era a última coisa em que ela pensaria. Ela morava em uma casa aconchegante, embora pequena. Tinha um marido que estava sempre em casa para consertar coisas e tratá-la bem porque nunca tinha de trabalhar, e um filho ainda jovem o bastante para pensar que sua mãe era a única coisa no mundo.

O sr. Harvey sorriu, e enquanto eu via o sorriso surgir em seu rosto fui incapaz de desviar os olhos.

— Um velho cofre do meu pai, finalmente consegui trazer — disse ele. — Queria fazer isso há anos. Ninguém se lembra do segredo.

— Tem alguma coisa dentro? — perguntou ela.

— Ar viciado.

— Então pode jogar. Quer alguma ajuda?

— Seria ótimo — disse ele.

Os Flanagan jamais desconfiaram sequer por um instante que a menina sobre a qual leram no jornal durante os anos seguintes — DESAPARECIDA: *Suspeita de crime; cotovelo encontrado por cão da vizinhança; menina de 14 anos pode ter sido morta no milharal de Stolfuz; alerta para outras jovens; distrito vai reurbanizar terrenos ao lado do ginásio; Lindsey Salmon, irmã da menina morta, faz discurso de adeus — pudesse ter estado dentro do cofre de metal cinza que um homem sozinho tinha levado certa noite e pagado vinte dólares para jogar no sumidouro.*

No caminho de volta para a caminhonete, o sr. Harvey pôs a mão no bolso. Ali estava minha pulseira de amuletos de prata. Ele não conseguia se lembrar de tê-la tirado do meu pulso. Não tinha lembrança de tê-la jogado no bolso de suas calças limpas. Apalpou-a, e a parte carnuda de seu indicador encontrou o metal dourado liso da pedra angular, símbolo da Pensilvânia, a parte de trás da sapatilha de bale, o pequeno furo do minúsculo dedal e os aros da bicicleta com rodas que funcionavam.

Descendo a Estrada 202, ele parou no acostamento, comeu um sanduíche de linguiça que tinha feito mais cedo, e depois dirigiu até

um parque industrial que estavam construindo ao sul de Downington. Não havia ninguém na obra. Naqueles dias, não havia segurança no subúrbio.

Ele estacionou o carro perto de um banheiro químico. Sua desculpa estava pronta para o caso pouco provável de ele precisar de alguma.

Era nessa parte do que aconteceu depois que eu pensava quando pensava no sr. Harvey — em como ele ficou andando entre as escavações enlameadas e se perdeu entre os *bulldozers* adormecidos, com suas formas monstruosas assustadoras no escuro. O céu da terra estava azul-escuro na noite seguinte à minha morte, e naquela área aberta o sr. Harvey podia ver a quilômetros de distância. Decidi ficar ali com ele, ver aqueles quilômetros distantes como ele os via. Queria ir aonde ele iria. Tinha parado de nevar. Estava ventando. Ele entrou no que seus instintos lhe diziam que logo seria um lago artificial, ficou ali de pé e apalpou os amuletos uma última vez. Gostava da pedra angular da Pensilvânia, que meu pai tinha mandado gravar com minhas iniciais — o meu preferido era a pequena bicicleta —, e a tirou da pulseira e guardou no bolso. Jogou a pulseira com seus amuletos restantes dentro do futuro lago artificial.

Dois dias antes do Natal, vi o sr. Harvey ler um livro sobre os dogon e os bambara do Mali. Vi a centelha de uma ideia brilhar quando ele leu sobre o tecido e as cordas que eles usavam para construir abrigos. Ele decidiu que queria construir de novo, experimentar como tinha feito com o buraco, e decidiu-se por uma

tenda cerimonial como as descritas no livro. Reuniria os materiais simples e a ergueria em algumas horas no seu quintal dos fundos.

Depois de quebrar todos os barcos dentro das garrafas, meu pai o encontrou ali.

Estava frio lá fora, mas o sr. Harvey vestia apenas uma fina camisa de algodão. Ele tinha feito 36 anos naquele ano e estava experimentando usar lentes de contato duras. Elas tornavam seus olhos continuamente vermelhos, e muitas pessoas, incluindo meu pai, pensavam que ele tinha começado a beber.

— O que é isso? — perguntou meu pai.

Apesar das doenças de coração que acometem os homens da família Salmon, meu pai era resistente. Era mais alto do que o sr. Harvey, então quando deu a volta pela frente da casa verde de sarrafos de madeira e chegou ao quintal dos fundos, onde viu o sr. Harvey erguendo coisas parecidas com traves de gol, ele tinha uma aparência enérgica e capaz.

Estava agitado por ter me visto no vidro estilhaçado. Eu o vi cruzar o gramado, balançando o corpo como alunos a caminho do colégio. Parou logo antes de tocar a sebe de sabugueiro do sr. Harvey com a palma da mão.

— O que é isso? — tornou a perguntar.

O sr. Harvey parou tempo suficiente para olhar para ele e depois voltou ao que estava fazendo.

— Uma tenda de lona.

— Como assim?

— Sr. Salmon — disse ele —, sinto muito pela sua perda.

Erguendo o corpo, meu pai deu a resposta que o ritual exigia.

— Obrigado. — Era como uma pedra presa em sua garganta.

Houve, um instante de silêncio, e então o sr. Harvey, sentindo que meu pai não tinha intenção de ir embora, perguntou se ele queria ajudar.

Foi assim que, do céu, eu vi meu pai construir uma tenda com o homem que tinha me matado.

Meu pai não aprendeu muita coisa. Aprendeu a amarrar pedaços de arco em estacas pontudas e a trançar galhos mais finos nessas peças para formar semiarcos na outra direção. Aprendeu a juntar as extremidades desses galhos e a amarrá-las nas vigas. Aprendeu que estava fazendo isso porque o sr. Harvey tinha lido sobre a tribo dos imezzureg e queria reproduzir suas tendas. Ele se pôs de pé, concordando com a opinião da vizinhança de que aquele homem era estranho. Por enquanto, era isso.

Mas quando a estrutura básica ficou pronta — uma hora de trabalho depois —, o sr. Harvey encaminhou-se para dentro de casa sem dizer por quê. Meu pai supôs que era um intervalo. Que o sr. Harvey tinha entrado para pegar café ou um bule de chá.

Ele estava errado. O sr. Harvey entrou na casa e subiu as escadas para verificar a faca de açougueiro que tinha posto no quarto. Ela ainda estava na mesa de cabeceira, em cima da qual ele guardava seu caderno de desenho de onde muitas vezes, no meio da noite, desenhava os projetos cora os quais sonhava. Olhou para dentro de um saco de compras de papel pardo amarrado. Meu sangue na faca tinha escurecido. Lembrar-se dele, lembrar-se de seu ato no buraco fez com que ele se lembrasse de ter lido sobre uma tribo específica no sul de Ayr. Sobre como, quando uma tenda era construída para um casal de recém-casados, as mulheres da tribo faziam o lençol mais bonito de que eram capazes para cobri-la.

Lá fora tinha começado a nevar. Era a primeira neve desde a minha morte, e meu pai percebeu isso.

— Estou te ouvindo, querida — disse ele para mim, embora eu não estivesse falando. — O que é?

Concentrei-me com muita força no gerânio morto em seu campo de visão. Pensei que, se eu pudesse fazê-lo florescer, ele teria sua resposta.

No meu céu ele florescia. No meu céu pétalas de gerânio rodopiavam em redemoinhos até a minha cintura. Na Terra nada acontecia.

Mas através da neve eu percebi o seguinte: meu pai estava olhando em direção à casa verde de uma maneira nova. Ele tinha começado a se perguntar.

Lá dentro, o sr. Harvey tinha vestido uma pesada camisa de flanela, mas o que meu pai percebeu primeiro foi o que ele trazia nos braços: uma pilha de lençóis brancos de algodão.

— Para que serve isso? — perguntou meu pai. De repente ele não conseguia parar de ver meu rosto.

— Oleados — disse o sr. Harvey. Quando entregou uma pilha a meu pai, as costas da sua mão tocaram os dedos do meu pai. Foi como um choque elétrico.

— O senhor sabe alguma coisa — disse meu pai.

Ele encarou meu pai, olhou direto nos seus olhos, mas não disse nada.

Eles trabalharam juntos, com a neve caindo, quase flutuando. E enquanto meu pai se movimentava a adrenalina corria por seu corpo. Ele relembrou o que sabia. Alguém tinha perguntado a esse homem onde ele estava no dia em que eu desapareci? Alguém tinha visto esse homem no milharal? Ele sabia que seus vizinhos tinham sido interrogados.

Metodicamente, a polícia tinha ido de porta em porta.

Meu pai e o sr. Harvey espalharam os lençóis por cima do arco que formava uma cúpula, prendendo-os em volta do quadrado formado pelas vigas que uniam as estacas pontudas. Depois penduraram os lençóis restantes direto nas vigas de modo que as bordas dos lençóis tocavam o chão.

Quando terminaram, havia um pouco de neve acumulada em cima dos arcos cobertos. A neve enchia os vincos da camisa do meu pai e formava uma linha acima do seu cinto. Eu me dei conta de que

nunca mais correria pela neve com Holiday, nunca mais empurraria Lindsey em um trenó, nunca mais ensinaria meu irmãozinho a compactar neve moldando-a com a base da palma da mão, sem pensar no meu próprio bem. Eu estava sozinha em um mar de pétalas brilhantes. Na Terra, os flocos de neve caíam macios e inocentes, como uma cortina descendo.

Em pé do lado da tenda, o sr. Harvey pensou em como a noiva virgem seria trazida para um membro da tribo dos imezzureg em um camelo.

Quando meu pai se moveu em sua direção, o sr. Harvey levantou a palma da mão.

— Chega — disse ele. — Por que o senhor não vai para casa?

Tinha chegado a hora de o meu pai pensar em alguma coisa para dizer.

Mas tudo em que ele conseguia pensar foi isso: — Susie — sussurrou ele, fazendo a segunda sílaba colear como uma cobra.

— Acabamos de construir uma tenda — disse o sr. Harvey. — Os vizinhos nos viram. Somos amigos agora.

— O senhor sabe alguma coisa — disse meu pai.

— Vá para casa. Não posso ajudar o senhor.

O sr. Harvey não sorriu nem se adiantou. Recolheu-se para dentro da tenda nupcial e deixou cair o último lençol de algodão branco com um monograma bordado.

Capítulo 5

Parte de mim queria uma vingança rápida, queria que meu pai se transformasse no homem que nunca poderia ter sido — um homem violento em sua raiva. É isso que se vê nos filmes, é isso que acontece nos livros que as pessoas leem. Um homem normal pega uma arma ou uma faca e persegue o assassino de sua família; dá uma de Charles Bronson e todo mundo aplaude.

Como era realmente: Todos os dias ele acordava. Antes de o sono se dissipar, era quem sempre tinha sido. Então, à medida que sua consciência acordava, era como se algum veneno tomasse conta dele. Primeiro ele não conseguia nem levantar. Ficava ali deitado debaixo de um peso enorme. Mas então só o movimento podia salvá-lo, e ele se movia, se movia, mas nenhum movimento era capaz de trazer alívio. Alívio para a culpa que ele sentia, para a mão de Deus que se abatia sobre ele, dizendo: *Você não estava lá quando sua filha precisou de você.*

Antes de meu pai sair para a casa do sr. Harvey,minha mãe estava sentada no hall de entrada perto da estátua de São Francisco que eles tinham comprado. Quando ele voltou, ela não estava mais lá. Ele a chamou, disse seu nome três vezes, como um desejo de que ela não aparecesse, depois subiu os degraus até seu quartinho e rabiscou anotações em um pequeno caderno espiral: "Bêbado? Faça ele beber.

Talvez ele seja falastrão." Em seguida escreveu o seguinte: "Acho que a Susie me vê." No céu, fiquei eufórica. Abracei Holly, abracei Franny. Meu pai sabia, achava eu.

Então Lindsey bateu a porta da frente com mais força do que o normal, e meu pai ficou agradecido pelo barulho. Estava com medo de continuar com as anotações, de escrever as palavras no papel. A porta batendo ecoou pela estranha tarde que ele tinha passado e o trouxe de volta para o presente, para a atividade, onde ele precisava estar para não se afogar. Eu entendia isso — não estou dizendo que não ficava magoada, que isso não me lembrava sentar à mesa do jantar e ter de escutar Lindsey contar para meus pais sobre a prova na qual ela tinha ido tão bem, ou sobre o professor de história que ia recomendá-la para a condecoração distrital, mas Lindsey estava viva, e os vivos também mereciam atenção.

Ela subiu as escadas correndo. Seus tamancos batiam nas tábuas de pinho da escada e balançavam a casa.

Posso tê-la invejado por causa da atenção do meu pai, mas eu respeitava sua maneira de lidar com as coisas. De todas as pessoas da família, era Lindsey que tinha de lidar com o que Holly chamava de *Síndrome do Morto-Vivo* — quando outras pessoas veem a pessoa morta e não veem você.

Quando as pessoas olhavam para Lindsey, mesmo meu pai e minha mãe, viam a mim. Nem mesmo Lindsey estava imune. Ela evitava espelhos.

Agora tomava banho no escuro.

Ela saía do chuveiro escuro e ia tateando até o porta-toalhas. No escuro estava segura — o vapor úmido do chuveiro que ainda subia dos ladrilhos a protegia. Se a casa estivesse silenciosa ou se ela ouvisse murmúrios lá embaixo, sabia que não seria incomodada. Era nessas horas que podia pensar em mim e fazia isso de duas maneiras: ou pensava Susie, só essa única palavra, e chorava ali, deixando as lágrimas rolarem por suas bochechas já úmidas,

sabendo que ninguém a veria, ninguém quantificaria aquela substância perigosa como pesar,ou então me imaginava correndo, me imaginava fugindo, imaginava a si própria sendo levada no meu lugar, lutando até se libertar. Lutava contra a pergunta constante *Onde a Susie está agora?*

Meu pai ouviu Lindsey em seu quarto. Viam, a porta se fechou com um estrondo. *Pof*, seus livros foram jogados no chio. *Pluft*, ela caiu na cama.

Seus tamancos, *tum tum,* foram tirados e jogados no chão. Alguns minutos depois ele estava diante da porta do quarto dela.

— Lindsey — disse ele ao bater na porta.

Não houve resposta.

— Lindsey, posso entrar?

— Vai embora — foi sua resposta decidida.

— Deixa, querida — implorou ele.

— Vai embora!

— Lindsey — disse meu pai respirando fundo —, por que não pode me deixar entrar? — Ele apoiou a testa de leve na porta do quarto. A madeira estava fresca e, por um segundo, ele se esqueceu do latejar em suas têmporas, da suspeita que agora tinha e que ficava se repetindo.

Harvey, Harvey, Harvey.

Calçando apenas as meias, Lindsey se aproximou da porta em silêncio, trancou-a enquanto meu pai recuava e preparava uma expressão que esperava que dissesse "Não fuja."

— O que é? — perguntou ela. Seu rosto estava rígido, uma afronta. — O que é?

— Eu quero saber como você está — disse ele. Pensou na cortina caindo entre ele e o sr. Harvey, como uma captura certa, uma culpa encantadora, estavam perdidas para ele. Sua família andava pelas ruas, ia ao colégio, e no caminho passava pela casa de sarrafos

verdes do sr. Harvey. Ele precisava da ilha para fazer o sangue voltar a seu coração.

— Eu quero ficar sozinha — disse Lindsey. — Não é óbvio?

— Eu estou aqui se precisar de mim — disse ele.

— Olhe, pai — disse minha irmã, fazendo-lhe sua única concessão — estou lidando com isso sozinha.

O que ele podia fazer com isso? Poderia ter quebrado o código e dito: "Eu não estou, não consigo, não me obrigue a fazer isso", mas ficou ali por um segundo e depois recuou.

— Entendo — disse ele primeiro, embora não entendesse.

Eu queria pegá-lo no colo, como tinha visto nos livros de história da arte.

Uma mulher segurando um homem no colo. Uma filha dizendo ao pai: "Está tudo bem. Você está bem. Não vou deixar nada machucar você."

Em vez disso, eu o vi dar um telefonema para Len Fenerman.

Naqueles primeiros dias, a polícia se mostrou quase reverente. Meninas desaparecidas não eram algo comum no subúrbio. Mas sem indícios de onde estava meu corpo ou de quem tinha me matado, a polícia estava ficando nervosa. Havia uma janela de tempo na qual geralmente indícios físicos eram encontrados; essa janela ficava menor a cada dia.

— Não quero parecer irracional, inspetor Fenerman — disse meu pai.

— Len, por favor. — Presa no mata-borrão em cima de sua escrivaninha estava a foto de colégio que Len Fenerman tinha pegado com minha mãe. Ele sabia, antes de alguém sequer pronunciar as palavras, que eu já estava morta.

— Tenho certeza de que tem um homem na vizinhança que sabe alguma coisa — disse meu pai. Ele estava olhando pela janela de seu quartinho no andar de cima, em direção ao milharal. O proprietário do terreno tinha dito à imprensa que por enquanto ia deixá-lo vazio.

— Quem é, e o que o fez pensar isso? — perguntou Len Fenerman.

Escolheu um lápis curto e mastigado da borda de metal na frente da gaveta de sua escrivaninha.

Meu pai lhe contou sobre a tenda, sobre como o sr. Harvey tinha lhe dito para ir para casa, sobre ter dito o meu nome, e sobre como a vizinhança achava o sr. Harvey estranho sem emprego fixo nem filhos.

— Vou averiguar — disse Len Fenerman, porque tinha que fazê-lo. Era esse seu papel na dança. Mas o que meu pai tinha lhe dado era pouco ou nada com que pudesse trabalhar. — Não fale com ninguém e não chegue perto dele de novo — avisou Len.

Quando meu pai desligou o telefone, sentia-se estranhamente vazio.

Esgotado, abriu a porta de seu quartinho e a fechou silenciosamente atrás de si. No corredor, pela segunda vez, chamou o nome da minha mãe: — Abigail!

Ela estava no banheiro do térreo, dando mordidas nos doces que a empresa do meu pai sempre nos mandava no Natal. Ela os comia com avidez; eram como sóis se abrindo dentro de sua boca. No verão em que estava grávida de mim, ela usava o mesmo vestido de gestante de algodão vezes sem conta, recusando-se a gastar dinheiro com outro, e comia tudo o que queria, esfregando a barriga e dizendo: — Obrigada, neném — enquanto respingava chocolate no peito.

Houve uma batida na parte de baixo da porta.

— Mamãe! — Ela tornou a guardar os doces no armário de remédios, engolindo o que já tinha na boca.

— Mamãe? — repetiu Buckley. Sua voz estava sonolenta.

— Maaaaanhêêêêê!

Ela desprezava aquela palavra.

Quando minha mãe abriu a porta, meu irmãozinho agarrou seus joelhos.

Buckley apertou o rosto na carne acima deles.

Ouvindo movimentos, meu pai foi encontrar minha mãe na cozinha.

Tantos, reconfortaram-se cuidando de Buckley.

— Cadê a Susie? — perguntou Buckley, enquanto meu pai passava manteiga de amendoim e marshmallow no pão. Um pedaço para ele, um para minha mãe e outro para seu filho de 4 anos.

— Você guardou seu jogo? — perguntou meu pai a Buckley, perguntando-se por que evitava falar no assunto com a única pessoa que o abordava francamente.

— O que a mamãe tem? — perguntou Buckley. Os dois ficaram olhando para minha mãe, que fitava a cuba seca da pia.

— O que você acha de irmos ao zoológico esta semana? — perguntou meu pai. Odiava a si mesmo por isso. Odiava a chantagem emocional e a provocação — odiava o engodo. Mas como podia dizer ao filho que, em algum lugar, sua irmã mais velha podia estar cortada em pedacinhos?

Mas Buckley ouviu a palavra zoológico e tudo o que ela significava — que para ele era principalmente macacos! — e embarcou no caminho ondulado rumo ao esquecimento por mais um dia. A sombra dos anos não era tão grande em seu pequeno corpo. Ele sabia que eu estava fora, mas quando as pessoas estavam fora elas sempre voltavam.

Quando Len Fenerman foi de porta em porta pela vizinhança, não encontrou nada fora do normal na casa de George Harvey. O sr. Harvey era um homem solteiro que, dizia-se, tinha a intenção de morar com a mulher. Ela tinha morrido algum tempo antes disso. Ele construía casas de boneca para lojas especiais e era um homem recluso. Era tudo o que se sabia. Embora ele não tivesse exatamente feito muitos amigos, sempre havia tido a simpatia da vizinhança.

Cada casa de vários andares continha uma história. Para Len Fenerman, particularmente, a de George Harvey parecia interessante.

Não, disse Harvey, ele não conhecia bem os Salmon. Tinha visto as crianças. Todo mundo sabia quem tinha filhos e quem não tinha, comentou ele, com a cabeça baixa e um pouco inclinada para a esquerda.

— Dá para ver os brinquedos no quintal. As casas são sempre mais alegres — comentou ele levantando a voz.

— Soube que o senhor conversou com o sr. Salmon recentemente — disse Len Fenerman em sua segunda visita à casa verde.

— Conversei sim, algo errado? — perguntou o sr. Harvey. Ele olhou para Len apertando os olhos, mas depois teve de se interromper. — Deixem eu pegar meus óculos — disse ele. — Estava fazendo o acabamento de uma Segundo Império.

— Segundo Império? — perguntou Len.

— Agora que as encomendas de Natal estão prontas, posso experimentar — disse o sr. Harvey. Len o seguiu até os fundos, onde havia uma mesa de jantar encostada em uma parede. Dúzias de pequenos pedaços do que parecia revestimento de parede em miniatura estavam alinhados em cima dela.

Um pouco estranho, pensou Fenerman, *mas isso não faz do homem um assassino.*

O sr. Harvey pegou os óculos e imediatamente se abriu.

— Sim, o sr. Salmon estava dando uma de suas caminhadas e me ajudou a construir a tenda nupcial.

— Tenda nupcial?

— Todo ano faço isso pela Leah — disse ele. — Minha mulher. Eu sou viúvo.

Len teve a sensação de estar se intrometendo nos rituais particulares daquele homem.

— Foi o que eu soube — disse ele.

— Estou chocado com o que aconteceu com aquela menina — disse o sr. Harvey. — Tentei dizer isso ao sr. Salmon. Mas sei por experiência própria que nada faz sentido numa hora dessas.

— Então o senhor monta essa tenda todo ano? — perguntou Len Fenerman. Isso era algo que ele poderia pedir aos vizinhos para confirmarem.

— Eu antes fazia isso dentro de casa, mas este ano tentei fazer do lado de fora. Nós nos casamos no inverno. Até a neve chegar com mais força, pensei que a tenda iria aguentar.

— Onde dentro de casa?

— No porão. Posso mostrar ao senhor, se quiser. Ainda tenho todas as coisas da Leah lá embaixo.

Mas Len não continuou.

— Já me intrometi demais — disse ele. — Eu só queria percorrer o bairro outra vez.

— Como vai a investigação? — perguntou o sr. Harvey. — Estão encontrando alguma coisa?

Len nunca gostava de perguntas assim, embora supusesse que fosse o direito das pessoas cujas vidas estava invadindo.

— Algumas vezes acho que os indícios aparecem na hora certa — disse ele. — Quero dizer, se quiserem ser encontrados. — Era uma resposta enigmática, uma resposta do tipo *Confúcio-disse*, mas funcionava com quase todos os civis.

— O senhor conversou com o filho dos Ellis? — perguntou o sr. Harvey.

— Falamos com a família.

— Ouvi dizer que ele machucou uns animais na vizinhança.

— Garanto ao senhor que ele parece um menino bem mau — disse Len —, mas estava trabalhando no shopping na hora.

— Testemunhas?

— Sim.

— E minha única ideia — disse o sr. Harvey. — Gostaria de poder fazer mais.

Len achou-o sincero.

— É verdade que ele é um pouco esquisito — disse Len quando telefonou para o meu pai —, mas não tenho nada contra ele.

— O que ele disse sobre a tenda?

— Que a tinha construído para Leah, mulher dele.

— Lembro da sra. Stead ter dito à Abigail que o nome da mulher dele era Sophie — disse meu pai.

Len verificou suas anotações.

— Não, Leah. Eu anotei.

Meu pai duvidou de si mesmo. Onde ele tinha escutado o nome Sophie?

Tinha certeza de tê-lo escutado, mas já fazia anos, em uma festa do quarteirão em que nomes de filhos e mulheres choviam como confete entre as histórias que as pessoas contavam para serem simpáticas e as apresentações a crianças e desconhecidos vagas demais para serem lembradas no dia seguinte.

Ele se lembrava de que o sr. Harvey não tinha ido à festa do quarteirão.

Ele nunca tinha ido a nenhuma das festas. Pelos padrões de muitas pessoas do bairro isso era atribuído à sua estranheza, mas não pelos do meu pai. Ele também nunca tinha se sentido inteiramente à vontade nessas tentativas forçadas de convívio.

Meu pai escreveu: "Leah?" em seu caderno. Depois escreveu: "Sophie?"

Embora inconscientemente, tinha começado uma lista das mortas.

No dia de Natal, minha família teria se sentido mais confortável no céu.

O Natal era em grande parte ignorado no meu céu. Algumas pessoas se vestiam todas de branco e fingiam ser flocos de neve, mas

fora isso não conteria nada.

Naquele Natal, Samuel Heckler fez uma visita inesperada à nossa casa.

Ele não estava vestido de floco de neve. Usava a jaqueta de couro de seu irmão mais velho e calças de exército mal ajustadas.

Meu irmão estava no quarto da frente com seus brinquedos. Minha mãe abençoava o fato de ter comprado cedo os presentes dele. Lindsey ganhou luvas e um brilho labial sabor cereja. Meu pai ganhou cinco lenços brancos que ela tinha encomendado pelo correio meses antes.

Com exceção de Buckley, ninguém queria nada mesmo. Nos dias antes do Natal as luzes da árvore não estavam acesas. Só a vela que meu pai mantinha na janela de seu quartinho queimava. Ele a acendia quando escurecia, mas minha mãe, minha irmã e meu irmão tinham parado de sair de casa depois das quatro da tarde. Só eu via a vela.

— Tem um homem lá fora! — gritou meu irmão. Ele estava brincando de Arranha-Céu e o arranha-céu ainda não tinha caído. — Ele está carregando uma mala!

Minha mãe deixou seu *eggnog* na cozinha e foi até a frente da casa.

Lindsey estava suportando a presença obrigatória na sala íntima que todas as festas exigiam. Ela e meu pai estavam jogando Banco Imobiliário, ignorando as casas mais brutais pelo bem um do outro. Não havia Imposto de Renda, e um Revés não era reconhecido.

No hall de entrada, minha mãe alisou a saia com as mãos. Pôs Buckley na sua frente e o abraçou pelos ombros.

— Espera o homem bater — disse ela.

— Talvez seja o reverendo Strick — disse meu pai a Lindsey, recolhendo seus quinze dólares por ter tirado o segundo lugar em um concurso de beleza.

— Espero que não, para o bem da Susie — arriscou Lindsey.

Meu pai aguentou firme ouvir minha irmã dizer meu nome. Ela tirou um duplo nos dados e avançou até os Jardins Marvin.

— São vinte e quatro dólares — disse meu pai —, mas fecho por dez.

— Lindsey — disse minha mãe. — Visita para você.

Meu pai viu minha irmã se levantar e sair da sala. Nós dois a vimos fazer isso. Naquele momento eu estava ali sentada com meu pai. Eu era o fantasma do tabuleiro. Ele ficou olhando para o sapato velho caído de lado dentro da caixa. Se ao menos eu pudesse tê-lo levantado, tê-lo feito pular da Beira-Mar até o Báltico, onde eu sempre dizia que moravam as melhores pessoas.

— Isso é só porque você é louca por roxo — dizia Lindsey.

Meu pai dizia: — Tenho orgulho de não ter criado uma esnobe.

— Estradas de ferro, Susie — disse ele. — Você sempre gostou de ter essas estradas de ferro.

Para realçar a testa e domar a franja, Samuel Heckler insistia em pentear o cabelo todo para trás. Aos 13 anos e vestido de couro preto, isso o fazia carecer um vampiro adolescente.

— Feliz Natal, Lindsey — disse ele à minha irmã, e estendeu uma caixinha embrulhada em papel azul.

Pude ver aquilo acontecendo: o corpo de Lindsey começou a dar um nó.

Ela estava se esforçando para manter todo mundo afastado, todo mundo, mas achava Samuel Heckler um gatinho. Como um ingrediente de uma receita, o coração dela foi diluído, e apesar da minha morte ela tinha 13 anos, ele era um gatinho, e a estava visitando no dia de Natal.

— Ouvi dizer que você entrou na lista dos bons alunos — disse-lhe ele, porque ninguém dizia nada. — Eu também.

Então minha mãe se lembrou, e ligou seu piloto automático de anfitriã.

— Quer entrar e sentar? — ela conseguiu dizer. — Tem *eggnog* na cozinha.

— Seria ótimo — disse Samuel Heckler e, para o espanto de Lindsey e o meu, ofereceu o braço à minha irmã.

— O que é isso? — perguntou Buckley, correndo atrás deles e apontando para o que pensava ser uma mala.

— Um alto — disse Samuel Heckler.

— O quê? — perguntou Buckley. Então Lindsey falou.

— O Samuel toca sax alto.

— Quase — disse Samuel.

Meu irmão não perguntou o que era um saxofone. Ele sabia o que Lindsey estava sendo. Ela estava sendo o que eu chamava de metidinha, como quando dizia: "Não liga, Buckley, a Lindsey está sendo metidinha."

Geralmente eu fazia cócegas nele enquanto pronunciava a palavra, algumas vezes enterrando a cabeça em sua barriga, empurrando-o e dizendo "metidinha" sem parar até sua risada melodiosa se derramar sobre mim.

Buckley seguiu os três cozinha adentro e perguntou, como perguntava pelo menos uma vez por dia: — Cadê a Susie?

Eles ficaram calados. Samuel olhou para Lindsey.

— Buckley — chamou meu pai do outro cômodo —, vem jogar Banco Imobiliário comigo.

Meu irmão nunca tinha sido convidado para jogar Banco Imobiliário.

Todo mundo dizia que ele era novo demais, mas essa era a mágica do Natal. Ele correu para a sala íntima e meu pai o levantou e o sentou em seu colo.

— Está vendo este sapato? — perguntou meu pai. Buckley assentiu com a cabeça.

— Quero que você escute tudo o que eu vou dizer sobre ele, tá?

— Susie? — perguntou meu irmão, relacionando as duas coisas de alguma maneira.

— É, vou dizer para você onde a Susie está.

Comecei a chorar no céu. O que mais eu podia fazer?

— Este sapato era a peça que a Susie usava para jogar Banco Imobiliário — disse ele. — Eu jogo com o carro ou às vezes com o carrinho de mão, a Lindsey joga com o ferro, e quando sua mãe joga ela gosta do canhão.

— Isso é um cachorro?

— É, um terrier escocês.

— É meu!

— Tá — disse meu pai. Ele era paciente. Tinha encontrado um jeito de explicar. Segurava o filho no colo, e enquanto falava sentia o corpinho de Buckley em cima do joelho — seu peso muito humano, muito quente, muito vivo. Aquilo o reconfortava. — O terrier escocês vai ser a sua peça daqui para a frente. Qual é mesmo a peça da Susie?

— O sapato — disse Buckley.

— Isso, e eu sou o carro, e sua irmã é o ferro, e sua mãe é o canhão. Meu irmão se concentrou com força.

— Agora vamos colocar todas as peças no tabuleiro, tá? Coloca para mim. Buckley pegou um punhado de peças e depois outro, até todas as peças estarem entre os cartões de Sorte e de Lucros e Dividendos.

— Vamos dizer que as outras peças são nossos amigos.

— Igual ao Nate?

— Isso, vamos fazer o seu amigo Nate ser o chapéu. E o tabuleiro é o mundo. Agora se eu dissesse para você que, quando eu lançar os dados, uma das peças vai ser levada embora, o que isso iria querer dizer?

— Que ela não pode mais jogar?

— Isso.

— Por quê? — perguntou Buckley.

Meu pai não queria dizer "porque a vida é injusta" ou "porque é assim que as coisas são". Ele queria alguma coisa simples, alguma coisa que explicasse a morte para um menino de 4 anos. Pôs a mão na base das costas de Buckley.

— A Susie morreu — disse ele então, incapaz de fazer aquilo entrar nas regras de qualquer jogo. — Você sabe o que isso quer dizer?

Buckley estendeu a mão e cobriu o sapato. Levantou os olhos para ver e sua resposta estava certa. Meu pai assentiu.

— Você não vai mais ver a Susie, querido. Nenhum de nós vai. — Meu pai chorou. Buckley levantou os olhos para nosso pai e não entendeu direito. Buckley guardou o sapato em sua penteadeira, até que um dia o sapato sumiu de lá e por mais que procurasse não conseguia encontrá-lo.

Na cozinha, minha mãe terminou seu *eggnog* e pediu licença. Entrou na sala de jantar e ficou contando talheres, alinhando metodicamente os três tipos de garfo, as facas e as colheres, arrumando-os "em escadinha" como tinha aprendido quando trabalhava na seção de noivas do Wanamaker's, antes de eu nascer. Ela queria um cigarro e queria que seus filhos que estavam vivos desaparecessem por um tempo.

— Vai abrir seu presente? — perguntou Samuel Heckler para minha irmã.

Eles estavam em pé na frente da bancada, encostados no lava-louças e nas gavetas cheias de guardanapos e toalhas. No cômodo à sua direita estavam sentados meu pai e meu irmão; do outro lado da cozinha, minha mãe pensava Wedgwood Florentine, Azul Cobalto; Royal Worcester, Mountbatten; Lenox, Eternal.

Lindsey sorriu e puxou a fita branca em cima da caixa.

— Minha mãe amarrou a fita para mim — disse Samuel Heckler.

Ela arrancou o papel azul da caixa de veludo preto. Com cuidado, segurou-a na palma da mão depois de tirar o papel. Quando Lindsey e eu brincávamos de Barbie, a Barbie e o Ken se casavam aos 16 anos. Para nós só havia um amor verdadeiro na vida de qualquer pessoa;não tínhamos nenhuma noção de meio-termo, nem de segunda tentativa.

— Abra — disse Samuel Heckler.

— Estou com medo.

— Não fique.

Ele pôs a mão no antebraço dela e — uau! — que sensação eu tive quando ele fez aquilo. Lindsey estava na cozinha com um menino gatinho, por mais vampiro que fosse! Aquilo era uma novidade, uma senhora novidade — de repente eu estava sabendo de tudo. Ela nunca teria me contado nada daquilo.

O que havia na caixa era típico ou decepcionante ou um milagre, dependendo dos olhos de quem via. Era típico porque ele era um menino de 13 anos, ou era decepcionante porque não era uma aliança de casamento, ou era um milagre. Ele tinha dado a ela meio coração. Era de ouro, e de dentro da camisa ele puxou a outra metade. Ela estava pendurada em volta de seu pescoço em um cordão de couro.

O rosto de Lindsey corou; o meu corou no céu.

Eu me esqueci do meu pai na sala íntima e da minha mãe contando talheres. Vi Lindsey se aproximar de Samuel Heckler. Ela o beijou; foi a glória! Quase me senti viva de novo.

Capítulo 6

Duas semanas antes da minha morte, saí de casa mais tarde do que o normal, e quando cheguei no colégio o círculo de asfalto em que os ônibus escolares geralmente ficavam estava vazio.

Um inspetor do escritório disciplinar anotava seu nome se você tentasse entrar pelas portas da frente depois de o primeiro sinal tocar, e eu não queria ser chamada durante a aula para ir me sentar no banco duro do lado de fora da sala do sr. Peterford, onde, como todos sabiam, ele fazia você se abaixar e batia no seu traseiro com uma tábua. Ele tinha pedido ao professor de oficina para furar buracos na tábua para diminuir a resistência do vento durante o movimento e para doer mais quando batesse nos nossos jeans.

Eu nunca tinha chegado tarde o suficiente nem feito nada ruim o bastante para ter direito à tábua, mas na minha cabeça, como na de todos os outros alunos, podia visualizá-la tão bem que minha bunda ardia. Clarissa tinha me dito que os maconheiros mirins, como eram chamados no ginásio, usavam a porta dos fundos do palco, deixada sempre aberta por Cleo, o zelador, que tinha interrompido o científico no meio e abandonado os estudos como maconheiro sênior.

Então, naquele dia, eu me esgueirei para a área das coxias, prestando atenção a onde pisava, tomando cuidado para não tropeçar nas várias cordas e fios. Parei ao lado de alguns andaimes e pus minha mochila no chão para pentear o cabelo. Eu tinha me

acostumado a sair de casa usando o gorro dos sininhos e depois trocá-lo, assim que fosse escondida pela casa dos O'Dwyer, por uma velha boina preta de marinheiro do meu pai. Tudo deixava meu cabelo cheio de estática, e minha primeira parada geralmente era o banheiro das meninas, onde eu o penteava para fazê-lo voltar ao normal.

— Você é linda, Susie Salmon.

Eu ouvi a voz, mas não consegui identificá-la imediatamente. Olhei em volta.

— Aqui — disse a voz.

Olhei para cima e vi a cabeça e o tórax de Ray Singh inclinados no alto andaime acima de mim.

— Oi — disse ele.

Eu sabia que Ray Singh era a fim de mim. Ele tinha se mudado da Inglaterra no ano anterior, mas Clarissa sabia que ele tinha nascido na índia. O fato de alguém poder ter o rosto de um país e a voz de outro e depois se mudar para um terceiro era incrível demais para meu entendimento. Aquilo o tornava imediatamente interessante. Além disso, ele parecia oitocentas vezes mais inteligente do que nós, e era a fim de mim. O que acabei percebendo serem afetações — o paletó de smoking que ele usava para o colégio de vez em quando e seus cigarros importados, que na verdade eram da mãe dele — pensava serem provas de sua educação mais refinada. Ele sabia e via coisas que o restante de nós não via. Naquela manhã, quando ele falou comigo lá de cima, meu coração foi ao chão.

— O primeiro sinal não tocou? — perguntei.

— Tenho o sr. Morton na sala de chamada — disse ele. Isso explicava tudo. O sr. Morton tinha uma ressaca perpétua, que estava no auge pela manhã. Ele nunca fazia a chamada.

— O que você está fazendo aí em cima?

— Sobe e vem ver — disse ele, tirando a cabeça e os ombros do meu campo de visão.

Hesitei.

— Vem, Susie.

Foi o único dia da minha vida em que fui indisciplinada — ou pelo menos agi como se fosse. Pus o pé na primeira barra do andaime e estendi os braços para o primeiro travessão.

— Traz suas coisas — aconselhou Ray.

Desci para pegar minha mochila e depois subi, desequilibrada.

— Deixa eu ajudar você — disse ele, e pôs as mãos debaixo dos meus braços, o que, mesmo que eu estivesse protegida por minha parca de inverno, me fez ficar encabulada. Fiquei sentada por algum tempo com os pés pendendo para o lado de fora.

— Põe os pés para dentro — disse ele. — Assim ninguém vê a gente.

Fiz o que ele dizia, e depois o encarei por um instante. De repente me senti estúpida — insegura sobre por que estava ali.

— Você vai ficar aqui o dia todo? — perguntei.

— Só até o final da aula de inglês.

— Você está matando inglês! — Era como se ele tivesse assaltado um banco.

— Eu vi todas as peças de Shakespeare encenadas pela Royal Shakespeare Company — disse Ray. — Aquela piranha não tem nada para me ensinar.

Naquele momento senti pena da sra. Dewitt. Se chamar a sra. Dewitt de piranha fazia parte de ser mau, então eu estava fora.

— Eu gosto de Otelo — arrisquei.

— O jeito como ela ensina é uma bobagem infantil. Uma espécie de versão vulgarizada do Mouro.

Ray era inteligente. Combinado ao fato de ele ser um indiano da Inglaterra, isso o tinha transformado em um marciano em Norristown.

— Aquele cara do filme estava bem ridículo com aquela maquiagem preta — disse eu.

— Sir Laurence Olivier, você quer dizer.

Ray e eu ficamos calados. Calados o suficiente para ouvir tocar o sinal do fim da chamada e, cinco minutos depois, o sinal dizendo que deveríamos estar no primeiro andar na aula da sra. Dewitt. A cada segundo que passava depois desse sinal, eu podia sentir minha pele esquentar e o olhar de Ray se espichar para meu corpo, absorvendo minha parca azul brilhante e minha minissaia verde com meias Danskin combinando. Meus sapatos de verdade estavam ao meu lado na mochila. Eu calçava um par de botas imitando pele de carneiro com o recheio sintético sujo saindo como tripas de animal por cima e pelos lados. Se eu soubesse que essa seria a cena de sexo da minha vida, talvez tivesse me preparado um pouco, e tornado a usar minha Poção de Beijar sabor Morango-Banana ao passar pela porta.

Eu podia sentir o corpo de Ray se inclinando na minha direção, e o andaime debaixo de nós rangendo por causa do movimento. Ele é da Inglaterra, pensava eu. Seus lábios chegaram mais perto, o andaime se inclinou. Eu estava tonta — prestes a ser engolfada pela onda do meu primeiro beijo, quando nós dois ouvimos alguma coisa. Congelamos.

Ray e eu deitamos um ao lado do outro e ficamos olhando para as luzes e fios no teto. No instante seguinte, a porta do palco se abriu e o sr. Peterford e a professora de artes, srta. Ryan, entraram, sendo reconhecidos pelas vozes. Havia uma terceira pessoa com eles.

— Não vamos tomar medidas disciplinares agora, mas faremos isso se você insistir — dizia o sr. Peterford. — Srta. Ryan, trouxe os materiais?

— Trouxe. — A srta. Ryan tinha vindo de um colégio católico para o Kennet e assumido o departamento de artes de dois ex-hippies despedidos quando o forno de cerâmica explodiu. Nossas

aulas de arte tinham se transformado de experiências malucas com metais derretidos e guerra de barro em intermináveis sessões desenhando perfis de bonecos de madeira que ela posicionava em poses rígidas no início de cada aula.

— Só estou fazendo os deveres. — Era Ruth Connors. Reconheci sua voz, e Ray também reconheceu. Todos tínhamos aula de inglês com a sra. Dewitt no primeiro tempo.

— Isso — disse o sr. Peterford — não foi o dever.

Ray segurou minha mão e apertou. Sabíamos do que eles estavam falando. Uma cópia xerox de um dos desenhos de Ruth tinha circulado pela biblioteca até chegar a um menino no catálogo de fichas que foi surpreendido pelo bibliotecário.

— Se não me engano — disse a srta. Ryan — nosso modelo de anatomia não tem seios.

O desenho era de uma mulher reclinada de pernas cruzadas. E não era uma boneca de madeira com arames prendendo os membros. Era uma mulher de verdade, e os borrões de carvão vegetal de seus olhos — por acidente ou de propósito — lhe davam um olhar lascivo que fazia todos os alunos que a viam se sentirem altamente envergonhados ou muito felizes, obrigado.

— Aquele modelo de madeira também não tem nariz nem boca — disse Ruth —, mas a senhorita nos disse para desenhar rostos.

Ray apertou minha mão de novo.

— Chega, minha jovem — disse o sr. Peterford. — Está óbvio que foi a pose de repouso deste desenho em especial que o transformou em alguma coisa que o menino Nelson iria xerocar.

— E isso é culpa minha?

— Sem o desenho não haveria problema.

— Então é culpa minha?

— Estou sugerindo que você pense em que situação isso coloca o colégio e nos ajude desenhando o que a srta. Ryan manda a turma desenhar sem fazer acréscimos desnecessários.

— Leonardo da Vinci desenhava cadáveres — disse Ruth baixinho.

— Entendeu?

— Entendi — disse Ruth.

As portas do palco se abriram e se fecharam, e um instante depois Ray e eu pudemos ouvir Ruth Connors chorando. Ray formou a palavra vamos com a boca e fui até a beirada do andaime, passando o pé para o lado de fora para encontrar um apoio.

Naquela semana Ray me beijaria perto do meu escaninho. Não aconteceu em cima do andaime como ele queria que acontecesse. Nosso primeiro beijo foi como um acidente — um lindo arco-íris de gasolina.

Desci do andaime de costas para ela. Ela não se mexeu nem se escondeu, só ficou me olhando enquanto eu me virava. Estava sentada em um caixote de madeira perto dos fundos do palco. A sua esquerda estavam penduradas duas cortinas velhas. Ela me viu caminhar em sua direção, mas não enxugou os olhos.

— Susie Salmon — disse ela, só para confirmar. Até aquele dia, a possibilidade de eu matar o primeiro tempo e me esconder nas coxias do auditório era tão remota quanto a da menina mais inteligente da nossa turma ser alvo dos gritos do encarregado da disciplina.

Fiquei de pé na frente dela, de chapéu na mão.

— Que chapéu ridículo — disse ela. Levantei o gorro de sininhos e olhei para ela.

— Eu sei. Minha mãe que fez.

— Então, você escutou?

— Posso ver?

Ruth desdobrou a xerox muito manuseada e eu olhei. Usando uma caneta esferográfica, Brian Nelson tinha feito um buraco obsceno onde as pernas estavam cruzadas. Tive um movimento de recuo ela ficou me olhando. Pude ver alguma coisa brilhando em

seus olhos, a pergunta secreta, e então ela se inclinou e tirou da mochila um caderno de desenho de couro preto.

Lá dentro, era lindo. Desenhos de mulheres sobretudo, mas de animais e homens também. Eu nunca tinha visto nada parecido antes. Cada página estava coberta com seus desenhos. Percebi então como Ruth era subversiva, não porque fazia desenhos de mulheres nuas que eram mal utilizados por seus colegas, mas porque era mais talentosa do que seus professores. Ela era o tipo mais silencioso de rebelde. Sem remédio, na verdade.

— Você é boa mesmo, Ruth — disse eu.

— Obrigada — disse ela, e continuei a folhear as páginas de seu caderno e a sorvê-las. Eu estava ao mesmo tempo assustada e fascinada pelo que existia naqueles desenhos debaixo da linha preta do umbigo — o que minha mãe chamava de "máquina de fazer neném". Eu disse a Lindsey que nunca teria um bebê, e quando tinha 10 anos passei quase seis meses dizendo a qualquer adulto que quisesse escutar que pretendia ligar as trompas. Eu não sabia exatamente o que isso significava, mas sabia que era drástico, precisava de cirurgia, e aquilo fazia meu pai dar gargalhadas.

Para mim Ruth passou de esquisita a especial. Os desenhos eram tão bons que naquele momento eu esqueci as regras do colégio, todos os sinais e apitos aos quais como alunos esperava-se que respondêssemos.

Depois do milharal ser isolado, vasculhado, e em seguida abandonado, Ruth ia passear lá. Ela se enrolava em um grande xale de lã da avó por baixo do velho e maltrapilho casaco de lã grossa do pai. Ela logo reparou que os professores das matérias que não fossem ginástica não a denunciavam quando ela matava aula. Ficavam felizes por não tê-la ali: sua inteligência a tornava um problema. Exigia atenção e apressava as aulas que eles tinham preparado.

E ela começou a pegar carona com o pai de manhã para evitar o ônibus.

Ele saía muito cedo e levava sua marmita de metal vermelho e tampa oblíqua que ele a deixava fingir ser o celeiro das *Barbies* quando ela era pequena e onde agora escondia *bourbon.* Antes de deixá-la no estacionamento vazio, ele parava o caminhão, mas deixava a calefação ligada.

— Você vai ficar legal hoje? — ele sempre perguntava. Ruth assentia.

— Uma saideira?

E sem aquiescer desta vez ela lhe entregava a marmita. Ele a abria, destampava a garrafa de *bourbon*, tomava um grande gole e depois passava para ela. Ela jogava a cabeça para trás teatralmente colocava a língua no gargalo para que muito pouco líquido entrasse na sua boca, ou então tomava um golinho fazendo uma careta, se ele estivesse olhando para ela. Ela descia da cabine alta. Fazia frio,muito frio, antes de o sol nascer. Então ela se lembrou de uma coisa de uma de nossas aulas: pessoas em movimento sentem menos frio do que pessoas paradas.

Então ela passou a ir direto para o milharal, com passos rápidos. Falava sozinha,e algumas vezes pensava em mim. Muitas vezes descansava um instante, apoiada na cerca arame que separava o campo de futebol da estrada de terra, enquanto via o mundo ganhar vida diante de seus olhos.

Então nos encontramos todas as manhãs naqueles primeiros meses. O sol nascia sobre o milharal e Holiday, solto por meu pai, ia caçar coelhos fazendo-os entrar e sair de trás dos pés secos de milho morto. Os coelhos oravam os gramados aparados dos terrenos de atletismo, e conforme Ruth se aproximava podia ver suas formas escuras alinhadas junto ao giz branco da linha externa como uma espécie de minúsculo time esportivo. Ela gostava dessa ideia, e eu também. Ela acreditava que bichos de pelúcia moviam à noite

quando os humanos iam dormir. Ainda pensava que dentro da marmita do pai pudesse haver minúsculas vacas e ovelhas que encontravam tempo para pastar no *bourbon* e nas salsichas.

Quando Lindsey deixou as luvas para mim de Natal, entre o limite mais externo do campo de futebol e o milharal, olhei para baixo certa manhã e vi os coelhos investigando: cheirando os cantos das luvas forradas com seus semelhantes. Depois vi Ruth pegá-las antes de serem agarradas por Holiday.

Ela virou uma das luvas do avesso fazendo a pele ficar do lado de fora e a encostou no rosto. Olhou para o céu e disse: — Obrigada! — Eu gostava de pensar que ela estava falando comigo.

Comecei a amar Ruth naquelas manhãs, sentindo que de alguma maneira que nunca poderíamos explicar, em nossos lados opostos do Meio-Termo, tínhamos nascido para fazer companhia uma à outra. Meninas diferentes que tinham se encontrado da maneira mais estranha — no arrepio que ela sentiu quando eu passei.

Ray era um andarilho, como eu, e morava bem no final da nossa área de expansão, que ficava em volta do colégio. Ele tinha visto Ruth Connors andando sozinha pelos campos de futebol. Desde o Natal, ia e voltava do colégio o mais depressa possível, sem nunca se demorar. Ele queria que meu assassino fosse pego quase tanto quanto meus pais queriam. Até isso acontecer, Ray não conseguiria apagar os vestígios de suspeita de si próprio, apesar de seu álibi.

Ele escolheu uma manhã em que seu pai não precisava trabalhar na universidade e encheu a garrafa térmica do pai com o chá doce de sua mãe. Saiu cedo para esperar Ruth e fez do círculo de cimento de onde se faziam os lançamentos uma espécie de acampamento, sentando-se na beirada de metal em que os lançadores apoiavam os pés.

Quando a viu andando do outro lado da cerca de arame que separava o colégio do campo de futebol e dentro da qual ficava o mais reverenciado dos campos — o de futebol americano — esfregou

as mãos e preparou o que queria dizer. Sua coragem então não vinha de ter me beijado — um objetivo que ele tinha resolvido cumprir um ano antes de conseguir fazê-lo — mas sim de se sentir, aos 14 anos, intensamente sozinho.

Vi Ruth se aproximar vinda do campo de futebol, pensando estar sozinha. Em uma casa velha que seu pai tinha ido vasculhar, ele tinha encontrado ura presente para ela, que combinava cora seu novo passatempo — uma antologia poética. Ela segurava o livro apertado.

Viu Ray se levantar quando ainda estava um pouco distante.

— Oi, Ruth Connors! — disse ele acenando.

Ruth olhou para lá, e o nome dele surgiu em sua cabeça: Ray Singh. Mas ela não sabia muito mais do que isso. Tinha escutado os boatos sobre a polícia ter visitado a casa dele, mas acreditava no que seu pai dizia — "Nenhuma criança fez isso!" —, então andou até ele.

— Eu fiz um chá, está aqui na minha garrafa térmica — disse Ray.

Corei por ele lá no céu. Ele era inteligente quando o assunto era Otelo, as agora estava se comportando como um prego.

— Não, obrigada — disse Ruth. Ela estava perto dele, mas com alguns bons metros mais do que o habitual a separá-los. Suas unhas marcavam a capa usada da antologia poética.

— Eu estava lá naquele dia, quando você e a Susie conversaram na coxia — disse Ray. Ele lhe estendeu a garrafa térmica. Ela não chegou mais perto nem respondeu.

— A Susie Salmon — precisou ele.

— Eu sei de quem você está falando — disse ela.

— Você vai à homenagem?

— Não sabia que ia ter uma homenagem — disse ela.

— Acho que eu não vou.

Eu tinha os olhos fixos em seus lábios. Estavam mais vermelhos do que normal por causa do frio. Ruth deu um passo à frente.

— Quer manteiga de cacau? — perguntou Ruth.

Ray levou suas luvas de lã até os lábios, onde elas se prenderam de leve superfície rachada que eu tinha beijado. Ruth enfiou as mãos no bolso casaco e pegou a manteiga de cacau.

— Toma — disse ela. — Tenho milhares. Pode ficar com esta.

— Que gentil — disse ele. — Você vai pelo menos sentar aqui comigo até os ônibus chegarem?

Ficaram sentados juntos na plataforma de cimento dos lançadores. De novo eu estava vendo uma coisa que nunca teria visto: eles dois juntos.

Aquilo tornava Ray mais atraente para mim do que ele jamais tinha sido.

Seus olhos eram de um cinza bem escuro.Quando olhava para ele do céu, eu não hesitava em cair dentro deles.

Aquilo se tornou um ritual para os dois. Nos dias em que o pai dele lecionava, Ruth levava um pouco de *bourbon* na garrafinha do pai; senão tomavam chá doce. Fazia um frio cio, mas isso não parecia ter importância para eles.

Eles conversavam sobre como era ser estrangeiro em Norristown. Liam poemas da antologia de Ruth em voz alta. Conversavam sobre como virar o que queriam ser. Médico no caso de Ray. Pintora/poetisa no de Ruth. Formaram um clube secreto composto pelos outros esquisitos que conseguiam identificar na turma. Havia os óbvios como Mark Bayles, que tinha tomado tanto ácido que ninguém entendia como ele ainda estava no colégio, ou Jeremiah, que era da Louisiana e tão estrangeiro quanto Ray. Depois havia os silenciosos. Artie, que conversava animadamente com qualquer pessoa sobre os efeitos do formol. Harry Orland, tão tímido que usava o short de ginástica por cima do jeans. E Vicki Kurz, que todos pensavam estar bem depois da morte da mãe, mas que Ruth tinha visto dormindo em uma cama de agulhas de pinheiro atrás do terreno do ginásio. E algumas vezes falavam sobre mim.

— É tão estranho — disse Ruth. — Quero dizer, a gente estudava na mesma turma, desde o jardim de infância, mas aquele dia na coxia do auditório foi a primeira vez que a gente olhou uma para a outra.

— Ela era muito legal — disse Ray. Pensou em nossos lábios se tocando enquanto estávamos sozinhos atrás de uma fileira de escaninhos. Em como eu tinha sorrido de olhos fechados e depois quase saído correndo.

— Você acha que eles vão encontrar o cara?

— Acho que sim. Você sabe que a gente está a uns cem metros de onde aconteceu.

— Sei — disse ele.

Os dois ficavam sentados na fina borda de metal do apoio dos lança dores, segurando chá nas mãos enluvadas. O milharal tinha virado um lugar aonde ninguém ia. Quando uma bola saía do campo de futebol, um menino tomava coragem para ir buscá-la. Naquela manhã, o sol que nascia passava direito entre os pés de milho mortos, mas dele não emanava calor nenhum.

— Encontrei estas luvas aqui — disse ela, mostrando as luvas de couro.

— Você pensa nela em algum momento? — perguntou ele. Ficaram novamente calados.

— O tempo todo — disse Ruth.

Um arrepio percorreu minha espinha.

— Algumas vezes acho que ela tem sorte, sabe. Eu odeio este lugar.

— Eu também — disse Ray. — Mas já morei em outros lugares. Isto aqui é só um inferno temporário, não permanente.

— Você não quer dizer que..

— Ela está no céu, se é que você acredita nessas coisas.

— Você não acredita?

— Acho que não, não.

— Eu acredito — disse Ruth. — Não estou falando naquela babaquice asas de anjo, mas acho que existe um céu, sim.

— Ela está feliz?

— Lá é o céu, né?

— Mas o que isso quer dizer?

O chá estava gelado e o primeiro sinal já tinha tocado. Ruth sorriu para dentro da xícara.

— Bom, como diria o meu pai, quer dizer que ela está longe deste buraco de merda.

Quando meu pai bateu na porta da casa de Ray Singh, ficou paralisado pela mãe de Ray, Ruana. Não que ela tenha sido imediatamente receptiva, e ela estava longe de ser alegre, mas alguma coisa em seus cabelos escuros, em seus olhos cinzentos e mesmo na estranha maneira como ela pareceu se afastar da porta depois de abri-la, tudo isso o deixou perplexo.

Ele tinha escutado os comentários descuidados da polícia a seu respeito.

Para eles, ela era fria e esnobe, condescendente, estranha. Então foi isso que ele imaginou que iria encontrar.

— Entre e sente-se — disse-lhe ela quando ele pronunciou seu nome.

Ao ouvir a palavra Salmon, os olhos dela haviam se transformado de portas fechadas em portas abertas — quartos escuros onde ele queria ser o primeiro a entrar.

Ele quase perdeu o equilíbrio quando ela o conduziu até o pequeno vestíbulo da casa deles. Havia livros pelo chão com as lombadas para cima.

Eram três fileiras a partir da parede. Ela vestia um sári amarelo e o que pareciam ser calças capri de lamê dourado por baixo. Estava descalça.

Caminhou sem fazer barulho pelo carpete e parou perto do sofá.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ela, e ele assentiu.

— Quente ou frio?

— Quente.

Enquanto ela desaparecia em um cômodo que ele não conseguia ver, ele se sentou no sofá quadriculado marrom. As janelas na sua frente debaixo das quais os livros estavam arrumados estavam cobertas por longas cortinas de musselina, que a forte luz do dia lá fora tinha de lutar para atravessar. Ele se sentiu de repente muito confortável, quase perto de se esquecer por que naquela manhã tinha verificado duas vezes o endereço dos Singh.

Algum tempo depois, enquanto meu pai pensava em como estava cansado e em como tinha prometido à minha mãe buscar uma roupa que estava há tempos na tinturaria, a sra. Singh voltou com chá em uma bandeja e a colocou na frente dele no carpete.

— Desculpe, mas não temos muitos móveis. O sr. Singh ainda está procurando emprego.

Ela foi até um cômodo contíguo e trouxe de volta uma almofada roxa para se sentar, que pôs no chão para ficar de frente para ele.

— O sr. Singh é professor? — perguntou meu pai, embora já soubesse isso, embora soubesse mais coisas do que gostaria sobre aquela bela mulher e sua casa pouco mobiliada.

— É — disse ela, e serviu o chá. A sala estava silenciosa. Ela lhe estendeu uma xícara, e enquanto ele aceitava disse: — O Ray estava com ele no dia que sua filha foi morta.

Ele sentiu vontade de se perder dentro dela.

— Deve ter sido por isso que o senhor veio aqui — continuou ela.

— Foi — disse ele. — Quero falar com ele.

— Ele está no colégio agora — disse ela. — O senhor sabe disso. — Suas pernas vestidas com as calças douradas estavam encolhidas ao lado do corpo. As unhas de seus pés estavam compridas e sem esmalte, sua superfície deformada por anos de dança.

— Eu queria passar aqui e dizer à senhora que não desejo mal a ele — disse meu pai. Eu olhava para ele. Nunca o tinha visto daquele

jeito antes. As palavras saíam de sua boca como fardos de que estivesse se libertando, verbos e substantivos encalhados, mas ele olhava para os pés dela dobrando-se em cima do tapete bege e para o modo como uma poça de luz filtrada tocava sua bochecha direita.

— Ele não fez nada de errado e amava a sua filha. Uma paixão de estudante, mas mesmo assim uma paixão.

Paixões de estudante aconteciam o tempo todo com a mãe de Ray. O adolescente que entregava o jornal parava sua bicicleta, esperando que ela esse perto da porta quando ouvisse o som do Philadelphia Inquirer saindo na varanda. Esperando que ela saísse e, se saísse, que acenasse para ele. Ela sequer precisava sorrir, e raramente sorria fora de casa — eram seus olhos, seu porte de bailarina, a maneira como parecia pensar em cada movimento de seu corpo.

Quando a polícia veio, entrou no hall escuro em busca de um assassino, mas antes de Ray aparecer no alto da escada, Ruana os tinha intrigado tanto que eles estavam concordando em tomar chá e sentar-se em almofadas de seda. Esperavam que ela caísse nas teias da conversa na qual se fiavam ao falar com qualquer mulher bonita, mas ela só ia ficando mais ereta enquanto eles tentavam com cada vez mais afinco cair em suas graças, e ficou de pé ao lado da janela enquanto interrogavam seu filho.

— Fico feliz pela Susie ter tido um menino legal para gostar dela — disse meu pai. — Vou agradecer a seu filho por isso.

Ela sorriu sem mostrar os dentes.

— Ele escreveu um bilhete de amor para ela — disse ele.

— Foi.

— Eu gostaria de ter sabido o que ia acontecer para fazer a mesma coisa — disse ele. — Dizer a ela que a amava, no último dia.

— É.

— Mas o seu filho fez isso.

— Foi.

Ficaram se encarando por um instante.

— A senhora deve ter enlouquecido os policiais — disse ele, e sorriu mais para si mesmo do que para ela.

— Eles vieram acusar o Ray — disse ela. — Eu não estava preocupada com o que pensavam de mim.

— Imagino que está sendo difícil para ele — disse meu pai.

— Não, eu não vou permitir isso — disse ela, séria, e tornou a pôr a xícara na bandeja. — O senhor não pode ter pena do Ray nem de nós.

Meu pai tentou gaguejar uma reação. Ela levantou a mão.

— O senhor perdeu uma filha e veio aqui por algum motivo. Vou conceder isso ao senhor, e só isso, mas tentar entender nossas vidas, não.

— Eu não quis ofender — disse ele. — Eu só. .

A mão se levantou de novo.

— O Ray vai chegar em casa daqui a vinte minutos. Eu vou falar com ele primeiro para prepará-lo, depois o senhor pode falar com o meu filho sobre a sua filha.

— O que foi que eu disse?

— Eu gosto do fato de não termos muita mobília. Assim posso pensar que um dia podemos fazer as malas e ir embora.

— Eu espero que fiquem — disse meu pai. Disse isso porque tinha sido ensinado a ser educado desde pequeno, uma educação que me transmitiu, mas também o disse porque parte dele queria mais dela, daquela mulher fria que não era exatamente fria, daquela rocha que não era de pedra.

— Com toda educação — disse ela —, o senhor nem me conhece. Vamos esperar pelo Ray juntos.

Meu pai tinha saído de casa no meio de uma briga entre Lindsey e minha mãe. Minha mãe estava tentando convencer Lindsey a ir com ela nadar.

Sem pensar, Lindsey gritou: — Prefiro morrer! — com toda força. Meu pai viu minha mãe congelar, depois explodir, fugindo para o quarto para chorar atrás da porta. Em silêncio, guardou o caderno de anotações no bolso, pegou as chaves do carro penduradas perto da porta dos fundos, e saiu de fininho.

Naqueles dois primeiros meses, minha mãe e meu pai se moviam em direções opostas. Um ficava em casa, o outro saía. Meu pai adormecia na cadeira verde de seu quartinho e, quando acordava, se esgueirava com cuidado até o quarto e entrava na cama. Se minha mãe tivesse pegado a maior parte dos lençóis ele dormia sem se cobrir, com o corpo em posição fetal, pronto para dar um pulo a qualquer momento, pronto para qualquer coisa.

— Eu sei quem a matou — ele se viu dizendo para Ruana Singh.

— O senhor contou para a polícia?

— Contei.

— O que eles disseram?

— Disseram que por enquanto nada a não ser a minha suspeita liga homem ao crime.

— A suspeita de um pai.. — começou ela.

— Tem tanto poder quanto o instinto de uma mãe.

Dessa vez ela sorriu mostrando os dentes.

— Ele vive nas redondezas.

— O que o senhor está fazendo?

— Investigando todas as pistas — disse meu pai, e enquanto falava percebeu como aquilo soava.

— E o meu filho...

— E uma pista.

— Talvez o outro homem assuste demais o senhor.

— Mas eu preciso fazer alguma coisa — protestou ele.

— Aqui vamos nós de novo, sr. Salmon — disse ela. — O senhor está me entendendo mal. Não estou dizendo que está fazendo a coisa errada vindo aqui. É a coisa certa, de certo modo. O senhor

quer encontrar alguma coisa macia, alguma coisa quente em tudo isso. Sua busca trouxe o senhor até aqui. Isso é bom. Só estou preocupada que também seja bom para o meu filho.

— Não quero causar nenhum problema.

— Qual é o nome do homem?

— George Harvey. — Era a primeira vez que ele dizia o nome em voz alta para alguém a não ser Len Fenerman.

Ela ficou calada e se pôs de pé. Virando-lhe as costas, caminhou até a primeira janela, depois até a outra, e afastou as cortinas. O dia tinha a cor de depois do colégio que ela tanto adorava. Ela olhou para a rua esperando ver Ray.

— O Ray já vai chegar. Vou encontrá-lo na rua. Se me dá licença, sr.Salmon, preciso vestir o casaco e calçar as botas. — Ela fez uma pausa.

— Sr.Salmon — disse —, eu faria exatamente o que o senhor está fazendo: falaria com todo mundo que precisasse, não diria o nome dele a muitas pessoas. Quando tivesse certeza — disse ela — encontraria um jeito discreto e o mataria.

Ele podia ouvi-la no hall de entrada, o ruído metálico de cabides enquanto ela pegava o casaco. Alguns minutos depois, a porta foi aberta e fechada. Uma brisa fria entrou de fora e então, na rua, ele pôde ver uma mãe cumprimentando o filho. Nenhum dos dois sorriu. Suas cabeças estavam baixas. Suas bocas se moviam. Ray tentava entender o fato de que meu pai estava esperando dentro da sua casa.

No início minha mãe e eu pensamos que só o óbvio distinguia Len Fenerman do resto da força policial. Ele era mais baixo do que os enormes homens uniformizados que geralmente o acompanhavam.

Depois havia também os traços menos óbvios — o modo como ele muitas vezes parecia estar pensando consigo mesmo, sua falta de queda por ser engraçado ou tentar ser algo além de sério quando

falava sobre mim e sobre as circunstancias do caso. Mas conversando com minha mãe Len Fenerman havia se revelado tal como era: um otimista. Ele acreditava que meu assassino seria pego.

— Talvez não hoje nem amanhã — disse ele a minha mãe —, mas um dia ele vai fazer alguma coisa incontrolável. Eles são descontrolados demais em seus hábitos para não fazer isso.

Minha mãe precisou fazer sala para Len Fenerman até meu pai voltar da casa dos Singh. Na mesa da sala íntima os lápis de cera de Buckley estavam espalhados em cima do papel de pão que minha mãe tinha estendido. Buckley e Nate tinham desenhado até suas cabeças começarem a despencar como flores pesadas, e minha mãe os tinha colhido no colo, primeiro um depois o outro, e os deitado no sofá.

Estavam ali dormindo, um de cada lado, com os pés quase chegando na metade do sofá.

Len Fenerman era cuidadoso o bastante para falar em voz baixa, mas minha mãe reparou que ele não era fã de crianças. Ele a viu pegar os dois meninos no colo, mas não se levantou para ajudar nem comentar sobre eles como outros policiais sempre faziam, definindo-a por seus filhos, tanto os vivos quanto os mortos.

— O Jack quer falar com o senhor — disse minha mãe. — Mas tenho certeza de que está ocupado demais para esperar.

— Não estou não.

Vi uma mecha preta de seus cabelos escapar de trás da orelha onde ela os tinha prendido. Aquilo suavizava seu rosto. Vi Len prestar atenção também.

— Ele foi até a casa daquele coitado do Ray Singh — disse ela, e recolocou a mecha caída no lugar.

— Lamento termos tido de interrogá-lo — disse Len.

— E — disse ela. — Nenhum menino é capaz de.. — Ela não conseguiu dizer, e ele não a obrigou.

— O álibi dele era sólido.

Minha mãe pegou um lápis de cera de cima do papel.

Len Fenerman ficou vendo minha mãe desenhar bonecos e cachorros de palito. Buckley e Nate faziam barulhinhos enquanto dormiam no sofá.

Meu irmão se encolheu em posição fetal e um segundo depois pôs o polegar na boca para chupar. Era uma mania que minha mãe tinha dito que precisávamos ajudá-lo a abandonar. Agora ela invejava aquela paz tão fácil.

— A senhora me lembra a minha mulher — disse Len depois de um longo silêncio durante o qual minha mãe tinha desenhado um poodle laranja e o que parecia ser um cavalo azul submetido a um tratamento de choques elétricos.

— Ela também não sabe desenhar?

— Ela não falava muito quando não tinha nada para dizer.

Passaram-se mais alguns minutos. Uma bola amarela de sol. Uma casa marrom com flores do lado de fora — cor-de-rosa, azuis, roxas.

— O senhor falou no passado. Ambos ouviram a porta da garagem.

— Ela morreu logo depois de nos casarmos — disse ele.

— Papai! — gritou Buckley dando um pulo, esquecendo-se de Nate e de todos os outros.

— Sinto muito — disse ela a Len.

— Eu também — disse ele —, pela Susie. De verdade.

No hall dos fundos, meu pai cumprimentou Buckley e Nate efusivamente e gritando "Oxigênio!" como sempre fazia quando nós o soterrávamos depois de um dia longo. Mesmo que soasse falso, animar-se para meu irmão era geralmente a parte preferida de seu dia. Minha mãe ficou olhando para Len Fenerman enquanto meu pai ia dos fundos da casa até a sala íntima. Corra para a pia, eu queria dizer a ela, olhe no ralo e para dentro da terra. Eu estou lá embaixo esperando; estou aqui em cima olhando.

Len Fenerman tinha sido o primeiro a pedir para minha mãe minha foto de colégio quando a polícia pensava que eu poderia ser encontrada viva.

Em sua carteira estava minha foto, junto com outras. Entre aquelas crianças mortas havia uma foto de sua mulher. Se um caso tivesse sido resolvido, ele tinha escrito a data da solução no verso da foto. Se o caso ainda estivesse em aberto — na cabeça dele, quando não nas fichas oficiais da polícia — o verso estava em branco. Não tinha nada escrito no verso da minha foto. Não tinha nada escrito no verso da foto da mulher dele.

— Len, como vai? — perguntou meu pai. Holiday se levantou e ficou pulando de um lado para o outro para meu pai fazer festa nele.

— Soube que foi visitar o Ray Singh — disse Len.

— Meninos, porque vocês não vão brincar no quarto do Buckley? — sugeriu minha mãe. — O inspetor Fenerman e o papai precisam conversar.

Capítulo 7

Está vendo ela? — perguntou Buckley para Nate enquanto subiam as escadas, com Holiday atrás. — É a minha irmã.

— Não. — disse Nate.

— Ela foi embora por um tempo, mas agora voltou. Corrida!

E os três — dois meninos e um cachorro — subiram correndo o resto da grande curva da escada.

Eu nunca sequer tinha me permitido ter saudades de Buckley, com medo de que ele pudesse ver minha imagem em um espelho ou na tampa de uma garrafa. Como todo mundo, eu estava tentando protegê-lo.

— Ele é novo demais — disse eu para Franny.

— De onde você acha que vêm os amigos imaginários? — disse ela.

Durante alguns minutos, os dois meninos ficaram sentados debaixo do decalque emoldurado de um túmulo, do lado de fora do quarto dos meus pais. Era o túmulo de um cemitério londrino. Minha mãe tinha contado para Lindsey e eu a história de como meu pai e ela queriam coisas para pendurar nas paredes e uma velha que conheceram durante a lua de mel tinha lhes ensinado a fazer decalques de túmulos. Depois dos meus 9 anos a maioria dos decalques tinha sido guardada no porão, e os espaços em nossas paredes suburbanas tinham sido ocupados por gravuras abstratas brilhantes que pretendiam estimular as crianças. Mas Lindsey e eu

adorávamos os decalques de túmulos, especialmente aquele debaixo do qual Nate e Buckley estavam sentados naquela tarde.

Lindsey e eu costumávamos nos deitar no chão debaixo dele. Eu fingia ter o cavaleiro retratado, e Holiday era o cão fiel deitado a seus pés.

Lindsey era a mulher que ele tinha deixado. Por mais sério que fosse o início, a brincadeira sempre terminava em risos. Lindsey dizia ao cavaleiro morto que uma mulher precisava tocar a vida, que ela não podia ficar presa pelo resto da existência a um homem congelado no tempo. Eu fingia exaltação e raiva, mas nunca por muito tempo. Ela acabava descrevendo seu novo imante: o açougueiro gordo que lhe dava pedaços de carne de primeira, o ágil ferreiro que lhe fazia ganchos.

— Você está morto, cavaleiro — dizia ela. — É hora de tocar a vida.

— Ontem à noite ela entrou aqui e beijou a minha bochecha — disse Buckley.

— Beijou nada.

— Beijou sim.

— Foi?

— Foi.

— Você contou para a sua mãe?

— É segredo — disse Buckley. — A Susie me disse que ainda não está preparada para falar com eles. Quer ver outra coisa?

— Claro — disse Nate.

Os dois se levantaram e foram para o lado da casa reservado às crianças, deixando Holiday adormecido debaixo do decalque do túmulo.

— Vem ver — disse Buckley.

Estavam no meu quarto. O retrato da minha mãe tinha sido levado por Lindsey. Depois de pensar um pouco, ela tinha voltado para pegar o broche "Hippy-Dippy Diz Amor" também.

— O quarto da Susie — disse Nate.

Buckley levou o dedo aos lábios. Tinha visto minha mãe fazer isso quando queria que ficássemos quietos, e agora queria o mesmo de Nate.

Ele se deitou de bruços e acenou para Nate se deitar também, e eles se arrastaram como Holiday para debaixo da pilha de poeira que era minha cama até meu esconderijo secreto.

No material esticado na parte de baixo do colchão tinha um buraco, e lá dentro coisas que eu não queria que ninguém visse. Eu precisava proteger o buraco de Holiday ou ele ficava arranhando para tentar soltar os objetos. Foi exatamente o que aconteceu vinte e quatro horas depois de eu sumir. Meus pais tinham vasculhado meu quarto à procura de um bilhete que explicasse meu sumiço e deixado a porta aberta. Holiday tinha levado embora as balas que eu guardava lá dentro. Espalhados debaixo da minha cama estavam os objetos que eu tinha escondido, e um deles só Buckley e Nate poderiam reconhecer. Buckley desenrolou um velho lenço do meu pai e ali estava ele: o graveto manchado de sangue.

No ano anterior, Buckley, então com 3 anos, tinha engolido o graveto.

Nate e ele estavam enfiando pedras dentro de seus narizes no nosso quintal dos fundos, mas Buckley tinha encontrado um pequeno graveto debaixo do carvalho em que minha mãe amarrava uma das pontas do varal. Pôs o galho na boca como um cigarro. Eu o via do telhado do lado de fora do meu quarto, onde estava sentada pintando as unhas dos pés com o Glitter Magenta da Clarissa e lendo a Seventeen.

Eu sempre era incumbida da tarefa de vigiar o irmão menor. Lindsey não era considerada grande o suficiente. Além disso, era um cérebro em expansão, o que queria dizer que tinha liberdade para fazer coisas como passar aquela tarde de verão fazendo desenhos

detalhados do olho de uma mosca em um papel milimetrado com sua caixa de cento e trinta lápis de cor.

Não estava calor demais lá fora e era verão, e eu ia passar o tempo confinada em casa me embelezando. Tinha começado o dia tomando banho, lavando os cabelos e tomando banho de vapor. No telhado, me sequei ao vento e passei laquê.

Tinha aplicado duas camadas de Glitter Magenta quando uma mosca pousou no aplicador do esmalte. Ouvi Nate fazer barulhos de provocação e ameaça, e olhei para a mosca com os olhos apertados tentando distinguir rodos os quadrantes de seus olhos que Lindsey estava colorindo dentro de casa. Uma brisa soprou, fazendo meus pedaços de unha cortada voarem rara cima das minhas coxas.

— Susie! Susie! — Nate estava gritando.

Olhei para baixo e vi Buckley no chão.

Era sobre esse dia que eu sempre contava a Holly quando falávamos sobre salvamento. Eu acreditava que fosse possível; ela não.

Passei as pernas para o outro lado e desci pela minha janela aberta, com um dos pés aterrissando em cima do banquinho de costura e o outro imediatamente na frente do primeiro em cima do tapete trançado e depois caindo de joelhos e me levantando como uma atleta. Desci o corredor a toda e deslizei corrimão abaixo como tínhamos sido proibidos de fazer. Gritei o nome de Lindsey e depois me esqueci dela, corri para o quintal dos fundos passando pela varanda fechada com tela e pulei por cima da mureta do cachorro até o carvalho.

Buckley estava sufocando, seu corpo dava pinotes, e eu o carreguei com Nate atrás até a garagem, onde o precioso Mustang do meu pai ficava estacionado. Eu tinha visto meus pais dirigindo, e minha mãe tinha me mostrado como passar um carro hidramático da posição neutra para a posição de ré. Pus Buckley no banco de trás e peguei as chaves dentro do vaso de barro vazio em que meu pai

escondia. Dirigi até o hospital acima do limite de velocidade o tempo todo.

Queimei o freio de mão, mas ninguém pareceu se importar com isso.

— Se ela não estivesse lá — disse o médico mais tarde para minha mãe —a senhora teria perdido seu menininho.

Vovó Lynn previu que eu teria uma vida longa por ter salvado a do meu irmão. Como sempre, vovó Lynn estava errada.

— Uau — disse Nate, segurando o graveto, maravilhado ao ver como com o tempo o sangue vermelho ficava preto.

— É — disse Buckley. Seu estômago se revirou com a lembrança.

Lembrança da imensa dor que ele tinha sentido, de como os rostos dos adultos mudavam em volta dele na imensa cama de hospital. Ele só os tinha visto tão sérios uma outra vez. Mas enquanto no hospital seus olhos estavam preocupados e depois não estavam mais, atravessados por tanta luz e alívio a ponto de contagiá-lo, agora os olhos dos nossos pais tinham se apagado e nunca mais voltado.

Senti-me fraca no céu naquele dia. Inclinei-me para trás no mirante e meus olhos se abriram. Estava escuro, e na minha frente havia um grande prédio em que eu nunca tinha entrado.

Eu tinha lido James e o pêssego gigante quando era pequena. O prédio parecia a casa de seus tios. Enorme, escuro e vitoriano. Tinha um belvedere. Durante um instante, enquanto meus olhos se acostumavam com a escuridão, pensei ver uma longa fila de mulheres no belvedere apontando para mim. Mas um segundo depois vi outra coisa. Eram corvos alinhados, com os bicos segurando gravetos tortos. Quando me levantei para voltar para o duplex, eles levantaram voo e me seguiram. Será que meu irmão tinha realmente me visto de alguma maneira, ou será que ele era apenas um menininho contando lindas mentiras?

Capítulo 8

Durante três meses, o sr. Harvey sonhou com edifícios. Via um pedaço da Iugoslávia no ponto onde palafitas de telhado de sapê davam lugar a torrentes furiosas de água por baixo. Lá em cima havia céus azuis. Margeando os fiordes no vale escondido da Noruega, via igrejas de rapas, cuja madeira havia sido esculpida por construtores navais vikings. Dragões e heróis locais feitos de madeira.

Mas havia um edifício, da Vologda, com o qual ele sonhava mais: a Igreja da Transfiguração. E foi esse sonho — seu preferido — que ele teve na noite do meu assassinato e nas noites seguintes antes de os outros voltarem. Os sonhos não-parados — sonhos com mulheres e crianças.

Eu podia ver bem lá para trás o sr. Harvey no colo da mãe, olhando para uma mesa coberta com pedaços de vidro colorido. Seu pai os separava em pilhas nas segundo o formato e o tamanho, a profundidade e o peso.

Os olhos de joalheiro de seu pai olhavam fundo cada peça à procura de rachaduras e defeitos. E George Harvey voltava sua atenção para a única joia pendurada no pescoço de sua mãe, uma grande peça de âmbar oval emoldurada de prata, dentro da qual havia uma mosca inteira e perfeita.

"Construtor" era tudo o que o sr. Harvey dizia quando era pequeno.

Depois parou de responder à pergunta sobre o que seu pai fazia. Como podia dizer que ele trabalhava no deserto, e que construía cabanas feitas de vidro quebrado e madeira velha? Ele fazia sermões para George Harvey sobre de que era feito um bom prédio, sobre como ter certeza de que se estava construindo uma coisa que iria durar.

Então eram os velhos cadernos de desenho do pai que o sr. Harvev olhava quando os sonhos não-parados voltavam. Ele se impregnava de imagens de outros lugares e outros mundos, tentando amar o que não amava. E depois começava a ter sonhos com sua mãe da última vez que a tinha visto, correndo por um campo ao lado da estrada. Ela estava de branco. Calça capri branca e suéter branco justo de gola canoa, e seu pai e ela tinham brigado pela última vez no carro, quente, parado na frente de *Truth or Consequences,* no Novo México. Ele a tinha forçado a sair do carro. George Harvey ficou sentado imóvel no banco de trás, de olhos arregalados, com tanto medo quanto uma pedra, olhando aquilo como olhava tudo àquela altura — em câmera lenta. Ela corria sem parar, seu corpo branco magro e frágil desaparecendo, enquanto o filho se agarrava ao colar de âmbar que ela havia arrancado do pescoço para lhe entregar. Seu pai olhava a estrada.

— Ela foi embora agora, filho — disse ele. — Não vai mais voltar.

Capítulo 9

Minha avó chegou na véspera da minha homenagem com seu estilo habitual. Ela gostava de alugar limusines e chegar do aeroporto bebendo champanhe vestida com o que chamava de seu "grosso e maravilhoso animal" — um *mink* comprado de segunda mão no bazar da igreja. Meus pais não a tinham exatamente convidado, mas sim a incluído na lista, caso ela quisesse comparecer. No final de janeiro, o diretor Caden tinha inventado a ideia. "Vai ser bom para seus filhos e para os alunos do colégio", disse ele. Encarregou-se de organizar o evento na nossa igreja. Meus pais pareciam sonâmbulos dizendo sim às perguntas dele, concordando com flores ou alto-falantes. Quando minha mãe comentou a respeito no telefone com sua mãe, ficou surpresa ao ouvir as palavras: — Eu vou.

— Mas você não precisa vir, mãe.

Houve um silêncio do lado da minha avó.

— Abigail — disse ela —, estamos falando do funeral da Susan.

Vovó Lynn envergonhava minha mãe insistindo em usar seus casacos de pele de segunda mão para dar a volta no quarteirão e por ter certa vez ido a uma festa do bairro muito maquiada. Ficava fazendo perguntas à minha mãe até saber quem era todo mundo, se minha mãe tinha visto sua casa por dentro, qual era a profissão do marido, que carro tinham.

Ela construía um sólido catálogo dos vizinhos. Agora eu percebia que era um jeito de tentar entender a filha. Um cerco equivocado, uma dança sem par.

— Jacky — disse minha avó chegando perto dos meus pais na varanda da frente —, precisamos de bebidas fortes! — Ela então viu Lindsey, tentando se esgueirar para o andar de cima e ganhar mais alguns minutos antes da visita obrigatória. — As crianças me odeiam — disse vovó Lynn. Tinha um sorriso congelado de dentes perfeitos e brancos.

— Mãe — disse minha mãe. E eu queria me jogar dentro daqueles olhos de oceano de perda. — Tenho certeza de que Lindsey está só indo se arrumar para ficar apresentável.

— Coisa impossível nesta casa! — disse minha avó.

— Lynn — disse meu pai —, esta casa está diferente da última vez em que veio aqui. Vou pegar uma bebida para você, mas peço a você para respeitar isso.

— Ainda lindo como sempre, Jack — disse minha avó.

Minha mãe pegou o casaco da minha avó. Holiday estava trancado no quartinho do meu pai desde que Buckley tinha gritado de seu posto de observação na janela de cima: — É a vovó! — Meu irmão se gabava para Nate e para qualquer outra pessoa disposta a ouvir que sua avó tinha os maiores carros do mundo todo.

— Você está linda, mãe — disse minha mãe.

— Huuuummm. — Enquanto meu pai estava longe, minha avó disse: — Como ele está?

— Estamos todos aguentando, mas é difícil.

— Ele ainda está resmungando que foi aquele homem?

— Ele ainda acha isso, sim.

— Vocês vão ser processados, sabem — disse ela.

— Ele não contou para ninguém a não ser para a polícia.

O que elas não podiam ver era que minha irmã estava sentada acima delas no último degrau.

— E não deveria contar. Entendo que ele precise culpar alguém, mas...

— Lynn, uísque com soda ou martini? — perguntou meu pai aparecendo de novo no hall.

— O que você vai tomar?

— Na verdade não estou bebendo ultimamente — disse meu pai.

— É esse o seu problema. Vou dar o exemplo. Ninguém precisa me dizer onde ficam as bebidas!

Sem seu animal grosso e maravilhoso, minha avó era magérrima.

— Esfomeada — era o que ela tinha dito ao me aconselhar quando eu tinha 11 anos. — Você precisa ficar esfomeada, querida, antes de acumular gordura por muito tempo. Gordura infantil é só mais um sinônimo de feiura. — Ela e minha mãe tinham brigado sobre eu ter ou não idade suficiente para tomar benzedrina — sua salvadora particular, dizia ela: "Estou oferecendo à sua filha minha salvadora particular e você está proibindo?"

Quando eu era viva, tudo que minha avó fazia era ruim. Mas naquele dia uma coisa estranha aconteceu quando ela chegou em sua limusine alugada, abriu nossa casa e entrou como um furacão. Com todos os seus ridículos enfeites, ela estava trazendo a luz de volta.

— Você precisa de ajuda, Abigail — disse minha avó depois de ter comido a primeira refeição de verdade que minha mãe preparava desde o meu desaparecimento. Minha mãe ficou pasmada. Tinha calçado suas luvas azuis de borracha, enchido a pia de água com sabão, e estava se preparando para lavar a louça toda. Lindsey secaria. Sua mãe, imaginava ela, chamaria Jack para lhe servir um digestivo.

— Mãe, que gentil da sua parte.

— Não é nada — disse ela. — Vou só correr até o hall e pegar minha bolsa mágica.

— Ah, não — ouvi minha mãe dizer entre os dentes.

— Ah, sim, a bolsa mágica — disse Lindsey, que não tinha dito nada durante toda a refeição.

— Mãe, por favor! — protestou minha mãe quando vovó Lynn voltou.

— Muito bem, crianças, limpem a mesa e tragam sua mãe aqui. Vou fazer uma maquiagem.

— Mãe, isso é loucura. Tenho toda esta louça para lavar.

— Abigail — disse meu pai.

— Ah, não. Ela pode fazer você beber, mas não vai chegar perto de mim com esses instrumentos de tortura.

— Eu não estou bêbado — disse ele.

— Você está sorrindo — disse minha mãe.

— Processe ele então — disse vovó Lynn. — Buckley, pegue sua mãe pela mão e arraste ela até aqui. — Meu irmão obedeceu. Era engraçado ver sua mãe receber ordens e ser obrigada.

— Vovó Lynn? — perguntou Lindsey timidamente.

Minha mãe estava sendo conduzida por Buckley até uma cadeira da cozinha que minha avó tinha virado na sua direção.

— O que é?

— Você pode me ensinar a me maquiar?

— Meu Deus do céu, Deus seja louvado, posso! Minha mãe se sentou e Buckley subiu em seu colo.

— Qual o problema, mamãe?

— Você está rindo, Abbie? — Meu pai sorriu.

E ela estava. Estava rindo e estava chorando também.

— A Susie era uma boa menina, querida — disse vovó Lynn. — Igual a você. — Não houve intervalo. — Agora levante o queixo e deixe eu ver essas bolsas debaixo dos seus olhos.

Buckley desceu e foi para uma cadeira.

— Isso é um *curvex*, Lindsey — explicou minha avó. — Eu ensinei tudo isso a sua mãe.

— A Clarissa usa isso — disse Lindsey.

Minha avó ajeitou as almofadas de borracha do curvex dos dois lados dos cílios da minha mãe, e minha mãe, conhecendo o ritual, olhou para cima.

— Você falou com a Clarissa? — perguntou meu pai.

— Na verdade não — disse Lindsey. — Ela está andando direto com o Brian Nelson. Eles matam aula suficiente para pegar uma suspensão de três dias.

— Não espero isso da Clarissa — disse meu pai. — Ela pode não ter sido nenhuma santinha, mas nunca foi uma delinquente.

— Quando encontrei com ela, ela estava cheirando a maconha.

— Espero que você não esteja entrando nessa — disse vovó Lynn. Ela terminou o resto de seu uísque com soda e bateu o copo longo na mesa.

— Então, está vendo, Lindsey, está vendo como quando os cílios estão curvados isso aumenta os olhos da sua mãe?

Lindsey tentou imaginar os próprios cílios, mas em vez disso viu os cílios louros de Samuel Heckler enquanto seu rosto se aproximava do dela para um beijo. Suas pupilas se dilataram, pulsando, diminuindo e aumentando como pequenas e ferozes azeitonas.

— Estou chocada — disse vovó Lynn, e pôs as mãos nas cadeiras, uma das quais ainda presa no cabo torto do curvex.

— Que foi?

— Lindsey Salmon, você está namorando — anunciou minha avó para todos.

Meu pai sorriu.

De repente, ele estava gostando da vovó Lynn. Eu também estava.

— Estou nada — disse Lindsey.

Minha avó estava prestes a falar quando minha mãe sussurrou: — Está sim.

— Que bom, querida — disse minha avó —, você deveria ter um namorado. Assim que eu terminar sua mãe vou dar aquele

tratamento da vovó Lynn em você. Jack, prepare um aperitivo para mim.

— Aperitivo se bebe.. — começou minha mãe.

— Não me corrija, Abigail.

Minha avó ficou de porre. Ela fez Lindsey ficar igual a uma palhaça ou, como a própria vovó Lynn disse, uma "garota classe A". Meu pai ficou o que ela chamou de "bem bebinho". A coisa mais incrível foi que minha mãe foi para a cama e deixou a louça suja na pia.

Quando o resto da casa estava dormindo, Lindsey ficou na frente do espelho do banheiro, se olhando. Tirou um pouco do blush, secou os lábios e correu os dedos pelas partes inchadas, recém-depiladas de suas outrora fartas sobrancelhas. No espelho, viu algo diferente, e eu também vi: uma adulta capaz de se cuidar sozinha. Debaixo da maquiagem estava o rosto que ela sempre tinha conhecido como seu, até muito recentemente, quando tinha se transformado no rosto que fazia as outras pessoas se lembrarem de mim. Com lápis de olho e delineador, ela agora via, o contorno de seus olhos ficava mais marcado, e eles pareciam duas joias incrustadas em seu rosto, importadas de algum lugar distante onde as cores eram mais vivas do que as cores na nossa casa jamais tinham sido. Era verdade o que dizia nossa avó — a maquiagem ressaltava o azul de seus olhos. As sobrancelhas depiladas mudavam o formato de seu rosto. O blush realçava as cavidades debaixo de suas maçãs do rosto. ("Cavidades que poderiam ficar um pouco mais côncavas", comentou nossa avó.) E seus lábios — ela ficou treinando expressões faciais. Fez biquinho, beijou, deu um sorriso bem grande como se ela também tivesse um coquetel, olhou para baixo e fingiu rezar como uma boa menina, mas levantou um dos olhos para ver como ficava com cara de boazinha. Foi para a cama e dormiu de costas para não estragar seu novo rosto.

A sra. Bethel Utemeyer foi a única pessoa morta que minha irmã e eu jamais vimos. Ela se mudou com o filho para nossa área de

expansão quando eu tinha 6 anos e Lindsey 5.

Minha mãe disse que ela tinha perdido parte do cérebro e algumas vezes saía da casa do filho e não sabia onde estava. Muitas vezes ia parar no nosso quintal da frente, em pé debaixo do corniso olhando para a rua como se esperasse um ônibus. Minha mãe a sentava na cozinha e fazia chá para elas duas, e depois de acalmá-la telefonava para a casa de seu filho para avisar onde ela estava. Algumas vezes não tinha ninguém em casa e a sra. Utemeyer ficava sentada diante da mesa da nossa cozinha olhando para o centro de mesa durante horas. Quando chegávamos em casa do colégio, ela estava lá. Sorria para nós. Muitas vezes chamava Lindsey de "Natalie" e estendia a mão para tocar seus cabelos.

Quando ela morreu, seu filho incentivou minha mãe a levar Lindsey e eu ao enterro.

— Minha mãe parece ter um carinho especial pelas suas filhas — escreveu ele.

— Ela nem sabia o meu nome, mãe — reclamou Lindsey enquanto nossa mãe abotoava os intermináveis botões redondos da casaca dela. Outro presente pouco prático da vovó Lynn, pensou minha mãe.

— Pelo menos ela chamava você de alguma coisa — disse eu.

Era depois da Páscoa, e uma onda de calor de primavera tinha chegado naquela semana. Toda a neve do inverno, com exceção da mais teimosa, tinha sumido debaixo da terra, e no cemitério da igreja dos Utemeyer havia neve presa à base das lápides enquanto, ali perto, botões-de-ouro começavam a brotar.

A igreja dos Utemeyer era chique.

— Católicos classe alta — tinha dito meu pai no carro. Lindsey e eu achamos isso muito engraçado. Meu pai não queria ir, mas minha mãe estava tão grávida que não conseguia dirigir. Durante os últimos meses de sua gravidez de Buckley ela não coube atrás do volante. Sentia-se tão mal durante a maior parte do tempo que

evitávamos ficar perto dela por medo de sermos reduzidas a escravas.

Mas sua gravidez lhe permitia escapar daquilo de que Lindsey e eu não conseguíamos parar de falar durante semanas e com que fiquei sonhando durante muito tempo depois: ver o corpo. Eu podia dizer a meu pai e à minha mãe que não queria que isso acontecesse, mas o sr. Utemeyer abriu caminho para nós duas na hora de passar pelo caixão.

— Qual de vocês duas se chama Natalie? — perguntou ele. Ficamos encarando seu rosto. Apontei para Lindsey.

— Queria que você viesse se despedir — disse ele. Tinha o cheiro de um perfume mais doce do que o que minha mãe usava às vezes, e o ardor do perfume no meu nariz e meu sentimento de ser excluída me deram vontade de chorar. — Você pode vir também — disse ele para mim, estendendo as mãos para podermos entrar na nave uma de cada lado dele.

Aquilo não era a sra. Utemeyer. Era outra coisa. Mas também era a sra. Utemeyer. Tentei manter meus olhos fixos nos anéis de ouro brilhantes em seus dedos.

— Mãe — disse o sr. Utemeyer —, eu trouxe a menininha que você chama de Natalie.

Tanto Lindsey quanto eu reconhecemos mais tarde que esperávamos que a sra. Utemeyer falasse e tínhamos decidido, individualmente, que se ela falasse íamos nos agarrar uma à outra e sair correndo.

Mais um ou dois segundos cruciantes e estava terminado, e fomos liberadas para voltar para junto de nossa mãe e de nosso pai.

Não fiquei muito surpresa quando vi a sra. Bethel Utemeyer pela primeira vez no meu céu, nem fiquei chocada quando Holly e eu a vimos andando de mãos dadas com uma menininha loura que ela apresentou como sua filha, Natalie.

Na manhã da minha homenagem, Lindsey ficou no quarto pelo máximo de tempo possível. Não queria que minha mãe visse que ainda estava maquiada até ser tarde demais para fazê-la lavar o rosto. Ela também tinha dito a si mesma que não teria problema pegar um vestido do meu armário. Que eu não ligaria.

Mas foi esquisito ver aquilo.

Ela abriu a porta do meu quarto, uma câmara mortuária que em fevereiro estava sendo cada vez mais perturbada, embora ninguém, nem minha mãe, nem meu pai, nem Buckley, nem Lindsey confessasse ter entrado lá, nem ter pegado coisas que não tinha a intenção de devolver. Qualquer perturbação, mesmo que não fosse possível pôr a culpa em Holiday, era culpa dele.

Lindsey queria ficar bonita para Samuel. Abriu as portas duplas do meu armário e olhou a bagunça. Eu não era exatamente ordeira, então todas as vezes que minha mãe nos dizia para arrumar o quarto eu jogava o que quer que estivesse no chão ou em cima da cama dentro do armário.

Lindsey sempre queria as roupas que eu ganhava quando ainda eram novas, mas sempre ficava com elas de segunda mão.

— Nossa — disse ela, sussurrando na penumbra do meu armário. Com culpa e deleite, percebeu que tudo o que via na sua frente era agora dela.

— Oi? Toc toc — disse vovó Lynn.

Lindsey deu um pulo.

— Desculpe incomodar você, querida — disse ela. — Pensei que tinha ouvido você aqui.

Minha avó estava vestindo o que minha mãe chamava de um de seus vestidos Jackie Kennedy. Ela nunca tinha entendido por que, ao contrário de todas nós, sua mãe não tinha quadril — era capaz de caber dentro de um vestido de corte reto e preenchê-lo exatamente o suficiente, mesmo aos 62 anos, para que ficasse perfeito.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Lindsey.

— Preciso de ajuda com esse zíper. — Vovó Lynn se virou, e Lindsey rode ver o que nunca tinha visto em nossa mãe. A parte de trás do sutiã preto da vovó Lynn, o cós de sua anágua. Deu um ou dois passos que a separavam de nossa avó e, tentando não tocar em nada exceto no gancho do zíper, fechou o vestido.

— E esse colchete aí em cima? — disse vovó Lynn. — Pode fechar para mim?

Havia um cheiro de talco e Chanel n°5 espalhado por todo o pescoço de nossa avó.

— É um dos motivos para se ter um homem — é impossível fazer essas coisas sozinha.

Lindsey era da altura da nossa avó e ainda estava crescendo. Enquanto pegava uma metade do colchete em cada mão, viu os tênues fios de cabelos louros na base do crânio da nossa avó. Viu a penugem cinza que descia por suas costas e pescoço. Prendeu o vestido e depois ficou ali parada.

— Esqueci como ela era — disse Lindsey.

— O quê? — Vovó Lynn se virou.

— Não consigo me lembrar — disse Lindsey. — Quero dizer, o pescoço dela, sabe, será que algum dia eu olhei para ele?

— Ah, querida — disse vovó Lynn —, venha cá. — Ela abriu os braços, mas Lindsey se virou para dentro do armário.

— Preciso ficar bonita — disse ela.

— Você é bonita — disse vovó Lynn.

Lindsey ficou sem fôlego. Uma coisa que vovó Lynn nunca fazia era distribuir elogios. Quando eles vinham, eram uma preciosidade inesperada.

— Vamos encontrar uma bela roupa para você aqui — disse vovó Lynn andando em direção às minhas roupas. Ninguém era capaz de escolher uma roupa como vovó Lynn. Nas raras vezes em que ela nos visitava perto do começo das aulas,levava nós duas para fazer compras.

Ficávamos maravilhadas vendo seus dedos ágeis tocarem cabides como se fossem as teclas de um piano. De repente, hesitando só por um segundo, ela separava um vestido ou uma blusa e o levantava para vermos.

— O que acham? — perguntava ela. Era sempre perfeito.

Enquanto ela olhava minhas saias, blusas, calças e casacos, tirando-os do armário e colocando-os na frente do tórax da minha irmã, ela falava: — Sua mãe está péssima, Lindsey. Nunca a vi assim antes.

— Vovó.

— Quieta, estou pensando. — Ela levantou meu vestido de domingo r referido. Era de lã quadriculada escura e tinha uma gola Peter Pan. Eu gostava dele principalmente porque a saia era tão ampla que eu podia me sentar no banco da igreja de pernas cruzadas e fazer a barra ir até o chão.

— Mas onde ela comprou este saco? — perguntou minha avó. — Seu pai também está péssimo, mas está com raiva.

— Quem era aquele homem sobre quem você perguntou para a mamãe?

Ela retesou o corpo ao ouvir a pergunta.

— Que homem?

— Você perguntou para a mamãe se o papai ainda estava dizendo que tinha sido aquele homem. Que homem: — Pronto! — Vovó Lynn suspendeu um vestido curto azul-escuro que minha irmã nunca tinha visto. Era da Clarissa.

— E tão curto — disse Lindsey.

— Estou chocada com sua mãe — disse vovó Lynn. — Ela deixou a menina comprar uma roupa da moda!

Meu pai gritou do hall de entrada que esperava todo mundo lá embaixo em dez minutos.

Vovó Lynn entrou em ritmo de preparativos. Ajudou Lindsey a passar o vestido azul-escuro por cima da cabeça, depois as duas

voltaram correndo para o quarto de Lindsey para buscar sapatos,e depois,finalmente,no corredor, debaixo da luz de teto, ela consertou o delineador e o rimei borrados no rosto da minha irmã. Deu o toque final com pó compacto, passando o disco de algodão de leve de baixo para cima dos dois lados do rosto de Lindsey. Foi só quando minha avó desceu as escadas e minha mãe comentou sobre o comprimento do vestido de Lindsey enquanto olhava com desconfiança para minha avó que minha irmã e eu percebemos que vovó Lynn não tinha um pingo de maquiagem no rosto. Buckley viajou entre elas duas no banco de trás e, quando se aproximavam da igreja, olhou para vovó Lynn e perguntou o que ela estava fazendo.

— Quando não dá tempo de passar ruge, isso põe um pouco de vida nelas — disse ela, então Buckley a imitou e beliscou as próprias bochechas.

Samuel Heckler estava em pé junto aos postes de luz de pedra que margeavam o caminho até a porta da igreja. Vestia preto, e ao seu lado seu irmão mais velho, Hal, usava o casaco de couro surrado que Samuel tinha usado no dia de Natal.

O irmão de Samuel parecia uma cópia mais escura dele. Estava queimado de sol, e seu rosto estava marcado de tanto andar de motocicleta a toda velocidade por estradas rurais. Quando minha família se aproximou, Hal se virou depressa e se afastou.

— Este deve ser o Samuel — disse minha avó. — Eu sou a avó má.

— Vamos entrar? — disse meu pai. — Que bom ver você, Samuel.

Lindsey e Samuel foram na frente, enquanto minha avó ficava para trás e se punha do outro lado da minha mãe. Uma frente unida.

O inspetor Fenerman estava em pé perto da porta usando um terno que parecia ser do tipo que pinica. Acenou com a cabeça para meu pai e pareceu demorar os olhos na minha mãe.

— Quer entrar conosco? — perguntou meu pai.

— Obrigado — disse ele —, mas só quero ficar por perto.

— Nós agradecemos.

Eles entraram no vestíbulo lotado da nossa igreja. Eu queria subir pelas costas do meu pai, abraçar seu pescoço, sussurrar em seu ouvido, mas eu já estava ali em todos os poros e frestas.

Ele tinha acordado de ressaca e virado de lado para olhar a respiração curta da minha mãe no travesseiro. Sua linda mulher, sua linda menina.

Queria pôr a mão na bochecha dela, tirar o cabelo da frente de seu rosto, beijá-la — mas dormindo ela estava em paz. Não tinha havido um dia desde a minha morte em que chegar ao fim do dia não tivesse sido um tormento. Mas a verdade era que o dia da homenagem não foi dos piores. Pelo menos era honesto. Pelo menos era um dia organizado em torno daquilo que tanto os preocupava: a minha ausência. Hoje ele não precisaria fingir que estava voltando ao normal — o que quer que fosse normal. Hoje podia andar com a tristeza estampada no rosto, e Abigail também. Mas ele sabia que assim que acordasse não olharia direito para ela pelo resto do dia, não olharia realmente para dentro dela e veria a mulher que tinha conhecido antes do dia em que receberam a notícia da minha morte. Quase dois meses depois, a ideia daquilo como uma notícia estava se dispersando nos corações de todos com exceção da minha família — e de Ruth.

Ela foi com o pai. Estavam em pé no canto perto do armário de vidro que guardava um cálice usado durante a Guerra Revolucionária, quando a igreja tinha sido um hospital. O sr. e a sra. Dewitt estavam conversando com eles. Em casa, na sua escrivaninha, a sra. Dewitt tinha um poema de Ruth. Na segunda-feira ia mostrar o poema ao orientador educacional.

Era um poema sobre mim.

— Parece que minha mulher concorda com o diretor Caden — dizia o cai de Ruth —, que a homenagem vai ajudar a fazer as crianças aceitarem.

— O que o senhor achar — perguntou o sr. Dewitt.

— Acho que para a frente é que se anda e que temos de deixar a família em paz. Mas a Ruthie queria vir.

Ruth viu minha família cumprimentando pessoas e reparou com horror no novo visual da minha irmã. Ruth não acreditava em maquiagem.

Achava que aquilo diminuía as mulheres. Samuel Heckler segurava a mão de Lindsey. Uma palavra de suas leituras surgiu em sua mente: subjugação. Mas então eu a vi reparar em Hal Heckler do outro lado da janela. Ele estava em pé perto dos túmulos mais antigos da frente e fumava uma guimba de cigarro.

— Ruthie — perguntou seu pai —, o que é? Ela se espantou e olhou para ele.

— O que é o quê?

— Você estava olhando para o vazio um segundo atrás — disse ele.

— Gosto de olhar túmulos.

— Ah, menina, você é meu anjo — disse ele. — Vamos pegar um lugar antes de todos os bons ficarem ocupados.

Clarissa estava lá, com um Brian Nelson com cara de envergonhado vestindo um terno do pai. Ela se aproximou da minha família, e quando o diretor Caden e o sr. Botte a viram afastaram-se e a deixaram chegar perto.

Ela apertou a mão do meu pai primeiro.

— Oi, Clarissa — disse ele. — Tudo bem?

— Tudo — disse ela. — Tudo bem com o senhor e com a sra. Salmon?

— Estamos bem, Clarissa — disse ele. Que mentira estranha, pensei. — Quer sentar conosco no banco da família?

— Ahn — ela baixou os olhos para as mãos —, estou com meu namorado.

Minha mãe tinha entrado em uma espécie de transe e estava encarando o rosto de Clarissa. Clarissa estava viva e eu estava morta. Clarissa começou a sentir aquilo, aqueles olhos a perfurá-la, e sentiu vontade de sair dali. Então Clarissa viu o vestido.

— Ei — disse ela, estendendo o braço para minha irmã.

— O que foi, Clarissa? — interrompeu minha mãe.

— Ahn, nada — disse ela. Tornou a olhar para o vestido, sabendo que nunca mais poderia pedi-lo de volta.

— Abigail? — disse meu pai. Ele estava atento à sua voz, à sua raiva.

Alguma coisa estava acontecendo.

Vovó Lynn, que estava bem atrás da minha mãe, piscou para Clarissa.

— Eu só estava reparando em como a Lindsey está bonita — disse Clarissa.

Minha irmã corou.

As pessoas no vestíbulo começaram a se mexer e a se separar. Era o reverendo Strick, andando em direção a meus pais com suas vestes.

Clarissa se afastou para procurar Brian Nelson. Quando o encontrou, juntou-se a ele entre os túmulos.

Ray Singh ficou de fora. Despediu-se de mim do seu próprio jeito: olhando uma foto — meu retrato feito em estúdio — que eu tinha dado para ele naquele outono.

Olhou nos olhos daquela foto e viu através deles o fundo de camurça marmorizada na frente do qual todas as crianças tinham de sentar, debaixo de uma luz quente. O que significava morta? — perguntou Ray a si mesmo. Significava perdida, significava congelada, significava desaparecida. Ele sabia que ninguém era exatamente do jeito que aparecia nas fotos. Sabia que ele próprio não

era tão selvagem nem tão assustado quanto aparecia nas suas. Deu-se conta de uma coisa enquanto fitava minha foto — que aquela não era eu. Eu estava no ar à sua volta, estava nas manhãs frias que ele agora passava com Ruth, estava nos momentos silenciosos que passava sozinho no intervalo dos estudos. Eu era a menina que ele tinha escolhido beijar. Ele queria, de alguma maneira, me libertar. Não queria queimar minha foto nem jogá-la fora, mas também não queria mais olhar para mim.

Fiquei olhando para ele enquanto ele punha foto dentro de um dos imensos livros de poesia indiana dentro dos quais ele e a mãe tinham imprensado dúzias de frágeis flores que iam lentamente se transformando em pó. Na homenagem, disseram coisas legais a meu respeito. O reverendo Strick. O diretor Caden. A sra. Dewitt. Mas meu pai e minha mãe passaram a cerimônia toda anestesiados. Samuel ficava apertando a mão de Lindsey, mas ela não parecia perceber sua presença.

Mal piscava os olhos. Buckley estava sentado vestindo um pequeno terno emprestado para a cerimônia por Nate, que havia tido um casamento naquele ano. Ele se agitava e olhava meu pai. Foi vovó Lynn quem fez a coisa mais importante daquele dia.

Durante o último hino, enquanto minha família se punha de pé, ela se inclinou para Lindsey e sussurrou: — Perto da porta, é ele.

Lindsey olhou.

De pé logo atrás de Len Fenerman, que agora estava do lado de dentre da porta cantando junto com todo mundo, estava um homem do bairro Ele estava vestido mais casualmente do que qualquer outra pessoa, usando calças caqui debruadas de flanela e uma pesada camisa também de flanela. Durante um segundo, Lindsey pensou reconhecê-lo. Seus olhos se cruzaram. Então ela desmaiou.

Com toda a confusão gerada para socorrê-la, George Harvey se esgueirou entre as lápides da Guerra Revolucionária atrás da igreja e se afastou sem ser notado.

Capítulo 10

Todo ano, no Simpósio de Talentos estadual, os bons alunos da sexta à oitava série se reuniam em um retiro de quatro semanas para, como sempre achei, passear entre as árvores e ficar fazendo perguntas uns para os outros. Em volta da fogueira, cantavam oratórios em vez de canções populares. No chuveiro das meninas, elas desfaleciam pensando no físico de Jacques d'Amboise ou no lóbulo frontal de John Kenneth Galbraith.

Mas até os bons alunos tinham seus grupinhos. Eram os CDFs de Ciências e os Cabeções de Matemática. Eles formavam o degrau superior, o mais alto, embora um pouco deficiente socialmente, da escada dos bons alunos. Em seguida vinham os Cabeções de História, que conheciam a data de nascimento e morte de todos os personagens históricos de que qualquer um jamais tinha ouvido falar. Eles passavam pelos outros alunos do acampamento gritando datas enigmáticas, aparentemente insignificantes: "1769 a 1821", "1770 a 1831". Quando Lindsey passava pelos Cabeções de História, pensava as respostas consigo mesma. "Napoleão." "Hegel."

Tinha também os Mestres do Saber Misterioso. Todo mundo reclamava da presença deles entre os bons alunos. Esses eram os alunos capazes de Quebrar um aparelho e construí-lo de novo — sem precisar de diagramas nem instruções. Eles entendiam as coisas de um modo real, não-teórico. Pareciam não se importar com suas notas.

Samuel era um Mestre. Seus heróis eram Richard Feynman e o irmão, Hal. Hal tinha abandonado o colégio e agora dirigia a oficina de motocicletas perto do sumidouro, onde atendia a todo mundo, dos Hell's Angels aos idosos que dirigiam lambretas motorizadas pelos estacionamentos de seus asilos. Hal fumava,morava em cima da garagem dos Heckler e vivia uma série de histórias de amor nos fundos de sua oficina.

Quando as pessoas perguntavam a Hal quando ele ia crescer, ele dizia: — Nunca. — Inspirado por isso, quando os professores perguntavam a Samuel o que ele queria ser, ele dizia: — Não sei. Acabei de fazer 14 anos.

Com quase 15 anos agora, Ruth Connors sabia. Na casinha de ferramentas de alumínio atrás de sua casa, cercada pelas maçanetas e aparelhos que seu pai tinha encontrado em velhas casas listadas para demolição, Ruth ficava sentada no escuro e se concentrava até sair de lá com dor de cabeça. Corria para casa, passava pela sala de estar onde seu pai estava sentado lendo, e subia para o quarto, onde aos trancos escrevia seus poemas. "Ser Susie", "Depois da morte", "Em pedaços", "Ao lado dela agora", e seu preferido — aquele de que ela mais sentia orgulho e que levou consigo para o simpósio, dobrado e redobrado tantas vezes que as dobras pareciam cortes — "A borda do túmulo".

Ruth teve de ser levada até o simpósio de carro porque naquela manhã, quando o ônibus estava saindo, ainda estava em casa com uma crise aguda de gastrite. Estava tentando fazer regimes esquisitos só com legumes e na noite anterior tinha comido um repolho inteiro no jantar.

Sua mãe se recusava a respeitar o vegetarianismo que Ruth tinha passado a adotar depois da minha morte.

— Isso não é a Susie, pelo amor de Deus! — dizia sua mãe jogando um bife de dois centímetros de altura na frente da filha.

Seu pai a levou primeiro ao hospital às três da manhã e depois para o simpósio, parando em casa no meio do caminho para pegar a mala que sua mãe tinha feito e deixado no final do caminho que levava à garagem.

Enquanto o carro entrava no acampamento, Ruth percorria com os olhos a multidão de alunos enfileirados para receber crachás. Viu minha irmã no meio de um grupo de Mestres só de meninos. Lindsey tinha evitado pôr seu sobrenome no crachá, decidindo em vez disso desenhar um peixe. Assim não estava exatamente mentindo, mas esperava encontrar alguns alunos de colégios próximos que não conhecessem a história da minha morte ou que pelo menos não fossem ligá-la ao fato.

Durante toda a primavera, ela tinha usado o pingente com metade do ração partido enquanto Samuel usava a outra metade. Eles eram tímidos em relação a seu afeto um pelo outro. Não andavam de mãos dadas pelo corredor do colégio e não trocavam bilhetes. Almoçavam juntos; Samuel a levava em casa. No dia do seu aniversário de 14 anos, ele lhe levou um bolinho com uma vela em cima. Fora isso, diluíam-se no mundo dividido por gênero de seus pares.

Na manhã seguinte, Ruth acordou cedo. Como Lindsey, Ruth era uma estranha no ninho no acampamento dos bons alunos. Ela não pertencia a nenhum dos grupos. Tinha feito uma excursão pelo mato e recolhido plantas e animais que precisava ajudar a identificar. Quando não gostou das respostas fornecidas por um dos CDFs de Ciências, resolveu começar a batizar as plantas e flores sozinha. Fazia um desenho da folha ou do botão em sua agenda, depois

escrevia de que sexo pensava que fosse, e depois lhe dava um nome como —Jim" para uma planta de folha simples e "Pasha" para uma flor mais peluda.

Quando Lindsey entrou tropeçando no refeitório para jantar, Ruth estava na fila para uma segunda porção de ovos com salsicha. Tinha inventado toda uma história de não comer carne em casa e precisava respeitá-la, mas ali no simpósio ninguém sabia do juramento que tinha feito.

Ruth não falava com minha irmã desde antes de eu morrer,e quando falou foi só para se desculpar no corredor do colégio.Mas via Lindsey voltando para casa com Samuel, e a via sorrir com ele. Ficou olhando minha irmã dizer sim para as panquecas e não para todo o resto. Tentava imaginar a si própria sendo minha irmã como tinha imaginado ser eu.

Quando Lindsey caminhava às cegas para o último lugar da fila, Ruth intercedeu: — Para que é o peixe? — perguntou Ruth, balançando a cabeça em direção ao crachá da minha irmã. — Você é religiosa?

— Presta atenção na direção do peixe — disse Lindsey, desejando simultaneamente que servissem pudim de baunilha no café da manhã.

Combinariam perfeitamente com suas panquecas.

— Ruth Connors, poeta — disse Ruth apresentando-se.

— Lindsey — disse Lindsey.

— Salmon, né?

— Por favor, não — disse Lindsey, e por um segundo Ruth pôde experimentar a sensação de forma um pouco mais vivida — a sensação de passar por mim. Como as pessoas olhavam para Lindsey e imaginavam uma menina coberta de sangue.

Mesmo entre os bons alunos, que se distinguiam por fazerem as coisas de modo diferente, as pessoas se juntavam em pares durante os primeiros dias. Geralmente eram pares de meninos ou pares de

meninas — aos 14 anos poucos relacionamentos sérios tinham se formado — mas naquele ano houve uma exceção. Lindsey e Samuel.

"B-E-I-J-A-R!" piscava para eles onde quer que fossem. Sem ninguém para vigiá-los, e com o calor do verão, algo brotou dentro deles como ervas daninhas. Era tesão. Eu nunca tinha sentido aquilo em um estado tão puro nem visto sua progressão tão avassaladora em alguém que eu conhecia. Alguém com quem eu compartilhava a mesma carga genética.

Eles tomavam cuidado e seguiam as regras. Nenhum orientador poderia dizer que tinha mirado sua lanterna embaixo dos arbustos mais densos perto do dormitório dos meninos e encontrado Salmon e Heckler em pleno ato. Eles marcavam pequenos encontros do lado de fora, atrás da lanchonete ou perto de determinada árvore que tinham marcado bem no alto com suas iniciais. Beijavam-se. Queriam ir mais longe, mas não conseguiam. Samuel queria que fosse uma ocasião especial. Tinha consciência de que deveria ser perfeito. Lindsey só queria acabar com aquilo. Deixar aquilo para trás para poder entrar na idade adulta — transcender o espaço c o tempo. Pensava em sexo como no transporte de Jornada nas estrelas. Você evaporava e se via navegando em outro planeta depois de um ou dois segundos necessários para retomar o curso.

"Eles vão transar", escreveu Ruth em seu diário. Eu tinha grandes esperanças em relação ao fato de Ruth escrever tudo. Ela contou ao seu diário sobre o dia em que passei por ela no estacionamento, sobre como eu a Tinha tocado naquela noite — literalmente estendido a mão, foi a sensação que ela teve. Sobre a aparência que eu tinha naquela hora.

Sobre como ela sonhava comigo. Sobre como acalentava a ideia de que um espírito podia lar uma espécie de segunda pele para alguém, uma camada protetora, de certo modo. Sobre como talvez, se fosse assídua, pudesse libertar nós duas. Eu lia por cima de seu

ombro enquanto ela escrevia seus pensamentos e me perguntava se um dia alguém acreditaria nela.

Quando ela estava me imaginando, sentia-se melhor, menos sozinha, mais conectada a alguma coisa lá fora. A alguém lá fora. Em seus sonhos via o milharal, e um mundo novo se abrindo, um mundo onde talvez ela também pudesse encontrar chão.

"Você é uma ótima poetisa, Ruth", ela me imaginava dizendo, e seu diário a fazia sonhar acordada em ser uma poetisa tão boa que suas palavras tivessem o poder de me ressuscitar.

Eu podia olhar para trás e ver uma tarde em que Ruth tinha visto sua prima adolescente se despir para tomar banho enquanto ela ficava sentada no tapete, trancada no banheiro para sua prima poder tomar conta dela como a tinham mandado fazer. Ruth tinha tido vontade de tocar a pele e os cabelos da prima, vontade de ser abraçada. Eu me perguntava se esse desejo de uma menina de 3 anos tinha provocado o que veio aos 8 anos.

Aquela sensação difusa de diferença, de que suas paixões por professora ou pela prima eram mais verdadeiras do que as paixões das outras meninas As dela continham um desejo que ia além do carinho e da atenção, alimentavam uma ânsia, começavam a florescer verdes e amarelas até se transformar em um tesão cor de açafrão, com as pétalas macias se abrindo para sua estranha adolescência. Não, escrevia ela no diário, que quisesse transar com mulheres, mas queria desaparecer dentro delas para sempre queria se esconder.

A última semana do simpósio era sempre passada na preparação de um projeto final, que os diversos colégios apresentavam em uma competição na última noite antes de os pais voltarem para pegar os alunos. A competição só era anunciada no café da manhã de sábado daquela última semana, mas de qualquer maneira os alunos já tinham começado a se preparar para ela. Era sempre uma competição pela melhor ratoeira, então os padrões ficavam mais

altos a cada ano. Ninguém queria repetir uma ratoeira que já tivesse sido construída.

Samuel foi procurar os alunos de aparelho. Precisava dos pequenos elásticos que os dentistas distribuíam. Eles ajudariam a manter a tensão do braço de sua ratoeira. Lindsey implorou por um pouco de papel alumínio limpo ao cozinheiro aposentado do exército. Sua ratoeira consistia em refletir a luz para confundir os camundongos.

— E se eles gostarem do próprio reflexo? — perguntou Lindsey a Samuel.

— Eles não veem com tanta nitidez — disse Samuel. Ele estava arrancando o papel dos prendedores de arame do estoque de sacos de lixo do acampamento. Se um aluno olhasse de modo estranho para objetos comuns do acampamento, era muito provável que estivesse pensando em como aquilo poderia servir para o último grito em matéria de ratoeira.

— São bem fofinhos — disse Lindsey certa tarde.

Lindsey tinha passado a maior parte da noite anterior capturando camundongos selvagens com iscas de barbante e colocando-os debaixo da tela de arame de uma antiga gaiola de coelhos.

Samuel olhou para eles com atenção.

— Eu acho que poderia ser veterinário — disse ele —, mas não acho que gostaria de abrir a barriga deles.

— A gente precisa matar os bichinhos? — perguntou Lindsey. — É uma competição pela melhor ratoeira, não pelo melhor campo de concentração para camundongos.

— O Artie está contribuindo com caixõezinhos feitos de madeira balsa — disse Samuel rindo.

— Que horror.

— O Artie é assim mesmo.

— Dizem que ele era a fim da Susie — disse Lindsey.

— Eu sei.

— Ele fala nela? — Lindsey pegou um graveto comprido e fino e o passou pela tela.

— Na verdade, ele perguntou sobre você — disse Samuel.

— O que você respondeu?

— Que você está bem, que vai ficar bem.

Os camundongos ficavam correndo do graveto para o canto da gaiola, onde se aglomeravam uns por cima dos outros em um esforço inútil para fugir.

— Vamos construir uma ratoeira com um sofazinho de veludo roxo dentro, e a gente pode armar um mecanismo para quando eles se sentarem no sofá uma porta abaixar e bolinhas de queijo começarem a cair. A gente pode chamar essa ratoeira de Reino do Roedor Selvagem.

Samuel não pressionava minha irmã como os adultos. Em vez disso, discorria com detalhes sobre o pano para forrar sofá de camundongo.

Naquele verão eu tinha começado a passar menos tempo olhando do mirante porque ainda podia ver a Terra quando andava pelos campos do céu. A noite chegava e os lançadores de dardos e pesos iam embora para outros céus. Céus onde uma menina como eu não tinha lugar. Será que eles eram horríveis, esses outros céus? Piores do que me sentir tão sozinha entre meus semelhantes vivos, que continuavam a crescer? Ou seriam eles aquilo com que eu sonhava? Lugares nos quais se podia ficar preso para sempre em um mundo de Norman Rockwell. Com peru sendo servido constantemente em

uma mesa cheia de parentes. Um parente piscando o olho com malícia e cortando a ave.

Quando eu ia longe demais e pensava com força suficiente a paisagem mudava. Eu podia olhar para baixo e ver milho para cavalos e então podia ouvir — um canto — uma espécie de murmúrio e gemido baixo me avisando lá da ponta. Minha cabeça latejava e o céu escurecia e era aquela noite de novo, aquele ontem eterno revivido. Minha alma se solidificando, ficando pesada. Cheguei muitas vezes à borda do meu túmulo desse jeito, mas ainda não tinha olhado lá dentro.

É verdade que comecei a me perguntar o que significava a palavra céu.

Pensei, se aqui fosse o céu, o céu de verdade, seria onde meus avós morariam. Onde o pai do meu pai, meu preferido deles todos, me pegaria no colo e dançaria comigo. Eu sentiria apenas alegria e não teria nem memória, nem milharal, nem túmulo.

— Você pode ter isso — me disse Franny. — Muita gente tem.

— Como se faz a transição? — perguntei.

— Não é tão fácil quanto se pensa — disse ela. — Você precisa parar de desejar determinadas respostas.

— Não estou entendendo.

— Se parar de perguntar por que você foi morta em vez de outra pessoa, se parar de investigar o vácuo deixado por sua morte, se parar de se perguntar o que todo mundo lá na Terra está sentindo — disse ela — pode ficar livre. Em poucas palavras, você tem de desistir da Terra.

Isso me parecia impossível.

Ruth se esgueirou para o dormitório de Lindsey naquela noite.

— Eu sonhei com ela — sussurrou ela para minha irmã. Lindsey piscou para ela, sonolenta.

— Com a Susie? — perguntou.

— Desculpa pelo incidente do refeitório — disse Ruth.

Lindsey estava na cama de baixo de um beliche de alumínio de três andares. A vizinha imediatamente acima dela se mexeu.

— Posso deitar aí com você? — perguntou Ruth.

Lindsey assentiu.

Ruth se ajeitou ao lado de Lindsey na faixa estreita da cama.

— O que acontecia no seu sonho? — sussurrou Lindsey.

Ruth lhe contou, virando o rosto de modo que os olhos de Lindsey podiam distinguir a silhueta do nariz, dos lábios e da testa de Ruth.

— Eu estava dentro da terra — disse Ruth — e a Susie passou por cima de mim no milharal. Eu podia sentir ela passando por cima de mim.

Chamei ela, mas a minha boca se encheu de terra. Ela não conseguia me ouvir por mais que eu tentasse gritar. Aí eu acordei.

— Eu não sonho com ela — disse Lindsey. — Tenho pesadelos com ratazanas mordiscando as pontas do meu cabelo.

Ruth gostava do reconforto que sentia ao lado da minha irmã — do calor que seus corpos criavam.

— Você está apaixonada pelo Samuel?

— Estou.

— Você sente saudade da Susie?

Como estava escuro, como Ruth estava olhando para o outro lado, como Ruth era quase uma desconhecida, Lindsey disse o que sentia.

— Mais do que qualquer um jamais vai saber.

O diretor do ginásio de Devon teve de ir embora do acampamento por posa de um assunto de família, e coube à recém-eleita diretora-assistente do colégio de Chester Springs criar, de um dia para o outro, o concurso daquele ano. Ela queria fazer alguma coisa diferente de ratoeiras.

É POSSÍVEL COMETER UM CRIME E FICAR IMPUNE? COMO COMETER O ASSASSINATO PERFEITO, anunciava sua filipeta feita às pressas.

Os alunos adoraram. Os músicos e os poetas, os Cabeções de História e artistas formigavam, eufóricos para começar. Engoliram as pressas seu bacon com ovos do café da manhã e ficaram comparando os grandes crimes não-solucionados do passado ou pensando em objetos de uso cotidiano que podiam usar para matar. Estava tudo muito engraçado até as 7h15, quando minha irmã entrou.

Artie a viu entrar na fila. Ela ainda não sabia de nada, estava só sentindo a animação no ar — imaginando que a competição de ratoeiras tinha começado.

Ele manteve os olhos fixos em Lindsey e viu que a filipeta mais próxima estava pregada no final da fila do *self-service*, perto da bandeja de talheres. Ele escutava uma história sobre Jack, o Estripador que alguém da mesa estava contando. Levantou-se para devolver sua bandeja.

Quando chegou perto da minha irmã, limpou a garganta. Todas as minhas esperanças estavam depositadas naquele menino trêmulo.

"Segure ela", disse eu. Uma prece descendo para a Terra.

— Lindsey — disse Artie. Lindsey olhou para ele.

— O quê?

Atrás do balcão, o cozinheiro do exército estendeu uma colher cheia de ovos mexidos para pôr na bandeja dela.

— Eu sou o Artie, da série da sua irmã.

— Eu não preciso de nenhum caixão — disse Lindsey, empurrando a bandeja pelo suporte de metal até onde estavam o suco de laranja e o suco de maçã em grandes jarras de plástico.

— O quê?

— O Samuel me disse que você estava construindo caixões de madeira lisa para os camundongos este ano. Não quero nenhum.

— Eles mudaram a competição — disse ele.

Naquela manhã, Lindsey tinha decidido que ia tirar a parte de baixo do estilo da Clarissa. Seria perfeito para o sofá do

camundongo.

— Mudaram para o quê?

— Quer ir lá fora? — Artie usou o próprio corpo para ficar na frente dela e impedir seu acesso aos talheres. — Lindsey — ele deixou escapar. — A competição é sobre assassinato.

Ela ficou olhando para ele.

Lindsey continuou segurando sua bandeja. Manteve os olhos grudados em Artie.

— Eu queria lhe falar antes de você ler a filipeta — disse ele. Samuel entrou correndo na tenda.

— O que está acontecendo? — Lindsey olhou para Samuel, sem ação.

— A competição deste ano é sobre como cometer o assassinato perfeito — disse Samuel.

Samuel e eu vimos o tremor. O tranco interno no coração dela. Ela estava ficando tão boa que as rachaduras e fissuras eram cada vez menores.

Logo, como um truque manual aperfeiçoado com o tempo, ninguém a veria fazer aquilo. Ela podia isolar o mundo inteiro, incluindo ela própria.

— Eu estou bem — disse ela.

Mas Samuel sabia que não estava.

Ele e Artie ficaram olhando para suas costas enquanto ela se afastava.

— Eu estava tentando avisá-la — disse Artie debilmente.

Artie voltou para sua mesa. Desenhou agulhas hipodérmicas, uma atrás da outra. Sua caneta apertava com cada vez mais força enquanto ele coloria o fluido de embalsamar lá dentro, enquanto retocava a trajetória das três gotas pingando. *Sozinho,* pensei, *na Terra como no céu.*

— Você mata alguém esfaqueando e cortando e atirando — disse Ruth — É nojento.

— Concordo — disse Artie.

Samuel tinha levado minha irmã embora para conversar. Artie tinha visto Ruth em uma das mesas de piquenique do lado de fora com seu grande caderno em branco.

— Mas existem motivos bons para matar — disse Ruth.

— Quem você acha que foi? — perguntou Artie. Ele estava sentado no banco e apoiou os pés no travessão debaixo da mesa.

Ruth estava sentada quase imóvel, com a perna direita cruzada por cima da esquerda, mas seu pé balançava sem parar.

— Como você ficou sabendo? — perguntou ela.

— Meu pai contou para a gente — disse Artie. — Ele chamou minha irmã e eu na sala de estar e mandou a gente se sentar.

— Merda, o que foi que ele falou?

— Primeiro ele disse que no mundo aconteciam coisas horríveis e minha irmã disse: "Vietnã", e ele ficou calado porque eles sempre brigam por causa disso todas as vezes em que alguém menciona esse assunto. Aí ele disse: "Não, querida, coisas horríveis acontecem perto de casa, com pessoas que a gente conhece." Ela pensou que fosse uma das amigas dela.

Ruth sentiu uma gota de chuva.

— Aí meu pai não aguentou e disse que uma menininha tinha sido morta. Fui eu quem perguntou quem tinha sido. Quero dizer, quando ele disse "menininha", pensei que fosse uma criança, entendeu. Não a gente.

Era uma gota de verdade, e elas começaram a aterrissar no tampo de sequoia.

— Você quer entrar? — perguntou Artie.

— Todos os outros vão estar lá dentro — disse Ruth.

— Eu sei.

— Vamos ficar molhados.

Ficaram sentados sem se mexer por algum tempo e viram as gotas caírem ao seu redor, ouviram o ruído da chuva batendo nas

folhas da árvore acima de suas cabeças.

— Eu sabia que ela estava morta. Eu senti — disse Ruth. — Mas aí vi uma nota sobre isso no jornal do meu pai e tive certeza. No começo eles não usaram o nome dela. Só "Menina de 14 anos". Pedi a página para o meu pai, mas ele não quis me dar. Quero dizer, quem mais a não ser ela e a irmã tinha faltado ao colégio a semana toda?

— Fico pensando, quem contou para a Lindsey? — disse Artie. A chuva aumentou. Artie foi para debaixo da mesa. — A gente vai ficar encharcado — gritou ele para cima.

E então, depressa como havia começado, a chuva parou. O sol saiu por entre os galhos da árvore acima dela, e Ruth olhou para cima, para além ia árvore.

— Eu acho que ela ouve — disse ela, baixo demais para ser ouvida.

Todo mundo no simpósio ficou sabendo quem era minha irmã e como tinha morrido.

— Imagine ser esfaqueada — dizia alguém.

— Não, obrigada.

— Eu acho legal.

— Pensa assim: ela agora é famosa.

— Que jeito de ficar famoso. Prefiro ganhar o Prêmio Nobel.

— Alguém sabe o que ela queria ser?

— Pergunta para a Lindsey, se tiver coragem.

E eles faziam a lista dos mortos que conheciam.

Avó, avô, tio, tia, alguns tinham perdido um dos pais, mais raramente uma irmã ou um irmão mortos ainda jovens por causa de uma doença — uma arritmia cardíaca – leucemia – alguma doença impronunciável.

Ninguém conhecia ninguém que tivesse sido assassinado. Mas agora a conheciam a mim.

Debaixo de um barco a remo velho e usado demais para flutuar, Lindsey se deitou no chão com Samuel Heckler, e ele a abraçou.

— Você sabe que eu estou bem — disse ela, com os olhos secos. – Acho que o Artie estava tentando me ajudar — sugeriu.

— Pode parar de falar agora, Lindsey — disse ele. — Vamos só ficar aqui deitados e esperar as coisas se acalmarem.

As costas de Samuel estavam apoiadas no chão, e ele trouxe minha irmã para mais perto de seu corpo para protegê-la da umidade da chuva rápida de verão. Sua respiração começou a aquecer o pequeno espaço debaixo do barco, e ele não pôde evitar — seu pênis ficou duro dentro do jeans.

Lindsey estendeu a mão.

— Desculpa. . — começou ele.

— Eu estou pronta — disse minha irmã.

Aos 14 anos, minha irmã navegou para longe de mim rumo a um lugar em que eu nunca tinha estado. Nas paredes do meu sexo havia horror e sangue, nas paredes do dela havia janelas.

"Como cometer o assassinato perfeito" era um jogo antigo no céu. Eu sempre escolhia o pingente de gelo: a arma do crime derrete.

Capítulo 11

Quando meu pai acordou às quatro da manhã, a casa estava silenciosa. Minha mãe estava deitada ao seu lado, roncando de leve. Meu irmão, seu único filho, já que minha irmã estava no simpósio, parecia uma pedra coberta por um lençol. Meu pai ficava maravilhado ao ver como o sono do filho era pesado — igualzinho ao meu. Quando eu ainda era viva, Lindsey e eu nos divertíamos com isso, batendo palmas, deixando cair livros no chão e até batendo com tampas de panela para ver se Buckley acordava.

Antes de sair de casa, meu pai deu uma olhada em Buckley — para ter certeza, para sentir o hálito quente em sua palma. Então calçou seus tênis de sola fina e vestiu sua roupa leve de corrida. Sua última tarefa foi pôr a coleira em Holiday.

Ainda era cedo o suficiente para ele quase conseguir ver a própria respiração. Cedo assim, ele podia fingir que ainda era inverno. Que os segundos não tinham passado.

A caminhada matinal com o cachorro lhe dava uma desculpa para passar na frente da casa do sr. Harvey. Ele diminuía o passo muito de leve — ninguém teria percebido exceto eu ou, se estivesse acordado, o sr. Harvey. Meu pai tinha certeza de que, se encarasse com força suficiente, se olhasse por tempo suficiente, encontraria as pistas de que precisava nos batentes das janelas, na tinta verde que cobria os sarrafos, ou no caminho que levava à garagem, onde havia duas grandes pedras pintadas de branco.

No final do verão de 1974, não tinha havido nenhum progresso no meu caso. Nenhum corpo. Nenhum assassino. Nada.

Meu pai pensou em Ruana Singh: "Quando eu tivesse certeza, encontraria um jeito discreto e o mataria." Não tinha contado isso a Abigail, porque o conselho fazia uma espécie de sentido limítrofe que a assustaria e a faria contar para alguém, e ele suspeitava que esse alguém poderia ser Len.

Desde o dia em que tinha visto Ruana Singh, chegado em casa e encontrado Len à sua espera, ele sentia que minha mãe confiava demais na polícia. Caso meu pai dissesse alguma coisa que contrariasse as teorias da polícia — ou, como ele pensava, a falta de teoria da polícia — minha mãe imediatamente correria para tapar o buraco aberto pela ideia do meu pai. "O Len diz que isso não quer dizer nada", ou "Confio na polícia para descobrir o que aconteceu."

Por que, perguntava-se meu pai, as pessoas confiavam tanto na polícia: Por que não confiar no instinto? O sr. Harvey era o culpado e ele sabia.

Mas o que Ruana tinha dito era quando eu tivesse certeza. Saber, aquele saber vindo do fundo da alma que meu pai tinha, não era, aos olhos mais literais da lei, uma prova inconteste.

A casa em que cresci era a mesma casa em que nasci. Como a do sr. Harvey, era uma caixa, e por causa disso eu nutria invejas inúteis sempre que visitava a casa de outras pessoas. Sonhava com jardins de inverno e cúpulas, com varandas e quartos no sótão com tetos inclinados. Adorava a ideia de que pudesse haver no quintal árvores mais altas e mais fortes do que pessoas, cubículos enviesados debaixo de escadas, cercas vivas frondosas tão grandes que dentro delas houvesse espaços ocos formados por galhos mortos onde era possível se esgueirar e se sentar.

O meu céu tinha varandas e escadas em caracol, sacadas de janelas com jardineiras de ferro, e um campanário com um sino que tocava de hora em hora.

Eu conhecia de cor a planta da casa do sr. Harvey. Eu tinha formado a mancha morna no chão da garagem até esfriar. Ele tinha trazido meu sangue junto consigo para casa, nas roupas e na pele. Eu conhecia o banheiro. Sabia como na minha casa minha mãe tinha tentado decorá-lo a acolher a chegada tardia de Buckley pintando navios de batalha no alto das paredes cor-de-rosa. Na casa do sr. Harvey, o banheiro e a cozinha eram imaculados. Os ladrilhos eram amarelos e a cerâmica do chão, verde. Ele mantinha a decoração sóbria. No andar de cima, onde Buckley, Lindsey e eu tínhamos os nossos quartos, ele não tinha quase nada. Tinha uma cadeira de encosto reto onde se sentava de vez em quando para olhar o cientifico pela janela, ouvindo o som dos ensaios da banda ser trazido do campo de futebol, mas na maior parte do tempo ficava na parte dos fundos do primeiro andar, na cozinha construindo casas de boneca,na sala de estar ouvindo rádio ou,conforme seu desejo ia aumentando, desenhando projetos de maluquices como o buraco ou a tenda. Ninguém o incomodava a meu respeito havia vários meses. Naquele verão, só de vez em quando ele via um carro de polícia diminuir a velocidade na frente da sua casa. Era esperto o suficiente para não alterar seu comportamento. Se estivesse saindo para a garagem ou para a caixa de correio seguia em frente.

Ele acertou vários relógios. Um para lhe dizer quando abrir as persianas, outro para lhe dizer quando fechá-las. Em conjunção com esses alarmes, acendia e apagava luzes pela casa. Se por acaso aparecesse uma criança vendendo chocolates para uma competição do colégio ou perguntando se ele gostaria de assinar o *Evening Bulletin,* ele era simpático, mas profissional, neutro.

Contava periodicamente suas coisas, e essa contagem o reconfortava.

Eram coisas simples. Um anel de casamento, uma carta lacrada dentro de um envelope, o salto de um sapato, óculos, uma borracha em forma de personagem de quadrinhos, um pequeno frasco de

perfume, uma pulseira de plástico, minha pedra angular da Pensilvânia, o pingente de âmbar de sua mãe. Ele os tirava do lugar em que ficavam guardados à noite, muito depois de ter certeza de que nenhum vendedor de jornais ou vizinho bateria em sua porta. Contava-os como as contas de um rosário. Para alguns tinha se esquecido dos nomes. Eu sabia os nomes.

O salto do sapato era de uma menina chamada Claire, de Nutley, Nova Jérsei, que ele tinha convencido a entrar na caçamba de uma van. Ela era mais nova do que eu. (Gosto de pensar que eu não teria entrado em uma van. Gosto de pensar que foi minha curiosidade sobre como ele tinha conseguido fazer um buraco na terra que não desabasse.) Ele tinha arrancado o salto do sapato dela antes de deixar Claire ir embora. Era tudo o que tinha feito. Ele a fez entrar na van e tirou seus sapatos. Ela começou a chorar, e o som varou o corpo dele como parafusos. Ele implorou para que ela ficasse quieta e fosse embora. Saísse magicamente da van descalça e sem reclamar, deixando os sapatos com ele. Mas ela não quis. Continuou a chorar. Ele começou a tentar tirar um dos saltos dos sapatos com seu canivete, até alguém socar a traseira da van. Ele ouviu vozes de homem e uma mulher gritando alguma coisa sobre chamar a polícia. Abriu a porta.

— Que diabos você está fazendo com essa menina? — gritou um dos homens. O amigo desse primeiro homem segurou a menininha enquanto ela pulava, aos berros, da traseira da van.

— Estou tentando consertar o sapato dela.

A menina estava histérica. O sr. Harvey estava completamente racional e calmo. Mas Claire tinha visto o que eu vi — aquele olhar dele dirigido para baixo — aquele desejo de alguma coisa indizível que, caso lhe déssemos, equivaleria ao nosso fim.

Apressadamente, enquanto os homens e a mulher ainda estavam confusos, incapazes de ver o que Claire e eu sabíamos, o sr. Harvey

tinha entregado os sapatos a um dos homens e se despedido. Ele guardou o salto.

Gostava de segurar o pequeno salto de couro e esfregá-lo entre o polegar e o indicador — era perfeito para relaxar.

Eu conhecia o lugar mais escuro da nossa casa. Tinha entrado e ficado ali durante o que disse para Clarissa ter sido um dia inteiro, mas que na verdade eram cerca de quarenta e cinco minutos. Era o forro do porão.

No feltro do nosso forro havia canos que eu podia ver com uma lanterna e toneladas e mais toneladas de poeira. E só. Não havia baratas. Minha mãe, assim como a mãe dela, chamava o dedetizador até para uma infestação de formigas.

Quando o alarme disparava para lhe dizer para fechar as persianas e depois o outro alarme,dizendo-lhe para apagar a maior parte das luzes porque o subúrbio a essa hora dormia, o sr. Harvey descia para o porão, onde não havia frestas por onde a luz pudesse entrar e para onde as pessoas pudessem apontar, dizendo que ele era estranho. Quando me matou, ele tinha ficado cansado de visitar o forro, mas ainda gostava de ficar no porão em uma poltrona de frente para o buraco escuro que começava no meio da parede e ia até as tábuas expostas do chão de sua cozinha. Muitas vezes adormecia ali, e ali dormia quando meu pai passava pela casa verde por volta das vinte para as cinco da manhã.

Joe Ellis era um menino bem ruim. Tinha beliscado Lindsey e eu debaixo d'água na piscina e nos impedia de ir a festas onde houvesse banho de piscina de tanto que nós o odiávamos. Tinha um cachorro que arrastava para todo lado independentemente do que o cachorro quisesse fazer.

Era um cachorro pequeno, que não corria muito rápido, mas Ellis não ligava. Batia no cachorro ou o levantava pelo rabo causando-lhe muita dor. Então um dia o cachorro sumiu,assim como o gato que

Ellis tinha sido visto provocando. E então bichos de todo o bairro começaram a sumir.

O que eu descobri, quando segui o olhar do sr. Harvey para o forro, foram esses bichos sumidos havia mais de um ano. As pessoas pensavam que aquilo tinha parado porque o filho dos Ellis tinha sido mandado para o colégio militar. Quando soltavam seus bichos de estimação de manhã, eles voltavam à noite. Isso valia como prova. Ninguém poderia imaginar um apetite como o da casa verde. Alguém que espalhasse cal pelo corpo dos gatos e cachorros, para logo não ter mais nada a não ser seus ossos.

Contando os ossos e mantendo distância da carta lacrada, do anel de casamento, do frasco de perfume, ele tentava ficar longe do que mais queria — subir para o andar de cima, sentar-se na cadeira de encosto reto e ficar olhando para o científico, imaginar os corpos que correspondiam às vozes das chefes de torcida, que pulsavam em ondas nos dias de outono durante os jogos de futebol, ou ver os alunos desembarcarem dos ônibus do primário duas casas mais adiante. Certa vez ele tinha dado uma boa olhada em Lindsey, a única menina do time de futebol masculino, fazendo cooper pelo nosso bairro quase no escuro.

Acho que o mais difícil de perceber foi que todas as vezes ele tinha tentado se conter. Tinha matado bichos, tirando vidas menores para evitar matar uma criança.

Quando agosto chegou, Len quis estipular algumas fronteiras para o seu bem e para o bem do meu pai. Meu pai tinha ligado para a delegacia vezes demais, frustrando e irritando a polícia, o que não ajudaria ninguém a ser encontrado e só faria a delegacia inteira se voltar contra ele.

A gota d'água tinha sido um telefonema dado na primeira semana de julho. Jack Salmon tinha descrito em detalhes para a telefonista como, durante uma caminhada matutina, seu cachorro tinha parado na frente da casa do sr. Harvey e começado a uivar. Por

mais que Salmon tentasse, prosseguia a história, não conseguia fazer o cachorro se mexer nem parar de uivar. Aquilo virou piada na delegacia: o sr. Peixe e seu Cão Uivante.

Len parou na frente da nossa casa para terminar seu cigarro. Ainda era cedo, mas a umidade do dia anterior tinha aumentado. Tinham prometido chuva a semana toda, o tipo de tempestade de raios e trovões característico daquela região, mas até agora a única água que Len percebia era a que cobria seu corpo com um suor úmido. Sua última visita fácil à casa dos meus pais havia passado.

Então ouviu alguém cantarolando — uma voz de mulher vinda lá de centro. Apagou o cigarro no cimento debaixo da cerca viva e levantou a aldrava. A porta se abriu antes de ele soltá-la.

— Senti o cheiro do seu cigarro — disse Lindsey.

— Era você cantarolando?

— Esse negócio vai te matar.

— Seu pai está em casa.

Lindsey se afastou para deixá-lo passar.

— Pai! — gritou minha irmã para dentro de casa. — É o Len!

— Você estava viajando, não estava? — perguntou Len.

— Acabei de chegar.

Minha irmã estava usando uma camisa de *softball* do Samuel e calças de moletom estranhas. Minha mãe a tinha acusado de voltar para casa sem uma única peça de roupa sua.

— Tenho certeza de que os seus pais ficaram com saudades.

— Não precisa ter tanta certeza — disse Lindsey. — Acho que eles ficaram felizes por se livrar de mim.

Len sabia que ela estava certa. Certamente tinha convicção de que minha mãe estava menos frenética quando tinha visitado a casa pela última vez.

Lindsey falou: — O Buckley transformou você em chefe do esquadrão de polícia na cidade que ele construiu debaixo da cama.

— Fui promovido.

Os dois ouviram os passos do meu pai no corredor do andar de cima e depois os sons de Buckley pedindo. Lindsey pôde perceber que, o que quer que ele tivesse pedido, nosso pai tinha acabado dizendo sim.

Meu pai e meu irmão desceram a escada, todo sorrisos.

— Len — disse ele, e apertou a mão de Len.

— Bom dia, Jack — disse Len. — Como vai você, Buckley?

Meu pai pegou a mão de Buckley e o colocou na frente de Len, que se inclinou solenemente até a altura do meu irmão.

— Ouvi dizer que você me transformou em chefe de polícia — disse Len.

— Foi sim, senhor.

— Não acho que eu mereça esse posto.

— Merece mais do que qualquer outra pessoa — disse meu pai casualmente. Ele adorava as visitas de Len Fenerman. Todas as vezes que isso acontecia meu pai via se confirmar um consenso de que não estava sozinho naquilo — de que havia um grupo atrás dele.

— Preciso conversar com o pai de vocês, meninos.

Lindsey levou Buckley de volta para a cozinha prometendo lhe dar cereal.

Ela própria estava pensando em uma bebida que Samuel tinha lhe mostrado; era um drinque chamado *jellyfish*, água-viva, que tinha uma cereja marasquino debaixo de açúcar e gim. Samuel e Lindsey tinham chupado as cerejas por entre o açúcar e o álcool até suas cabeças doerem e seus lábios ficarem manchados de vermelho.

— Quer que eu chame a Abigail? Quer que faça um café ou alguma outra coisa?

— Jack — disse Len —, eu não vim trazer nenhuma novidade — justamente o contrário. Podemos nos sentar?

Vi meu pai e Len rumarem para a sala de estar que parecia um lugar onde ninguém nunca estava. Len sentou-se na beirada de uma cadeira e esperou meu pai se sentar.

— Escute, Jack — disse ele. — É sobre o George Harvey. — Meu pai se animou.

— Pensei que tivesse dito que não tinha novidades.

— Não tenho. Tenho uma coisa a dizer em nome da delegacia e em meu nome.

— Pode dizer.

— Precisamos que você pare de dar telefonemas sobre o George Harvey.

— Mas. .

— Eu preciso que você pare. Não há nada, por mais que procuremos, que o ligue à morte da Susie. Cães uivantes e tendas nupciais não são novas.

— Eu sei que foi ele — disse meu pai.

— Ele é esquisito, concordo, mas até onde sabemos não é um assassino.

— Como você pode saber isso?

Len Fenerman falava, mas tudo o que meu pai conseguia fazer era ouvir Ruana Singh dizendo o que tinha lhe dito, e se lembrar de ficar em pé do lado de fora da casa do sr. Harvey e sentir a energia irradiando até ele, a frieza no fundo daquele homem. O sr. Harvey era ao mesmo tempo incompreensível e a única pessoa no mundo capaz de ter me matado. A merda que Len negava, meu pai tinha mais certeza.

— Você vai parar de investigá-lo — disse meu pai em tom apático.

Lindsey estava no vão da porta, espiando como tinha feito no dia em que Len e o oficial uniformizado tinham trazido meu gorro com os sininhos, do qual ela possuía um irmão gêmeo. Naquele dia,ela tinha discretamente jogado esse segundo gorro dentro de uma caixa de bonecas velhas no fundo de seu armário. Nunca mais queria que minha mãe ouvisse o som daqueles sininhos parecidos com contas.

Ali estava nosso pai, o coração que sabíamos sustentar todos nós.

Sustentar-nos pesada e desesperadamente, as portas de seu coração se abrindo e se fechando com a rapidez de pausas em um instrumento, os silenciosos fechos de feltro, o dedilhado fantasmagórico, ensaios e mais ensaios e então, incrivelmente, som, melodia e calor. Lindsey deu um passo à frente de seu lugar na porta.

— Oi de novo, Lindsey — disse Len.

— Inspetor Fenerman.

— Eu estava justamente dizendo ao seu pai..

— Que vocês vão desistir.

— Se houvesse alguma boa razão para desconfiar do homem...

— Já terminou? — perguntou Lindsey. De repente ela era a mulher do nosso pai, assim como a filha mais velha e mais responsável.

— Só quero que vocês todos saibam que investigamos todas as pistas.

Meu pai e Lindsey a ouviram, e eu a vi. Minha mãe descendo as escadas.

Buckley saiu correndo da cozinha e se atirou, jogando todo o peso do corpo para cima das pernas do meu pai.

— Len — disse minha mãe, apertando o roupão de toalha para mais perto do corpo quando o viu —, o Jack lhe ofereceu um café?

Meu pai olhou para sua mulher e Len Fenerman.

— A polícia está jogando a toalha — disse Lindsey, segurando Buckley pelo ombro com delicadeza e abraçando-o.

— Jogando a toalha? — perguntou Buckley. Ele sempre revirava os sons de um lado para outro na boca como uma bala até sentir seu gosto e sua textura.

— O quê?

— O inspetor Fenerman está aqui para mandar o papai parar de encher o saco deles.

— Lindsey — disse Len —, não é bem assim.

— Que se dane — disse ela. Minha irmã agora queria sair dali e ir para um lugar onde o acampamento dos bons alunos continuasse, onde Samuel e ela, ou até mesmo Artie, que no último minuto tinha ganhado a competição do Assassinato Perfeito inscrevendo o pingente de gelo como ideia para a arma do crime, fossem a coisa mais importante do mundo.

— Vamos, pai — disse ela. Meu pai estava lentamente tentando entender uma coisa. Não tinha nada a ver com George Harvey, nada a ver comigo.

Estava nos olhos da minha mãe.

Naquela noite, como fazia com cada vez mais frequência, meu pai ficou acordado sozinho em seu escritório. Não podia acreditar que o mundo estivesse ruindo à sua volta — como aquilo era inesperado depois do primeiro golpe da minha morte. "Tenho a sensação de estar no caminho de uma erupção vulcânica", escreveu ele em seu caderno. "A Abigail acha que Len Fenerman tem razão com relação a Harvey."

Enquanto ele escrevia, a vela na janela continuava tremulando, e apesar da luminária em sua escrivaninha o tremor o distraía. Ele se reclinou na velha cadeira de colégio de madeira que tinha desde a época da faculdade e ouviu o rangido reconfortante da madeira sob o corpo. Na empresa, não estava conseguindo sequer registrar o que se esperava dele. Todos os dias agora deparava-se com colunas e mais colunas de números sem significado que precisava fazer coincidir com as reivindicações das empresas seguradas, estava cometendo erros com uma frequência assustadora, e temia, mais do que nos primeiros dias depois do meu desaparecimento, não ser capaz de sustentar seus dois filhos sobreviventes.

Ele se levantou e esticou os braços acima da cabeça, tentando se concentrar nos poucos exercícios que nosso médico de família tinha sugerido. Vi seu corpo se dobrar de modos difíceis e surpreendentes

que nunca tinha visto antes. Ele poderia ter sido bailarino em vez de executivo. Poderia ter dançado na Broadway com Ruana Singh.

Ele desligou a luz da escrivaninha, deixando a vela acesa.

Era em sua poltrona verde baixa que ele agora se sentia mais à vontade.

Era ali que muitas vezes eu o via dormir. O cômodo era como um cofre, a cadeira era como um útero, e eu ficava ali a vigiá-lo. Ele fitava a vela na janela e pensava no que fazer; pensava em como tinha tocado minha mãe e ela tinha se afastado para o outro lado da cama. Mas em como diante d policial ela parecia desabrochar.

Ele tinha se acostumado com a luz fantasmagórica atrás da chama da vela, com aquele reflexo trêmulo na janela. Ficou olhando para os dois — a chama real e o fantasma — e começou a cair em um sono leve, adormecendo o pensamento e a tensão e os acontecimentos do dia.

Quando estava prestes a desistir por aquela noite, ambos vimos outra coisa: outra luz. Lá fora.

Daquela distância a luz parecia uma lanterna de bolso. Um feixe branco se movendo devagar pelos gramados em direção ao ginásio. Meu pai ficou olhando para ele. Agora já passava da meia-noite, e a lua não estava suficientemente cheia, como geralmente era o caso, para revelar os contornos das árvores e casas. O sr. Stead, que andava de bicicleta tarde da noite com uma luz alimentada pelos pedais piscando na frente, jamais degradaria os gramados de seu bairro daquela maneira. De qualquer modo, era tarde demais para o sr. Stead.

Meu pai se inclinou para a frente na cadeira verde de seu escritório e ficou olhando a lanterna se mover na direção do milharal inculto.

— *Canalha* — sussurrou. — Seu canalha assassino.

Vestiu-se rapidamente com as roupas que ficavam guardadas no armário de depósito de seu escritório, pondo um casaco de caçador

que não usava desde uma malfadada expedição de caça dez anos antes. No andar de baixo, entrou no closet do hall de entrada e encontrou o taco de beisebol que tinha comprado para Lindsey antes de ela optar pelo futebol.

Primeiro desligou a luz da varanda que eles deixavam acesa a noite toda para mim e que, mesmo oito meses depois de a polícia ter dito que eu não seria encontrada viva, não conseguiam evitar deixar acesa. Com a mão na maçaneta da porta, respirou fundo.

Girou a maçaneta e se viu do lado de fora na escura varanda da frente.

Fechou a porta e se viu em pé no quintal da frente de sua casa com um taco de beisebol e as seguintes palavras: encontre um jeito discreto.

Cruzou seu quintal da frente e atravessou a rua e entrou no quintal dos O'Dwyer, onde tinha visto a luz pela primeira vez. Passou por sua piscina escurecida e pelos balanços enferrujados. Seu coração estava disparado, mas ele não conseguia sentir nada a não ser a certeza em seu cérebro, George Harvey tinha matado sua última menininha.

Chegou ao campo de futebol. A sua direita, lá longe no milharal, mas no na região que ele conhecia de cor — a região que tinha sido isolada e limpa e vasculhada e revirada — viu a pequena luz. Apertou os punhos com mais força em volta do taco ao lado do corpo. Durante um segundo, não pôde acreditar no que estava prestes a fazer, mas em seguida, com todo o seu ser, teve certeza.

O vento o ajudou. Ele soprava pelo campo de futebol na beira do milharal e fazia suas calças baterem na parte da frente de suas pernas; o vento o empurrava sem que ele precisasse fazer força. Tudo desapareceu, guando ele chegou entre as fileiras de milho, focalizando apenas a luz, o vento disfarçou sua presença. O som de seus pés esmagando os caules era varrido pelo assobio e pelo farfalhar do vento nos pés quebrados.

Coisas sem sentido inundavam sua mente — o som da borracha dura dos patins das crianças na calçada, o cheiro do fumo de cachimbo de seu pai, o sorriso de Abigail quando ele a conheceu, como uma luz perfurando seu coração confuso — e então a lanterna se apagou e tudo ficou igual e escuro.

Ele deu mais alguns passos, depois parou.

— Eu sei que você está aí — disse ele.

Inundei o milharal de luz, acendi fogueiras por todo ele para iluminá-lo, mandei tempestades de granizo e flores, mas nada disso serviu para alertá-lo. Eu estava relegada ao céu: fiquei olhando.

— Estou aqui para isso — disse meu pai com a voz trêmula. Aquele coração explodindo para dentro e para fora, enchendo de sangue os rios de seu peito e depois se contraindo. O sorriso da minha mãe em sua mente sumindo, o meu tomando seu lugar.

— Ninguém está acordado — disse meu pai. — Estou aqui para acabar com isso.

Ele ouviu um choramingo. Eu queria lançar um holofote como eles faziam no auditório do colégio, sem precisão, fazendo a luz nem sempre atingir o lugar certo do palco. Ali estaria ela, agachada e choramingando e agora, apesar de sua sombra de olhos azul e das botas estilo caubói compradas na Bakers', fazendo xixi nas calças. Uma criança.

Ela não reconheceu a voz cheia de ódio do meu pai.

— Brian? — disse a voz trêmula de Clarissa. — Brian? — Era a esperança como um escudo.

A mão do meu pai soltou o taco, deixando-o cair no chão.

— Oi? Quem está aí?

Com o vento em seus ouvidos, Brian Nelson, o espantalho de pé de milho, estacionou a *Spyder Corvette* do irmão mais velho no estacionamento do colégio. Atrasado, sempre atrasado, dormindo em aula e na mesa do jantar, mas nunca quando algum menino tinha uma Playboy nem quando alguma menina bonita passava, nunca em

uma noite em que tinha uma menina esperando-o lá fora no milharal. Mesmo assim, não se apressou. O vento, glorioso manto e coberta para o que ele tinha planejado, zumbia por seus ouvidos.

Brian andou em direção ao milharal com a lanterna gigante do kit-catástrofe que sua mãe guardava embaixo da pia. Finalmente ouviu o que diria mais tarde terem sido os gritos de socorro de Clarissa.

O coração do meu pai parecia uma pedra ali, pesado, carregado dentro de seu peito enquanto ele corria e tropeçava em direção ao som do choro da menina. Sua mãe tricotava luvas sem dedos para ele, Susie pedia luvas com dedo, com tanto frio no milharal no inverno. Clarissa! A amiga boba de Susie. Maquiagem, sanduíches de geleia afetados e apele com bronzeado tropical. Ele correu às cegas na direção dela e a derrubou no escuro. Seus gritos encheram os ouvidos dele e se derramaram dentro dos espaços vazios, ricocheteando lá dentro.

— Susie! — gritou ele de volta.

Brian correu ao ouvir meu nome — para a frente a toda velocidade, completamente desperto. A luz de sua lanterna pulou por cima do milharal, e por um segundo brilhante ali estava o sr. Harvey. Ninguém o viu a não ser eu. A lanterna de Brian bateu nas suas costas enquanto ele se esgueirava para o meio dos altos pés de milho e aguçava os ouvidos, mais uma vez, para escutar o som do choro.

Então a luz atingiu seu alvo e Brian puxou meu pai para cima e para longe de Clarissa para bater nele. Bateu na cabeça dele, nas costas e no rosto com a lanterna do kit-catástrofe. Meu pai gritou, ganiu e gemeu.

Então Brian viu o taco.

Empurrei como uma louca as fronteiras imóveis do meu céu. Queria estender a mão e levantar meu pai, levá-lo embora, trazê-lo até mim.

Clarissa correu e Brian golpeou. Os olhos do meu pai encararam os de Brian, mas ele mal conseguia respirar.

— Seu escroto! — Brian estava preto e branco de culpa.

Ouvi murmúrios no chão. Ouvi meu nome. Pensei poder sentir o gosto do sangue no rosto do meu pai, estender a mão para passar os dedos por seus lábios cortados, deitar com ele no meu túmulo.

Mas tive que virar as costas no céu. Eu não podia fazer nada — presa no meu mundo perfeito. O sangue tinha um gosto amargo. Ácido. Eu queria a vigília do meu pai, seu forte amor por mim. Mas queria também que ele fosse embora e me deixasse em paz. Tive direito a uma única pequena dádiva. De volta ao quarto onde a cadeira verde ainda estava morna com o calor do corpo dele, soprei aquela vela solitária, trêmula, e a apaguei.

Capítulo 12

Em pé no quarto ao lado dele, eu o via dormir. Durante a noite, a história tinha sido descoberta e espalhada para que a polícia entendesse: o sr. Salmon estava louco de tristeza e tinha ido até o milharal à procura de vingança. Aquilo batia com o que sabiam a seu respeito, seus telefonemas persistentes, sua obsessão com o vizinho, e o fato de o inspetor Len Fenerman ter ido à minha casa naquele mesmo dia dizer a meus pais que, para todos os efeitos, a investigação do meu assassinato tinha entrado em uma espécie de hiato. Não havia mais pistas a seguir. Nenhum corpo havia sido encontrado.

O cirurgião teve que operar o joelho dele para substituir a rótula por uma sutura parecida com uma bolsa que incapacitava parcialmente a articulação. Enquanto olhava a operação, pensei no quanto aquilo se parecia com costura, e desejei que meu pai estivesse em mãos mais capazes do que se tivesse sido trazido a mim.Nas aulas de trabalhos manuais,minhas mãos eram desajeitadas. Costura reta ou alinhavo, eu confundia tudo.

Mas o cirurgião foi paciente. Uma enfermeira lhe contou a história enquanto ele lavava e esfregava as mãos. Ele se lembrou de ter lido nos jornais sobre o que tinha acontecido comigo. Era da mesma idade do meu pai e também tinha filhos. Tremia ao esticar as luvas sobre as mãos.

Como ele e aquele homem eram parecidos. Como eram diferentes.

No quarto escuro de hospital, uma lâmpada fluorescente zumbia logo atrás da cama do meu pai. Conforme a madrugada ia chegando, aquela era a única luz no quarto até minha irmã entrar.

Minha mãe e meu irmão acordaram com o barulho das sirenes de polícia e desceram de seus quartos para a cozinha escura.

— Vai acordar seu pai — disse minha mie para Lindsey. — Não posso acreditar que ele esteja dormindo com este barulho.

Então minha irmã tinha subido as escadas. Todos sabiam onde procurá-lo: em apenas seis meses, a cadeira verde tinha se tornado sua verdadeira cama.

— O papai não está aqui! — gritou minha irmã assim que se deu conta.

— O papai sumiu! Mãe! Mãe! O papai sumiu! — Por um raro instante Lindsey era uma criança assustada.

— Droga! — disse minha mãe.

— Mamãe? — disse Buckley.

Lindsey entrou correndo na cozinha. Minha mãe estava encarando o fogão. Suas costas eram uma massa emaranhada de nervos enquanto ela continuava a preparar chá.

— Mãe? — perguntou Lindsey. — A gente tem de fazer alguma coisa.

— Você não está vendo...? — disse minha mãe, parando por um instante com uma caixa de Earl Grey suspensa no ar.

— O quê?

Ela soltou o chá, ligou o fogo e se virou. Foi então que viu uma coisa: Buckley tinha ido se agarrar à minha irmã enquanto chupava o dedo ansiosamente.

— Ele saiu atrás daquele homem e arrumou encrenca.

— A gente deveria sair, mãe — disse Lindsey. — A gente deveria ir ajudar o papai.

— Não.

— Mãe, a gente precisa ajudar o papai.

— Buckley, pare de mamar o dedo!

Meu irmão começou a chorar, em pânico, e minha irmã abaixou os braços para trazê-lo para mais perto. Ela olhou para nossa mãe.

— Vou sair para encontrar ele — disse Lindsey.

— Você não vai fazer nada disso — disse minha mãe. — Ele vai voltar para casa quando for a hora. Vamos ficar fora disso.

— Mãe — disse Lindsey —, e se ele estiver machucado?

Buckley parou de chorar por tempo suficiente para olhar alternadamente para minha irmã e para minha mãe. Ele sabia o que era se machucar e quem estava faltando naquela casa.

Minha mãe lançou um olhar cheio de significado para Lindsey.

— Não vamos mais falar sobre isso. Pode subir para o seu quarto e esperar ou esperar aqui comigo. A escolha é sua.

Lindsey ficou perplexa. Encarou nossa mãe e percebeu o que mais queria: fugir, correr para o milharal onde meu pai estava, onde eu estava, para onde ela de repente sentia que o coração da família tinha se mudado.

Mas Buckley estava agarrado a ela, quente.

— Buckley — disse ela —, vamos voltar lá para cima. Você pode dormir na minha cama.

Ele estava começando a entender: você era tratado de forma especial, e depois lhe contavam alguma coisa horrível.

Quando a polícia telefonou, minha mãe foi imediatamente até o armário da frente.

— Bateram nele com nosso próprio taco de beisebol! — disse ela, agarrando seu casaco, suas chaves e seu batom. Minha irmã se sentiu mais sozinha do que nunca, mas também mais responsável. Buckley não podia ficar sozinho, e Lindsey sequer sabia dirigir. Além disso, aquilo fazia o maior sentido do mundo. O lugar de uma mulher não era antes de tudo ao lado do marido?

Mas quando minha irmã conseguiu falar com a mãe de Nate — afinal, a confusão no milharal tinha acordado a vizinhança inteira — soube o que deveria fazer. Ligou para Samuel em seguida. Uma hora depois, a mãe de Nate chegou para buscar Buckley, e Hal Heckler se aproximou da casa em sua motocicleta. Aquilo deveria ter sido emocionante — abraçar o lindo irmão mais velho de Samuel, andar de moto pela primeira vez — mas tudo em que ela conseguia pensar era nosso pai. Minha mãe não estava no quarto de hospital dele quando Lindsey entrou; havia só meu pai e eu. Ela se aproximou e ficou de pé do outro lado da cama dele, e começou a chorar baixinho.

— Papai? — disse ela. — Está tudo bem com você, papai?

Uma fresta se abriu na porta. Era Hal Heckler, um pedaço de homem alto e bonito.

— Lindsey — disse ele —, estou esperando você na área dos visitantes, precisar de uma carona para casa. Ele viu suas lágrimas quando ela se virou.

— Obrigada, Hal. Se vir minha mãe..

— Eu digo para ela que você está aqui. — Lindsey pegou a mão do meu pai e examinou seu rosto à procura de algum movimento. Fiquei escutando enquanto ela sussurrava as palavras que ele tinha cantado para nós duas antes de Buckley nascer:

Pedras, ossos; neve, gelo; sementes, feijões, girinos.
laminhos, gravetos, beijos em quantidade, Todo mundo sabe de quem papai tem saudade!
suas meninas-sapo, é delas que ele tem saudade.
Elas sabem onde estão, você sabe, você sabe?

Gostaria que um sorriso tivesse surgido no rosto do meu pai, mas ele estava sedado, nadando contra uma maré de remédio, pesadelo e sonho acordado. Durante algum tempo, pesos de chumbo haviam

sido atados pela anestesia aos quatro cantos de sua consciência. Como uma rígida coberta de cera, ela o tinha isolado com firmeza nas horas abençoadas em que não havia filha morta nem joelho perdido, e onde não havia tampouco filha amorosa sussurrando poemas.

— Quando os mortos param de pensar nos vivos — disse-me Franny — os vivos podem seguir adiante.

— E os mortos? — perguntei. — Para onde a gente vai?

Ela não me respondeu.

Len Fenerman tinha corrido para o hospital, assim que recebeu o telefonema. Abigail Salmon, dizia o mensageiro, chamando por ele.

Meu pai estava em cirurgia, e minha mãe andava de um lado para o outro perto da sala das enfermeiras. Tinha ido para o hospital de capa dr chuva e apenas sua fina camisola de verão por baixo. Calçava suas sapatilhas baixas de passear pelo quintal. Não tinha se preocupado em prender o cabelo, e não havia nenhum elástico em seus bolsos nem na bolsa. No estacionamento escuro e enevoado do hospital ela havia parado para dar uma olhada no rosto e posto seu batom vermelho vivo com a mão experiente.

Ao ver Len se aproximar no final do longo corredor branco, ela relaxou.

— Abigail — disse ele ao chegar mais perto.

— Ah, Len — disse ela. Seu rosto adquiriu uma expressão indecisa quanto ao que dizer em seguida. O nome dele era o suspiro de que ela precisava. Tudo o que veio depois não eram palavras.

As enfermeiras em sua sala viraram o rosto para o outro lado enquanto as mãos de Len e da minha mãe se tocavam. Elas estendiam esse véu de privacidade habitualmente, naturalmente, mas mesmo assim puderam ver que aquele homem significava alguma coisa para aquela mulher.

— Vamos conversar na área de visitantes — disse Len, e conduziu minha mãe corredor abaixo.

Enquanto andavam, ela lhe contou que meu pai estava em cirurgia. Ele lhe contou o que tinha acontecido no milharal.

— Aparentemente ele pensou que a menina fosse o George Harvey.

— Ele pensou que a Clarissa fosse o George Harvey? — Minha mãe parou, incrédula, logo antes de entrar na área de visitantes.

— Estava escuro lá fora, Abigail. Acho que ele só viu a lanterna da menina. Minha visita de hoje não poderia mesmo ter ajudado muito. Ele está convencido do envolvimento do sr. Harvey.

— A Clarissa está bem?

— Foi medicada por causa de alguns arranhões e liberada. Estava histérica. Chorava e gritava. Foi uma horrível coincidência o fato de ser amiga da Susie.

Hal estava afundado em uma cadeira em um canto escuro da área de visitantes com os pés em cima do capacete que tinha trazido para Lindsey. o ouvir vozes se aproximando, ele se mexeu. Era minha mãe e um policial. Ele tornou a afundar na cadeira e deixou cabelos na altura dos ombros cobrirem-lhe o rosto. Tinha quase certeza que minha mãe não se lembraria dele.

Mas ela reconheceu a jaqueta de Samuel e por um instante pensou, *O*

Samuel está aqui, mas depois pensou, *O irmão dele*.

— Vamos sentar — disse Len, apontando para as duas cadeiras *modukres* presas uma à outra no outro canto da sala.

— Prefiro continuar andando — disse minha mãe. — O médico disse que vai demorar pelo menos uma hora até eles terem alguma coisa para nos dizer.

— Andando para onde?

— Você tem cigarro?

— Você sabe que eu tenho — disse Len, sorrindo com gentileza. Ele precisava procurar os olhos dela. Eles não estavam focalizados nele.

Pareciam preocupados, e ele desejou poder estender a mão e agarrá-los e guiá-los para o aqui e agora.

— Vamos encontrar uma saída então.

Encontraram uma porta para uma pequena sacada de concreto perto do quarto do meu pai. Era uma sacada de serviço que dava para um aparelho de calefação, então, embora fosse atravancada e ligeiramente fria, o barulho e a exaustão quente do hidrante ligado ao seu lado os fechavam dentro de uma cápsula que parecia estar muito longe dali.

Ficaram fumando e olhando um para o outro como se de repente e sem aviso tivessem passado para uma nova página, onde os assuntos urgentes já tivessem sido assinalados para atenção imediata.

— Como a sua mulher morreu? — perguntou minha mãe.

— Suicídio.

O cabelo dela cobria a maior parte de seu rosto, e olhando para ela eu me lembrei de Clarissa em sua versão mais afetada. O modo como ela se comportava perto dos meninos quando ia ao shopping. Ela ria demais e ficava olhando para eles para ver para onde eles estavam olhando. Mas também fui surpreendida pela boca vermelha da minha mãe com o cigarro espetado para cima e para fora e a fumaça saindo. Eu só tinha visto aquela mãe uma vez antes — na foto. Aquela mãe nunca tinha nos tido.

— Por que ela se matou?

— Essa é a pergunta que mais me preocupa quando não estou preocupado com coisas como o assassinato da sua filha.

Um sorriso estranho apareceu no rosto da minha mãe.

— Diz isso de novo — falou ela.

— O quê? — Len olhou para o sorriso dela, teve vontade de estender a mão e acompanhar seu contorno com a ponta dos dedos.

— O assassinato da minha filha — disse minha mãe.

— Abigail, está tudo bem com você?

— Ninguém diz isso. Ninguém no nosso bairro fala sobre isso. As pessoas dizem "a horrível tragédia" ou alguma outra variação. Eu só quero que alguém diga em voz alta. Ouvir isso ser dito em voz alta. Estou pronta — antes não estava.

Minha mãe jogou seu cigarro no concreto e o deixou queimar. Segurou o rosto de Len com as mãos.

— Diz — falou ela.

— O assassinato da sua filha.

— Obrigada.

E vi aquela fina boca vermelha passar para o outro lado de uma linha invisível que separava minha mãe do resto do mundo. Ela puxou Len para mais perto e o beijou na boca devagar. No início ele pareceu hesitar. Seu corpo se retesou, dizendo-lhe NÃO, mas esse NÃO se tornou vago e enevoado, transformou-se em ar sendo sugado pelo exaustor do hidrante que zumbia ao lado deles. Ela levantou a mão e desabotoou a capa de chuva. Ele pôs a mão em cima do tecido fino e transparente de sua camisola de verão.

Em sua necessidade, minha mãe era irresistível. Quando criança, eu tinha visto seu efeito sobre os homens. Quando íamos às compras, vendedores se ofereciam para encontrar os produtos em sua lista e nos ajudavam a levar as compras até o carro. Como Ruana Singh, ela era conhecida por ser uma das mães bonitas do bairro; nenhum homem que a conhecesse podia evitar um sorriso. Quando ela fazia uma pergunta, seus corações contrariados cediam.

Mas ainda assim meu pai tinha sido o único a espalhar o riso dela pelos cômodos da casa e a fazer com que estivesse tudo bem se soltasse, de alguma maneira, juntando horas extras aqui e ali e pulando a hora de almoço, meu pai tinha conseguido voltar cedo do trabalho toda quinta-feira quando éramos pequenos. Mas enquanto os fins de semana eram passados com a família, eles chamavam esse dia de "Hora da mamãe e do papai". Lindsey e eu o comparávamos a um dia passado com as amigas. Significava que não podíamos fazer

nenhum barulho e devíamos ficar quietinhas do outro lado da casa enquanto usávamos o quartinho ainda vazio do meu pai como quarto de brincar.

Minha mãe começava a nos preparar por volta das duas.

— Hora do banho — cantarolava ela, como se estivesse dizendo que podíamos sair para brincar. E no começo era o que parecia. Nós três corríamos cada uma para o seu quarto e vestíamos nossos roupões. Nos encontrávamos no corredor — três meninas — e minha mãe nos pegava pela mão e nos levava para nosso banheiro cor-de-rosa.

Naquela época ela nos falava sobre mitologia, que tinha estudado no colégio. Gostava de nos contar histórias sobre Perséfone e Zeus.

Comprava-nos livros ilustrados sobre os deuses nórdicos, que nos faziam ter pesadelos. Tinha feito mestrado em língua inglesa — depois de brigar com unhas e dentes com vovó Lynn para conseguir estudar tanto — e ainda tinha uma vaga esperança de lecionar quando nós duas fôssemos grandes o suficiente para ficarmos sozinhas.

Aquelas horas do banho se misturam, assim como todos os deuses e deusas, mas aquilo de que mais me lembro é de ver as coisas atingirem minha mãe enquanto eu olhava para ela, de como a vida que ela tinha desejado e sua perda a atingiam em ondas. Como sua primogênita, eu pensava que tinha sido eu a levar embora todos aqueles sonhos do que ela queria ser.

Minha mãe tirava Lindsey da banheira primeiro, secava-a e ouvia sua conversa sobre patos e cortes. Então me tirava da banheira e embora eu tentasse ficar quieta a água quente deixava minha irmã e eu embriagadas, e nós falávamos com minha mãe sobre tudo o que era importante para nós. Meninos que nos provocavam, ou como outra família no quarteirão tinha um cachorrinho e por que não podíamos ter um também. Ela ficava ouvindo, séria, como se

estivesse anotando mentalmente os tópicos dos nossos desejos em um caderninho que consultaria mais tarde.

— Bom, cada coisa em sua hora — resumia ela. — Isso quer dizer uma boa soneca para vocês duas!

Ela e eu púnhamos Lindsey na cama juntas. Eu ficava do lado da cama enquanto ela beijava minha irmã na testa e tirava seu cabelo da frente do rosto. Acho que para mim a competição começou ali. Quem ganhava o melhor beijo, quem passava mais tempo com mamãe depois do banho.

Felizmente, eu sempre ganhava. Quando olho para trás agora vejo que minha mãe tinha se tornado — e muito rápido depois de eles se mudarem para aquela casa — solitária. Já que eu era a mais velha, tornei-me sua melhor amiga.

Eu era nova demais para saber o que ela estava realmente me dizendo, mas adorava adormecer com a suave cantiga de suas palavras. Uma das bênçãos do meu céu é poder voltar para esses momentos, vivê-los de novo, e estar com minha mãe de um jeito que jamais poderia ter estado.

Estendo os traços através do Meio-Termo e seguro a mão dessa jovem mãe solitária.

O que ela disse a uma criança de quatro anos sobre Helena de Troia: "Uma mulher frívola que estragou tudo." Sobre Margaret Sanger: "Ela foi julgada por sua aparência, Susie. Já que parecia um camundongo, ninguém esperava que fosse durar." Gloria Steinem: "Eu me sinto péssima, mas gostaria que ela aparasse aquelas unhas." Nossos vizinhos: "Uma idiota de calça justa; oprimida por aquele marido puritano; tipicamente provinciana, fica julgando todo mundo."

— Você sabe quem é Perséfone? — perguntou-me ela distraída uma quinta-feira. Mas eu não respondi. A essa altura já tinha aprendido a ficar calada quando ela me levava para o quarto. A

minha hora e a hora da minha irmã eram no banheiro, quando ela nos secava com a toalha.

Nessa hora Lindsey e eu podíamos falar sobre qualquer coisa. No quarto, era a hora da mamãe.

Ela pegou a toalha e a pendurou na maçaneta da minha cama de baldaquino.

— Imagine nossa vizinha, a sra. Tarking, como Perséfone — disse Abriu a gaveta da penteadeira e me estendeu a calcinha. Ela sempre me passava a roupa peça por peça, sem querer me pressionar. Logo cedo entendeu minhas necessidades. Se eu soubesse que teria de amarrar cadarços não teria sido sequer capaz de calçar as meias.

— Ela está usando um vestido comprido e branco, como um lençol e — volta dos ombros, mas feito de um tecido bonito brilhante ou leve, com seda. E calça sandálias feitas de ouro e está cercada de tochas, que são luzes? feitas de chamas...

Ela foi até a gaveta pegar minha camiseta e a passou distraidamente pela minha cabeça em vez de deixar que eu o fizesse. Uma vez minha mãe embalada, eu podia tirar vantagem — ser novamente um bebê. Eu nunca reclamava nem dizia estar crescida ou ser uma menina grande. Aquelas tardes eram inteiramente dedicadas a ouvir minha mãe misteriosa.

Ela afastou a grossa colcha de corda da Sears e eu me deitei no canto da cama, encostada na parede. Nessa hora ela sempre olhava para o relógio e depois dizia: — Só um pouquinho — e tirava os sapatos e se deitava ao meu lado entre os lençóis.

Para nós duas, aquilo era como se perder. Ela se perdia em sua história.

Eu me perdia na fala dela.

Ela me contava sobre a mãe de Perséfone, Deméter, ou sobre Cupido e Psique, e eu a escutava até adormecer. Algumas vezes os risos dos meus pais no quarto ao lado ou o som de quando faziam amor no fim da tarde me acordavam. Eu ficava ali deitada, meio

dormindo, escutando. Gostava de fingir que estava no interior quentinho de algum barco de uma das histórias que meu pai lia para nós, e que estávamos todos no oceano e as ondas batiam suavemente nas laterais do barco. Os risos, o som baixo de gemidos abafados, me faziam adormecer novamente.

Mas então a fuga da minha mãe, sua volta canhestra ao mundo exterior, foi arruinada quando eu tinha 10 anos e Lindsey 9. Sua menstruação atrasou e ela fez a fatídica viagem de carro até o médico. Sob seu sorriso e suas exclamações para minha irmã e para mim havia fissuras que levavam a algum lugar bem dentro dela. Mas como eu não queria, como era uma criança, decidi não seguir aquelas fissuras. Agarrei o sorriso como um prêmio e entrei no país das maravilhas que era me perguntar se seria irmã de um menininho ou de uma menininha.

Se eu tivesse prestado atenção, teria percebido sinais. Agora vejo a mudança, como a pilha de livros na mesa de cabeceira dos meus pais mudou de catálogos das universidades da região, enciclopédias de mitologia, romances de James, Eliot e Dickens para as obras do dr. Spock. Em seguida vieram os livros de jardinagem e de culinária até, no aniversário dela dois meses antes de eu morrer, eu pensar que o presente perfeito era Guia para receber em casas e jardins mais bonitos. Ao perceber que estava grávida Dela terceira vez, ela tirou a mãe mais misteriosa de cena.

Presa durante anos atrás daquele muro, aquela sua parte insatisfeita tinha crescido, não diminuído, e com Len a necessidade de sair, de quebrar, de destruir, de anular se apoderou dela. Seu

corpo foi na frente, e em sua esteira ficariam os pedaços que sobrassem.

Não foi fácil para mim testemunhar aquilo, mas eu testemunhei.

Seu primeiro abraço foi apressado, desajeitado, apaixonado.

— Abigail — disse Len, agora com as duas mãos em sua cintura por baixo da capa, uma de cada lado, com a camisola transparente mal formando um véu entre as duas peles. — Pense no que você está fazendo.

— Cansei de pensar — disse ela. Seus cabelos flutuavam acima de sua cabeça por causa do ventilador atrás deles — formando uma auréola.

Len Discou enquanto olhava para ela. Maravilhosa, perigosa, selvagem.

— O seu marido — disse ele.

— Me beija — disse ela. — Por favor.

Eu estava vendo um pedido de misericórdia da minha mãe. Ela estava se movendo fisicamente pelo tempo para fugir de mim. Eu não podia segurá-la.

Len beijou sua testa com força e fechou os olhos. Ela pegou sua mão e a colocou sobre o seio. Sussurrou em seu ouvido. Eu sabia o que estava acontecendo. Sua raiva, sua perda, seu desespero. Toda a vida perdida rodopiando em um arco naquele telhado, soterrando seu ser. Ela precisava que Len tirasse lá de dentro a filha morta.

Ele a empurrou contra a superfície de estuque da parede enquanto se beijavam, e minha mãe se segurou nele como se do outro lado de seu beijo pudesse haver uma nova vida.

No caminho de volta do ginásio para casa, eu algumas vezes parava no final do nosso terreno e via minha mãe cortando grama com o cortador motorizado, entrando e saindo do meio dos pinheiros, e me lembrava então de como ela costumava assobiar de manhã ao fazer seu chá e de como meu pai, correndo para casa às quintas-feiras, levava-lhe cravos, e seu rosto se acendia de prazer

com uma luz amarelada. Eles eram profundamente, separadamente, completamente apaixonados — longe dos filhos minha mãe podia reivindicar esse amor, mas com eles ela começou a se afastar. Foi meu pai quem se aproximou de nós com o passar dos anos: minha mãe se afastou.

Ao lado de sua cama de hospital, Lindsey tinha adormecido segurando a mão do nosso pai. Minha mãe, ainda toda amassada, passou por Hal Heckler na área de visitantes, e no instante seguinte Len passou atrás. Hal não precisava de mais nada. Agarrou seu capacete e saiu descendo o corredor.

Depois de uma visita rápida ao banheiro feminino, minha mãe estava indo em direção ao quarto do meu pai quando Hal a deteve.

— Sua filha está lá dentro — disse Hal, chamando-a. Ela se virou.

— Hal Heckler— disse ele. — Irmão do Samuel. Eu estava na homenagem.

— Ah, sim, desculpa. Não reconheci você.

— Não é sua obrigação — disse ele. Houve uma pausa desconfortável.

— Então, a Lindsey me ligou e eu a trouxe aqui faz uma hora.

— Ah.

— O Buckley está com um vizinho — disse ele.

— Ah. — Ela o estava encarando. Para ela, estava voltando à superfície.

Usou o rosto dele como ponto de referência.

— Está tudo bem com a senhora?

— Estou um pouco preocupada — é compreensível, não?

— Perfeitamente — disse ele, falando devagar. — Eu só queria que a senhora soubesse que a sua filha está lá dentro com o seu marido. Eu vou estar na área de visitantes se precisarem de mim.

— Obrigada — disse ela. Viu-o se afastar e ficou parada por um instante ouvindo os saltos gastos de suas botas de motociclista ecoarem pelo chão de linóleo.

Então ela voltou a si, forçou-se a retornar para onde estava, sem perceber por um segundo que tinha sido essa a intenção de Hal ao cumprimentá-la.

Dentro do quarto agora estava escuro, e a luz fluorescente atrás do meu o ai tremeluzia tão de leve que iluminava apenas as formas mais óbvias.

Minha irmã estava em uma cadeira puxada para perto da cama, com a cabeça descansando na grade lateral e a mão estendida para tocar meu pai. Meu pai, profundamente sedado, estava deitado de costas. Minha mãe não podia saber que eu estava ali com eles, que estávamos ali os quatro tão diferentes agora da época em que ela punha Lindsey e eu na cama e ia fazer amor com o marido, nosso pai. Agora ela via os fragmentos. Via que minha irmã e meu pai, juntos, tinham se tornado um fragmento. Ficou contente com isso.

Eu tinha jogado um jogo de esconde-esconde de amor com minha mie enquanto crescia, tentando obter sua atenção e sua aprovação de um jeito que jamais tinha precisado fazer com meu pai.

Eu não precisava mais brincar de esconde-esconde. Enquanto ela estava ali em pé no quarto escurecido, olhando para minha irmã e meu pai, percebi uma das coisas que o céu significava. Eu tinha uma escolha, e minha escolha era não dividir minha família no meu coração.

Tarde da noite o ar acima dos hospitais e dos asilos de idosos muitas vezes ficava coalhado de almas agitadas. Algumas vezes, nas noites em que não conseguíamos dormir, Holly e eu ficávamos olhando as almas.

Acabamos percebendo como aquelas mortes pareciam coreografadas de algum lugar distante. Não o nosso céu. Assim, começamos a desconfiar que havia um lugar mais abrangente do que aquele onde estávamos.

No começo Franny vinha olhar conosco.

— É um dos meus prazeres secretos — admitiu ela. — Depois de todos esses anos, ainda adoro ver as almas flutuando e rodopiando em bandos, todas clamando ao mesmo tempo dentro do ar.

— Não estou vendo nada — disse eu daquela primeira vez.

— Olhe com atenção — disse ela — e fique quieta.

Mas eu as senti antes de vê-las, pequenas faíscas de calor subindo por meus braços.Então ali estavam elas,vaga-lumes se acendendo e se expandindo com uivos e giros enquanto abandonavam seus corpos humanos.

— Parecem flocos de neve — disse Franny. — Nenhuma é igual à outra, mas ao mesmo tempo, de onde estamos, cada uma delas é idêntica à anterior.

Capítulo 13

Ao voltar para o ginásio no outono de 1974, Lindsey não só era a irmã da menina assassinada, mas a filha do "maluco", "lelé", "biruta", e a segunda afirmação a feria mais por não ser verdade.

Os boatos que Lindsey e Samuel escutaram nas primeiras semanas do ano letivo coleavam pelas fileiras de escaninhos dos alunos como a mais persistente das cobras. Agora o redemoinho havia aumentado e incluía também Brian Nelson e Clarissa, que felizmente tinham entrado no cientifico naquele ano.Em Pairfax, Brian e Clarissa se agarravam um ao outro, explorando o que tinha lhes acontecido, usando a desgraça do meu pai como um verniz de fama com o qual podiam se cobrir recontando pelo colégio o que tinha acontecido naquela noite no milharal.

Ray e Ruth passavam pelo lado de dentro da parede de vidro que dava para o saguão externo. Nas pedras falsas onde supostamente ficavam sentados os maus elementos, viam Brian presidindo sua corte. Naquele ano, seu andar se transformou de espantalho ansioso em passo masculino. Clarissa, rindo tanto de medo quanto de desejo, havia destrancado suas partes e dormido com Brian. Por mais aleatoriamente que fosse, todo mundo que eu tinha conhecido estava crescendo.

Buckley entrou no jardim de infância naquele ano e imediatamente chegou em casa a fim da professora, a srta. Koekle. Ela segurava sua mão com tanta delicadeza sempre que tinha de

levá-lo ao banheiro ou ajudar a explicar um dever que sua força era irresistível. Por um lado ele se apartava disso — ela muitas vezes lhe dava um biscoito a mais as escondidas, ou uma almofada mais macia para ele se sentar — mas por outro lado era mantido acima e afastado de seus colegas do jardim. Pela minha morte, ele tinha sido diferenciado no interior do único grupo — crianças — onde poderia ter ficado anônimo.

Samuel deixava Lindsey em casa e depois descia a rua principal e pedia carona até a oficina de motos de Hal. Contava com os amigos do irmão para reconhecê-lo, e alcançava seu destino levado por uma coleção insólita de motos e caminhões que Hal ajustava para o motorista quando eles chegavam.

Ele passou algum tempo sem entrar na nossa casa. Ninguém que não fosse da família entrava lá. Em outubro, meu pai estava apenas começando a se levantar e andar. Os médicos tinham lhe dito que sua perna direita seria sempre dura, mas que se ele se alongasse e se mantivesse flexível ela não seria um obstáculo muito grande. "Não vai poder jogar beisebol, mas vai poder fazer todo o resto", disse o cirurgião na manhã seguinte à sua operação, quando meu pai acordou e encontrou Lindsey ao seu lado e minha mãe em pé junto à janela olhando para o estacionamento lá fora.

Buckley saía direto do banho morno sob o calor da srta. Koekle e ia para casa se refugiar na caverna vazia do coração do meu pai. Ele fazia perguntas incessantes sobre o "joelho falso", e meu pai se afeiçoava mais a ele.

— O joelho veio do espaço sideral — dizia meu pai. — Eles trouxeram de volta pedaços da lua e os esculpiram, e agora usam para fazer coisas desse tipo.

— Uau — dizia Buckley sorrindo. — Quando o Nate vai poder ver?

— Daqui a pouco, Buck, daqui a pouco — dizia meu pai. Mas seu sorriso ia enfraquecendo.

Quando Buckley pegava essas conversas e as levava para minha mãe — —O joelho do papai é feito de osso de lua", dizia-lhe ele, ou "A srta. Koekle disse que minhas cores ficaram muito boas" — ela balançava a cabeça. Tinha se tornado consciente do que fazia. Cortava cenouras e aipo em pedaços comíveis. Lavava garrafas térmicas e lancheiras, e quando Lindsey Decidiu que estava velha demais para usar lancheira minha mãe, para sua própria surpresa, ficou feliz de verdade quando encontrou sacos de papel encerado que impediam o almoço da filha de vazar e manchar suas roupas. Roupas que ela lavava. Dobrava. Passava quando necessário e pendurava em cabides. Catava do chão ou tirava do carro ou separava da toalha molhada em cima da cama que arrumava todas as manhãs, prendendo os lençóis debaixo do colchão, afofando os travesseiros e ajeitando bichos de pelúcia, e abrindo as persianas para deixar a luz entrar.

Nos momentos em que Buckley a solicitava, ela muitas vezes fazia uma troca. Focalizava a atenção nele por alguns minutos, e depois se permitia afastar-se de sua casa e pensar em Len.

Em novembro, meu pai estava craque no que chamava de "destreza no mancar", e quando Buckley insistia ele dava um pulinho contorcido que, contanto que fizesse seu filho rir, não o fazia pensar no quão esquisito e desesperado ele poderia parecer para um estranho ou para minha mãe.

Todos, com exceção de Buckley, sabiam o que estava se aproximando: o primeiro aniversário.

Buckley e meu pai passavam as frias tardes de outono no quintal cercado com Holiday. Meu pai se sentava na velha cadeira de jardim de ferro com a perna esticada na frente do corpo e apoiada de leve em um cafona limpador de botas que vovó Lynn tinha encontrado em uma loja de curiosidades em Maryland.

Buckley jogava o brinquedo de vaca que fazia barulho enquanto Holiday corria para pegá-lo. Meu pai sentia prazer vendo o corpo

ágil do filho de 5 anos e ouvindo as risadas deliciadas dele quando Holiday o derrubava e o cutucava com o focinho ou lambia seu rosto com a comprida língua cor-de-rosa. Mas não conseguia se livrar de uma ideia: aquilo também — aquele menino perfeito — podia lhe ser tirado.

Uma combinação de fatores, entre os quais seu ferimento não tinha pouca importância, o havia feito ficar em casa em uma licença médica prolongada da empresa em que trabalhava. Seu patrão agora agia diferente quando estava com ele, assim como seus colegas de trabalho.

Eles passavam na ponta dos pés do lado de fora de sua sala e paravam a alguns passos da escrivaninha como se, caso relaxassem demais na sua presença, o que tinha acontecido com ele fosse acontecer com eles — como se ter um filho morto fosse contagioso. Ninguém sabia como ele continuava a fazer o que fazia, enquanto ao mesmo tempo queriam que escondesse todos os sinais de sua dor, que os guardasse em uma pasta em algum lugar e os pusesse em uma gaveta que ninguém nunca mais teria de abrir. Ele telefonava sempre, e com a mesma facilidade seu patrão concordava que ele tirasse mais uma semana, mais um mês, se precisasse, e ele considerava aquilo um prêmio por sempre ter chegado na hora ou aceitado trabalhar até tarde. Mas ele mantinha distância do sr. Harvey e tentava evitar qualquer pensamento a seu respeito. Não usava seu nome exceto em seu caderno, que mantinha escondido no escritório, onde foi surpreendentemente fácil combinar com minha mãe que ela não faria mais faxina. Ele tinha pedido desculpas para mim em seu caderno.

"Preciso descansar, querida. Preciso entender como ir atrás desse homem. Espero que você entenda."

Mas ele tinha marcado sua volta ao trabalho para o dia 2 de dezembro, logo depois do dia de Ação de Graças. Queria estar de volta ao escritório quando chegasse o aniversário do meu

desaparecimento. Queria estar funcionando e recuperando o tempo de trabalho perdido — no lugar mais público e distrativo que pudesse conceber. E longe da minha mãe, para ser honesto consigo mesmo.

Como nadar de volta para ela, como tornar a alcançá-la. Ela estava se distanciando cada vez mais — toda sua energia estava contra a casa, e toda a energia dele estava dentro da casa. Ele decidiu recuperar as forças e encontrar uma estratégia para perseguir o sr. Harvey. Culpar era mais fácil do que somar os números cada vez mais altos daquilo que tinha perdido.

Vovó Lynn viria para o dia de Ação de Graças, e Lindsey estava seguindo um regime embelezador que vovó tinha mandado para ela por carta.

Tinha se sentido boba da primeira vez em que pôs pepinos nos olhos (para diminuir as bolsas) ou mingau de aveia no rosto (para limpar os poros e absorver o excesso de oleosidade) ou gema de ovo no cabelo (para fazê-lo brilhar). Seu uso de alimentos tinha até feito minha mãe rir, depois se perguntar se deveria começar a se embelezar também. Mas isso durou só um segundo, porque ela estava pensando em Len não por estar apaixonada por ele, mas porque estar com ele era o caminho mais rápido que ela conhecia para o esquecimento.

Duas semanas antes da chegada da vovó Lynn, Buckley e meu pai estavam lá fora no quintal com Holiday. Buckley e Holiday pulavam de uma imensa pilha de folhas lustrosas de carvalho para outra em um jogo de pega-pega cada vez mais frenético.

— Cuidado, Buck — disse meu pai. — Você vai fazer o Holiday morder.

— E foi exatamente o que aconteceu.

Meu pai disse que queria experimentar urna coisa.

— Precisamos ver se o seu velho pai consegue carregar você nas costas de novo. Daqui a pouco você vai ficar grande demais.

Então, sem jeito, no lindo isolamento do quintal, onde se meu pai caísse só um menino e um cachorro que o amavam veriam, os dois trabalharam juntos para fazer acontecer aquilo que ambos queriam — aquela volta à normalidade pai/filho. Quando Buckley ficou em pé na cadeira de ferro — "Agora monte nas minhas costas", disse meu pai, inclinando-se para a frente, "e segure nos meus ombros", sem saber se teria força suficiente pari levantá-lo dali — cruzei os dedos com força no céu e prendi a respiração. No milharal, sim, mas nesse momento, consertando a trama mais básica de suas vidas cotidianas anteriores, enfrentando seu ferimento para recuperar um instante como aquele, meu pai se tornou o meu herói.

— Abaixa, agora abaixa de novo — dizia ele enquanto eles galopavam pelas portas do andar de baixo e subiam as escadas, cada passo um desafio ao equilíbrio do meu pai, uma dor que causava uma careta. E

com Holiday passando correndo por eles nas escadas, e Buckley radiante enquanto subiam, ele soube que tinha feito a coisa certa ao desafiar a própria força. Quando os dois — mais o cachorro — descobriram Lindsey no banheiro de cima, ela reclamou com um gemido alto.

— Paaaai!

Meu pai endireitou o corpo. Buckley levantou a mão e tocou a frágil luminária.

— O que você está fazendo? — perguntou meu pai.

— O que parece que eu estou fazendo?

Ela estava sentada em cima da tampa da privada enrolada em uma grande toalha branca (as toalhas que minha mãe branqueava, as toalhas que minha mãe pendurava no varal para secar, as toalhas que ela dobrava e punha dentro de um cesto e levava para a rouparia no andar de cima. .). Sua perna esquerda estava apoiada na beirada da banheira, coberta de creme de barbear. Ela estava segurando a gilete do meu pai.

— Não seja petulante — disse meu pai.

— Desculpa — disse minha irmã, baixando os olhos. — Eu só quero um pouco de privacidade, só isso.

Meu pai suspendeu Buckley por cima da cabeça.

— A bancada, a bancada, filho — disse ele, e Buckley ficou encantado com o ponto intermediário ilegal da bancada do banheiro e com seus pés enlameados que sujaram o ladrilho.

— Agora pula para baixo. — E ele pulou. Holiday o encarava.

— Você é nova demais para raspar as pernas, docinho — disse meu pai.

— A vovó Lynn começou a se raspar com 11 anos.

— Buckley, pode ir para o seu quarto e levar o cachorro? Eu já estou indo.

— Tá bom, papai.

Buckley ainda era um menininho que meu pai podia, com paciência e algumas manobras, suspender nos ombros para que pudessem ser um pai e um filho típicos. Mas agora ele via em Lindsey algo que causava uma dupla dor. Eu era uma menininha na banheira, um bebê sendo levantado até a altura da pia, uma menina que tinha parado para sempre logo antes de se sentar como minha irmã estava sentada.

Quando Bucklsey saiu, ele voltou a atenção para minha irmã. Cuidaria de suas duas filhas cuidando de uma só.

— Está tomando cuidado? — perguntou ele.

— Acabei de começar — disse Lindsey. — Eu gostaria de ficar sozinha, pai.

— Essa é a mesma lâmina que estava aí quando você pegou a gilete no meu kit de barbear?

— É.

— Bom, a minha barba cega a lâmina. Vou pegar uma nova para você.

— Obrigada, pai — disse minha irmã, e mais uma vez ela era a doce Lindsey que subia em suas costas.

Ele saiu do banheiro e desceu o corredor até o outro lado da casa e o banheiro de casal que ele e minha mãe ainda dividiam, embora já não dormissem mais no mesmo quarto. Quando levantou o braço para pegar um pacote de lâminas novas no armário, sentiu lágrimas no peito.

Ignorou-as e se concentrou no que estava fazendo. Naquele momento houve apenas um pensamento vacilante: A Abigail deveria estar fazendo isso.

Ele voltou com as lâminas, mostrou a Lindsey como trocá-las, e lhe deu alguns conselhos sobre como raspar melhor as pernas.

— Cuidado com o tornozelo e o joelho — disse ele. — Sua mãe sempre disse que essas são as zonas perigosas.

— Pode ficar se quiser — disse ela, agora pronta para deixá-lo entrar. — Mas eu talvez fique toda cortada. — Ela quis bater em si mesma. — Desculpa, pai — disse ela. — Olha, vou chegar para o outro lado — sente aqui.

Ela se levantou e foi se sentar na beirada da banheira. Abriu a torneira, e meu pai se sentou em cima da tampa da privada.

— Tudo bem, querida — disse ele. — Faz algum tempo que não falamos sobre a sua irmã.

— E precisa falar? — disse minha irmã. — Ela está em todo lugar.

— Seu irmão parece estar bem.

— Ele está colado em você.

— E — disse ele, e se deu conta de que gostava daquilo, daquela corte ao pai que seu filho estava fazendo.

— Ai — disse Lindsey, vendo um fino veio de sangue começar a se espalhar pela espuma branca do creme de barbear. — Mas que droga.

— Aperta o corte com o polegar. Vai parar de sangrar. Você pode raspar só o alto do joelho — sugeriu ele. — E isso que sua mãe faz a

não ser quando vamos à praia.

Lindsey fez uma pausa.

— Vocês nunca vão à praia.

— Antes nós íamos.

Meu pai tinha conhecido minha mãe quando os dois trabalhavam no Wanamaker's, durante as férias de verão da universidade. Ele tinha acabado de fazer um comentário desagradável sobre como a sala dos empregados cheirava a cigarro quando ela sorriu e tirou do bolso seu então habitual maço de Pall Mall.

— Touché — disse ele, e ficou ao lado dela apesar do cheiro ruim de seus cigarros que o envolvia dos pés à cabeça.

— Estou tentando decidir com quem eu me pareço — disse Lindsey. — Com a vovó Lynn ou com a mamãe.

— Sempre pensei que tanto você quanto sua irmã se pareciam com a minha mãe — disse ele.

— Pai?

— O quê?

— Você ainda está convencido de que o sr. Harvey teve alguma coisa a ver com a história?

Foi como se um graveto finalmente criasse uma fagulha com outro graveto — a fricção pegou.

— Não existe uma dúvida sequer na minha mente, querida. Nenhuma.

— Então por que o Len não o prende?

Ela subiu a gilete de qualquer maneira e terminou a,primeira perna. Ali hesitou, esperando.

— Eu gostaria que fosse fácil de explicar — disse ele, sentindo as palavras se desenrolarem. Nunca tinha falado muito sobre sua suspeita com ninguém. — Quando eu o conheci naquele dia, no quintal dele, e construímos aquela tenda — aquela que ele alegou ter construído para a mulher, que eu pensava se chamar Sophie e o Len

anotou como Leah —, tinha alguma coisa nos movimentos dele que me fez ter certeza.

— Todo mundo acha ele meio esquisito.

— É verdade, eu sei disso — disse ele. — Mas também ninguém nunca falou muito com ele. Não sabem se a esquisitice dele é benigna ou não.

— Benigna?

— Inofensiva.

— O Holiday não gosta dele — sugeriu Lindsey.

— Exatamente. Nunca vi aquele cachorro latir tão alto. Os pelos das costas dele ficaram eriçados naquela manhã.

— Mas a polícia acha que você está maluco.

— "Não há provas", é tudo o que conseguem dizer. Sem provas e — desculpe, querida — sem um corpo, eles não têm nada com o que trabalhar e nenhum motivo para uma prisão.

— O que seria um motivo?

— Acho que alguma coisa o ligando à Susie. Se alguém o tivesse visto no milharal ou até rondando o colégio. Alguma coisa assim.

— Ou se ele estivesse com alguma coisa dela? — Tanto meu pai quanto Lindsey estavam conversando animadamente, com a segunda perna dela coberta de creme, mas ainda sem raspar, porque o que irradiava enquanto os dois gravetos do seu interesse produziam uma chama era que eu estava presente em algum lugar daquela casa. Meu corpo — no porão, no primeiro andar, no segundo andar, no sótão. Para evitar enfrentar aquele pensamento horrível — mas, ah, se fosse verdade, aquele pensamento tão flagrante, tão perfeito, tão conclusivo como prova — eles se lembraram do que eu estava usando naquele dia, do que eu estava carregando, da borracha do Frito Bandito que eu adorava, do broche do David Cassidy que eu tinha pregado do lado de dentro da mochila, do broche do David Bowie que eu tinha pregado do lado de fora. Enumeraram todos os objetos e acessórios que cercavam o que

seria a melhor, a mais horrenda prova que alguém poderia encontrar — meu cadáver cortado em pedaços, meus olhos vazios apodrecendo.

Meus olhos: a maquiagem que vovó Lynn tinha lhe dado ajudava, mas não resolvia o problema do quanto todo mundo via os meus olhos nos olhos de Lindsey. Quando eles apareciam — um estojo de pó compacto passando na sua frente enquanto era usado por uma menina na carteira ao lado, ou um reflexo inesperado na vitrine de uma loja — ela olhava para o outro lado. Era particularmente doloroso com meu pai. O que ela percebeu enquanto eles conversavam foi que enquanto estivessem falando sobre esse assunto — o sr. Harvey, minhas roupas, minha mochila de livros, meu corpo, eu — a atenção à minha lembrança fazia meu pai vê-la como Lindsey e não como uma trágica combinação de suas duas filhas.

— Então você gostaria de poder entrar na casa dele? — disse ela.

Eles ficaram se olhando, com uma ideia perigosa começando a surgir em suas consciências. Em sua hesitação, antes de ele finalmente dizer que feia ilegal, e que não, ele não tinha pensado naquilo, ela soube que ele estava mentindo. Soube também que ele precisava de alguém para fazer aquilo por ele.

— Você deveria terminar de se raspar, querida — disse ele.

Ela concordou com ele e se virou para o outro lado, sabendo o que tinha escutado.

Vovó Lynn chegou na segunda-feira antes do dia de Ação de Graças.

Com os mesmos olhos de raio laser que imediatamente procuravam qualquer imperfeição desgraciosa na minha irmã, ela agora via alguma coisa sob a superfície do sorriso de sua filha, em seus movimentos calmos, tranquilos e em como seu corpo reagia sempre que o inspetor Fenerman ou o trabalho da polícia eram mencionados.

Quando minha mãe recusou a ajuda do meu pai para tirar a mesa depois do jantar naquela noite, os olhos de raio laser tiveram certeza. Decidida, e para espanto de todos à mesa e alívio da minha irmã — vovó Lynn fez um anúncio.

— Abigail, vou ajudar você a tirar a mesa. Vai ser uma coisa entre mãe e filha.

— O quê?

Minha mãe tinha calculado que poderia dispensar Lindsey depressa e com facilidade e então passaria o resto da noite debruçada sobre a pia, lavando a louça devagar e olhando pela janela até a escuridão lhe mostrar seu próprio reflexo. Os sons da TV iriam embora e ela ficaria sozinha de novo.

— Fiz as unhas ontem, — disse vovó Lynn depois de amarrar um avental sobre o vestido trapézio bege — então vou secar.

— Mãe, sério. Não precisa.

— Precisa sim, docinho, acredite em mim — disse minha avó. Havia algo de sóbrio e incisivo naquele "docinho".

Buckley levou meu pai pela mão até o cômodo ao lado onde ficava a TV.

Eles tomaram seus lugares e Lindsey, tendo obtido uma trégua, subiu para ligar para Samuel.

Era uma coisa tão estranha de se ver. Tão fora do normal. Minha avó de avental, segurando um pano de prato suspenso como a capa vermelha de um toureiro, preparada para o primeiro prato que chegava.

Elas trabalharam caladas, e o silêncio — os únicos sons eram o chafurdar das mãos da minha mãe mergulhando na água escaldante, os rangidos dos pratos e o tilintar dos talheres — fizeram o cômodo se encher de uma tensão que ficou insuportável. Os barulhos do jogo do cômodo ao lado eram igualmente estranhos para mim. Meu pai nunca tinha assistido a futebol; basquete era seu único esporte. Vovó

Lynn nunca tinha lavado a louça; comida congelada e entregas em domicílio eram suas armas preferidas.

— Ah, Jesus — disse ela enfim. — Pegue isso. — Devolveu o prato recém-lavado a minha mãe. — Quero ter uma conversa séria, mas tenho medo de deixar cair essas coisas. Vamos dar uma volta.

— Mãe, eu preciso. .

— Você precisa dar uma volta.

— Depois de lavar a louça.

— Escute — disse minha avó —, eu sei que eu sou o que sou e você é o que é, ou seja, diferente de mim, coisa que a faz feliz, mas eu sei perceber algumas coisas e sei que alguma coisa nada católica está acontecendo aqui. Capisce?

O rosto da minha mãe oscilava, macio e maleável — quase tão macio e maleável quanto sua imagem que flutuava na água suja da pia.

— O quê?

— Tenho suspeitas e não quero falar sobre elas aqui.

Positivo, vovó Lynn, pensei. Nunca a tinha visto nervosa antes.

Seria fácil para as duas saírem da casa sozinhas. Meu pai, com seu joelho, nunca pensaria em acompanhá-las, e naqueles dias, onde quer que meu pai fosse ou não, meu irmão, Buckley, o acompanhava.

Minha mãe ficou calada. Não via alternativa. Na última hora, elas tiraram os aventais na garagem e os empilharam no teto do Mustang. Minha mãe se abaixou e levantou a porta da garagem.

Ainda era bem cedo, de modo que haveria luz no começo de seu passeio.

— Poderíamos levar o Holiday — tentou minha mãe.

— Só você e sua mãe — disse minha avó. — O par mais assustador que se poderia imaginar.

Elas nunca tinham sido próximas. Ambas sabiam disso, mas não era algo que reconhecessem muito. Brincavam com o assunto como

duas crianças que não gostam especialmente uma da outra, mas são as únicas crianças em um bairro grande e deserto. Agora, nunca tendo tentado antes, sempre tendo deixado a filha correr o mais rápido que pudesse em qualquer direção que quisesse, minha avó descobriu que estava subitamente chegando mais perto.

Elas já tinham passado pela casa dos O'Dwyer e estavam perto da dos Tarking quando minha avó disse o que tinha para dizer.

— Meu bom humor escondeu minha aceitação — disse minha avó. — Seu pai teve um caso longo em New Hampshire. A inicial do nome dela era F e eu nunca soube o que significava. Ao longo dos anos descobri mil alternativas.

— Mãe?

Minha avó continuou andando, sem se virar. Descobriu que o ar frio do outono ajudava, enchendo seus pulmões até ela senti-los mais limpos do que dois minutos atrás.

— Você sabia disso?

— Não.

— Acho que eu nunca contei para você — disse ela. — Não achei que precisasse saber. Agora precisa, você não acha?

— Não tenho certeza de por que você está me dizendo isso.

Elas tinham chegado à curva na rua que as faria dar novamente a volta na rotatória. Se seguissem por ali e não parassem, acabariam indo dar na frente da casa do sr. Harvey. Minha mãe congelou.

— Pobrezinha, pobrezinha do meu docinho — disse minha avó. — Me dê a mão.

Estavam pouco à vontade. Minha mãe podia contar nos dedos quantas vezes seu alto pai tinha se inclinado para beijá-la quando ela era criança.

A barba áspera cheirando a uma colônia que, depois de anos de busca, ela nunca tinha conseguido identificar. Minha avó segurou sua mão e a manteve segura enquanto tomavam a outra direção.

Entraram em uma parte do bairro para onde parecia que cada vez mais novas famílias estavam se mudando. As casas-âncora: lembro-me de minha mãe tê-las chamado assim porque elas margeavam a rua que passava por todo o bairro — porque ancoravam o bairro a uma rua original construída antes de o distrito ser um distrito. A rua que levava a Valley Forge, a George Washington e à Revolução.

— A morte da Susie me fez tornar a pensar no seu pai — disse minha avó. — Nunca me permiti lamentar direito a morte dele.

— Eu sei — disse minha mãe.

— Isso a deixou chateada? Minha mãe fez uma pausa.

— Deixou.

Minha avó afagou as costas da mão da minha mãe com a mão livre.

— Que bom, está vendo, isso é um pedaço.

— Pedaço?

— Alguma coisa que está saindo disso tudo. Você e eu. Um pedacinho de verdade entre nós duas.

Elas passaram pelos lotes de meio hectare em que árvores cresciam havia 20 anos. Se não eram exatamente imponentes, mesmo assim eram duas vezes mais altas do que os pais que as tinham segurado pela primeira vez e pisoteado a terra à sua volta com seus sapatos de trabalho de fim de semana.

— Você sabe o quanto eu sempre me senti sozinha? — perguntou minha mãe à sua mãe.

— E por isso que estamos andando, Abigail — disse vovó Lynn.

Minha mãe focalizou os olhos à sua frente, mas sua mão continuou a ligá-la à mãe. Pensou na natureza solitária de sua infância. Em como, quando tinha visto suas duas filhas amarrarem um barbante ligando dois copos de papel e ir para quartos separados sussurrar segredos uma para a outra, não podia realmente dizer que

sabia o que era aquilo. Em sua casa não havia mais ninguém com ela a não ser sua mãe e seu pai, e depois seu pai tinha ido embora.

Fitou as copas das árvores que, a quilômetros de nossa área de expansão, eram as coisas mais altas por ali. Ficavam em cima de uma colina alta que nunca tinha sido limpa para construir casas e onde alguns velhos agricultores ainda moravam.

— Não posso descrever o que estou sentindo — disse ela. — Para ninguém.

Elas chegaram ao fim da área de expansão bem na hora em que o sol descia do outro lado da colina à sua frente. Um instante passou sem nenhuma das duas se virar. Minha mãe viu a última luz tremeluzir em uma a de drenagem no final da rua.

— Não sei o que fazer — disse ela. — Está tudo acabado agora.

Minha avó não teve certeza do que ela queria dizer com "tudo", mas não a pressionou mais.

— Vamos voltar? — sugeriu minha avó.

— Como? — disse minha mãe.

— Para casa, Abigail. Voltar para casa.

Viraram-se e recomeçaram a andar. As casas, uma depois da outra, de estrutura idêntica. Apenas o que minha avó considerava seus acessórios as diferenciava. Ela nunca tinha entendido lugares como aquele — lugares onde sua própria filha tinha decidido morar.

— Quando chegarmos à curva da rotatória — disse minha mãe — quero passar lá na frente.

— Da casa dele?

— É.

Vi vovó Lynn se virar quando minha mãe se virou.

— Você me promete que não vai mais ver esse homem? — perguntou minha avó.

— Quem?

— O homem com quem você está envolvida. E sobre isso que eu estava falando.

— Não estou envolvida com ninguém — disse minha mãe. Sua mente voava como um pássaro de um telhado a outro. — Mãe? — disse ela, e se virou.

— Abigail?

— Se eu precisar ir embora por algum tempo, posso usar a cabana do papai?

— Você ouviu o que eu disse?

Elas podiam sentir um cheiro no ar, e mais uma vez a mente ansiosa, ágil da minha mãe se esquivou.

— Tem alguém fumando — disse ela.

Vovó Lynn encarava a filha. A dona de casa pragmática e formal que minha mãe sempre fora tinha desaparecido. Ela estava esquiva e distraída. Minha avó não tinha mais nada a lhe dizer.

— São cigarros importados — disse minha mãe. — Vamos encontrá-los!

E na luz cada vez mais fraca minha avó ficou olhando, boquiaberta, tainha mãe começar a seguir o cheiro até sua origem.

— Eu vou voltar — disse minha avó.

Mas minha mãe continuou andando.

Logo encontrou a origem da fumaça. Era Ruana Singh, em pé atrás de um grande pinheiro no quintal dos fundos de sua casa.

— Oi — disse minha mãe.

Ruana não se assustou como pensei que faria. Sua calma tinha virado algo ensaiado. Ela era capaz de manter a respiração constante durante o mais surpreendente dos acontecimentos, fosse seu filho sendo acusado de assassinato pela polícia ou seu marido conduzindo um jantar em sua casa como se fosse uma reunião do comitê acadêmico. Ela tinha dito a Ray que ele podia ir lá para cima, e depois tinha desaparecido pela porta dos fundos r sua falta não tinha sido notada.

— Sra. Salmon — disse Ruana, exalando o cheiro forte de seus cigarros.

Em uma onda de fumaça e calor, minha mãe segurou a mão estendida de Ruana. — Que prazer em vê-la.

— A senhora está dando uma festa? — perguntou minha mãe.

— Meu marido está dando uma festa. Eu sou a anfitriã. Minha mãe sorriu.

— Este lugar em que moramos é estranho — disse Ruana.

Seus olhos se encontraram. Minha mãe balançou a cabeça, concordando.

Em algum lugar da rua lá atrás estava sua mãe, mas, por enquanto, ela, assim como Ruana, estava em uma tranquila ilha longe do continente.

— A senhora tem outro cigarro?

— Claro, sra. Salmon, tenho sim. — Ruana pôs a mão dentro do bolso de seu comprido cardigã preto e estendeu o maço e o isqueiro. — Dunhill — disse ela. — Espero que sirva.

Minha mãe acendeu seu cigarro e devolveu a Ruana o maço azul com seu papel dourado.

— Abigail — disse ela enquanto expirava. — Por favor, me chame de Abigail.

Lá em cima em seu quarto, com as luzes apagadas, Ray sentia o cheire dos cigarros da mãe, que ela nunca o acusava de roubar, assim como ele nunca deixava escapar que sabia que ela os tinha. Ouvia as vozes no andar de baixo — os sons altos do pai e de seus colegas falando seis línguas diferentes e rindo com gosto do dia de Ação de Graças próximo: ah, como aquele feriado era tipicamente americano. Não sabia que minha mãe estava lá fora no gramado com sua mãe ou que eu o estava vendo se sentar no peitoril de sua janela e sentir o cheiro doce de tabaco. Logo sairia da janela e acenderia o pequeno abajur ao lado da cama para ler. A sra. McBride tinha lhes dito para achar um soneto sobre o qual gostariam de escrever um trabalho, mas lendo os que tinha diante dos olhos em sua Norton Anthology ele não parava de voltar ao instante que desejava poder

recuperar e viver de novo. Se ao menos ele tivesse me beijado no andaime, talvez tudo tivesse acontecido de forma diferente.

Vovó Lynn continuou pelo caminho que tinha decidido com minha mãe, e depois de algum tempo ali estava ela — a casa que eles tentavam esquecer morando a duas casas de distância. O Jack tinha razão, pensou minha avó. Podia sentir aquilo até no escuro. O lugar irradiava alguma coisa malévola. Ela teve um calafrio e começou a ouvir os grilos e a ver os vaga-lumes se juntarem em um enxame acima dos canteiros de flores dele. Pensou de repente que não faria nada a não ser dar apoio à sua filha. Sua filha estava vivendo no meio de uma zona devastada que nenhum caso de seu próprio marido podia ajudá-la a compreender. Pela manhã, ela diria à minha mãe que as chaves da cabana sempre estariam à sua disposição, caso ela precisasse.

Naquela noite, minha mãe teve o que considerou um sonho maravilhoso.

Sonhou com a índia, onde nunca tinha estado. Havia cones de tráfego laranja e lindos insetos de lápis-lazúli com mandíbulas de ouro.

Uma menina estava sendo conduzida pelas ruas. Ela foi levada até uma pira onde foi envolta em um lençol e colocada em cima de uma plataforma feita de gravetos. O fogo brilhante que a consumiu levou minha mãe àquele estado de alegria profunda, leve, como um sonho. A menina estava sendo queimada viva, mas antes disso houvera seu corpo, limpo e inteiro.

Capítulo 14

Durante uma semana Lindsey ficou manjando a casa do meu assassino. Ela estava fazendo exatamente o que ele fazia com todas as outras pessoas.

Tinha concordado em treinar com o time de futebol dos meninos durante o ano todo, preparando-se para o desafio que o sr. Dewitt e Samuel a incentivavam a aceitar: entrar para a liga de futebol do colégio formada só por meninos. E Samuel, para demonstrar seu apoio, treinava junto com ela sem esperança de ser aceito como nada, dizia ele, a não ser como "o cara mais rápido de short".

Ele sabia correr, mesmo que chutar e passar e notar a presença de uma bola em qualquer lugar ao seu redor estivessem fora de seu alcance.

Assim, enquanto corriam pelo bairro, todas as vezes que Lindsey olhava na direção da casa do sr. Harvey, Samuel estava na sua frente, marcando o ritmo para ela — sem perceber nada.

Dentro da casa verde, o sr. Harvey olhava para fora. Ele a via olhando para ele e começou a ficar inquieto. Agora já fazia quase um ano, mas os Salmon continuavam decididos a pegá-lo.

Aquilo já tinha acontecido em outras cidades e em outros estados. A família de uma menina suspeitava dele, mas ninguém mais suspeitava.

Ele tinha aperfeiçoado seu discurso para a polícia, uma certa inocência obsequiosa salpicada de admiração por seus

procedimentos ou de ideias inúteis que ele apresentava como se pudessem ajudar. Falar do filho dos Ellis com Fenerman tinha sido uma boa jogada, e a mentira de que era viúvo sempre ajudava. Ele criava uma esposa a partir de qualquer vítima que estivesse recentemente lhe causando prazer em sua lembrança, e para personificá-la sempre havia sua mãe.

Todas as tardes ele saía de casa por uma ou duas horas. Comprava os mantimentos de que precisava e ia de carro até Valley Forge Park, onde percorria as estradas calçadas e as trilhas de terra e se via subitamente rodeado por excursões escolares para a cabana de madeira de George Washington, para a capela em homenagem a George Washington.

Isso o animava — esses momentos em que as crianças estavam ávidas para ver história, como se pudessem realmente encontrar um comprido cabelo grisalho da peruca de Washington preso na ponta áspera de uma tora de madeira.

Às vezes um dos guias da excursão ou uma das professoras o via ali em pé, desconhecido, embora simpático, e ele era alvo de um olhar curioso.

Tinha milhares de respostas para eles: "Eu costumava trazer meus filhos aqui." "Foi aqui que conheci minha mulher." Tinha o cuidado de basear tudo o que dizia em algum membro de uma família imaginária, e então as mulheres sorriam para ele. Certa vez, uma mulher atraente e grandona tentou começar uma conversa com ele enquanto o guia do parque contava para as crianças a história do inverno de 1776 e da Batalha das Nuvens.

Ele tinha usado a história da viuvez e mencionado uma mulher chamada Sophie Cichetti, transformando-a em sua esposa já falecida e seu verdadeiro amor. Isso tinha sido como uma comida saborosa para aquela mulher, e enquanto ele a ouvia falar sobre seus gatos e seu irmão, que tinha três filhos, que ela adorava, ele a imaginava sentada na cadeira de seu porão, morta.

Depois disso,quando via o olhar zangado e curioso de alguma professora, ele recuava timidamente e ia para algum outro lugar do parque. Via mães com os filhos ainda no carrinho passarem depressa pelos caminhos Expostos. Via adolescentes matando aula se beijarem nos campos não aparados ou nas estradas interiores. E no ponto mais alto do parque havia um pequeno bosque ao lado do qual ele parava de vez em quando. Ficava sentado no seu Wagoneer e via homens solitários pararem ao seu lado e descerem dos carros. Homens de terno ou no horário de almoço ou homens de camisas de flanela e jeans entravam depressa naquele bosque. Algumas vezes lançavam um olhar para trás na sua direção — uma pergunta. Se estivessem perto o suficiente, esses homens podiam ver, através de seu para-brisa, o que suas vítimas viam — seu selvagem e infindável desejo.

No dia 26 de novembro de 1974, Lindsey viu o sr. Harvey sair da casa verde, e começou a ficar para trás do grupo de meninos que corria. Mais tarde poderia alegar ter ficado menstruada e todos se calariam, e ficariam até satisfeitos por isso ser uma prova de que o pouco popular plano do sr. Dewitt — uma menina no campeonato regional! — nunca daria certo.

Eu olhava minha irmã e ficava maravilhada. Ela estava virando tudo ao mesmo tempo. Mulher. Espiã. Atleta. O Ostracizado: O Homem Só.

Ela começou a andar, apertando a barriga para simular uma eólica, e acenou para os meninos continuarem quando eles se viraram para olhar para ela. Continuou andando com a mão na cintura até eles virarem a esquina no final do quarteirão. No final do terreno do sr. Harvey havia uma fileira de pinheiros altos e grossos que não eram podados há anos.

Ela se sentou ao lado de um, ainda fingindo exaustão, caso algum vizinho estivesse olhando pela janela, e então, quando sentiu que era o momento certo, enrolou-se formando uma bola com o corpo e

rolou entre dois pinheiros. Esperou. Ainda faltava uma volta para os meninos.

Ela os viu passar por ela e os seguiu com os olhos enquanto pegavam um atalho pelo lote vazio e voltavam para o científico. Estava sozinha.

Calculava ter quarenta e cinco minutos antes de nosso pai começar a se perguntar se ela já tinha chegado. O acordo era que, se ela fosse treinar com o time de futebol masculino, Samuel a levasse em casa antes das cinco horas.

As nuvens tinham pairado pesadas no céu durante todo o dia, e o frio do final do outono fazia suas pernas e braços se arrepiarem. As corridas em grupo sempre a aqueciam, mas quando ela chegava ao vestiário onde dividia os chuveiros com o time de hóquei começava a tremer até a água quente bater em seu corpo. Mas, no gramado da casa verde, seus arrepios eram de medo também.

Quando os meninos entraram no atalho, ela rolou até a janela do porão na lateral da casa do sr. Harvey. Já tinha pensado em uma história, caso fosse pega. Estava perseguindo um gatinho que tinha visto correr para o meio dos pinheiros. Diria que ele era cinza, que corria rápido, que tinha corrido na direção da casa do sr. Harvey e que ela o tinha seguido sem pensar.

Ela podia ver o interior do porão, onde estava escuro. Tentou a janela, mas o trinco estava fechado por dentro. Teria que quebrar o vidro.

Pensando rápido, ficou preocupada com o barulho, mas tinha ido longe demais para parar agora. Pensou no meu pai em casa, sempre de olho no relógio perto de sua cadeira, e tirou o casaco de moletom e o enrolou em volta dos pés. Sentando-se, apoiou o corpo com os braços e depois chutou uma vez, duas vezes, três vezes com os dois pés até a janela se partir — um barulho abafado.

Com cuidado, passou o corpo para dentro, procurando na parede um apoio para o pé, mas tendo que pular os últimos metros e

aterrissar em cima do vidro partido e do concreto.

O cômodo parecia limpo e varrido, diferente do nosso próprio porão, onde montes de caixas com nomes de feriados — OVOS DE PÁSCOA E GRAMA VERDE, ESTRELA DE NATAL/ENFEITES — nunca voltavam para cima das prateleiras que meu pai tinha construído.

O ar frio de fora entrou,e ela sentiu o vento em seu pescoço empurrando-a para fora do semicírculo de vidro partido em direção ao resto do modo. Viu a poltrona e uma mesinha do lado. Viu o grande despertador com números luminosos em cima da prateleira de metal. Eu queria guiar os olhos dela para o forro, onde ela encontraria os ossos dos animais, mas sabia também que, por mais que tivesse desenhado o olho de uma mosca em papel milimetrado e de ter tirado a nota máxima na aula do sr. Botte naquele outono, ela pensaria que os ossos eram meus.

Por isso fiquei contente quando ela não chegou perto deles.

Apesar da minha incapacidade de aparecer ou sussurrar, empurrar ou conduzir, Lindsey, sozinha, sentiu alguma coisa. Alguma coisa carregava o ar frio e úmido do porão e a fazia se encolher. Ela estava a poucos metros da janela aberta, sabendo que de qualquer maneira andaria mais para dentro da casa, e que de qualquer maneira tinha que se acalmar e se concentrar em procurar pistas;mas naquela hora,por um instante,pensou em Samuel correndo na sua frente, achando que iria encontrá-la em sua última volta, depois correndo de volta em direção ao colégio, achando que iria encontrá-la do lado de fora, depois supondo, mas com um primeiro sinal de dúvida, que ela estava tomando banho, então ele também estaria tomando banho agora, e depois esperando por ela antes de fazer qualquer outra coisa. Quanto tempo ele poderia esperar? Enquanto seus olhos subiam as escadas até o primeiro andar antes de seus pés irem atrás, ela desejou que Samuel estivesse ali para descer atrás dela e acompanhar seus movimentos, apagando sua solidão enquanto prosseguia, seguindo seus passos. Mas não

tinha contado para ele de propósito — não tinha contado para ninguém. O que ela estava fazendo passava dos limites — era um crime — e ela sabia disso.

Se pensasse a respeito depois, diria que tinha precisado de ar e que por isso tinha subido as escadas. Pequenos fragmentos de poeira branca se juntaram nos bicos dos seus sapatos enquanto ela subia as escadas, mas ela não percebeu.

Girou a maçaneta da porta do porão e chegou ao primeiro andar. Apenas cinco minutos tinham passado. Ela ainda tinha quarenta, ou assim pensava. Ainda havia um pouco de luz entrando pelas persianas fechadas. Em pé, hesitante, naquela casa idêntica à nossa, ela ouviu o som seco do Evening Bulletin batendo na varanda e o entregador tocando a campainha de sua bicicleta ao passar.

Minha irmã disse a si mesma que estava dentro de uma série de cômodos e espaços que, percorridos metodicamente, poderiam produzir aquilo de que precisava, fornecer-lhe o único troféu que poderia levar para casa para nosso pai, conseguindo assim se libertar de mim. Sempre a competição, mesmo entre os vivos e os mortos. Viu as pedras do piso da entrada — do mesmo verde-escuro e cinza das nossas — e imaginou-se engatinhando atrás de mim quando era bebê e eu estava começando a aprender a andar. Então viu meu corpo de bebê se afastando encantado para longe dela, para o cômodo ao lado, e lembrou-se de sua própria sensação de se lançar, de dar os primeiros passos enquanto eu a provocava da ala de estar.

Mas a casa do sr. Harvey era muito mais vazia do que a nossa, e não havia nenhum tapete para tornar a decoração mais calorosa. Lindsey saiu das pedras e pisou no chão de pinho polido do que na nossa casa era a sala de estar. Ela fazia ecos no hall de entrada aberto, recebendo de volta o som de rida um de seus movimentos.

Não conseguia fazer as lembranças pararem de esbarrar nela. Todas causavam um estrondo brutal. Buckley descendo as escadas montado nos meus ombros. Nossa mãe me equilibrando enquanto

Lindsey olhava, invejosa por eu poder alcançar o alto da árvore de Natal com a estrela de prata nas mãos. Eu deslizando corrimão abaixo e dizendo-lhe para vir comigo. Nós duas implorando para nosso pai nos dar os quadrinhos depois do jantar. Nós todos correndo atrás de Holiday que latia sem parar. E os incontáveis sorrisos exaustos que enfeitavam artificialmente nossos rostos para fotos de aniversário, e fotos de férias, e fotos depois do colégio. Duas irmãs vestidas de forma idêntica, de veludo ou xadrez ou amarelo na cada por algo pesado, uma mosca presa no funil de uma teia de aranha, a seda grossa se amarrando à sua volta. Sabia que nosso pai tinha entrado no milharal possuído por alguma coisa que estava se infiltrando dentro dela agora. Queria levar de volta pistas que ele pudesse usar como escada para subir de volta até ela, ancorá-lo com fatos, lastrear suas frases para Len. Em vez disso, via-se caindo atrás dele em um abismo sem fundo.

Tinha vinte minutos.

Dentro daquela casa minha irmã era o único ser vivo, mas ela não estava sozinha, e eu não era sua única companhia. A arquitetura da vida do meu assassino, os corpos das meninas que ele tinha deixado para trás, começou a se revelar para mim agora que minha irmã estava naquela casa. Eu estava no céu. Comecei a dizer o nome delas:

Jackie Meyer. Delaware, 1967. 13 anos.

Uma cadeira derrubada, com os fundos de frente para o quarto. Deitada encolhida virada para a cadeira, ela vestia uma camiseta listrada e mais nada. Perto de sua cabeça, uma pequena poça de sangue.

Flora Hernandez. Delaware, 1963. 8 anos.

Ele só queria tocar nela, mas ela gritou. Uma menina pequena para sua idade. Sua meia e seu sapato esquerdos foram encontrados depois. O corpo nunca foi recuperado. Os ossos estavam enterrados no porão de terra de uma velha casa de apartamentos.

Leah Fox. Delaware, 1969. 12 anos.

Em um sofá forrado debaixo do acesso a uma autoestrada, ele a matou, muito silenciosamente. Adormeceu em cima dela, ninado pelo som dos os zunindo acima deles. Só dez horas depois, quando um sem-teto bateu na pequena cabana que o sr. Harvey tinha construído com portas abandonadas foi que ele começou a empacotar suas coisas e o corpo de Leah Fox.

Sophie Cichetti, Pensilvânia, 1960. 49 anos.

Proprietária, ela havia dividido seu apartamento de cima em dois construindo uma parede de gesso. Ele gostava da janela em meia-lua que isso Páscoa. Segurávamos cestas de coelhinhos e ovos que tínhamos mergulhado em corante. Sapatos de verniz com tiras e fivelas duras.

Sorrindo muito enquanto nossa mãe tentava achar o foco de sua máquina fotográfica. As fotos sempre fora de foco, nossos olhos pontos vermelhos brilhantes. Nenhuma delas, esses artefatos deixados para a minha irmã, guardariam para a posteridade os instantes antes e os instantes depois, quando nós duas meninas brincávamos na casa ou brigávamos por algum brinquedo. Quando éramos irmãs.

Foi então que ela viu. Minhas costas correndo para o cômodo seguinte.

Nossa sala de jantar, a sala onde ficavam as casas de bonecas prontas dele. Eu era uma criança correndo bem na sua frente.

Ela saiu correndo atrás de mim.

Perseguiu-me pelos cômodos do primeiro andar e, embora estivesse treinando muito para o futebol, foi incapaz de recuperar o fôlego ao voltar para o hall de entrada. Começou a ficar tonta.

Pensei no que minha mãe sempre tinha dito sobre um menino no nosso ponto de ônibus que tinha o dobro da nossa idade, mas ainda estava na primeira série.

— Ele não conhece sua própria força, então precisam ter cuidado com ele. — Ele gostava de dar abraços de urso em qualquer pessoa

que fosse legal com ele, e era possível ver seu ridículo amor inundar seu rosto e despertar seu desejo de tocar. Antes de ele ser retirado do colégio normal e mandado para algum outro lugar onde ninguém falava a respeito, tinha abraçado uma menininha chamada Daphne e apertado tanto que ela caiu na rua quando ele a soltou. Eu estava empurrando o Meio-Termo com tanta força para chegar até Lindsey que de repente senti que poderia machucá-la quando minha intenção era ajudar.

Minha irmã ficou sentada nos largos degraus no fundo do hall de entrada e fechou os olhos, concentrando-se em recuperar o fôlego, em por que estava na casa do sr. Harvey para começo de conversa. Sentia-se cercada, e o aluguel era barato. Mas ela falava demais sobre o filho e insistia em ler para ele poemas de um livro de sonetos. Ele fez amor com ela na sua metade do quarto dividido, esmagou seu crânio quando ela começou a falar, e levou seu corpo para a margem do riacho ali perto.

Leidia Johnson. 1960. 6 anos.

Condado de Buck, Pensilvânia. Ele escavou uma caverna com teto abaulado dentro de uma colina perto da pedreira e esperou. Ela foi a mais nova.

Wendy Richter. Connecticut, 1971. 13 anos.

Ela estava esperando o pai do lado de fora de um bar. Ele a estuprou nos arbustos e depois a estrangulou. Dessa vez, quando voltou a si, saindo do estupor que muitas vezes durava algum tempo, ouviu barulhos. Virou o rosto da menina morta na direção do seu e, quando as vozes se aproximaram, mordeu sua orelha.

— Desculpe, cara — ouviu dois bêbados dizerem enquanto entravam nos arbustos próximos para fazer xixi.

Eu agora via essa cidade de túmulos flutuantes, frios e castigados pelo vento, para onde iam as vítimas de assassinato na mente dos vivos. Podia ver suas outras vítimas ocupando sua casa — aqueles restos de lembrança deixados para trás antes de elas fugirem desta

terra —, mas naquele dia as deixei ir embora e fui para junto da minha irmã.

Lindsey se levantou no instante em que tornei a prestar atenção nela.

Juntas, nós duas subimos as escadas. Ela se sentia como os zumbis dos filmes que Samuel e Hal adoravam. Um pé na frente do outro, olhando para a frente com um olhar vazio. Chegou ao que era o quarto dos meus pais na nossa casa e não encontrou nada. Percorreu o hall do andar de cima. Nada. Então entrou no que tinha sido meu quarto na nossa casa, e encontrou o do meu assassino.

Era o quarto menos desocupado da casa, e ela fez o possível para não tirar nada do lugar. Passou a mão entre os suéteres empilhados na prateleira, preparada para encontrar qualquer coisa em seu interior aquecido — uma faca, uma arma, uma caneta Bic mastigada por Holiday.

Nada. Mas então, enquanto ouvia alguma coisa, mas não conseguia identificar o que era, ela se virou para a cama e viu a mesa de cabeceira e, bem dentro do círculo de luz de um abajur deixado aceso, o caderno de desenho dele. Correu para lá e ouviu outro som, de novo, sem juntar os dois sons. Carro chegando. Carro freando com um rangido. Porta do carro batendo.

Virou as páginas do caderno e viu os desenhos feitos à tinta de vigas e suportes ou torretas e plataformas, e viu as medidas e anotações, nenhuma das quais significava nada para ela. Então, enquanto virava a última página, pensou ouvir passos do lado de fora e muito perto.

Enquanto o sr. Harvey girava a chave na fechadura da sua porta da frente, ela viu o leve desenho a lápis na página à sua frente. Era um pequeno desenho de galhos acima de um buraco escavado, um detalhe mais para o lado de uma prateleira e de como uma chaminé podia eliminar a fumaça de uma fogueira, e a coisa que chamou sua

atenção: em uma caligrafia fina e angulosa ele tinha escrito "milharal de Stolfuz".

Não fossem os artigos de jornal depois da descoberta do meu cotovelo, ela não teria sabido que o milharal pertencia a um homem chamado Stolfuz. Eu tinha morrido dentro daquele buraco; eu tinha gritado e lutado e perdido.

Ela arrancou a página. O sr. Harvey estava na cozinha preparando algo para comer — a salsicha de que mais gostava, uma tigela de uvas verdes doces. Ouviu uma tábua ranger. Retesou o corpo. Ouviu outra e suas costas se levantaram e se expandiram com súbita compreensão.

As uvas caíram no chão para serem esmagadas pelo pé esquerdo, enquanto minha irmã no quarto de cima pulava para as persianas de alumínio e destrancava a janela emperrada. O sr. Harvey subiu as escadas dois degraus de cada vez, e minha irmã rasgou a tela, pulando para o telhado da varanda e rolando para baixo enquanto ele chegava no hall de cima e vinha voando em sua direção. A calha quebrou quando o corpo dela passou. Quando ele chegou em seu quarto, ela caiu em cima dos arbustos e das sarças e da terra.

Mas ela estava intacta. Gloriosamente intacta. Gloriosamente jovem.

Levantou-se no instante em que ele chegava na janela para pular para o outro lado. Mas ele parou. Viu-a correndo em direção ao sabugueiro. O número serigrafado em suas costas gritava para ele. **5! 5! 5!**

Lindsey Salmon com sua camisa de futebol.

Samuel estava sentado com meus pais e vovó Lynn quando Lindsey chegou em casa.

— Ah, meu Deus — disse minha mãe, a primeira a vê-la através das pequenas janelas quadradas que emolduravam os dois lados da nossa porta da frente.

E quando minha mãe abriu a porta Samuel já tinha corrido para preencher o espaço aberto, e ela entrou, sem olhar para minha mãe nem mesmo para meu pai que se aproximava mancando, direto para o abraço de Samuel.

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus — disse minha mãe enquanto constatava a sujeira e os cortes.

Minha avó veio postar-se ao seu lado.

Samuel pôs a mão na cabeça da minha irmã e alisou seus cabelos.

— Onde você estava?

Mas Lindsey se virou para nosso pai, tão diminuída agora — pequena, mais fraca do que esta criança zangada. O quanto ela estava viva tinha me atormentado naquele dia.

— Papai?

— O que foi, querida?

— Eu fui lá. Eu entrei na casa dele. — Ela estava tremendo um pouco e tentando não chorar.

Minha mãe recuou: — Você o quê?

Mas minha irmã não olhou para ela, nenhuma vez sequer.

— Eu trouxe isso para você. Achei que pudesse ser importante.

Ela havia guardado o desenho na mão, amassado com força, formando uma bola. Aquilo tinha dificultado sua aterrissagem, mas ela havia escapado mesmo assim.

Uma expressão que meu pai tinha lido naquele dia surgiu na sua cabeça nessa hora. Ele a disse em voz alta enquanto olhava Lindsey nos olhos.

— Não há nenhuma condição à qual alguém se ajuste tão rápido quanto um estado de guerra.

Lindsey entregou-lhe o desenho.

— Vou pegar o Buckley — disse minha mãe.

— Você não quer nem olhar para isso, mãe?

— Não sei o que dizer. Sua avó está aqui. Preciso fazer compras, cozinhar um peru. Ninguém parece perceber que temos uma família.

Temos uma família, uma família e um filho, e eu estou indo.

Vovó Lynn acompanhou minha mãe até a porta dos fundos, mas não tentou detê-la.

Depois que minha mãe saiu, minha irmã estendeu a mão para Samuel.

Meu pai viu o que Lindsey tinha visto na caligrafia fina e angulosa do sr. Harvey: a possível planta baixa do meu túmulo. Levantou os olhos.

— Você acredita em mim agora? — perguntou ele a Lindsey.

— Acredito, papai. Meu pai — muito agradecido — precisava dar um telefonema.

— Pai — disse ela.

— O quê?

— Acho que ele me viu.

Eu nunca poderia ter imaginado uma bênção maior para mim do que a segurança física da minha irmã naquele dia. Enquanto ia embora do mirante, eu tremia com o medo que tinha sentido, com a possibilidade de sua perda na Terra, não apenas para meu pai, minha mãe, Buckley e Samue. Mas, egoisticamente, sua perda na Terra para mim.

Franny caminhou na minha direção vinda da lanchonete. Mal levante: a cabeça.

— Susie — disse ela. — Tenho uma coisa para lhe dizer.

Ela me conduziu até debaixo de um dos postes antiquados e depois para longe da luz. Entregou-me um pedaço de papel dobrado em quatro.

— Quando se sentir mais forte, olhe o papel e vá até lá.

Dois dias mais tarde, o mapa de Franny me levou a um campo pelo qual eu sempre passava, mas que, embora fosse lindo, nunca tinha explorado.

O desenho tinha uma linha pontilhada indicando um caminho.

Procurando com nervosismo, busquei uma entrada nas intermináveis fileiras de pés de trigo. Logo na minha frente eu a vi, e quando comecei a andar entre as fileiras o papel se dissolveu na minha mão.

Eu podia ver uma velha e linda oliveira logo em frente.

O sol estava alto, e na frente da oliveira havia uma clareira. Esperei apenas um instante antes de ver o trigo do outro lado começar a pulsar com a chegada de alguém mais baixo do que os caules.

Ela era pequena para sua idade, como tinha sido na Terra, e usava um vestido florido puído na bainha e nos punhos.

Ela parou e olhamos uma para a outra.

— Eu venho aqui quase todo dia — disse ela. — Gosto de escutar os sons. Percebi que ao nosso redor o trigo farfalhava enquanto se movia com o vento.

— Você conhece a Franny? — perguntei. A menininha assentiu solenemente.

— Ela me deu um mapa deste lugar.

— Então você deve estar pronta — disse ela, mas também estava no seu céu, e isso exigia rodopios e sua saia voando em círculos. Sentei-me no chão debaixo da árvore e fiquei olhando para ela.

Quando ela terminou, veio na minha direção e se sentou, sem fôlego.

— Eu era a Flora Hernandez — disse ela. — Qual era o seu nome?

Eu lhe disse, e então comecei a chorar de alívio, por conhecer outra menina que ele havia matado.

— As outras vão chegar daqui a pouco — disse ela.

E enquanto Flora rodopiava, outras meninas e mulheres chegaram do campo em todas as direções. A dor de cada uma de nós foi se derramando dentro das outras como água passando de copo em copo.

Todas as vezes que eu contava a minha história, perdia um pedacinho, uma minúscula gota de dor. Foi naquele dia que eu soube que queria contar a história da minha família. Porque o horror na Terra é real e acontece todos os dias. É como uma flor ou como o sol; não pode ser contido.

Capítulo 15

No início ninguém os parava, e sua mãe gostava tanto gorjeio da risada dela quando eles dobravam a esquina de algum loja e ela desembrulhava e mostrava para ele o objeto roubado, que George Harvey ria também e, percebendo uma oportunidade, a abraçava enquanto ela estava ocupada com seu mais novo prêmio.

Era um alívio para ambos sair de perto de seu pai à tarde e seguir de carro até a cidade próxima para comprar comida ou outros mantimentos.

Na melhor das hipóteses eram sucateiros, e ganhavam dinheiro juntando pedaços de metal e garrafas velhas e levando-as para a cidade na caçamba plana do velho caminhão de Harvey pai.

Quando sua mãe e ele foram pegos pela primeira vez, os dois foram tratados com educação pela mulher da caixa registradora.

— Se puderem pagar por isso, paguem. Se não puderem, deixem no balcão como se fosse novo — disse ela animada, piscando o olho para um George Harvey de 8 anos. Sua mãe tirou o pequeno frasco de vidro de aspirina do bolso e o colocou envergonhada sobre o balcão. O rosto dela perdeu o viço.

— Tão ruim quanto o filho — repreendia com frequência seu pai.

Ser pego tornou-se outro instante de sua vida que causava medo — aquela sensação nauseante apertando-lhe o estômago como ovos sendo mexidos dentro de uma tigela — e ele podia ver pelos rostos sérios e olhos duros quando a pessoa descendo o corredor em sua

direção era ura empregado da loja que tinha visto uma mulher roubando.

E ela começou a entregar os objetos roubados para ele os esconder em seu corpo, e ele o fazia porque ela queria que fizesse. Quando saíam e iam embora no caminhão, ela sorria e batia no volante com a palma da mão e o chamava de seu pequeno cúmplice. A cabine se enchia com seu amor selvagem e imprevisível, e por algum tempo — até ele se dissipar e eles verem algo cintilando na beira da estrada que teriam de investigar para o que sua mãe chamava de "possibilidades" — ele se sentia livre. Livre e protegido.

Lembrava-se do conselho que ela tinha lhe dado da primeira vez em que passaram por um trecho de estrada no Texas e viram uma cruz de madeira branca ao lado da estrada. Ao pé da cruz havia montinhos de flores frescas e mortas. Seus olhos de sucateiro foram imediatamente atraídos pelas cores.

— Você precisa conseguir ver através dos mortos — disse sua mãe. — Algumas vezes há boas bugigangas para se tirar deles.

Mesmo naquela época ele podia sentir que estava fazendo algo errado.

Os dois desceram do caminhão e foram até a cruz, e os olhos de sua mãe se transformaram nos dois pontos negros que ele estava acostumado a ver quando procuravam. Ela encontrou um amuleto em forma de olho e outro em forma de coração e os estendeu para George Harvey ver.

— Não sei o que seu pai faria com isso, mas podemos ficar com eles, só eu e você.

Ela tinha um estoque de coisas secretas que nunca mostrava ao pai dele.

— Você quer o olho ou o coração?

— O olho — disse ele.

— Acho que estas rosas estão frescas o suficiente para levar, vão ficar bonitas no caminhão.

Naquela noite eles dormiram no caminhão, incapazes de fazer a viagem de volta até onde seu pai estava trabalhando em um emprego temporário partindo e separando tábuas com a mão.

Dormiram os dois encolhidos um junto do outro como faziam com alguma frequência, transformando o interior da cabine em um ninho desconfortável. Sua mãe, como um cachorro mordendo um cobertor, ficava mudando de lugar em seu assento e se mexendo. Depois das lutas iniciais. George Harvey tinha percebido que era melhor ficar mole e deixá-la movê-lo como quisesse. Até sua mãe estar confortável, ninguém dormia.

No meio da noite, enquanto ele sonhava com o interior macio dos palácios dos livros de figuras que tinha visto em bibliotecas públicas, alguém bateu no teto, e George Harvey e sua mãe levantaram num susto. Eram três homens, olhando pelas janelas de um modo que George Harvey reconhecia. Era o olhar que seu próprio pai tinha algumas vezes quando estava bêbado. O olhar tinha um efeito duplo: ele todo estava direcionado para sua mãe e simultaneamente eliminava o filho.

Ele sabia que não deveria gritar.

— Fica quieto. Eles não estão aqui para você — sussurrou-lhe ela. Ele começou a tremer sob os velhos cobertores de exército que os cobriam.

Um dos três homens estava de pé na frente do caminhão. Os outros dois batiam dos dois lados do teto do caminhão, rindo e pondo a língua para fora.

Sua mãe sacudiu a cabeça com veemência, mas aquilo só fez enraivecê-los. O homem na frente do caminhão começou a sacudir os quadris para trás e para a frente contra a dianteira, o que fez os outros dois homens rirem mais alto.

— Vou me mexer devagar — sussurrou sua mãe — e fingir que vou sair do caminhão. Quero que você estenda a mão para frente e gire as chaves na ignição quando eu disser.

Ele sabia que estava escutando algo muito importante. Que ela precisava dele. Apesar da calma ensaiada, podia ouvir o tom metálico da voz dela, o ferro surgindo agora através do medo.

Ela sorriu para os homens, e enquanto eles davam vivas e seus corpos relaxavam usou o cotovelo para pôr o câmbio no lugar.

— Agora — disse ela com uma voz monótona sem entonação, e Géorge Harvey estendeu a mão e girou as chaves. O caminhão ganhou vida com seu velho motor ruidoso.

Os rostos dos homens mudaram, perdendo sua alegria aquisitiva e em seguida, enquanto ela dava ré por uma boa distância, eles a seguiam com m olhos, enchendo-se de incerteza. Ela pôs o câmbio na posição de andar e gritou: — No chão! — para o filho. Ele pôde sentir o impacto do corpo do homem batendo no caminhão a poucos metros de onde estava encolhido lá dentro. Então o corpo foi suspenso até o teto. Ficou ali por um segundo até sua mãe dar ré novamente. Ele tinha tido um instante de clareza sobre como a vida deveria ser vivida: não como uma criança, nem como uma mulher. Eram as duas piores coisas que se podia ser.

Seu coração tinha batido freneticamente enquanto ele via Lindsey correr em direção à cerca viva de sabugueiro, mas depois, imediatamente, ele tinha se acalmado. Era uma habilidade que sua mãe, não seu pai, tinha me ensinado — só agir depois de calcular o pior desfecho possível para cada alternativa disponível. Ele viu o caderno de rascunho mexido e a página faltando em seu caderno de desenhos. Verificou o saco com a faca, levou a faca consigo para o porão e a jogou no buraco quadrado aberto no alicerce com uma furadeira. Da prateleira de metal, tirou o monte de amuletos que guardava das mulheres. Tirou a pedra angular da Pensilvânia da minha pulseira e a segurou na mão. Boa sorte. Espalhou os outros em seu lenço branco e juntou as quatro pontas para formar um pequeno saco. Pôs a mão dentro do buraco debaixo do alicerce e se deitou de bruços no chão para enfiar o braço lá dentro até o ombro.

Tateou, procurando com os dedos livres da mão enquanto os outros seguravam o saco, até encontrar a protuberância enferrujada de um suporte de metal por cima do qual os pedreiros tinham derramado o cimento. Pendurou sua trouxa de troféus ali e depois retirou o braço e ficou em pé. Já tinha enterrado o livro de sonetos naquele verão na floresta de Valley Forge Park, livrando-se das provas devagar como sempre fazia; agora ele esperava que não tivesse sido devagar demais.

No máximo cinco minutos tinham passado. Eles poderiam ser atribuídos ao choque ou à raiva. A verificação do que todo mundo pensava serem objetos de valor — suas abotoaduras, seu dinheiro, suas ferramentas.

Mas ele sabia que não podia demorar muito mais do que isso. Precisava chamar a polícia.

Forçou-se a subir as escadas. Andou de um lado para o outro por alguns instantes, inspirando e expirando depressa, e quando a telefonista atendeu controlou a voz.

— Minha casa foi arrombada. Preciso da polícia — disse ele, elaborando o roteiro do começo da sua versão da história enquanto em seu íntimo calculava com que rapidez poderia ir embora e o que podia levar consigo.

Quando meu pai ligou para a delegacia, pediu para falar com Len Fenerman. Mas eles não sabiam onde Fenerman estava. Meu pai foi informado que dois oficiais uniformizados já tinham sido enviados para investigar. O que encontraram quando o sr. Harvey atendeu à porta foi um homem choroso e perturbado e que sob todos os aspectos, com exceção de uma certa sensação de asco que os oficiais atribuíram à visão de um homem que se permitia chorar, pareceu estar respondendo racionalmente aos acontecimentos alegados.

Embora a informação sobre o desenho que Lindsey tinha pegado houvesse sido transmitida pelo rádio, os oficiais ficaram mais

impressionados pela sugestão espontânea do sr. Harvey de que revistassem sua casa. Ele também parecia sincero em sua compaixão pela família Salmon.

Os oficiais foram ficando pouco à vontade. Vasculharam a casa por alto e não encontraram nada, com exceção das provas do que consideravam ser uma solidão extrema e de um quarto cheio de lindas casas de boneca no secundo andar, onde mudaram de assunto e lhe perguntaram há quanto tempo ele as construía.

Mais tarde disseram ter percebido uma mudança imediata e amigável no comportamento dele. Ele entrou em seu quarto e pegou o caderno de rascunhos, sem mencionar nenhum desenho roubado. A polícia registrou sua amabilidade cada vez maior enquanto ele lhes mostrava os rascunhos para as casas de boneca. Fizeram sua pergunta seguinte com delicadeza.

— Senhor — disse um oficial —, podemos levá-lo para a delegacia para mais perguntas, e o senhor tem direito a um advogado presente, mas. .

O sr. Harvey o interrompeu.

— Eu me disponho a responder a qualquer pergunta aqui. Sou eu a vítima do crime, embora não tenha intenção de prestar queixa contra aquela pobre menina.

— A jovem que arrombou a sua casa — começou o outro oficial — levou uma coisa. Era um desenho do milharal com uma espécie de estrutura. .

O modo como Harvey absorveu aquilo, diriam os oficiais ao inspetor Fenerman, foi imediato e muito convincente. Ele tinha uma explicação que adaptava com tanta perfeição que eles não imaginaram que ele oferecesse o menor risco — em grande parte porque não o viam em primeiro lugar e, principalmente, como um assassino.

— Ah, a pobre menina — disse ele. Levou os dedos aos lábios franzidos.

Virou-se para seu caderno de rascunho e o folheou até chegar a um desenho muito parecido com o que Lindsey tinha pegado.

— Está aqui, era um desenho parecido com este, não era? — Os oficiais — agora espectadores — assentiram. — Eu estava tentando entender — confessou o sr. Harvey. — Admito que o horror da história me obcecou.

Acho que todos no bairro tentaram pensar em como poderiam ter evitado aquilo. Por que não ouviram nada, não viram nada. Quero dizer, sem dúvida, a menina gritou.

— Agora olhem aqui — disse ele aos dois homens, apontando para seu desenho com uma caneta. — Perdoem-me, mas eu penso em termos de estruturas, e depois de ouvir quanto sangue havia no milharal e a aparência revirada da área onde ele foi encontrado, decidi que talvez... — Ele olhou para eles, prestando atenção em seus olhos. Ambos os oficiais estavam acompanhando seu raciocínio. Queriam acompanhar seu raciocínio. Não tinham pistas, não tinham corpo, não tinham provas.

Talvez aquele homem estranho tivesse uma teoria que pudessem usar. — Bom, que a pessoa que fez aquilo tinha construído alguma coisa debaixo da terra, um buraco, e depois confesso que comecei a me preocupar com ele e a detalhá-lo como faço com as casas de boneca, e pus uma chaminé e uma prateleira, e bom, isso é só um hábito que eu tenho. — Ele fez uma pausa. — Tenho muito tempo livre.

— Então, funcionou? — perguntou um dos dois oficiais.

— Sempre achei que tivesse razão.

— Por que o senhor não nos telefonou?

— Eu não ia trazer de volta a filha deles. Quando o inspetor Fenerman me entrevistou eu mencionei como suspeitava do filho dos Ellis, e no final estava redondamente enganado. Não quis me intrometer com mais uma das minhas teorias de amador.

Os oficiais pediram desculpas pelo fato de que no dia seguinte o inspetor Fenerman iria visitá-lo de novo, mais provavelmente querendo tornar a examinar o mesmo material.Ver o caderno de desenhos,ouvir as considerações do sr. Harvey sobre o milharal. O sr. Harvey aceitava tudo isso como um dos deveres de um civil zeloso,muito embora fosse ele quem tivesse sido vitimado. Os oficiais documentaram o caminho da minha irmã da janela quebrada do porão até a saída pela janela do quarto. Conversaram sobre os danos, dos quais o sr. Harvey disse que se encarregaria,enfatizando que estava consciente da imensa dor que Salmon pai tinha demonstrado muitos meses atrás, e como ela agora parecia estar contaminando a irmã da pobre menina.

Vi as chances de captura do sr. Harvey diminuírem ao mesmo tempo em que via o núcleo da minha família tal como eu a tinha conhecido se incendiar.

Depois de pegar Buckley na casa de Nate, minha mãe parou em um telefone público do lado de fora da loja de conveniência na estrada 30.

Disse a Len para encontrá-la em uma loja vulgar e barulhenta no shopping certo da mercearia. Ele saiu de casa imediatamente. Enquanto tirava o carro da garagem, o telefone da casa dele estava tocando, mas ele não escutou. Estava dentro da cápsula de seu carro, pensando na minha mãe, em como aquilo tudo era errado e depois em como ele não conseguia lhe dizer não, por motivos que não podia manter na cabeça tempo suficiente para analisar ou negar.

Minha mãe percorreu de carro a curta distância entre a mercearia e o shopping e conduziu Buckley pela mão para dentro das portas de vidro até cm círculo rebaixado onde os pais podiam deixar seus filhos brincando enquanto faziam compras.

Buckley estava encantado.

— O círculo! Posso? — disse ele, e viu seus colegas pulando da cama elástica e dando saltos mortais no piso de borracha.

— Você quer mesmo, querido? — perguntou-lhe ela.

— Por favor — disse ele.

Ela fez aquilo parecer uma concessão materna.

— Tudo bem — disse ela. E ele partiu na direção de um escorrega de metal vermelho. — Comporte-se — gritou ela atrás dele. Nunca o tinha deixado brincar ali sem ela.

Ela deixou o nome dele com o monitor que supervisionava o círculo de brinquedos e disse que ia fazer compras no subsolo perto do Wanamaker's.

Enquanto o sr. Harvey explicava sua teoria sobre o meu assassinato, minha mãe sentiu a mão de alguém roçar a parte de trás de seus ombros dentro de uma loja vulgar chamada Spencer's. Virou-se com um alívio ansioso, apenas para ver as costas de Len Fenerman saindo da loja.

Passando por máscaras que brilhavam no escuro, bolas de plástico preto, chaveiros de monstros peludos e uma enorme caveira risonha, minha mãe foi atrás dele.

Ele não se virou. Ela continuou a segui-lo, primeiro animada e depois irritada. Entre cada passo havia tempo suficiente para pensar, e ela não queria pensar.

Finalmente, ela o viu destrancar uma porta branca que nunca tinha percebido, incrustada na parede.

Ela sabia pelos barulhos mais adiante no corredor escuro que Len a tinha levado para as entranhas do shopping — o sistema de filtragem de ar ou a bomba d'água. Ela não ligava. Na escuridão, imaginou-se dentro do próprio coração, e uma visão do desenho ampliado no consultório do seu médico surgiu em sua mente e ao mesmo tempo ela viu meu pai, com seu avental de papel e suas meias pretas, sentado na beirada da mesa de exame enquanto o médico explicava para eles os perigos de uma congestão cardíaca. No instante em que ela estava prestes a sucumbir à dor, a gritar e tropeçar e entrar em um estado de confusão, chegou ao final do

corredor. Este dava para um cômodo grande de três andares que latejava e zumbia e pelo qual estavam espalhadas pequenas luzes montadas desordenadamente em tanques e tambores de metal. Ela parou e tentou ouvir outro som que não o estrondo ensurdecedor do ar sendo sugado para fora do shopping e recondicionado para ser jogado para dentro de novo. Nada.

Vi Len antes de ela o ver. Em pé, sozinho na escuridão quase completa, ele a olhou por um instante, localizando o desejo nos olhos dela. Sentia muito por meu pai, por minha família, mas mergulhou naqueles olhos.

"Eu poderia me afogar nesses olhos, Abigail", ele queria dizer para ela, mas sabia que isso não lhe seria permitido.

Minha mãe começou a distinguir cada vez mais formas em meio ao emaranhado confuso de metal brilhante, e por um instante pude sentir o cômodo começar a lhe bastar, aquele território estranho bastar para acalmá-la. Era a sensação de que nada podia atingi-la.

Não fosse pelas mãos de Len se estendendo e roçando seus dedos com as pontas dos seus, eu poderia tê-la guardado só para mim ali. O cômodo poderia ter continuado a ser simplesmente um curto período de férias de sua vida como a sra. Salmon.

Mas ele a tocou, e ela se virou. Mesmo assim, não conseguia olhar para ele de verdade. Ele aceitou essa ausência da parte dela.

Fiquei tonta ao ver aquilo e me segurei no banco do mirante, engolindo ir. Ela nunca poderia saber, pensei, que enquanto agarrava os cabelos de Len e ele estendia a mão até a base de sua coluna, puxando-a mais para perto, que o homem que tinha me assassinado estava conduzindo dois oficiais até a porta da frente da sua casa.

Senti os beijos enquanto eles desciam pelo pescoço da minha mãe e chegavam ao peito, como pequenas e leves pegadas de camundongo, e como as pétalas de flores caindo que realmente eram. Ruinosas e maravilhosas ao mesmo tempo. Eram sussurros

chamando-a para longe de mim e de sua família e de sua dor. Ela os seguiu com o corpo.

Enquanto Len segurava sua mão e a afastava da parede até o emaranhado de canos onde o barulho lá em cima aumentava de volume, o sr. Harvey começava a empacotar seus pertences; meu irmão conhecia uma menininha brincando de bambolê no círculo; minha irmã e Samuel ficavam deitados um do lado do outro na cama dela, completamente vestidos e nervosos; minha avó entornava três doses de bebida na sala de jantar vazia. Meu pai olhava o telefone.

Minha mãe agarrou o casaco e a camisa de Len com avidez, e ele a ajudou. Ficou olhando enquanto ela puxava as próprias roupas, tirando o suéter por cima da cabeça, depois o vestido abotoado atrás e a blusa de gola rulê, até ficar só de calcinha e combinação. Ele a encarava.

Samuel beijou a parte de trás do pescoço da minha irmã. Ela cheirava a sabão e antisséptico e, mesmo naquele momento, ele teve vontade de não deixá-la jamais.

Len estava prestes a dizer alguma coisa; pude ver minha mãe reparar em seus lábios no instante em que estavam se abrindo. Mas ela fechou os olhos e ordenou ao mundo que se calasse — gritando as palavras dentro de seu crânio. Tornou a abrir os olhos e olhou para ele. Ele estava calado, com a boca contraída. Ela passou a combinação de algodão por cima da cabeça e tirou a roupa de baixo. Minha mãe tinha o meu corpo como ele jamais seria. Mas tinha sua própria pele pálida, seus olhos de oceano.

Estava oca e perdida e abandonada.

O sr. Harvey deixou sua casa pela última vez enquanto minha mãe via seu desejo mais temporal ser atendido. Encontrar uma porta que lhe permitisse sair de seu coração arruinado em um misericordioso adultério.

Capítulo 16

Exatamente um ano depois da minha morte, o sr. Singh ligou para dizer que não iria jantar em casa. Mas Ruana faria seus exercícios de qualquer maneira. Se quando estivesse se alongando no tapete, no único lugar quente que a casa parecia ter no inverno, ela não pudesse evitar virar e revirar em sua mente as ausências do marido, deixaria se consumir por tias até seu corpo lhe implorar para parar de pensar nele e se concentrar — enquanto se inclinava para a frente, com os braços agora estendidos em direção aos dedos do pé — e para se mover, para isolar seu cérebro e se esquecer de tudo com exceção da leve e agradável sensação dos músculos se alongando e do próprio corpo se dobrando.

Descendo quase até o chão, a janela da sala de jantar era interrompida apenas pelo rodapé de metal da calefação, que Ruana gostava de manter desligada porque os barulhos que fazia a incomodavam. Lá fora, ela podia a cerejeira, já sem nenhuma folha nem flor. O comedouro de pássaros o balançava suavemente em seu galho.

Ela se alongou até se aquecer bastante e perder a noção de si mesma, e a em que estava se distanciar dela. Sua idade. Seu filho. Mas a imagem seu marido ainda se esgueirava em sua direção. Ela teve uma premonição. Não acreditava que fosse uma mulher, nem mesmo uma aluna que a venerava, que o fazia chegar atrasado com cada vez mais frequência. Ela ria o que era porque era algo que ela

também tinha tido e do qual tinha aberto mão depois de sua contusão muito tempo atrás. Era ambição.

Então ela ouviu sons. Holiday latindo duas ruas mais adiante e o cachorro dos Gilbert respondendo e Ray andando no andar de cima. Como uma bênção, Jethro Tull irrompeu de novo, calando todo o resto.

Com exceção do eventual cigarro, que fumava o mais escondido possível para não dar permissão a Ray para fazer o mesmo, ela havia se mantido em boa saúde. Muitas das mulheres do bairro comentavam sobre como ela se mantinha em boa forma e algumas tinham lhe perguntado se ela se importaria em lhes mostrar como fazia, embora ela sempre tivesse considerado esses pedidos apenas seu jeito de começar uma conversa com sua solitária vizinha estrangeira. Mas quando se sentou em posição de sukhasana, e sua respiração diminuiu de ritmo até ficar profunda, ela não conseguiu relaxar inteiramente e se soltar. A ideia preocupante do que faria quando Ray fosse ficando mais velho e seu marido trabalhasse cada vez mais esgueirou-se pelo interior de seu pé e por seu tornozelo até atrás de seu joelho e começou a subir em seu colo.

A campainha da porta tocou.

Ruana ficou feliz com essa oportunidade de escapar, e embora fosse uma pessoa para quem a ordem também era uma espécie de meditação ela se levantou, amarrou na cintura um xale que estava pendurado nas costas de uma cadeira e, com a música de Ray descendo pela escada, foi até a porta. Pensou apenas por um instante que pudesse ser um vizinho.

Um vizinho reclamando — da música — e ela vestida de collant vermelho e xale.

Ruth estava na porta, segurando uma sacola de compras.

— Oi — disse Ruana. — Posso ajudar?

— Eu vim ver o Ray.

— Entra.

Tudo isso precisou ser meio gritado por cima do barulho vindo lá de cima. Ruth entrou no hall de entrada.

— Sobe — gritou Ruana, apontando para a escada.

Vi Ruana absorver a calça larga impermeável de Ruth, seu suéter de gola rulê, sua parca. *Eu poderia começar com ela*, pensou Ruana consigo mesma.

Ruth estava na mercearia com a mãe, quando viu as velas entre os Tratos de papel e os garfos e colheres de plástico. Naquele dia, no colégio, tinha estado muito consciente de que data era aquela, e embora o que tivesse feito até agora — ficado deitada na cama lendo A redoma de vidro, ajudado a mãe a limpar o que seu pai insistia em chamar de casinha de ferramentas e ela considerava a casinha da poesia, e a acompanhado até a mercearia — não fosse nada capaz de marcar o aniversário da minha morte, estava determinada a fazer alguma coisa.

Quando viu as velas, soube imediatamente que encontraria o caminho da casa de Ray e lhe pediria para ir com ela. Por causa de seus encontros no circulo de lançamento, os alunos do colégio os tinham transformado em um casal apesar de todas as provas em contrário. Ruth podia desenhar quantos nus femininos quisesse e enrolar cachecóis na cabeça e escrever trabalhos sobre Janis Joplin e protestar com veemência contra a opressão de ter de raspar as pernas e axilas. Aos olhos de seus colegas de Fairfax, ela continuava sendo uma menina esquisita que tinha sido encontrada B-E-I-J-A-N-D-O um menino esquisito.

O que ninguém entendia — e eles não conseguiam sequer pensar em contar para ninguém — era que aquilo tinha sido uma experiência entre eles. Ray só tinha beijado a mim, e Ruth nunca tinha beijado ninguém, então, juntos, tinham decidido se beijar e ver o que acontecia.

— Não estou sentindo nada — disse Ruth depois, quando os dois estavam deitados sobre as folhas de bordo debaixo de uma árvore

atrás do estacionamento dos professores.

— Eu também não — admitiu Ray.

— Você sentiu alguma coisa quando beijou a Susie?

— Senti.

— O quê?

— Que queria mais. Naquela noite eu sonhei que a beijava de novo e perguntei se ela estava pensando a mesma coisa.

— E sexo?

— Eu não tinha chegado a esse ponto ainda — disse Ray. — Agora beijo você e não é a mesma coisa.

— A gente podia continuar tentando — disse Ruth. — Eu topo, se você não contar para ninguém.

— Achei que você gostasse de meninas — disse Ray.

— Vou fazer um trato com você — disse Ruth. — Você pode fingir que eu sou a Susie e eu finjo também.

— Você é completamente pirada — disse Ray sorrindo.

— Está dizendo que não quer? — provocou Ruth.

— Me mostra seus desenhos de novo.

— Eu posso ser pirada — disse Ruth, tirando o caderno de desenhos da bolsa — ele agora estava cheio de nus que ela tinha copiado da Playboy, aumentando ou diminuindo a escala de várias partes e acrescentando pelos e dobras onde eles tinham sido retirados — mas pelo menos não tenho tara por carvão vegetal.

Ray estava dançando pelo quarto quando Ruth entrou. Estava de óculos, que tentava não usar no colégio porque eram grossos e seu pai só tinha concordado em comprar a armação mais barata, mais difícil de quebrar.

Vestia jeans que estavam largos e manchados e uma camiseta que Ruth imaginava, e eu sabia, ter sido usada para dormir.

Parou de dançar assim que a viu no vão da porta segurando a sacola de compras. Suas mãos se levantaram imediatamente e

tiraram os óculos, e então, sem saber o que fazer com eles, ele os usou para acenar para ela.

— Oi.

— Pode abaixar isso? — gritou Ruth.

— Claro! Quando o barulho parou, seus ouvidos zumbiram por um segundo, e naquele segundo ela viu alguma coisa passar pelos olhos de Ray.

Ele estava agora do outro lado do quarto, e entre eles havia sua cama, onde os lençóis estavam amarfanhados e embolados e acima da qual estava pendurado um desenho que Ruth tinha feito de mim de memória.

— Você pendurou o desenho — disse Ruth.

— Acho ele muito bom.

— Você e eu e mais ninguém.

— Minha mãe acha ele bom.

— Ela é intensa, Ray — disse Ruth, colocando a sacola no chão. — Não é à toa que você é tão estranho.

— O que tem na sacola?

— Velas — disse Ruth. — Comprei na mercearia. Hoje é 6 de dezembro.

— Eu sei.

— Achei que a gente podia ir ao milharal e acender as velas. Dizer tchau.

— Quantas vezes você consegue dizer tchau?

— Foi só uma ideia — disse Ruth. — Eu vou sozinha.

— Não — disse Ray. — Eu vou.

Ruth se sentou ainda vestindo a jaqueta e as calças impermeáveis e o esperou trocar de camisa. Ela o via de costas para ela, via como ele era magro, mas também como os músculos pareciam pipocar em seus braços da maneira como deveriam e via a cor da sua pele, como a de sua mãe, tão mais convidativa do que a dela, Ruth.

— A gente pode se beijar um pouco se você quiser.

E ele se virou, sorrindo. Tinha começado a gostar das experiências. Não estava mais pensando em mim — embora não pudesse dizer isso para Ruth.

Ele gostava do jeito como ela dizia palavrões e detestava o colégio, tava de como ela era inteligente e de como tentava fingir que não ligava para o fato de o pai dele ser médico (mesmo que não fosse médico de verdade, como ela mesma assinalou) e do pai dela recuperar objetos de casas velhas, ou dos Singh terem fileiras e mais fileiras de livros em casa enquanto ela não tinha quase nenhum.

Ele se sentou ao lado dela na cama.

— Quer tirar sua parca?

Ela tirou.

Assim, no aniversário da minha morte, Ray se agarrou com Ruth e os dois se beijaram e em determinado momento ela o encarou.

— Merda! — disse ela. — Acho que estou sentindo alguma coisa.

Quando Ray e Ruth chegaram ao milharal, estavam calados e ele segurava sua mão. Ela não sabia se ele a estava segurando porque estavam pensando na minha morte juntos ou porque ele gostava dela.

Seu cérebro era uma tormenta, sua percepção habitual tinha desaparecido.

Então ela viu que não tinha sido a única a pensar em mim. Hal e Samuel Heckler estavam em pé no milharal com as mãos enfiadas nos bolsos e de costas para ela. Ruth viu narcisos amarelos no chão.

— Vocês trouxeram essas flores? — perguntou Ruth a Samuel.

— Não — disse Hal, respondendo pelo irmão. — Elas já estavam aqui quando a gente chegou.

A sra. Stead olhava do quarto de seu filho no andar de cima. Decidiu vestir o casaco e sair para o milharal. Não foi nem algo que ela tentou avaliar, o fato de pertencer ou não àquele lugar.

Grace Tarking estava dando a volta no quarteirão quando viu a sra. Stead saindo de casa com um bico-de-papagaio. Andaram juntas

na rua por alguns instantes. Grace disse que ia passar em casa, mas que iria se juntar a eles.

Grace deu dois telefonemas, um para o namorado, que morava não muito longe dali em uma área ligeiramente mais rica, e um para os Gilbert. Eles ainda não tinham se recuperado de seu estranho papel na descoberta da minha morte — seu fiel labrador tinha encontrado a primeira prova. Grace se ofereceu para acompanhá-los, já que eles eram mais velhos e atravessar os gramados dos vizinhos e andar pela terra irregular do milharal seria difícil para eles, mas sim, disse o sr. Gilbert, ele queria ir. Eles precisavam disso, disse ele a Grace Tarking, particularmente sua mulher — embora eu pudesse ver como ele estava arrasado. Ele sempre escondia sua dor dando atenção à mulher. Embora tivessem pensado durante algum tempo em dar o cachorro, este trazia reconforto demais para ambos.

O sr. Gilbert se perguntou se Ray, que fazia pequenos serviços para eles e era um bom menino que tinha sido mal julgado, sabia, então ligou para a :asa dos Singh. Ruana disse suspeitar que o filho já devesse estar lá, mas que iria também.

Lindsey estava olhando pela janela quando viu Grace Tarking de braços dados com a sra. Gilbert e o namorado de Grace equilibrando o sr. Gilbert enquanto os quatro cortavam caminho pelo gramado dos O'Dwyer.

— Tem alguma coisa acontecendo no milharal, mãe — disse ela.

Minha mãe estava lendo Molière, que tinha estudado tão intensamente na universidade, mas não olhava desde então. Ao seu lado estavam os livros que a tinham marcado como graduanda de vanguarda: Sartre, Colette, Proust, Flaubert. Ela os tinha tirado da estante do quarto e prometido a si mesma que os releria naquele ano.

— Não estou interessada — disse ela a Lindsey —, mas tenho certeza de que seu pai vai ficar quando chegar em casa. Por que não vai lá em cima brincar com seu irmão?

Com perseverança, Lindsey vinha cercando nossa mãe havia semanas, fazendo-lhe a corte, apesar dos sinais que ela emitia. Havia alguma coisa do outro lado daquela superfície gelada. Lindsey tinha certeza. Ficou do lado da minha mãe, sentada perto de sua cadeira e olhando nossos vizinhos pela janela.

Quando a noite caiu, as velas que os últimos a chegar tinham tido o cuidado de trazer iluminavam o milharal. Parecia que todo mundo que eu jamais tinha conhecido ou que tinha se sentado ao meu lado na sala de aula do jardim até a sétima série estava ali. O sr. Botte viu que alguma coisa estava acontecendo ao sair do colégio, depois de preparar sua sala para a experiência anual de digestão animal no dia seguinte. Tinha se aproximado e, ao perceber o que era,voltado ao colégio para dar alguns telefonemas. Uma das secretárias tinha ficado arrasada com a minha morte. Ela compareceu com o filho. Havia também algumas professoras que não tinham ide à homenagem oficial do colégio.

Os boatos sobre a suposta culpa do sr. Harvey tinham começado a passar de vizinho em vizinho na noite de Ação de Graças. Na tarde seguinte, era tudo de que os vizinhos conseguiam falar — seria possível?

Será que aquele homem estranho que tinha morado tão tranquilamente entre eles poderia ter matado Susie Salmon? Mas ninguém tinha se atrevido a procurar minha família para saber os detalhes. Perguntavam a primos de amigos ou aos pais dos meninos que cortavam sua grama se eles sabiam de alguma coisa. Qualquer um que pudesse saber o que a polícia estava fazendo tinha sido abordado na semana anterior, então aquela homenagem para mim foi ao mesmo tempo um jeito de honrar minha lembrança e uma maneira de os vizinhos buscarem reconforto uns nos outros. Um assassino tinha vivido entre eles, passado por eles na rua, comprado biscoitos de suas filhas bandeirantes e assinaturas de revista de seus filhos.

No meu céu eu zumbia de calor e energia à medida que cada vez mais pessoas chegavam ao milharal e acendiam suas velas e começavam a entoar uma canção baixa, como um cântico, para a qual o sr. O'Dwyer recorreu à

lembrança distante de seu avô dublinense. No início meus vizinhos estavam pouco à vontade, mas a secretária da escola se segurou no sr. O'Dwyer enquanto ele soltava a voz, e acrescentou a sua, menos melodiosa. Ruana Singh permaneceu rígida em um círculo mais afastado, longe do filho. O dr. Singh tinha ligado quando ela estava saindo para dizer que passaria a noite no escritório. Mas outros pais, chegando em casa do trabalho, estacionavam o carro na frente de suas casas apenas para descer e se juntar aos vizinhos. Como podiam ao mesmo tempo trabalhar para sustentar suas famílias e tomar conta de seus filhos para ter certeza de que estavam seguros? Como um grupo, eles descobririam que isso era impossível, por mais que criassem regras. O que tinha acontecido comigo poderia acontecer com qualquer um.

Ninguém tinha ligado para a minha casa. Minha família foi deixada em paz. A barreira intransponível que cercava os sarrafos — a chaminé, a pilha de lenha, o caminho da garagem, a cerca — era como uma camada de gelo transparente que cobria as árvores quando chovia e depois nevava.

Nossa casa tinha o mesmo aspecto de qualquer outra do quarteirão, mas não era igual. O assassinato tinha uma porta vermelho-sangue atrás da qual ficava tudo o que era inimaginável para todo mundo.

Quando o céu se coloriu de um cor-de-rosa manchado, Lindsey percebeu o que estava acontecendo. Minha mãe não levantou os olhos de seu o uma única vez.

— Eles estão fazendo uma cerimônia para a Susie — disse Lindsey. — Ouve. — Ela abriu uma fresta da janela. O ar frio de

dezembro entrou junto com o som distante de um canto. Minha mãe usou toda a sua energia.

— Já tivemos a homenagem — disse ela. — Isso para mim acabou.

— O que acabou?

Os cotovelos da minha mãe estavam nos braços da cadeira amarela cujo encosto se prolongava em abas laterais. Ela se inclinou ligeiramente para a frente e seu rosto entrou na sombra, tornando difícil para Lindsey ver sua expressão.

— Não acho que ela esteja nos esperando lá fora. Não acho que acender velas e fazer tudo isso esteja honrando a memória dela. Existem outras maneiras de honrá-la.

— Como, por exemplo? — perguntou Lindsey. Ela estava sentada de pernas cruzadas no tapete na frente da minha mãe, que estava sentada em sua cadeira com o dedo marcando a página de Molière.

— Eu quero ser mais do que uma mãe.

Lindsey achou que podia entender isso. Ela queria ser mais do que uma menina.

Minha mãe pôs o livro de Molière era cima da mesa de apoio e deslizou para a frente na cadeira até se sentar no tapete. Fiquei espantada com aquilo. Minha mãe não sentava no chão, sentava-se na frente da mesa de pagar contas ou nas cadeiras de abas laterais ou algumas vezes na ponta do sofá com Holiday encolhido ao seu lado.

Ela segurou a mão da minha irmã.

— Você vai deixar a gente? — perguntou Lindsey.

Minha mãe tremeu. Como poderia dizer o que já sabia? Em vez disso, mentiu: — Prometo que não vou deixar vocês.

O que ela mais queria era ser de novo aquela menina livre, empilhando porcelana no Wanamaker's, escondendo de seu gerente a xícara Wedgwood com a asa que tinha quebrado, sonhando em morar em Paris como Simone de Beauvoir e Sartre, e voltando para

casa naquele dia, rindo consigo mesma daquele desajeitado Jack Salmon, que era bem bonitinho mesmo que detestasse fumaça. Os cafés em Paris eram cheios de cigarro, tinha lhe dito ela, e ele tinha parecido impressionado. No final daquele verão, quando ela o convidou para entrar e eles tinham feito amor, ambos pela primeira vez, ela tinha fumado um cigarro, e de brincadeira ele tinha dito que ia fumar um também. Quando ela lhe passou a porcelana azul quebrada para servir de cinzeiro, usou todas as suas palavras preferidas para embelezar a história de como tinha quebrado e depois escondido, dentro do casaco, a agora despretensiosa xícara Wedgwood.

— Vem aqui, filhinha — disse minha mãe, e Lindsey foi. Apoiou as costas no peito da minha mãe, e minha mãe a ninou desajeitadamente em cima do tapete. — Você está indo tão bem, Lindsey; está mantendo seu pai vivo. — E ouviram o carro dele chegar na frente da casa.

Lindsey se deixou abraçar enquanto minha mãe pensava em Ruana Singh atrás de sua casa, fumando. O cheiro doce dos Dunhill tinha se espalhado pela rua e levado minha mãe para muito longe. Seu último namorado antes do meu pai adorava Gauloises. Era um menino pretensioso, pensou ela, mas também era tãão-sério, de um jeito que lhe permitia ser ela também tãão-séria.

— Está vendo as velas, mãe? — perguntou Lindsey olhando pela janela.

— Vai buscar seu pai — disse minha mãe.

Minha irmã encontrou meu pai na lavanderia, pendurando suas chaves e seu casaco. Sim, eles iriam, disse ele. E claro que iriam.

— Papai! — chamou meu irmão do segundo andar, onde minha irmã e meu pai foram encontrá-lo.

— Sua vez — disse meu pai enquanto Buckley o imobilizava.

— Estou cansada de proteger ele — disse Lindsey. — Não parece real ele não ser incluído. A Susie morreu. Ele sabe.

Meu irmão levantou os olhos para ela.

— Tem uma festa para a Susie — disse Lindsey. — E o papai e eu vamos levar você.

— A mamãe está doente? — perguntou Buckley.

Lindsey não queria mentir para ele, mas também sentiu que aquilo era uma descrição precisa do que sabia.

— Está.

Lindsey concordou em encontrar nosso pai no andar de baixo enquanto levava Buckley para mudar de roupa em seu quarto.

— Eu vejo ela, sabe — disse Buckley, e Lindsey olhou para ele.

— Ela vem e fala comigo, e fica comigo enquanto você está no futebol.

—Lindsey não sabia o que dizer,mas estendeu os braços e o agarrou e o apertou junto ao corpo, do jeito que sempre apertava Holiday.

— Você é tão especial — disse ela para o meu irmão. — Eu vou sempre estar aqui, não importa o que acontecer.

Meu pai desceu devagar as escadas, com a mão esquerda apertando o corrimão de madeira, até chegar ao hall de piso de pedra.

Sua chegada foi ruidosa. Minha mãe pegou seu livro de Molière e se esgueirou para a sala de jantar, onde ele não a veria. Ficou lendo seu livro, em pé no canto da sala de jantar escondendo-se de sua família.

Esperou a porta da frente se abrir e se fechar.

Meus vizinhos e professores, meus amigos e minha família formaram um círculo em volta de um ponto arbitrário, não muito longe de onde eu tinha sido morta.

Meu pai, minha irmã e meu irmão tornaram a ouvir o canto quando saíram de casa. Tudo no meu pai se curvava e se lançava na direção do calor e da luz. Ele queria tanto que eu fosse lembrada nas mentes e corações de todo mundo. Olhando aquilo, descobri uma

coisa: quase todo mundo estava se despedindo de mim. Eu estava me tornando uma das muitas menininhas perdidas. Eles voltariam para casa e me poriam para descansar, uma carta do passado jamais reaberta ou relida. E eu poderia lhes dizer adeus, desejar-lhes boa sorte, abençoá-los de alguma maneira por seus bons pensamentos. Um aperto de mão na rua, um objeto caído recolhido e devolvido, ou um aceno amigável de uma janela distante, um meneio de cabeça, um sorriso, um instante em que os olhos se encontram por cima das caretas de uma criança.

Ruth foi a primeira a ver os três membros da minha família, e puxou a manga de Ray.

— Vai ajudar ele — sussurrou ela. E Ray, que tinha conhecido meu pai em seu primeiro dia do que se revelaria uma longa jornada para tentar encontrar meu assassino, adiantou-se. Samuel também se aproximou.

Como jovens pastores, eles levaram meu pai, minha irmã e meu irmão para junto do grupo, que abriu um grande espaço para eles e se calou.

Meu pai não saía de casa havia meses, exceto para ir e voltar de carro do Trabalho ou ficar sentado no quintal dos fundos, tampouco tinha visto seus vizinhos. Naquele momento, ele olhou para eles, passou os olhos de rosto em rosto, até perceber que eu tinha sido amada por pessoas que ele nem sequer reconhecia. Seu coração se encheu de alegria, com um calor que não tinha tido durante o que lhe parecia um tempo muito longo — a não ser por pequenos instantes esquecidos com Buckley, pelos acidentes de amor que aconteciam com seu filho.

Ele olhou para o sr. O'Dwyer.

— Stan — disse ele —, a Susie costumava ficar na janela da frente durante o verão ouvindo você cantar no seu quintal. Ela adorava. Pode cantar para nós?

E naquele tipo de graça que só é concedido raramente, e não quando mais se quer — para salvar uma pessoa querida da morte —, o sr. O'Dwyer vacilou apenas um instante em sua primeira nota, depois cantou alto e forte e bem.

Todos se juntaram a ele.

Eu me lembro daquelas noites de verão de que meu pai falou. De como a escuridão levava uma eternidade para chegar e com ela eu sempre esperava que a temperatura fosse refrescar. Algumas vezes, em pé na frente da janela aberta do hall de entrada, eu sentia uma brisa, e naquela brisa havia a música vinda da casa dos O'Dwyer. Enquanto escutava o sr. O'Dwyer cantar todas as baladas irlandesas que tinha aprendido na vida, a brisa começava a ter cheiro de terra e de ar, e de alguma coisa musgosa que só queria dizer uma coisa: tempestade.

Então vinha um maravilhoso silêncio temporário, com Lindsey sentada no velho sofá do seu quarto estudando, meu pai sentado em seu quartinho lendo livros, minha mãe no andar de baixo costurando ou lavando a louça. Eu gostava de pôr uma comprida camisola de algodão e sair para a varanda de trás, onde, conforme a chuva começava a cair em gotas pesadas sobre o telhado, brisas entravam pela tela por todos os lados e faziam a camisola bater no meu corpo. A brisa era quente e maravilhosa e então vinham os raios e, alguns instantes depois, as trovoadas.

Minha mãe chegava na porta aberta da varanda e, depois de dar seu aviso-padrão: "Assim você com certeza vai ficar gripada", se calava.

Ficávamos as duas escutando a chuva descer e o trovão rugir e sentindo o cheiro da terra se levantando do chão para nos saudar.

— Você parece invencível — disse minha mãe certa noite.

Eu adorava esses instantes, quando parecíamos sentir a mesma coisa.

Virei-me de frente para ela, enrolada na minha camisola fina, e disse: — Eu sou.

INSTANTÂNEOS

Com a máquina fotográfica que meus pais me deram, tirei dúzias de fotos da minha família. Tantas que meu pai me forçou a escolher os filmes que eu achava que deveriam ser revelados. A medida que o custo da minha obsessão aumentava, comecei a guardar duas caixas no meu armário. "Filmes para revelar" e "Filmes para guardar". Segundo minha mãe, aquela era a única mostra de qualquer habilidade organizacional que eu possuía.

Eu adorava o modo como os cubos de flash queimados da Kodak Instamatic marcavam um instante passado, um instante agora perdido para sempre a não ser por uma foto. Depois de usá-los, eu tirava os flashes cúbicos e os passava de uma mão para a outra até esfriarem. Os filamentos quebrados do flash ficavam azuis da cor de mármore derretido, ou algumas vezes sua fumaça escurecia o vidro fino. Eu tinha resgatado o instante usando minha máquina e assim encontrado um jeito de parar o tempo e retê-lo. Ninguém podia tirar aquela imagem de mim, porque ela era minha.

Em uma noite de verão de 1975, minha mãe se virou para meu pai e disse: — Você já fez amor no oceano?

E ele disse: — Não.

— Nem eu — disse minha mãe. — Vamos fingir que aqui é o oceano e que eu vou embora e podemos nunca mais nos ver.

No dia seguinte ela foi embora para a cabana do pai em New Hampshire.

Naquele mesmo verão, Lindsey ou Buckley ou meu pai abriam a porta da frente e encontravam um ensopado ou um bolo nos

degraus. Algumas vezes era uma torta de maçã — a preferida do meu pai. A comida era imprevisível. Os ensopados da sra. Stead eram horríveis. Os bolos da sra. Gilbert eram molhados demais mas, suportáveis. As tortas de maçã de Ruana: o paraíso sobre a Terra.

Em seu escritório, durante as longas noites depois de minha mãe ir embora, meu pai tentava se distrair relendo trechos das cartas de Mary Chestnut para o marido durante a Guerra Civil. Tentava se livrar de qualquer culpa, de qualquer esperança, mas era impossível. Certa vez conseguiu dar um pequeno sorriso.

"A Ruana Singh faz uma torta de maçã de matar", escreveu ele em seu caderno.

No outono, ele atendeu ao telefone certa tarde e ouviu a voz da vovó Lynn.

— Jack — anunciou minha avó —, estou pensando em ir morar aí.

Meu pai ficou calado, mas sua hesitação fazia a ligação chiar.

— Eu gostaria de estar disponível para você e para as crianças. Já faz tempo demais que estou perambulando por este mausoléu.

— Lynn, estamos só começando a refazer nossas vidas — gaguejou ele.

Mesmo assim, ele não podia depender da mãe de Nate para tomar conta de Buckley para sempre. Quatro meses depois de a minha mãe ir embora, sua ausência temporária estava começando a tomar ares de permanente.

Minha avó insistiu. Eu a vi resistir ao último gole de vodca em seu copo.

— Vou evitar beber até — nesse ponto ela pensou bastante — depois das cinco horas e — disse ela — que diabos, vou parar completamente, se você achar necessário.

— Você sabe o que está dizendo?

Minha avó sentiu uma certeza da mão que segurava o telefone até os pés calçados com sapatilhas.

— Sei sim. Eu acho.

Foi só depois de desligar o telefone que ele se permitiu pensar: Onde vamos colocá-la?

Era óbvio para todo mundo.

Em dezembro de 1975, um ano tinha se passado desde que o sr. Harvey tinha feito as malas, mas ainda não havia nenhum sinal dele. Durante algum tempo,até o durex ficar sujo ou o papel se rasgar, os comerciantes mantiveram um esboço tosco dele pregado em suas vitrines. Lindsey e Samuel passeavam pelo bairro ou faziam hora na oficina de motos do Hal. Ela não ia à lanchonete aonde as outras crianças iam. O proprietário da lanchonete era um homem que respeitava as leis. Ele tinha ampliado o esboço de George Harvey até duas vezes o tamanho normal e pregado-o na porta ia frente. Contava de bom grado os detalhes mórbidos a qualquer cliente que perguntasse — menina, milharal, encontraram só um cotovelo.

Finalmente, Lindsey pediu a Hal para lhe dar uma carona até a delegacia.

Queria saber exatamente o que eles estavam fazendo.

Despediram-se de Samuel na oficina de motos e Hal deu carona para Lindsey em meio a uma neve molhada de dezembro.

Desde o começo, a juventude e a decisão de Lindsey pegaram a polícia de surpresa. A medida que cada vez mais policiais percebiam quem ela era, evitavam-na cada vez mais. Ali estava aquela menina, decidida, louca, 15 anos de idade. Seus seios eram xicarazinhas perfeitas, suas pernas eram esguias, mas curvilíneas, seus olhos pareciam sílex e pétalas de flores.

Enquanto Lindsey e Hal esperavam do lado de fora da sala do capitão sentados em um banco de madeira, ela pensou ter visto algo que reconhecia. Estava em cima da mesa do inspetor Fenerman e sobressaía na sala por causa da cor. Uma cor que sua mãe sempre tinha reconhecido com: vermelho-chinês, um vermelho mais vivo do que o vermelho das rosas, o vermelho dos batons clássicos,

raramente encontrado na natureza. Nossa mãe tinha orgulho de sua capacidade de usar vermelho-chinês, observando toda vez que amarrava um cachecol específico em volta do pescoço que era uma cor que nem a vovó Lynn se atrevia a usar.

— Hal — disse ela, com todos os músculos tensos enquanto olhava para o objeto cada vez mais familiar sobre a mesa de Fenerman.

— O quê?

— Está vendo aquele pano vermelho?

— Estou.

— Pode ir lá pegar ele para mim? Quando Hal olhou para ela, ela disse: — Acho que é da minha mãe.

Enquanto Hal se levantava para ir buscá-lo, Len entrou na sala por trás de onde Lindsey estava sentada. Bateu no ombro dela no mesmo instante em que percebeu o que Hal estava fazendo. Lindsey e o inspetor Fenerman ficaram se encarando.

— Por que você está com o cachecol da minha mãe? Ele vacilou.

— Ela pode ter deixado no meu carro um dia.

Lindsey se levantou e ficou de frente para ele. Tinha a visão clara e estava caminhando rápido rumo à pior notícia até então.

— O que ela estava fazendo no seu carro?

— Oi, Hal — disse Len.

Hal segurava o cachecol na mão. Lindsey o arrancou dele, e sua voz começou a ficar zangada.

— Por que você está com o cachecol da minha mãe?

E embora Len fosse o inspetor, foi Hal quem viu primeiro — curvada sobre minha irmã como um arco-íris — a compreensão em todas as suas cores. Do mesmo jeito que acontecia na aula de álgebra ou de inglês quando minha irmã era a primeira pessoa a descobrir qual a soma de x ou a mostrar os duplos sentidos para seus colegas. Hal pôs a mão no ombro de Lindsey para guiá-la.

— É melhor a gente ir — disse ele.

E mais tarde ela chorou de incredulidade com Samuel no quarto dos fundos da oficina de motos.

Quando meu irmão fez 7 anos, ele construiu um forte para mim. Era algo que nós dois tínhamos dito que sempre faríamos juntos e algo que meu pai não conseguia se obrigar a fazer. Aquilo lhe lembrava demais o dia em que tinha construído a tenda com o desaparecido sr. Harvey.

Uma família com cinco meninas pequenas tinha se mudado para a casa do sr. Harvey. Risos flutuavam até o escritório do meu pai da piscina que eles tinham construído na primavera seguinte à fuga de George Harvey. O >barulho de menininhas — menininhas de sobra.

A crueldade daquilo se transformou em vidro se estilhaçando nos ouvidos do meu pai. Na primavera de 1976, com minha mãe ausente, ele fechava a janela de seu quartinho, mesmo nas noites mais quentes, para abafar o som. Via seu menininho solitário entre os três arbustos de salgueiro, falando sozinho. Buckley tinha trazido vasos de barro vazios da garagem. Resgatou o limpador de botas de onde ele estava esquecido na lateral da casa. Qualquer coisa para fazer os muros do forte. Com a ajuda de Samuel, Hal e Lindsey, arrastou duas imensas pedras da frente da entrada da garagem até o quintal dos fundos. Aquilo formava uma estrutura tão insólita que levou Samuel a perguntar: — Como você vai fazer o telhado?

E Buckley ficou olhando para ele assombrado, enquanto Hal vasculhava mentalmente o conteúdo de sua oficina de motos e se lembrava de duas velhas folhas de latão ondulado apoiadas na parede dos fundos.

Então, em uma noite quente, meu pai olhou para baixo e não viu mais seu filho. Buckley estava abrigado dentro de seu forte. De quatro, ele puxava os vasos de barro depois de entrar e neles escorava uma tábua que subia quase até o telhado ondulado. A luz que entrava era justo o suficiente para ler. Hal tinha feito sua

vontade e pintado AFASTE-SE com grandes letras de Color Jet preto em um dos lados da porta de compensado.

Lia sobretudo quadrinhos dos Vingadores e dos X-Men. Sonhava em ser Wolverine, que tinha um esqueleto feito do metal mais resistente do universo e era capaz de se curar de qualquer ferimento de um dia para o outro. Nos momentos mais estranhos ele pensava em mim, sentia saudades da minha voz, desejava que eu pudesse sair da casa e bater no telhado de seu forte e pedir para ele me deixar entrar. Algumas vezes desejava que Samuel e Lindsey ficassem mais em casa e meu pai brincasse com ele como fazia antigamente. Brincasse sem aquela expressão de eterna preocupação debaixo do sorriso, aquela preocupação desesperada que agora cercava tudo como um campo de força invisível. Mas meu irmão não se permitia sentir saudades da minha mãe. Refugiava-se em histórias onde homens fracos se transformavam em semianimais fortíssimos ou escalavam laterais de arranha-céus. Ele era o Hulk quando estava zangado e o Homem-Aranha o resto do tempo. Quando sentia o coração doer, transformava-se em algo mais forte do que um menininho, e assim foi crescendo. Um coração que se transformava de coração em pedra, de coração em pedra. Olhando para ele, eu pensava no que vovó Lynn gostava de dizer quando Lindsey e eu revirávamos os olhos ou fazíamos caretas nas suas costas.

Mas por mais que procurasse o homem em si, era como se George Harvey tivesse evaporado no ar ao passar dos limites do terreno de sua casa. Ele não conseguia encontrar nenhum registro correspondente àquele nome. Oficialmente, ele não existia.

O que tinha deixado para trás eram suas casas de bonecas. Então Len ligou para o homem que as vendia para ele, e que recebia encomendas de lojas selecionadas, e para as pessoas ricas que encomendavam réplicas de suas próprias casas. Nada. Tinha ligado para os fabricantes das cadeiras em miniatura, das minúsculas

portas e janelas de vidro bisotado e dos objetos de bronze, e para o fabricante dos arbustos e árvores de pano. Nada.

Ele ficava sentado entre as provas diante de uma grande mesa vazia no porão da delegacia. Folheava o maço de filipetas adicionais que meu pai tinha mandado fazer. Tinha decorado meu rosto, mas ainda olhava para elas. Tinha passado a acreditar que a maior esperança no meu caso poderia ser o recente aumento de construções naquela região. Com todas as escavações e mudanças, talvez fossem encontradas outras pistas que fornecessem a resposta de que ele precisava.

No fundo da caixa estava o saco com meu gorro de sininhos. Quando ele o tinha entregado para minha mãe, ela havia desabado no tapete. Ele ainda não conseguia identificar o instante em que tinha se apaixonado por ela. Eu sabia que fora no dia em que ele tinha ficado sentado na nossa sala íntima enquanto minha mãe desenhava bonecos de palito em papel de pão e Buckley e Nate dormiam no sofá com os pés juntos. Eu sentia pena dele. Ele tinha tentado solucionar meu assassinato e falhado.

Tinha tentado amar minha mãe e falhado.

Len olhou o desenho do milharal que Lindsey tinha roubado e se forçou a admitir o seguinte: com sua cautela, tinha deixado um assassino escapar. Não conseguia se livrar da culpa. Ele sabia, mesmo que ninguém mais soubesse, que tendo estado com minha mãe no shopping naquele dia ele era o culpado da liberdade do sr. Harvey.

Tirou a carteira do bolso de trás e espalhou as fotos de todos os casos não resolvidos nos quais tinha trabalhado. Entre eles estava o da sua mulher. Virou todas as fotos de cabeça para baixo. "Morta", escreveu em cada uma delas. Não esperaria mais por uma data para marcar a compreensão de quem, por quê ou como. Jamais entenderia todas as razões pelas quais sua mulher tinha se matado. Jamais

entenderia como tantas crianças desapareciam. Pôs as fotos na caixa com minhas provas e apagou as luzes no porão frio.

Mas ele não sabia o seguinte: Em Connecticut, no dia 10 de setembro de 1976, um caçador voltando para o carro viu alguma coisa brilhante no chão. Minha pedra angular da Pensilvânia. Então viu que o chão ali perto tinha sido parcialmente escavado por um urso. Expostos pelo urso estavam os inconfundíveis ossos de um pé de criança.

Minha mãe só aguentou um inverno em New Hampshire, antes de ter a ideia de ir de carro até a Califórnia. Era uma coisa que ela sempre tinha pensado que faria, mas nunca tinha feito. Um homem que ela conheceu em New Hampshire tinha lhe dito que havia trabalho a ser feito nas vinícolas dos vales ao norte de São Francisco. Era fácil de conseguir, era físico e, caso se quisesse, podia ser muito anônimo. As três coisas lhe pareceram boas.

Esse homem também tinha querido dormir com ela, mas ela disse não. A essa altura, ela sabia que essa não era mais a saída. Desde a primeira noite com Len nas entranhas do shopping, tinha sabido que eles dois não estavam construindo nada. Nem sequer foi capaz de senti-lo de verdade.

Fez as malas para a Califórnia e mandou postais para meu irmão e minha irmã de cada uma das cidades onde parava. "Oi, estou em Dayton. O pássaro-símbolo de Ohio é o cardeal." "Cheguei ao Mississippi na noite cassada no pôr-do-sol. E realmente um rio enorme."

No Arizona, quando estava oito estados além do mais longe em que jamais tinha estado, ela pagou pelo quarto e levou consigo um

balde de gelo da máquina do lado de fora. No dia seguinte chegaria à Califórnia, e para comemorar tinha comprado uma garrafa de champanhe. Pensou no que o homem de New Hampshire tinha dito, em como ele tinha passado um ano inteiro tirando o mofo dos gigantescos barris que guardavam o vinho. Ficava deitado de costas e precisava usar uma faca para tirar as camadas de mofo. O mofo tinha a cor e a consistência de fígado e,por mais que ele tomasse banho, horas depois ainda atraía moscas de banana.

Ela bebericou o champanhe de um copo de plástico e se olhou no espelho. Forçou-se a olhar.

Então se lembrou de estar sentada em nossa sala de estar, comigo e com minha irmã, com meu irmão e meu pai, na primeira noite de Ano-Novo em que nós cinco tínhamos ficado acordados. Ela havia organizado o dia para garantir que Buckley dormisse o suficiente.

Quando ele acordou e já estava escuro, teve certeza de que alguém melhor do que o Papai Noel viria visitá-lo naquela noite. Em sua mente, via a imagem das melhores férias de sua vida, como um big bang, quando ele seria transportado para o mundo dos brinquedos.

Horas mais tarde, enquanto ele bocejava e se deitava no colo da minha mãe e ela penteava seus cabelos com os dedos, meu pai foi até a cozinha fazer um chocolate quente e minha irmã e eu servimos bolo de chocolate alemão. Quando o relógio bateu meia-noite e houve apenas gritos distantes e alguns tiros para o ar em nosso bairro, meu irmão ficou incrédulo. Foi invadido tão depressa e tão completamente pela decepção, que minha mãe ficou sem saber o que fazer. Pensava naquilo como uma espécie de Peggy Lee criança perguntando "É só isso?", depois caindo no choro.

Lembrava-se de que meu pai tinha pegado Buckley no colo e começado a cantar. Nós cantamos também. "Que velhos conhecidos sejam esquecidos e nunca mais lembrados, se velhos conhecidos forem esquecidos e dias muito remontados!"

E Buckley tinha ficado nos encarando. Captou a palavra desconhecida como uma bolha flutuando no ar acima dele.

— Dias muito remontados? — disse ele com um ar de assombro.

— O que isso quer dizer? — perguntei a meus pais.

— Antigamente — disse meu pai.

— Muito antigamente — disse minha mãe. Mas então, de repente, ela tinha começado a juntar os farelos do bolo em seu prato.

— Ei, Olhos de Oceano — disse meu pai. — Para onde você viajou agora?

E ela se lembrou que tinha respondido à pergunta dele com um fechamento, como se seu espírito tivesse uma tampa — um giro para a direita e ela estava em pé me pedindo para ajudá-la a tirar a mesa.

No outono de 1976, ao chegar à Califórnia, ela foi direto para a praia e parou o carro. Tinha a sensação de não ter passado por nada a não ser famílias por quatro dias — famílias brigando, famílias chorando, famílias gritando, famílias sob a milagrosa pressão do dia a dia — e ficou aliviada ao ver as ondas do para-brisa do carro. Não pôde evitar pensar nos livros que tinha lido na universidade. O despertar. E no que tinha acontecido com uma escritora, Virginia Woolf. Tudo parecia tão maravilhoso naquela época — etéreo e romântico —, pedras no bolso, andar para dentro das ondas.

Desceu os penhascos depois de amarrar o suéter de leve em volta da cintura. Lá embaixo não via nada a não ser pedras pontiagudas e ondas.

Ela tomava cuidado, mas eu olhava mais seus pés do que a vista com que ela via — tinha medo de que escorregasse.

O desejo da minha mãe de chegar àquelas ondas, de pôr os pés em outro oceano do outro lado do país, era tudo em que ela estava pensando — no ouro objetivo de batismo daquilo. Tchá, e pode-se recomeçar tudo de novo. Ou seria a vida mais parecida com o horrível jogo da ginástica em que se tinha de correr de um lado para o outro de um espaço fechado, pegando e largando blocos de

madeira num movimento sem fim? Ela pensava vá até as ondas, as ondas, as ondas, e eu via seus pés navegarem pelas pedras, e quando a ouvimos nós a ouvimos juntas — e olhamos para cima chocadas.

Era um bebê na praia.

Entre as pedras havia uma reentrância de areia, minha mãe agora via, e engatinhando pela areia em cima de um cobertor havia um bebê com um gorro de tricô cor-de-rosa e um colete e botas. Ela estava sozinha em cima do cobertor com um bicho de pelúcia branco — um carneirinho, pensou minha mãe.

Com as costas para minha mãe, enquanto ela descia as pedras, estava um grupo de adultos — com uma aparência muito formal e frenética — vestindo roupas pretas e azul-marinho com chapéus e botas da moda.

Então meus olhos de fotógrafa de vida selvagem viram os tripés e os círculos prateados cercados de fios que, quando um rapaz os movia para a esquerda ou para a direita, lançavam luz para longe ou para cima do bebê em seu cobertor.

Minha mãe começou a rir, mas só um dos assistentes se virou para vê-la entre as pedras; todos os outros estavam ocupados demais. Era um comercial de alguma coisa,pensei, mas de quê? Novas nenéns fresquinhas para substituir a sua? Enquanto minha mãe ria e eu via seu rosto se iluminar, também o via adquirir traços estranhos.

Ela viu as ondas atrás da neném e como eram ao mesmo tempo belas e embriagantes — podiam subir tão suavemente e varrer a menina da praia. Todas as pessoas estilosas podiam correr atrás dela, mas ela se afogaria em ura instante — ninguém, nem mesmo uma mãe que estivesse totalmente antenada para prever um desastre poderia tê-la salvado, caso as ondas subissem, caso a vida continuasse como de hábito e acidentes horríveis viessem macular um litoral calmo.

Naquela mesma semana, ela arrumou trabalho na Vinícola Krusoe, em um vale ao norte da baía. Escreveu para minha irmã e para meu irmão postais repletos dos fragmentos brilhantes de sua vida, esperando soar alegre no espaço limitado de um postal.

Em seus dias de folga, descia as ruas de Sausalito ou Santa Rosa — pequeninas cidades chiques onde todo mundo era desconhecido — e, por mais que tentasse se concentrar no desconhecido promissor, ao entrar em uma loja de presentes ou em um café, as quatro paredes à sua volta começavam a respirar como um pulmão. Então ela sentia,subindo pelo interior de seus tornozelos e até sua barriga, o ataque, a dor chegando, as lágrimas como um pequeno exército incansável aproximando-se das linhas de frente de seus olhos,e inspirava, absorvendo uma grande golfada de ar para tentar evitar chorar em um lugar público. Pedia café e uma torrada em um restaurante e espalhava lágrimas em cima da torrada.Entrava em um florista e pedia narcisos e, quando não havia narcisos, sentia-se roubada. Era um desejo tão pequeno — uma flor amarela brilhante.

A primeira comemoração improvisada no milharal criou em meu pai uma necessidade de mais. Ele agora organizava anualmente uma comemoração à qual compareciam cada vez menos vizinhos e amigos.

Havia os assíduos, como Ruth e os Gilbert, mas cada vez mais o grupo era formado apenas por alunos do científico que, conforme o tempo ia passando, sabiam apenas meu nome e mesmo assim só como um grande boato sombrio evocado como aviso para qualquer aluno que se mostrasse por demais solitário. Especialmente meninas.

Todas as vezes que o meu nome era dito por esses estranhos eu sentia uma pontada. Não era a sensação agradável de quando meu pai o dizia ou de quando Ruth o escrevia em seu diário. Era a sensação de estar sendo simultaneamente ressuscitada e enterrada no mesmo movimento.

Como se na aula de prendas domésticas eu tivesse sido colocada em uma coluna de objetos transmutáveis: os Assassinados. Alguns professores, como o sr. Botte, lembravam-se de mim como uma menina de verdade. Algumas vezes, durante seu horário de almoço, ele ia se sentar no seu Fiat vermelho e pensava na filha que tinha perdido de leucemia. Lá longe, do outro lado de sua janela, pairava o milharal.

Muitas vezes ele fazia uma prece para mim.

Em apenas alguns anos curtos, Ray Singh ficou tão bonito que irradiava um feitiço sempre que chegava perto de um grupo de pessoas. Seu rosto de adulto ainda não tinha se formado completamente, mas agora, aos 17

anos, estava quase lá. Ele transpirava uma assexualidade etérea que o tornava atraente tanto para homens quanto para mulheres, com seus cílios longos e sobrancelhas fartas,seus grossos cabelos pretos, e os mesmos traços delicados que ainda eram os de um menino.

Eu olhava Ray Singh com um desejo diferente do que sentia por qualquer outra pessoa. Desejo de tocá-lo e abraçá-lo, de entender aquele mesmo corpo que ele examinava com o mais frio dos olhares. Ele se sentava diante de sua escrivaninha lendo seu livro preferido — *A anatomia de Gray* — e dependendo de sobre o que estivesse lendo usava os dedos para apalpar sua artéria carótida ou o polegar para pressionar e seguir o músculo mais longo de seu corpo — o sartório, que ia da parte externa do quadril ao interior do joelho.

Nesses momentos sua magreza era uma bênção, fazendo os ossos e músculos ficarem claramente definidos sob a pele.

Quando ele fez as malas para a Penn, tinha decorado tantas palavras e suas definições que eu fiquei preocupada. Com tudo aquilo, como sua mente poderia conter qualquer outra coisa? A amizade de Ruth, o amor de sua mãe, minha lembrança seriam empurrados para o fundo, enquanto ele abria caminho para a lente

do cristalino e sua cápsula, para os canais semicirculares do ouvido, ou para o que eu preferia, as características do sistema nervoso simpático.

Eu não precisava ter me preocupado. Ruana procurou pela casa alguma coisa, qualquer coisa, que seu filho pudesse levar consigo equivalente em volume e peso ao Gray e que, esperava ela, mantivesse vivo dentro dele o menino que colhia flores. Sem ele saber, ela pôs o livro de poesia indiana dentro de sua bagagem. Lá dentro havia uma foto minha esquecida muito tempo atrás. Quando ele desfez as malas no alojamento de Hill Side, minha foto caiu no chão ao lado de sua cama. Apesar do modo como era capaz de dissecá-la — os vasos do meu globo ocular, a anatomia cirúrgica da minha fossa nasal, a leve coloração da minha epiderme — não foi capaz de evitá-los, os lábios que um dia tinha beijado.

Em junho de 1977, no dia do que teria sido a minha formatura, Ruth e Ray já tinham ido embora, as aulas diurnas terminaram em Fairfax, Ruth se mudou para Nova York com a velha mala vermelha da mãe cheia de roupas pretas novas. Tendo se formado cedo, Ray já estava no final de seu primeiro ano na Penn.

Na nossa cozinha, naquele mesmo dia, vovó Lynn deu um livro sobre jardinagem para Buckley. Ela lhe contou como as plantas vinham de sementes. Que os rabanetes, que ele detestava, eram os que cresciam mais rápido, mas que as flores,que ele adorava,podiam nascer de sementes também. E começou a lhe ensinar seus nomes:zínias e cravos-de-defunto,amores-perfeitos e lilases, cravos e petúnias, e vinhas de ipom*eia*.

De vez em quando minha mãe ligava da Califórnia. Meus pais tinham conversas apressadas e difíceis. Ela pedia notícias de Buckley e Lindsey e Holiday. Perguntava como estava indo a casa e se ele tinha alguma coisa para contar para ela.

— Ainda sentimos saudades suas — disse ele em dezembro de 1977, quando as folhas já tinham todas caído e sido sopradas pelo

vento ou varridas, mas ainda assim, com a terra esperando para recebê-las, não tinha havido neve.

— Eu sei disso — disse ela.

— E lecionar? Pensei que fosse esse o seu plano.

— Era — reconheceu ela. Ela estava falando no telefone do escritório da vinícola. As coisas estavam mais calmas depois da multidão da hora do almoço, mas cinco limusines de velhas senhoras, todas de pileque, eram esperadas para dali a pouco. Ela ficou em silêncio e depois disse alguma coisa que ninguém, muito menos o meu pai, poderia ter contestado: — Planos mudam.

Em Nova York, Ruth morava dentro do closet de uma velha senhora no Lower East Side. Era a única coisa que conseguia pagar, mas não tinha intenção de passar muito tempo ali.Diariamente enrolava seu futon de solteiro no canto para poder ter um pouco de espaço onde se vestir. Só visitava o closet uma vez por dia, e nunca passava nenhum tempo ali, se pudesse evitar. O closet era para dormir e ter um endereço, um poleiro sólido embora minúsculo na cidade.

Ela trabalhava em um bar e percorria cada centímetro de Manhattan nas horas de folga. Eu a via marchar pelo cimento com suas botas desafiadoras, certa de que mulheres estavam sendo assassinadas onde quer que fosse. Em escadas subterrâneas e lá no alto dentro dos lindos arranha-céus. Ela escrevia pequenas preces em seu diário nos cafés e bares, onde parava para usar o banheiro depois de pedir o item mais barato do cardápio.

Tinha se convencido de possuir uma segunda visão que ninguém mais tinha.

Não sabia o que faria com aquilo, a não ser tomar copiosas notas para o futuro, mas tinha perdido o medo. O mundo de mulheres e crianças mortas que via tinha se tornado tão real para ela quanto o mundo em que vivia.

Na biblioteca de Penn, Ray lia sobre os idosos sob o título em negrito "As condições da morte". O trecho descrevia um estudo feito em asilos onde uma grande porcentagem de pacientes relatava aos médicos e enfermeiras que viam alguém no pé de suas camas à noite. Muitas vezes essa pessoa tentava falar com eles ou chamar seu nome. Algumas vezes os pacientes ficavam tão agitados durante essas visões que precisavam receber um sedativo ou ser amarrados à cama.

O texto prosseguia explicando que essas visões eram resultado de pequenos derrames que muitas vezes precediam a morte. *"O que o laico geralmente considera o Anjo da Morte, caso isso seja discutido com a família do paciente,deve lhes ser apresentado como uma série de pequenos derrames que intensifica um estado de declínio já pronunciado."*

Durante um instante, com o dedo marcando a página, Ray imaginou como seria se, debruçado sobre a cama de um paciente idoso, permanecendo o mais aberto possível a todas as possibilidades, ele pudesse sentir alguma coisa roçar nele como Ruth tinha sentido tantos anos atrás no estacionamento.

O sr. Harvey estava morando ao ar livre no Corredor Nordeste, das áreas adjacentes a Boston até a ponta norte dos estados do sul, onde ia para encontrar trabalho mais fácil e menos perguntas e fazer uma eventual tentativa de regeneração. Sempre tinha gostado da Pensilvânia e tinha ziguezagueado pelo estado comprido, acampando algumas vezes atrás da loja de conveniência logo abaixo da autoestrada local que vinha da nossa área de expansão, onde uma fileira de bosques sobrevivia entre a loja 24 horas e os Trilhos do trem, e onde ele encontrava mais latas de conservas e pontas de cigarro a cada vez que passava.

Quando podia, ainda gostava de passar de carro pelo antigo bairro.

Corria esses riscos de manhã cedo ou tarde da noite, quando os faisões selvagens, outrora abundantes, ainda atravessavam a estrada

e os faróis do carro batiam no brilho oco de seus olhos,enquanto eles corriam de um lado da estrada para o outro. Não havia mais adolescentes e crianças catando amoras até o limite da nossa área de expansão, porque a antiga cerca de fazenda onde cresciam tantas delas tinha sido derrubada para dar lugar a mais casas. Ele tinha aprendido a colher cogumelos selvagens e algumas vezes se banqueteava com eles quando passava a noite nos campos altos de Valley Forge Park. Em uma noite como essa, eu o vi se deparar com dois novatos que acampavam e tinham morrido depois de comer os sósias venenosos dos cogumelos. Ele delicadamente retirou todos os objetos de valor de seus corpos e depois seguiu em frente.

Hal e Nate e Holiday eram os únicos que Buckley jamais tinha deixado entrar em seu forte. A grama morreu debaixo das pedras e, quando chovia, as entranhas do forte eram uma poça fétida, mas ele continuou ali, embora Buckley o visitasse cada vez menos, e foi Hal quem finalmente lhe implorou que fizesse melhorias.

— A gente tem de impermeabilizar o forte, Buckley — disse Hal certo dia.

— Você está com 10 anos — idade suficiente para manejar uma máquina de calafetagem.

E vovó Lynn não conseguia se conter, ela adorava homens. Incentivou Buckley a fazer o que Hal dizia, e quando sabia que Hal vinha visitá-los caprichava na roupa.

— O que você está fazendo? — perguntou meu pai certa manhã de sábado, atraído para fora de seu quartinho pelo cheiro adocicado de limão e manteiga e pela massa dourada inchando em forminhas.

— Muffins — disse vovó Lynn.

Meu pai fez uma avaliação de sanidade, encarando-a. Ele ainda estava de roupão e faziam quase 32 graus às dez da manhã, mas ela estava de meia-calça e maquiada. Então ele viu Hal de camiseta no quintal.

— Meu Deus, Lynn — disse ele. — Esse menino tem idade para ser...

— Mas ele é de-li-ci-o-so!

Meu pai sacudiu a cabeça e sentou-se à mesa da cozinha.

— Quando é que os muffins de amor vão ficar prontos, Mata Hari?

Em dezembro de 1981, Len não queria receber o telefonema que recebeu de Delaware, onde um assassinato em Wilmington tinha sido relacionado com o corpo de uma menina encontrado em 1976, em Connecticut. Um inspetor, trabalhando depois do horário, tinha laboriosamente juntado o amuleto encontrado no caso de Connecticut com uma lista de objetos perdidos do meu assassinato.

— É um arquivo morto — disse Len ao homem do outro lado da linha.

— Gostaríamos de ver o que vocês têm.

— George Harvey — disse Len em voz alta, e os inspetores das mesas ao redor se viraram para ele. — O crime aconteceu em dezembro de 1973. A vítima foi Susie Salmon, 14 anos.

— Algum corpo para a menina Simon?

— Salmon, igual ao peixe. Encontramos um cotovelo — disse Len.

— Ela tem família?

— Tem.

— Connecticut tem dentes. Vocês têm a ficha dentária dela?

— Temos.

— Isso pode poupar sofrimento à família — disse o homem a Len.

Len caminhou de volta até a caixa de provas para a qual tinha esperado nunca mais olhar.Teria de dar um telefonema para minha família.Mas esperaria o máximo de tempo possível, até ter certeza de que o detetive em Delaware sabia de alguma coisa.

Durante quase oito anos depois de Samuel contar a Hal sobre o desenho que Lindsey tinha roubado, Hal tinha discretamente usado sua rede de amigos motoqueiros para encontrar George Harvey. Mas, assim como Len, ele tinha jurado não relatar nada até ter certeza de que pudesse ser uma pista. E nunca tinha tido certeza. Quando certa noite bem tarde um Hell's Angel chamado Ralph Cichetti, que admitia com facilidade ter passado algum tempo na prisão, disse pensar que sua mãe tinha sido assassinada por um homem para quem alugava um quarto, Hal começou a fazer suas perguntas habituais. Perguntas que continham elementos de eliminação sobre altura e peso e interesses. O homem não usava o nome de George Harvey, embora isso não quisesse dizer nada. Mas o assassinato em si parecia muito diferente. Sophie Cichetti tinha 49 anos. Ela foi morta em casa com um objeto rombudo e seu corpo foi encontrado intacto ali perto. Hal tinha lido livros policiais o bastante para saber que assassinos tinham padrões de comportamento, maneiras peculiares e importantes de fazer as coisas. Então, enquanto Hal ajustava a corrente do distribuidor da desconjuntada Harley de Cichetti, eles conversaram sobre outros assuntos, depois se calaram. Foi só quando Cichetti mencionou outra coisa que todos os cabelos da nuca de Hal se eriçaram.

— O cara construía casas de bonecas — disse Ralph Cichetti.

Hal ligou para Len.

Anos se passaram. As árvores do nosso quintal ficaram mais altas. Eu via minha família e meus amigos e vizinhos, os professores que tinha tido ou que tinha imaginado ter, o científico com o qual tinha sonhado. Sentada no mirante, fingia que em vez disso estava sentada no galho mais alto do bordo debaixo do qual meu irmão tinha engolido um graveto e ainda brincava de esconde-esconde com Nate, ou ficava empoleirada na trave de uma escada em Nova York e esperava Ruth passar perto. Eu estudava com Ray. Dirigia pela autoestrada da costa do Pacífico em uma tarde quente de ar salgado

com minha mãe. Mas terminava cada dia com meu pai em seu quartinho.

Eu espalhava essas fotografias na minha cabeça, as fotografias colhidas com minha constante observação, e podia ver como uma coisa — minha morte — conectava essas imagens a uma única fonte. Ninguém poderia ter previsto como minha perda mudaria pequenos momentos na Terra.

Mas eu me agarrava a esses momentos, eu os colecionava. Nenhum deles estava perdido, enquanto eu estivesse ali olhando.

Certa noite, na hora das Vésperas, enquanto Holly tocava seu sax e a sra. Bethel Utemeyer se juntava a ela, eu o vi: Holiday, passando correndo por um samoiedo branco peludo. Ele tinha chegado a uma idade avançada na Terra e dormido aos pés do meu pai depois de minha mãe ir embora, sem nunca querer perdê-lo de vista. Tinha ficado com Buckley enquanto ele construía seu forte e tinha sido o único com permissão para ficar na varanda enquanto Lindsey e Samuel se beijavam. E, durante os últimos anos de sua vida, todas as manhãs de domingo, vovó Lynn fazia para ele uma panqueca de manteiga de amendoim do tamanho da frigideira que colocava estendida no chão, sem nunca se cansar de vê-lo tentar pegá-la com o focinho.

Esperei ele sentir meu cheiro, ansiosa para saber se ali, do outro lado, eu ainda seria a menininha ao lado de quem ele tinha dormido. Não precisei esperar muito: ele ficou tão feliz ao me ver que me derrubou no chão.

Capítulo 17

Aos 21 anos, Lindsey era muitas coisas que eu jamais seria, mas eu quase não me incomodava mais com essa lista. Mesmo assim, eu ia aonde ela ia. Peguei meu diploma da universidade e subi na traseira da moto de Samuel, agarrada com os braços em volta de sua cintura, apertando o corpo em suas costas para me aquecer...

Tudo bem, aquela era Lindsey. Eu percebia isso. Mas, olhando-a, descobri que conseguia me perder mais do que com qualquer outra pessoa.

Na noite de sua formatura da Universidade de Temple, ela e Samuel voltaram de moto para a casa dos meus pais, tendo prometido muitas vezes ao meu pai e à vovó Lynn que não tocariam no champanhe guardado no compartimento da moto até chegarem em casa.

— Afinal, a gente está formado! — disse Samuel. Meu pai confiava piamente em Samuel — anos tinham se passado sem que o rapaz tivesse feito qualquer coisa que não fosse para o bem da sua filha sobrevivente.

Mas na viagem de volta da Filadélfia pela estrada 30 começou a chover.

Primeiro uma chuva leve, pequenas agulhadas atingindo minha irmã e Samuel, a oitenta quilômetros por hora. A chuva fria batia no asfalto quente e seco da estrada e levantava cheiros que tinham ficado cozinhando o dia todo debaixo do sol quente de junho.

Lindsey gostava de descansar a cabeça entre as omoplatas de Samuel e sentir o cheiro da estrada e dos arbustos e moitas esparsos dos dois lados. Estava se lembrando de como a brisa nas horas antes da tempestade tinha inflado todas as becas brancas dos formandos enfileirados do lado de fora de Macy Hall. Todos pareciam, por um instante, prestes a sair flutuando.

Finalmente, a treze quilômetros da saída que levava à nossa casa, a chuva ficou pesada demais a ponto de machucar, e Samuel gritou para Lindsey que ia parar.

Entraram em um pedaço da estrada ligeiramente mais arborizado, do tipo que existia entre duas áreas comerciais e que gradualmente, por justaposição, seria eliminado por outro centro comercial ou loja de acessórios para carros. A moto derrapou, mas não caiu no cascalho molhado da curva. Samuel usou os pés para ajudar a frear a moto, e depois, como Hal tinha lhe ensinado, esperou minha irmã saltar e se afastar alguns passos antes de ele próprio descer.

Abriu o visor do capacete para gritar para ela.

— Não adianta — disse ele. — Vou empurrar a moto até debaixo daquelas árvores.

Lindsey o seguiu, o som da chuva abafado dentro de seu capacete forrado. Foram andando entre o cascalho e a lama, passando por cima de galhos e lixo acumulados na beira da estrada. A chuva parecia estar ficando ainda mais forte, e minha irmã ficou feliz por ter trocado o vestido que tinha usado na formatura pelas calças e casaco de couro que Hal tinha insistido em lhe dar, apesar de seus protestos de que ela parecia uma pervertida vestida daquele jeito.

Samuel empurrou a moto até o abrigo de carvalhos perto da estrada, e Lindsey foi atrás. Na semana anterior eles tinham ido cortar os cabelos no mesmo barbeiro de Market Street, e embora os cabelos de Lindsey fossem mais claros e mais finos do que os de

Samuel o barbeiro tinha lhes feito cortes idênticos, espetados. Um segundo depois de tirarem os capacetes seus cabelos receberam as grandes gotas que passavam por entre as árvores, e o rimei de Lindsey começou a escorrer. Vi Samuel usar o polegar para limpar as manchas da bochecha de Lindsey.

— Feliz formatura — disse ele na escuridão, e se inclinou para beijá-la.

Desde seu primeiro beijo em nossa cozinha, duas semanas depois da minha morte, eu sabia que ele era — como minha irmã e eu tínhamos rido com nossas Barbies ou vendo Bobby Sherman na TV — seu único amor. Samuel tinha se comportado como um curativo para a carência dela, e a liga entre os dois tinha começado a se soldar imediatamente.

Tinham ido à Temple juntos, lado a lado. Ele tinha odiado e ela o tinha feito ir até o fim. Ela havia adorado e isso havia permitido a ele sobreviver.

— Vamos tentar encontrar a parte mais densa desses arbustos — disse ele.

— E a moto?

— O Hal provavelmente vai ter que resgatar a gente quando a chuva passar.

— Merda! — disse Lindsey.

Samuel riu e agarrou a mão dela para começar a andar. No instante em que o fizeram, ouviram o primeiro trovão e Lindsey pulou. Ele a segurou com mais força. O relâmpago ainda estava longe, e o trovão ficaria mais forte atrás dele. Ela nunca tinha sentido por ele o mesmo que eu. Ele a deixava assustada e nervosa. Ela imaginava árvores partidas ao meio e casas pegando fogo e cachorros se encolhendo em porões pelos subúrbios.

Foram andando em meio aos arbustos, que estavam ficando encharcados, apesar das árvores. Embora fosse o meio da tarde, estava tudo escuro a não ser pela lanterna de emergência de Samuel.

Mesmo assim eles sentiam provas da presença de pessoas. Suas botas esmagavam latas de alumínio e chutavam garrafas vazias. Então, através da folhagem densa e da escuridão, ambos viram as vidraças quebradas alinhadas na parte superior de uma velha casa vitoriana. Samuel desligou a lanterna de emergência imediatamente.

— Você acha que tem alguém lá dentro? — perguntou Lindsey.

— É escuro.

— É sinistro.

Eles se entreolharam, e minha irmã disse o que ambos estavam pensando.

— E seco!

Deram-se as mãos sob a forte chuva e correram em direção à casa o mais rápido possível, tentando não tropeçar nem escorregar na lama cada vez mais abundante.

Conforme se aproximavam, Samuel pôde distinguir a inclinação pronunciada do telhado de duas águas e o pequeno bando de madeira esculpida que pendia da cumeeira. A maioria das janelas do andar de baixo tinha sido fechada com madeira, mas a porta da frente balançava para a frente e para trás nas dobradiças, batendo na parede interna de gesso. Embora uma parte dele quisesse ficar do lado de fora na chuva olhando para os beirais e cornijas, ele correu para dentro da casa com Lindsey. Ficaram a alguns passos da porta, tremendo e olhando para a floresta pré-suburbana que os cercava lá fora. Rapidamente vasculhei os cômodos da velha casa. Eles estavam sozinhos.

Nenhum monstro assustador espreitava nos cantos, nenhum vagabundo havia se instalado ali.

Esses terrenos não renovados estavam desaparecendo cada vez mais depressa mas, mais do que qualquer outra coisa, eles tinham marcado a minha infância. Nós morávamos em uma das primeiras áreas de expansão serem construídas nas fazendas convertidas da região — uma área de expansão que se tornou modelo e inspiração

para o que agora parecia um número infinito delas — mas a minha imaginação sempre havia sido atraída pelo trecho de estrada que não tinha sido preenchido com as cores brilhantes dos sarrafos e calhas, das ruas calçadas e das caixas de correio tamanho gigante. A de Samuel também.

— Uau! — disse Lindsey. — Quantos anos você acha que ela tem? A voz de Lindsey ecoava nas paredes como se eles estivessem sozinhos uma igreja.

— Vamos explorar — disse Samuel.

As janelas do primeiro andar, lacradas com tábuas, não permitiam ver quase nada, mas com a ajuda da lanterna de emergência de Samuel eles puderam distinguir uma lareira e o guarda-cadeiras nas paredes.

— Olha para o chão — disse Samuel. Ele se ajoelhou, levando-a consigo.

— Está vendo como as tábuas se encaixam umas nas outras? Essa gente tinha mais dinheiro do que seus vizinhos.

Lindsey sorriu. Da mesma maneira que Hal gostava do interior das motocicletas, Samuel tinha se tornado obcecado por carpintaria. Ele correu os dedos pelo chão e fez Lindsey fazer o mesmo.

— E uma velha ruína esplêndida — disse ele.

— Vitoriana? — perguntou Lindsey, dando seu melhor chute.

— Fico bobo de dizer isso — disse Samuel — mas acho que é revival gótico. Reparei nas vigas diagonais no remate da cumeeira, então isso quer dizer que a casa foi construída depois de 1860.

— Olha — disse Lindsey.

No meio do chão alguém tinha feito uma fogueira muito tempo atrás.

— Isso sim é uma tragédia — disse Samuel.

— Por que eles não usaram a lareira? Todos os cômodos têm lareira.

Mas Samuel estava ocupado olhando para o buraco que a fogueira tinha feito no teto, tentando identificar o padrão do trabalho em madeira nas molduras das janelas.

— Vamos subir — disse ele.

— Parece que eu estou dentro de uma caverna — disse Lindsey enquanto eles subiam as escadas. — Está tão silencioso aqui que mal se consegue ouvir a chuva.

Enquanto subia, Samuel batia no gesso com a lateral do punho fechado.

— E possível murar alguém dentro deste lugar.

E de repente ali estava um daqueles instantes desconfortáveis que eles tinham aprendido a deixar passar e eu vivia esperando que acontecessem.

Ele trazia uma pergunta central. Onde eu estava? Eu seria mencionada?

Seria citada e discutida? Geralmente agora a resposta era um decepcionante não. Na Terra não era mais dia de festa para Susie.

Mas alguma coisa naquela casa e naquela noite — acontecimentos marcantes como formaturas e nascimentos sempre significavam que eu estava mais viva, mais alto na escala de pensamento — fez Lindsey pensar em mim por mais tempo do que o instante durante o qual normalmente pensaria. Ainda assim, ela nada disse. Lembrou-se da sensação de tontura que tinha tido na casa do sr. Harvey e que muitas vezes desde então — a sensação de que de alguma maneira eu estava com ela, em seus pensamentos e em seus membros — andando com ela como uma gêmea.

No alto das escadas eles encontraram a entrada para o quarto que tinham visto lá de baixo.

— Eu quero esta casa — disse Samuel.

— O quê?

— Esta casa precisa de mim, eu posso sentir isso.

— Talvez você devesse esperar o sol sair para decidir — disse ela.

— Ela é a coisa mais linda que eu já vi — disse ele.

— Samuel Heckler — disse minha irmã —, o homem que conserta coisas.

— Olha quem fala — disse ele.

Ficaram parados por um instante em meio ao silêncio, sentindo o cheiro do ar úmido descer pela chaminé e inundar o quarto. Mesmo com o barulho da chuva, Lindsey ainda se sentia escondida, abrigada na segurança de um canto afastado do mundo com a única pessoa que amava mais do que qualquer outra.

Ela o pegou pela mão, e viajei junto com eles até o vão da porta de um pequeno cômodo bem na frente da casa. Ele ultrapassava o que devia ser o hall de entrada do andar de baixo e seu formato era octogonal.

— É uma sacada envidraçada — disse Samuel. — As janelas — ele se virou para Lindsey — quando são construídas assim para fora, como um quartinho, isso se chama uma sacada envidraçada.

— Isso te deixa excitado? — perguntou Lindsey, sorrindo.

Eu os deixei na chuva e na escuridão. Perguntei-me se Lindsey percebeu que quando ela e Samuel começaram a abrir os zíperes de suas roupas de couro o relâmpago parou e o barulho na garganta de Deus — aquele trovão assustador — cessou.

Em seu quartinho, meu pai estendeu a mão para pegar o globo de neve.

O vidro frio em seus dedos o reconfortava, e ele o sacudiu para ver o pinguim desaparecer e em seguida ser lentamente descoberto pela neve que caía suavemente.

Hal tinha voltado da cerimônia de formatura em sua moto mas, em vez de acalmar meu pai — dando-lhe alguma garantia de que, se uma motocicleta era capaz de atravessar a tempestade e depositar seu motorista com segurança na porta da sua casa, outra também seria — aquilo parecia aumentar as probabilidades do contrário em sua mente.

Ele tinha experimentado o que se poderia chamar de doloroso deleite na cerimônia de formatura de Lindsey. Buckley tinha se sentado ao seu lado, avisando-o prontamente quando sorrir e quando reagir. Ele geralmente sabia quando fazê-lo, mas suas sinapses agora nunca eram tão rápidas quanto as das pessoas normais — ou pelo menos era assim que ele explicava o fato para si mesmo. Era como o tempo de reação nos pedidos de seguro que ele revisava. Para a maioria das pessoas havia um número médio de segundos entre o instante em que percebiam alguma coisa — outro carro, uma pedra descendo de uma ribanceira — e o instante em que reagiam. Os tempos de resposta do meu pai eram mais lentos do que os da maioria das pessoas, como se ele se movesse em um mundo onde uma inevitabilidade esmagadora o tivesse privado de qualquer esperança de ter uma percepção aguçada.

Buckley bateu na porta semiaberta do quartinho do meu pai.

— Entre — disse ele.

— Eles vão ficar bem, pai. — Aos 12 anos, meu irmão tinha se tornado sério e preocupado. Mesmo que não pagasse pela comida nem cozinhasse, era ele quem administrava a casa.

— Você estava bonito de terno, filho — disse meu pai.

— Obrigado. — Isso era importante para o meu irmão. Ele queria deixar meu pai orgulhoso e tinha demorado para se arrumar, chegando até a pedir naquela manhã para vovó Lynn ajudá-lo a aparar a franja que caía em seus olhos. Meu irmão estava no estágio mais estranho da adolescência— não era mais menino, ainda não era homem. Na maior parte do tempo escondia o próprio corpo com enormes camisetas e jeans folgados, mas naquele dia tinha gostado de usar o terno.

— O Hal e a vovó estão esperando a gente lá embaixo — disse ele.

— Já vou descer.

Buckley fechou a porta até o fim desta vez, fazendo a lingueta entrar no lugar.

Naquele outono, meu pai tinha mandado revelar o último filme que eu havia guardado no meu armário, na caixa de "filmes para guardar", e nessa hora, como sempre fazia quando pedia só um minuto antes do jantar ou via alguma coisa na TV ou lia algum artigo no jornal que fazia seu coração doer, abriu a gaveta de sua escrivaninha e levantou delicadamente as fotos.

Ele tinha feito vários sermões para mim dizendo que o que eu chamava de minhas "fotos artísticas" eram afoitas, mas o melhor retrato que ele jamais teve foi um que eu tirei dele em um ângulo que, quando se segurava a foto, fazia seu rosto encher o quadrado de 9 x 9 cm como se fosse um diamante.

Eu deveria ter ouvido suas dicas sobre ângulos de máquina e composição ao tirar as fotos que ele segurava agora. Ele não tinha ideia da ordem em que os filmes estavam nem do que eram as fotos quando as revelou.

Havia um número impressionante de fotos de Holiday, e muitos retratos dos meus pés ou da grama. Bolas cinzas embaçadas no ar que eram passarinhos, e uma tentativa granulada de um pôr-do-sol por cima do salgueiro. Mas em algum momento eu tinha decidido fazer retratos da minha mãe. Depois de buscar o filme no laboratório, meu pai ficou sentado no carro encarando fotos de uma mulher que agora tinha a sensação de mal conhecer.

Desde então tinha olhado para aquelas fotos vezes sem conta, mas todas as vezes que olhava para o rosto daquela mulher sentia alguma coisa nascer dentro de si. Levou muito tempo para perceber o que era. Só recentemente suas sinapses feridas tinham lhe permitido dar nome ao sentimento. Ele estava se apaixonando de novo.

Não entendia como duas pessoas que eram casadas, que se viam todos os dias, podiam se esquecer da aparência uma da outra, mas se

ele tivesse de descrever o que tinha acontecido, era isso. E as duas últimas fotos do filme forneciam a explicação. Ele tinha chegado em casa do trabalho — lembro-me de tentar manter a atenção da minha mãe enquanto Holiday latia ouvindo o carro entrar na garagem.

— Ele vai sair — disse eu. — Fique parada. — E ela ficou. Parte do que eu amava na fotografia era o poder que ela me dava sobre as pessoas do outro lado da máquina, mesmo meus próprios pais.

Com o canto dos olhos, vi meu pai entrar no quintal pela porta lateral.

Ele estava carregando a pasta fina que, anos antes, Lindsey e eu tínhamos investigado com sofreguidão e encontrado muito pouca coisa de nosso interesse. Enquanto ele largava a pasta, tirei a última foto solitária da minha mãe. Seus olhos já tinham começado a parecer distraídos e preocupados, mergulhando e reaparecendo de algum modo em forma de uma máscara. Na foto seguinte, a máscara estava quase no lugar, mas ainda não totalmente, e na última foto, onde meu pai se inclinava de leve para lhe dar um beijo na bochecha — ali estava a máscara.

— Fui eu quem fiz isso com você? — perguntou ele à imagem dela enquanto olhava as fotos enfileiradas da minha mãe. — Como foi que isso aconteceu?

— O relâmpago parou — disse minha irmã. A umidade da chuva sobre sua pele tinha sido substituída por suor.

— Eu te amo — disse Samuel.

— Eu sei.

— Não, eu estou dizendo que te amo e quero me casar com você, e quero morar nesta casa!

— O quê?

— Aquele terror daquela faculdade acabou! — gritou Samuel. O pequeno cômodo absorveu sua voz, mal devolvendo um eco de suas grossas paredes.

— Para mim não acabou não — disse minha irmã.

Samuel se levantou do chão, onde estava deitado ao lado da minha irmã, e se ajoelhou na frente dela.

— Casa comigo.

— Samuel?

— Cansei de fazer sempre a coisa certa. Casa comigo e eu deixo esta casa linda.

— Quem vai sustentar a gente?

— A gente mesmo — disse ele —, de algum jeito.

Ela se sentou e depois se ajoelhou junto com ele.Ambos estavam seminus e ficando com frio à medida que o calor de seus corpos começava a se dissipar.

— Tudo bem.

— Tudo bem?

— Acho que posso — disse minha irmã. — Quero dizer, caso!

Alguns clichês eu só entendia quando eles chegavam no meu céu a toda velocidade. Eu nunca tinha visto uma galinha com a cabeça cortada.

Aquilo nunca tinha significado muito para mim, exceto um animal tratado de um modo bem parecido comigo. Mas naquele instante eu corri pelo meu céu como. . uma galinha com a cabeça cortada! Fiquei tão feliz que gritei, grite; e continuei gritando sem parar. Minha irmã! Meu Samuel! Meu sonho! Ela estava chorando, e ele a abraçou, ninando-a junto ao corpo.

— Você está feliz, amor? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça contra o peito nu dele.

— Estou — disse ela, e então congelou. — Meu pai. — Levantou a cabeça e olhou para Samuel. — Eu sei que ele está preocupado.

— É — disse ele, tentando entrar na mesma sintonia que ela.

— Quantos quilômetros tem daqui até lá em casa?

— Uns dezesseis — disse Samuel. — Talvez treze.

— A gente consegue — disse ela.

— Você está louca.

— Nossos tênis estão no outro compartimento.

Eles não conseguiam correr com a roupa de couro, então ficaram de roupa de baixo e camiseta, mais parecidos com aqueles malucos que entram correndo em lugares públicos do que qualquer pessoa da minha família jamais ficaria. Como tinha feito durante anos, Samuel marcava um ritmo logo à frente da minha irmã para fazê-la seguir em frente. Quase não tinha carros na estrada, mas quando passava algum um muro de água subia das poças perto do acostamento e fazia os dois engasgarem para tornar a fazer entrar ar nos pulmões. Ambos já tinham corrido debaixo de chuva, mas nunca de uma chuva tão forte. Ficaram brincando de quem conseguia se proteger mais enquanto iam percorrendo os quilômetros, entrando e saindo de baixo de qualquer árvore alta, enquanto a sujeira e a fuligem da estrada cobriam suas pernas. Mas aos cinco quilômetros ficaram em silêncio, empurrando os pés para a frente em um ritmo que ambos conheciam havia anos, concentrando-se no som da própria respiração e no som de seus sapatos molhados batendo no asfalto.

Em algum momento, enquanto passava por uma poça grande, sem tentar mais evitá-las, Lindsey pensou na piscina do bairro da qual éramos sócios antes de a minha morte pôr fim à vida pública confortável da minha família. A piscina ficava em algum lugar naquela estrada, mas ela não levantou a cabeça para encontrar a conhecida cerca de arame. Em vez disso,teve uma lembrança. Ela e eu estávamos debaixo d'água com nossos maios de saiote de babados. Nós duas estávamos de olhos abertos debaixo d'água, uma coisa nova — mais nova para ela — e olhávamos uma para a outra, nossos corpos separados suspensos debaixo d'água. Cabelos flutuando, saiotes boiando, nossas bochechas infladas com o ar guardado. Então, juntas, segurávamos uma na outra e saíamos da água como dardos, rompendo a superfície. Enchíamos os pulmões de ar — ouvidos estalando — e ríamos juntas.

Fiquei olhando minha linda irmã correr, pernas e pulmões bombeando, e a habilidade da piscina ainda presente — lutando para ver através da água, lutando para manter as pernas se levantando no ritmo marcado por Samuel, e soube que ela não estava correndo de mim nem na minha direção. Como alguém que sobrevive a um tiro na barriga, a ferida estivera se fechando, se fechando – trançando-se em uma cicatriz durante oito longos anos.

Quando os dois estavam a um quilômetro e meio da minha casa, a chuva tinha diminuído e as pessoas começavam a olhar a rua pelas janelas.

Samuel diminuiu o ritmo e ela o imitou. As camisetas estavam coladas em seus corpos como uma pasta.

Lindsey tinha lutado com uma cãibra na lateral do corpo, mas conforme a cãibra ia passando começou a correr com Samuel a toda velocidade.

De repente, se viu coberta de arrepios e sorrindo de orelha a orelha.

— A gente vai casar! — disse ela, e ele parou de correr, segurou-a nos braços, e eles ainda estavam se beijando quando um carro passou por eles na estrada, motorista buzinando.

Quando a campainha tocou na nossa casa eram quatro horas e Hal estava na cozinha usando um dos velhos aventais de cozinheiro da minha mãe e cortando brownies para vovó Lynn. Ele gostava que o fizessem trabalhar, gostava de se sentir útil, e minha avó gostava de usá-lo. Eram um time simpático. Enquanto Buckley, o menino guarda-costas, adorava comer.

— Eu atendo — disse meu pai. Durante a chuva, ele tinha se aguentado com highballs mexidos, sem medir, por vovó Lynn.

Agora estava leve, com uma espécie de graça frágil, como um bailarino aposentado que preferia uma perna à outra, depois de longos anos de pulos com um pé só.

— Eu estava tão preocupado — disse ele ao abrir a porta.

Lindsey tinha os braços cruzados na frente do peito, e até meu pai teve que rir enquanto desviava os olhos e pegava depressa os cobertores sobressalentes guardados no armário da frente. Samuel enrolou um deles em volta de Lindsey primeiro, enquanto meu pai cobria os ombros dele da melhor forma possível e poças se acumulavam no chão de pedra.

Buckley, Hal e vovó Lynn entraram no hall.

— Buckley — disse vovó Lynn —, vá pegar umas toalhas.

— Vocês conseguiram vir de moto nessa chuva? — perguntou Hal, incrédulo.

— Não, a gente correu — disse Samuel.

— Vocês o quê?

— Entrem na sala íntima — disse meu pai. — Vamos acender a lareira.

Enquanto os dois ficavam sentados de costas para o fogo, tremendo no começo e bebendo as doses de conhaque que vovó Lynn mandou Buckley lhes servir em uma bandeja de prata, todos ouviram a história da moto e da casa e do cômodo octogonal com as janelas que tinham deixado Samuel eufórico.

— E está tudo bem com a moto? — perguntou Hal.

— A gente fez o melhor possível — disse Samuel —, mas vamos precisar de um reboque.

— Só estou feliz por vocês dois estarem bem — disse meu pai.

— A gente correu para casa pelo senhor, sr. Salmon.

Minha avó e meu irmão tinham se sentado no outro canto da sala, longe do fogo.

— A gente não queria que ninguém se preocupasse — disse Lindsey.

— A Lindsey não queria que o senhor se preocupasse, mais especificamente.

A sala ficou silenciosa por um instante. O que Samuel tinha dito era verdade, é claro, mas também apontava com clareza demais para

um fato específico — que Lindsey e Buckley tinham passado a viver a vida em proporção direta do efeito que ela teria sobre um pai frágil.

Vovó Lynn olhou minha irmã nos olhos e deu uma piscadela.

— O Hal, o Buckley e eu fizemos brownies — disse ela. — E tenho um pouco de lasanha congelada que posso descongelar, se quiserem. — Ela ficou em pé e meu irmão também — pronto para ajudar.

— Eu adoraria brownies, Lynn — disse Samuel.

— Lynn? Gostei — falou ela. — Vai começar a chamar o Jack de "Jack"?

— Talvez.

Quando Buckley e vovó saíram da sala, Hal sentiu um nervosismo no ar.

— Acho que vou lá ajudar — disse ele.

Lindsey, Samuel e meu pai ficaram escutando os barulhos da movimentação na cozinha. Todos podiam ouvir o relógio batendo no canto, aquele que minha mãe chamava de nosso "relógio rústico colonial".

— Eu sei que me preocupo demais — disse meu pai.

— Não foi isso que o Samuel quis dizer — falou Lindsey.

Samuel estava calado e eu estava olhando para ele.

— Sr. Salmon — disse ele enfim —, ainda não estava realmente pronto para dizer "Jack". — Eu pedi a Lindsey em casamento.

O coração de Lindsey estava na boca, mas ela não estava olhando para Samuel. Estava olhando para o meu pai.

Buckley entrou com uma bandeja de brownies e Hal o seguiu com taças de champanhe penduradas nos dedos e uma garrafa de Dom Pérignon 1978.

— Da sua avó, pelo dia da sua formatura — disse Hal.

Vovó Lynn entrou em seguida, de mãos vazias exceto pelo highball. O drinque capturava a luz e cintilava como um vidro de

diamantes gelados.

Para Lindsey, era como se não houvesse ninguém ali a não ser ela e meu pai.

— O que você diz, pai? — perguntou ela.

— Eu diria — ele conseguiu dizer, levantando-se para apertar a mão de Samuel — que não poderia querer um genro melhor.

Vovó Lynn explodiu ao ouvir a última palavra.

— Meu Deus, ah, querida! Parabéns!

Até Buckley se soltou,saindo do nó que geralmente o prendia e deixando-se levar por uma rara alegria. Mas eu via a linha fina e trêmula que ainda unia minha irmã a meu pai. O cordão invisível capaz de matar.

A rolha da champanhe espocou.

— Perfeito! — disse minha avó para Hal, que estava enchendo os copos.

Foi Buckley quem me viu, enquanto meu pai e minha irmã se juntavam ao grupo e ouviam os incontáveis brindes da vovó Lynn. Ele me viu de pé debaixo do relógio rústico colonial e me encarou. Estava bebendo champanhe. Havia cordas estendidas a toda minha volta, esticadas, esvoaçando no ar. Alguém lhe passou um brownie. Ele o segurou nas mãos, mas não comeu. Via meu rosto e minha forma, que não tinham mudado — os cabelos ainda repartidos no meio, o peito ainda liso e os quadris estreitos —, e quis chamar meu nome. Foi só por um instante, e depois eu desapareci.

Com os anos, quando me cansava de olhar, muitas vezes ficava sentada atrás dos trens que entravam e saíam do terminal suburbano da Filadélfia. Os passageiros subiam e desciam enquanto eu escutava suas conversas misturadas com os sons das portas do trem se abrindo e se fechando, dos motoristas gritando os nomes das paradas, e do arrastar e estalar de solas e saltos de sapatos passando do cimento para o metal, para o suave *pof pof* dos corredores acarpetados dos trens. Era o que Lindsey, em seus exercícios,

chamava de descanso ativo; meus músculos ainda estavam trabalhando, mas minha atenção relaxava. Eu ouvia os sons e sentia o movimento do trem e algumas vezes, ao fazer isso, podia ouvir as vozes daqueles que não viviam mais na Terra. Vozes de outros como eu, os observadores.

Quase todo mundo no céu tem alguém na Terra para quem olha, uma pessoa amada, um amigo, ou mesmo um estranho que um dia foi gentil, ofereceu comida quente ou um sorriso radiante quando um de nós precisou. E quando eu não estava olhando podia ver os outros falando com os que amavam na Terra: tão inutilmente quanto eu, acho.

Adulando e ensinando os jovens em mão única, amando e desejando parceiros em mão única, mandando um cartão em mão única que nunca podia ser assinado.

O trem ficava parado ou saía da rua 30 para perto de Overbrook e eu podia ouvi-los dizer nomes e frases: "Olhe, cuidado com esse vidro."

“Cuide do seu pai.” “Ah, olhe como ela parece crescida com esse vestido.” “Estou com você, mãe.“ “... Esmeralda, Sally, Lupe, Keesha, Frank...” Tantos nomes. Então o trem ganhava velocidade, e conforme ia acelerando, o volume de todas essas frases silenciosas vindas do céu aumentava cada vez mais; no volume máximo entre duas estações, o som da nossa saudade ficava tão ensurdecedor que eu precisava abrir os olhos.

Espiando pelas janelas dos trens subitamente silenciosos eu via mulheres estendendo ou recolhendo roupas do varal. Elas se inclinavam por cima de cestos e depois estendiam lençóis brancos ou amarelos ou cor-de-rosa. Eu contava as cuecas dos homens e as cuecas dos meninos e o conhecido algodão estampado com pirulitos das calcinhas das meninas. E o som daquilo, minha ânsia e minha saudade — o som da vida —, substituía o incessante chamar de nomes.

Roupa lavada úmida: a tensão no varal, o peso molhado de lençóis de solteiro e de casal. Os verdadeiros sons trazendo de volta sons lembrados de um passado quando eu me deitava embaixo das roupas pingando para recolher a água com a língua ou corria entre elas como se fossem cones de trânsito entre os quais eu perseguia Lindsey de um lado para o outro. E a isso se juntava a lembrança da nossa mãe tentando nos passar um sermão sobre como a manteiga de amendoim das nossas mãos manchava os lençóis bons, ou sobre as manchas de bala de limão grudenta que tinha encontrado nas camisas do nosso pai. Assim, a visão e o cheiro do real, do imaginado e do lembrado se juntavam para mim.

Depois de virar as costas para a Terra naquele dia, passeei nos trens até só conseguir pensar em uma coisa: — Segura firme — dizia meu pai enquanto eu segurava o barco na garrafa e ele queimava os barbantes que tinha usado para levantar o mastro e libertava o veleiro em seu mar azul de resina. E eu esperava por ele, reconhecendo a tensão daquele instante em que o mundo na garrafa dependia unicamente de mim.

Capítulo 18

Quando seu pai lhe falou sobre o sumidouro ao telefone, Ruth estava no closet que alugava na Primeira Avenida. Ela enrolava o longo fio **Q** preto do telefone em volta do pulso e do braço e dava respostas curtas, entrecortadas, para confirmar que estava ouvindo. A velha senhora que lhe alugava o closet gostava de ouvir suas ligações, então Ruth tentava não ralar muito ao telefone. Mais tarde, da rua, ligava para casa a cobrar e combinava uma visita.

Ela sabia que faria uma romaria para vê-lo antes dos construtores o fecharem. Seu fascínio por lugares como o sumidouro era um segredo que mantinha guardado, assim como meu assassinato e nosso encontro no estacionamento do colégio. Havia coisas de que não podia abrir mão em Nova York, onde via os outros contarem suas histórias embriagadas nos bares, prostituindo suas famílias e seus traumas em troca de popularidade e birita. Ela sentia que essas coisas não eram para ser distribuídas como brindes de festa fajutos. Respeitava um código de honra com seus diários e seus poemas.

— Lá dentro, lá dentro — sussurrava em voz baixa para si mesma quando sentia o impulso de contar, e acabava dando grandes passeios pela cidade, vendo em seu lugar o milharal de Stolfulz ou uma imagem do pai olhando seus pedaços de frisos de época resgatados. Nova York formava um cenário perfeito para seus pensamentos. Apesar de suas caminhadas decididas pelas ruas e vielas, a cidade em si tinha muito pouco a ver com sua vida interior.

Ela não parecia mais atormentada, como no científico, mas, olhando seus olhos de perto, era possível ver a energia fugidia como a de um coelho que muitas vezes deixava as pessoas nervosas. Seu rosto tinha a expressão de quem estava constantemente procurando alguma coisa ou esperando alguém que ainda não tinha chegado. Seu corpo todo parecia se inclinar para a frente em expectativa, e embora lhe tivessem dito no bar onde trabalhava que ela tinha belos cabelos ou belas mãos ou, nas raras vezes em que algum de seus patrões a via sair de trás do balcão, belas pernas, as pessoas nunca diziam nada sobre seus olhos.

Ela vestiu apressada uma meia-calça preta, uma saia preta curta, botas pretas e uma camiseta preta, todas manchadas por servirem ao mesmo tempo como roupas de trabalho e roupas de verdade. As manchas só eram visíveis ao sol, então Ruth nunca prestava muita atenção nelas até depois, quando parava em um café ao ar livre para uma xícara de café e baixava os olhos para a saia e via as manchas escuras de vodca ou uísque. O álcool tinha o efeito de tornar a roupa preta mais preta. Aquilo a divertia; ela tinha anotado em seu diário: "o álcool afeta os tecidos do mesmo jeito que afeta as pessoas".

Uma vez, do lado de fora, a caminho de uma xícara de café na Primeira Avenida, ela mantinha conversas secretas com os gordos cachorros de colo — chihuahuas ou lulus-da-pomerânia — que as mulheres ucranianas seguravam no colo sentadas em seus banquinhos. Ruth gostava daqueles cachorrinhos rabugentos, que latiam com vontade quando ela passava.

Então ela caminhava, caminhava sem parar, caminhava com uma energia vinda lá do fundo da terra e entrando pelo calcanhar de seu pé em movimento. Ninguém lhe dizia bom dia,exceto malucos, e ela ficava brincando de quantas ruas conseguia atravessar sem parar em nenhum sinal. Não diminuía o passo para outras pessoas e dissecava as multidões de alunos da NYU ou de velhas com carrinhos de roupa da lavanderia que passavam por seus dois lados como um

vento. Gostava de imaginar que, quando ela passava, o mundo a seguia com os olhos, mas também sabia o quanto era anônima. Exceto quando estava no trabalho, ninguém sabia onde ela estava em nenhum momento do dia e ninguém esperava por ela. Era um anonimato imaculado.

Ela não podia saber que Samuel tinha pedido minha irmã em casamento e, a não ser que a notícia chegasse até ela por Ray, a única pessoa do colégio com quem ela mantinha contato, jamais saberia. Enquanto ainda estava em Fairfax, soube que minha mãe tinha saído de casa. Uma nova onda de murmúrios tinha percorrido o científico, e Ruth tinha visto minha irmã lidar com eles da melhor maneira possível. De vez em quando as duas se encontravam no saguão. Ruth dizia algumas palavras de apoio, caso fosse capaz de fazê-lo sem fazer o que pensava ser prejudicar Lindsey falando com ela. Ruth conhecia seu status de maluca no colégio e sabia que sua única noite juntas no simpósio dos bons alunos tinha sido exatamente o que parecia ser — um sonho, onde os elementos soltos se juntaram espontaneamente longe das regras draconianas do colégio.

Mas Ray era diferente. Seus beijos e seus primeiros amassos eram coisas que ela guardava em uma redoma de vidro — lembranças que conservava. Ela o via sempre que visitava seus pais e soube imediatamente que era Ray que levaria consigo para visitar o sumidouro.

Ele ficaria feliz pela folga em seu ritmo de estudo constante e, se ela tivesse sorte, descreveria, como sempre fazia, um procedimento médico que tivesse observado. O modo de Ray descrever aquelas coisas a fazia sentir que sabia exatamente a sensação que aquilo provocava — não só a aparência que tinha. Ele era capaz de evocar tudo para ela, com pequenas pulsações verbais das quais não tinha a menor consciência.

Rumando para o norte pela Primeira Avenida, ela podia assinalar todos os lugares em que já tinha parado e ficado em pé, certa de ter

encontrado um lugar onde uma mulher ou uma menina tinham sido mortas. Tentava listá-los no diário ao final de cada dia, mas em geral ficava tão considerada com o que pensava poder ter acontecido nesta ou naquela sacada ou beco estreito que ignorava os lugares mais simples, mais óbvios, quando tinha lido sobre um assassinato no jornal e visitado o que tinha sido o túmulo de uma mulher.

Ela não tinha consciência de que era uma espécie de celebridade no céu.

Eu tinha falado dela para as pessoas, do que ela fazia, de como observava instantes de silêncio por todos os cantos da cidade e escrevia pequenas preces individuais em seu diário, e a história tinha corrido tão depressa que as mulheres faziam fila para saber se ela tinha encontrado o lugar onde tinham sido mortas. Ruth tinha fãs no céu, mas teria ficado decepcionada se soubesse que muitas vezes essas fãs, quando se reuniam, pareciam-se mais com um bando de adolescentes folheando um número da *Teen-Beat* do que com a imagem que Ruth fazia de tênues lamentos sussurrados ritmados por tímpanos celestiais.

Cabia a mim seguir e olhar e, ao contrário do coro ruidoso, eu geralmente achava esses instantes ao mesmo tempo dolorosos e incríveis. Ruth captava uma imagem e essa imagem ficava impressa em seu cérebro. Algumas vezes eram só flashes brilhantes — uma queda das escadas, um grito, um empurrão, mãos se fechando em volta de um pescoço — e outras vezes eram como um roteiro inteiro se desenrolando em sua mente durante o tempo exato que a menina ou a mulher levava para morrer.

Ninguém na rua reparava na moça vestida de preto da parte baixa da cidade que parava no meio do tráfego de pedestres do centro. Com seu disfarce de estudante de artes, ela podia percorrer Manhattan inteira e, mesmo não se misturando, ser classificada, e, portanto, ignorada.

Enquanto isso, para nós, ela fazia um trabalho importante, um trabalho que a maioria das pessoas na Terra tinha medo demais para sequer pensar em fazer.

No dia seguinte à formatura de Lindsey e Samuel eu fui caminhar com ela. Quando ela chegou ao Central Park já passava muito da hora do almoço, mas o parque ainda estava cheio. Casais estavam sentados na grama aparada do campo. Ruth os espiou. Sua intensidade era intimidadora em uma tarde de sol, e quando os rostos amigáveis dos rapazes a viam, logo se fechavam ou olhavam para o outro lado. Ela ziguezagueou pelo parque para cima e para baixo. Tinha lugares óbvios aonde ia, como as trilhas, para documentar a história de violência ocorrida ali sem sequer sair de perto das árvores, mas ela preferia os lugares que as pessoas consideravam seguros. A superfície calma e cintilante do lago de patos escondida no movimentado canto sudeste do parque, ou o plácido lago artificial, onde velhinhos punham lindos barcos feitos a mão para flutuar.

Ela se sentou no banco de uma trilha que levava ao jardim zoológico do Central Park e olhou para o cascalho cheio de crianças com suas babás e adultos solitários lendo livros em vários pontos de sombra ou de sol.

Estava cansada da caminhada até a parte alta da cidade, mas mesmo assim tirou o diário da bolsa. Colocou-o aberto no colo, segurando a caneta para ajudá-la a pensar. Ruth tinha aprendido que era melhor parecer que se estava fazendo alguma coisa quando se mantinham os olhos fixos ao longe. Senão era provável que homens estranhos se aproximassem e tentassem falar com você. Seu diário era seu relacionamento mais íntimo e mais importante. Ele continha tudo.

Na sua frente, uma menininha se afastou do cobertor onde sua babá dormia. Estava se encaminhando para os arbustos que cobriam um pequeno declive antes de dar lugar a uma cerca que separava o

parque da Quinta Avenida. No instante em que Ruth estava prestes a entrar no mundo dos seres humanos cujas vidas colidem com as dos outros chamando a babá, um tênue fio, que Ruth não tinha visto, alertou a babá de que ela deveria acordar. Ela imediatamente se sentou com um susto e vociferou uma ordem para a menininha voltar.

Em instantes como aquele ela pensava em todas as menininhas que chegavam à idade adulta e à terceira idade como uma espécie de alfabeto cifrado para todas as que não chegavam. Suas vidas, de algum modo, seriam inextricavelmente ligadas a todas as meninas que tinham sido mortas. Fo: então, enquanto a babá arrumava a bolsa e enrolava o cobertor, preparando-se para o que quer que fosse sua próxima atividade naquele dia, que Ruth a viu — uma menininha que tinha andando em direção aos arbustos certo dia e desaparecido.

Pelas roupas, podia ver que aquilo tinha acontecido algum tempo atrás, mas era só. Fora isso, nada — nenhuma babá nem mãe, nenhuma ideia de noite ou dia, só uma menininha desaparecida.

Fiquei ali com Ruth. Com o diário aberto, ela anotou. "Hora? Menininha no CP. some entre os arbustos. Gola de renda branca, elegante." Fechou o diário e o enfiou na bolsa. Lá perto ficava um lugar que a acalmava. A casa dos pinguins no zoológico.

Passamos a tarde juntas ali, Ruth sentada no assento acarpetado na frente do viveiro, com as roupas pretas deixando visíveis no escuro apenas seu rosto e suas mãos. Os pinguins cambaleavam e emitiam ruídos e mergulhavam, escorregando nas pedras que imitavam seu hábitat natural como simpáticos presuntos, mas vivendo debaixo d'água como musculosas criaturas de smoking. As crianças gritavam e berravam e apertavam o rosto no vidro. Ruth contava as crianças vivas do mesmo jeito que contava as mortas, e nos limites restritos da casa dos pinguins seus gritos alegres

ecoavam nas paredes com tamanha vibração que, por pouco tempo, ela conseguia abafar os outros tipos de gritos.

Naquele fim de semana meu irmão acordou cedo, como sempre fazia.

Ele estava na sexta série e comprava seu almoço no colégio e fazia parte da equipe de debates e, como Ruth, era sempre escolhido em último ou penúltimo lugar na aula de ginástica. Não tinha se interessado por esportes como Lindsey. Em vez disso, exercitava o que vovó Lynn chamava de seu "ar de dignidade". Sua professora preferida na verdade não era professora coisa nenhuma, mas sim a bibliotecária do colégio, uma mulher alta e frágil de cabelo áspero que bebia chá de uma garrafa térmica e falava sobre ter morado na Inglaterra quando jovem. Depois disso ele tinha simulado um sotaque inglês durante alguns meses e demonstrado grande interesse quando minha irmã assistia ao seriado Masterpiece Theatre na TV.

Quando ele perguntou ao meu pai naquele ano se podia recuperar o jardim que minha mãe antes cultivava, meu pai disse: — Claro, Buck, pode pirar.

E ele pirou. Pirou de maneira extraordinária,insana, lendo velhos catálogos da Burpee à noite quando não conseguia dormir e examinando os poucos livros de jardinagem da biblioteca do colégio.

Quando minha avó sugeriu respeitáveis fileiras de salsa e manjericão e Hal sugeriu "algumas plantas realmente importantes" — berinjelas, melões, pepinos, cenouras e feijões — meu irmão achou que ambos tinham razão.

Ele não gostava do que lia nos livros. Não via motivo para manter as flores separadas dos tomates e as ervas segregadas em um canto. Tinha plantado o jardim inteiro devagar com uma pá, implorando diariamente a meu pai para lhe trazer sementes e fazendo viagens à mercearia com vovó Lynn, onde o preço de sua extrema disponibilidade para pegar coisas era uma parada rápida na floricultura para uma pequena planta florida. Agora estava esperando seus tomates, suas margaridas azuis, suas petúnias, amores-perfeitos e sálvias de todo tipo. Tinha transformado seu forte em uma espécie de barracão de trabalho para o jardim, onde guardava suas ferramentas e materiais.

Mas minha avó estava se preparando para o instante em que ele se desse conta de que todas aquelas plantas não podiam crescer juntas e que algumas sementes não nasceriam em determinadas épocas, que os finos cachos sedosos de pepino poderiam ser abruptamente detidos pelo crescimento dos bulbos subterrâneos de cenouras e batatas, que a salsa poderia ser escondida pelas ervas mais recalcitrantes, e que os insetos que viviam por ali poderiam fazer secar as delicadas flores. Mas ela esperava com paciência. Não acreditava mais em conversas. Conversas nunca resgatavam nada. Aos 70 anos, minha avó tinha passado a acreditar apenas no tempo. Buckley estava subindo uma caixa de roupas do porão até a cozinha quando meu pai desceu para tomar café.

— O que você está carregando aí, fazendeiro Buck? — disse meu pai. Ele sempre esteve em sua melhor forma de manhã.

— Vou amarrar meus pés de tomate — disse meu irmão.

— Eles já brotaram?

Meu pai estava em pé na cozinha com seu roupão de toalha azul e pés descalços. Serviu-se de café na máquina que vovó Lynn ligava todas as manhãs e tomou um gole enquanto olhava para o filho.

— Acabei de ver hoje de manhã — disse meu irmão, radiante. — Os brotos estão enrolados como uma mão se abrindo.

Foi só quando meu pai estava repetindo a descrição para vovó Lynn no balcão da cozinha que viu, pela janela dos fundos, o que Buckley tinha tirado da caixa. Eram as minhas roupas. Minhas roupas, que Lindsey tinha triado para separar qualquer coisa que pudesse guardar. Minhas roupas, que minha avó, ao se mudar para o meu quarto, tinha encaixotado discretamente, enquanto meu pai estava no trabalho. Ela as tinha guardado no porão com uma pequena etiqueta que dizia simplesmente GUARDAR.

Meu pai largou a xícara de café. Passou pela varanda coberta de tela e seguiu em frente, chamando o nome de Buckley.

— O que foi, pai? — Ele percebeu o tom do meu pai.

— Essas roupas são da Susie — disse meu pai com calma ao chegar perto dele.

Buckley baixou os olhos para meu vestido xadrez escuro que estava segurando.

Meu pai chegou mais perto, pegou o vestido da mão do meu irmão, e então, sem falar, juntou o resto das minhas roupas, que Buckley tinha empilhado no gramado. Quando se virou em silêncio em direção à casa, quase sem conseguir respirar, apertando minhas roupas junto ao corpo, eu percebi.

Eu era a única que via as cores. Bem perto das orelhas de Buckley e da superfície das bochechas e do queixo ele estava um pouco cor de laranja, um pouco vermelho.

— Por que não posso usar as roupas? — perguntou ele.

Aquilo atingiu as costas do meu pai como um soco.

— Por que não posso usar essas roupas para amarrar meus tomates?

Meu pai se virou. Viu seu filho ali em pé, e atrás dele o quadrado perfeito de terra lamacenta e revirada salpicada de minúsculos brotos.

— Como você pode me perguntar isso?

— Você tem de escolher. Não é justo — disse meu irmão.

— Buck? — Meu pai segurava minhas roupas contra o peito.

Eu via Buckley se inflamar e se acender. Atrás dele estava a cerca viva de vara-de-ouro, duas vezes mais alta do que na época da minha morte.

— Cansei disso! — gritou Buckley chorando. — O pai da Keesha morreu e ela está bem!

— A Keesha é uma menina do colégio?

— É!

Meu pai estava congelado. Podia sentir o orvalho se acumulando em seus tornozelos e pés nus, podia sentir o chão debaixo de si, frio e úmido e cheio de possibilidades.

— Sinto muito. Quando isso aconteceu?

— Não é isso o que importa, pai! Você não entende. — Buckley virou as costas e começou a pisotear os delicados brotos de tomate com o pé.

— Buck, para! — gritou meu pai. Meu irmão se virou.

— Você não entende, pai — disse ele.

— Desculpa — disse meu pai. — Estas roupas são da Susie e eu só. .

Pode não fazer sentido, mas são dela — são coisas que ela usou.

— Você pegou o sapato,não pegou? — disse meu irmão. Ele tinha parado de chorar agora.

— O quê?

— Você pegou o sapato. Pegou ele do meu quarto.

— Buckley, eu não sei do que você está falando.

— Eu guardei o sapato do Banco Imobiliário e depois ele sumiu. Você pegou! Você se comporta como se ela fosse só sua!

— Me fala o que está querendo dizer. Que história é essa sobre o pai da sua amiga Keesha?

— Larga as roupas.

Meu pai as pôs no chão delicadamente.

— Isso não tem nada a ver com o pai da Keesha.

— Me diz com o que isto tem a ver. — Meu pai agora só estava preocupado com aquele instante. Voltou ao lugar em que tinha estado depois de sua cirurgia no joelho, emergindo do sono entorpecido dos analgésicos para ver seu filho, então com cinco anos, sentado perto dele, esperando seus olhos se abrirem vacilantes para poder dizer: "Bu, papai."

— Ela morreu.

Aquilo nunca parava de doer.

— Eu sei disso.

— Mas você age como se não soubesse. O pai da Keesha morreu quando ela tinha 6 anos. A Keesha diz que mal pensa nele.

— Vai pensar — disse meu pai.

— Mas e a gente?

— Quem?

— A gente,pai.Eu e a Lindsey. A mamãe foi embora porque não aguentou.

— Calma, Buck — disse meu pai. Ele estava sendo o mais generoso possível enquanto o ar de seus pulmões evaporava para dentro de seu peito.

Então uma vozinha dentro dele disse: *Se solte, se solte, se solte*.

— O quê? — disse meu pai.

— Eu não disse nada.

Se solte. Se solte. Se solte.

— Desculpa — disse meu pai. — Não estou me sentindo muito bem.

Seus pés tinham ficado inacreditavelmente frios na grama úmida. Seu peito parecia oco, insetos voando dentro de uma cavidade escavada.

Tinha um eco lá dentro, e o eco retumbava em seus ouvidos. *Se solte.*

Meu pai caiu de joelhos. Seu braço começou a latejar como se estivesse dormente. Formiguinhas subindo e descendo. Meu irmão

correu até ele.

— Pai?

— Filho. — Sua voz tremeu e ele estendeu a mão para o meu irmão.

— Vou chamar a vovó. — E Buckley saiu correndo.

Deitado de lado com o rosto virado na direção das minhas antigas roupas, meu pai sussurrou debilmente: — Não dá para escolher. Eu amei vocês três.

Meu pai passou aquela noite deitado em uma cama de hospital, ligado a máquinas que apitavam e zumbiam. Hora de rodear os pés do meu pai e subir por sua coluna. Hora de me calar e conduzi-lo. Mas para onde?

Acima de sua cama o relógio contava os minutos e eu pensei na brincadeira que Lindsey e eu fazíamos juntas no quintal: "bem-me-quer/mal-me-quer", arrancando pétalas de margaridas. Eu podia ouvir o relógio devolvendo para mim meus dois maiores desejos naquele mesmo ritmo: "Morra para mim/não morra para mim, morra para mim/não morra para mim". Parecia que eu não podia evitar pensar nisso, enquanto segurava seu coração enfraquecido. Se ele morresse, eu o teria para sempre. Era tão errado assim querer isso? Em casa, Buckley se deitou na cama no escuro e puxou a coberta até o queixo. Não o tinham deixado passar da sala de emergência para onde Lindsey os tinha levado de carro, seguindo a sirene da ambulância dentro da qual estava nosso pai. Meu irmão tinha sentido um imenso peso de culpa se abater sobre ele com os silêncios de Lindsey. Com as duas perguntas que ela ficava repetindo: "Sobre o que vocês estavam falando? Por que ele estava tão nervoso?"

O maior medo do meu irmão caçula era que a única pessoa que tanto significava para ele fosse embora. Ele amava Lindsey e vovó Lynn e Samuel e Hal, mas meu pai o fazia andar de mansinho, o

filho monitorando delicadamente o pai todas as manhãs e todas as noites como se, sem essa vigilância, fosse perdê-lo.

Ficamos ali — a filha morta e o filho vivo — um de cada lado do meu pai, ambos querendo a mesma coisa. Tê-lo conosco para sempre. Agradar a nós dois era uma impossibilidade.

Meu pai só tinha estado ausente na hora de dormir duas vezes na vida de Buckley. A primeira depois de ter saído para o milharal à noite procurando o sr. Harvey, e agora ali deitado no hospital, sendo monitorado caso sofresse um segundo infarto.

Buckley sabia que deveria estar grande demais para aquilo ter importância, mas eu o entendia. O beijo de boa-noite era uma das especialidades do meu pai. Quando ele chegava no pé da cama depois de fechar as venezianas e alisá-las com a mão para ter certeza de que todas estavam no mesmo ângulo — nenhuma veneziana rebelde emperrada para deixar entrar a luz do sol no quarto de seu filho antes de ele vir acordá-lo — meu irmão muitas vezes ficava com os braços e as pernas arrepiados. A expectativa era deliciosa.

— Está pronto, Buck? — perguntava meu pai, e algumas vezes Buckley dizia "Positivo", outras vezes dizia "Decolar", mas quando estava mais assustado e confuso e queria paz dizia apenas "Sim!" E meu pai pegava o fino lençol de algodão de cima e o juntava nas mãos tomando cuidado para manter os dois cantos entre o polegar e o indicador. Então ele o estendia de modo que o lençol azul bebê (se estivessem usando o de Buckley) ou cor de lavanda (se estivessem usando o meu)caía em cima dele como um paraquedas e suavemente,com uma lentidão que parecia maravilhosa, flutuava até embaixo e tocava as partes expostas de sua pele — seus joelhos, seus antebraços,suas bochechas e seu queixo.Tanto o ar quanto a coberta de algum modo estavam no mesmo espaço ao mesmo tempo — aquilo parecia o mais alto grau possível de liberdade e proteção. Era incrível, deixava-o vulnerável e trêmulo em uma espécie de beira de abismo e tudo o que ele podia esperar era que, se ele implorasse,

meu pai atendesse a seu desejo e fizesse aquilo de novo. Ar e coberta, ar e coberta — sustentando a conexão muda entre eles: menino pequeno, homem ferido.

Naquela noite sua cabeça estava deitada no travesseiro, enquanto seu corpo estava enrolado em posição fetal. Ele não tinha pensando em fechar ele próprio as persianas, e as luzes das casas próximas salpicavam a colina. Olhou para as portas de ripas de seu armário do outro lado do quarto, de onde ele um dia tinha imaginado que bruxas más sairiam para se juntar aos dragões debaixo de sua cama. Ele não tinha mais medo dessas coisas.

— Por favor, não deixa o papai morrer, Susie — sussurrou ele. — Eu preciso dele.

Quando deixei meu irmão, passei pelo mirante e debaixo das luzes pendendo como bagas, vi os caminhos de tijolo se estendendo conforme eu avançava.

Andei até os tijolos se transformarem em pedras chatas e depois em pedras pequenas e pontiagudas e depois em nada além de terra revirada por quilômetros e quilômetros à minha volta. Fiquei ali. Fazia tempo suficiente que estava no céu para saber que alguma coisa ia ser revelada.

E enquanto a luz começava a diminuir e o céu se tingia de um azul escuro e espesso como na noite da minha morte, vi alguém andando na minha direção, tão longe que no começo não consegui ver se era um homem ou uma mulher, uma criança ou um adulto. Mas quando o luar bateu em seu rosto pude ver que era um homem e, assustada agora, com a respiração acelerada, corri o suficiente para poder ver. Seria o meu pai? Seria o que eu tinha desejado tão desesperadamente durante todo aquele tempo?

— Susie — disse o homem enquanto eu me aproximava e parava a alguns metros de onde ele estava. Ele levantou os braços para mim.

— Lembra? — disse ele.

Eu me vi pequena de novo, com 6 anos de idade, em uma sala de estar em Illinois. Então, como daquela vez, pus os pés em cima dos pés dele.

— Vovô — disse eu.

E como estávamos sozinhos e ambos estávamos no céu, eu era leve o bastante para me mexer como me mexia aos 6 anos e ele tinha 56, e meu pai tinha nos levado para uma visita. Dançamos bem devagar uma música que na Terra sempre tinha feito meu avô chorar.

— Lembra? — perguntou ele.

— Barber!

— Adágio para Cordas — disse ele.

Mas enquanto dançávamos e rodopiávamos — nada dos esbarrões desajeitados da Terra — o que eu me lembrei foi de como o tinha encontrado, chorando ao som dessa música e perguntado por quê.

— Algumas vezes, Susie, você chora, mesmo quando alguém que você ama morreu há muito tempo. — Então ele tinha me abraçado, um abraço curto, e depois eu tinha corrido para fora para brincar de novo com Lindsey no que parecia ser o enorme quintal do meu avô.

Não falamos mais naquela noite, mas dançamos durante horas naquela noite azul fora do tempo. Eu sabia que enquanto dançávamos alguma coisa estava acontecendo na Terra e no céu. Uma mudança. Aquele tipo de movimento que começa devagar e fica rápido sobre o qual tínhamos lido certo ano na aula de ciências. Sísmico, impossível, um rompimento e um rasgo no tempo e no espaço. Apertei o corpo no peito do meu avô e senti seu cheiro de velhinho, a versão com naftalina do meu próprio pai, o sangue na Terra, o firmamento no céu. Cumquat, gambá, tabaco classe A.

Quando a música parou, parecia que estávamos dançando desde o início dos tempos. Meu avô deu um passo de costas, e a luz atrás dele ficou amarela.

— Vou indo — disse ele.

— Para onde? — perguntei.

— Não se preocupa, querida. Você está muito perto.

Ele virou as costas e se afastou,desaparecendo rapidamente em pontinhos e poeira. No infinito.

Capítulo 19

Ao chegar na Vinícola Krusoe naquela manhã, minha mãe encontrou um recado à sua espera, rabiscado no inglês imperfeito do zelador. A palavra emergência estava clara o suficiente, e minha mãe pulou seu ritual matutino de beber uma xícara de café olhando as vinhas entrelaçadas em fileiras e mais fileiras de resistentes cruzes brancas. Abriu aparte da vinícola reservada para a degustação do público. Sem acender a luz do teto, localizou o telefone atrás do bar de madeira e ligou para o número da Pensilvânia. Ninguém atendeu.

Então ela ligou para o auxílio à lista da Pensilvânia e pediu o telefone do dr. Akhil Singh.

— É — disse Ruana. — O Ray e eu vimos uma ambulância chegar há algumas horas. Imagino que estejam todos no hospital.

— Quem foi?

— Sua mãe, talvez?

Mas ela sabia pelo recado que sua mãe tinha telefonado. Era uma das crianças ou então era Jack. Ela agradeceu a Ruana e desligou. Pegou o pesado telefone vermelho e o levantou de debaixo do bar. Uma pilha de fichas coloridas que eles distribuíam para os clientes — "Amarelo limão =

Chardonnay Jovem, Cor de Palha = Sauvignon Blanc.. " — caiu no chão em volta de seus pés de onde estavam seguras pelo telefone. Ela sempre chegava cedo desde que tinha começado naquele

emprego, e nesse momento agradeceu rapidamente por ser assim. Depois, só conseguiu pensar nos nomes dos hospitais locais, então ligou para aqueles onde tinha levado os filhos pequenos com febres inesperadas ou possíveis ossos quebrados depois de um tombo. No mesmo hospital para onde eu um dia tinha levado Buckley.

— Um Jack Salmon foi atendido na emergência e ainda está aqui.

— Pode me dizer o que aconteceu?

— Qual é o seu parentesco com o sr. Salmon? Ela disse as palavras que não dizia havia anos.

— Sou a esposa dele.

— Ele teve um infarto.

Ela desligou o telefone e se sentou nas esteiras de borracha e rolha que cobriam o chão do lado dos empregados. Ficou sentada ali até o gerente do turno chegar e ela repetir as estranhas palavras: marido, infarto.

Quando levantou os olhos mais tarde estava no caminhão do zelador, e ele, aquele homem silencioso que quase nunca saía da propriedade, dirigia a toda velocidade rumo ao Aeroporto Internacional de São Francisco.

Ela pagou a passagem e embarcou em um voo que pararia em Chicago, onde ela pegaria outro voo que finalmente a faria desembarcar na Filadélfia. Conforme o avião ganhava altura e eles entravam no meio das nuvens, minha mãe ouviu ao longe as campainhas distintas do avião que diziam à tripulação o que fazer ou para o que se preparar, e ouviu o carrinho de bebidas passar, mas em vez dos passageiros ao seu lado ela via o fresco arco de pedra da vinícola, atrás do qual ficavam guardados os toneis de carvalho vazios, e em vez dos homens que geralmente se sentavam ali para escapar do sol ela imaginou meu pai sentado ali, estendendo-lhe a xícara Wedgwood quebrada.

Ao aterrissar em Chicago com duas horas de espera pela frente, ela já tinha se recuperado o suficiente para comprar uma escova de

dentes e um maço de cigarros e dar um telefonema para o hospital, desta vez pedindo para falar com vovó Lynn.

— Mãe — disse minha mãe. — Estou em Chicago a caminho daí.

— Abigail, graças a Deus — disse minha avó. — Liguei para a Krusoe de novo e eles disseram que você tinha saído para o aeroporto.

— Como ele está?

— Está perguntando por você.

— As crianças estão lá?

— Estão, e o Samuel também. Eu ia ligar para você hoje e contar. Samuel pediu a Lindsey em casamento.

— Que maravilha! — disse minha mãe.

— Abigail?

— O quê? — Ela podia ouvir a hesitação da mãe, o que era sempre raro.

— Jack está perguntando pela Susie também.

Ela acendeu um cigarro assim que saiu do terminal de O'Hare, vendo uma numerosa excursão escolar passar por ela com pequenas malas para uma noite só e instrumentos de banda, cada qual com uma etiqueta amarela brilhante na lateral do estojo. LAR DOS PATRIOTAS, diziam as etiquetas.

Estava abafado e úmido em Chicago, e o escapamento fumegante dos carros estacionados em fila dupla tornava o ar pesado venenoso.

Ela fumou o cigarro em tempo recorde e acendeu outro, mantendo um dos braços apertado com força contra o peito e o outro estendido a cada baforada. Vestia seu uniforme da vinícola: jeans desbotados, mas limpos, e uma camiseta laranja clara com VINÍCOLA KRUSOE bordado em cima do bolso. Sua pele agora estava mais escura, o que fazia seus olhos azuis parecerem ainda mais azuis com o contraste, e ela havia se habituado a usar o cabelo preso em um rabo de cavalo frouxo na nuca.

Eu podia ver pequenas mechas de cabelo grisalho perto de suas orelhas e nas têmporas.

Ela se segurava nos dois lados de uma ampulheta e se perguntava como isso era possível. O tempo que ela havia passado sozinha tinha sido circunscrito gravitacionalmente pelo momento em que seus laços a puxassem de volta. E agora eles tinham puxado — com as duas mãos.

Um casamento. Um infarto.

Do lado de fora do terminal, ela pôs a mão no bolso de trás do jeans, onde guardava a carteira de homem que tinha começado a usar depois de arrumar o emprego na Krusoe porque era mais fácil não se preocupar em guardar uma bolsa debaixo do bar. Jogou o cigarro na pista dos táxis e virou-se para encontrar um lugar para se sentar na borda de um canteiro de concreto, onde cresciam ervas daninhas e uma triste árvore nova sufocada pela fumaça dos carros.

Na carteira havia fotos, fotos que ela olhava todos os dias. Mas uma delas ela mantinha virada de cabeça para baixo em um compartimento de couro feito para guardar um cartão de crédito. Era a mesma da caixa de provas da delegacia, a mesma que Ray tinha guardado no livro de poesia indiana de sua mãe. Minha fotografia de colégio que tinha saído no jornal e sido colocada nos cartazes da polícia e nas caixas de correio.

Oito anos depois,até para minha mãe, aquilo era como a foto onipresente de uma celebridade. Ela havia se deparado com a foto tantas vezes que eu havia ficado enterrada direitinho dentro dela. Minhas bochechas nunca foram mais vermelhas, meus olhos nunca foram mais azuis do que na fotografia.

Ela tirou a foto e a segurou de cabeça para cima ligeiramente aninhada na palma da mão. Sempre tinha sentido saudade dos meus dentes — suas serrinhas arredondadas sempre a tinham fascinado enquanto ela me via crescer. Eu tinha prometido para minha mãe um sorriso bem aberto na foto daquele ano, mas ficava com tanta

vergonha na frente do fotógrafo que mal tinha conseguido dar um sorriso de boca fechada.

Ela ouviu a chamada do voo de conexão pelo alto-falante externo. Ficou em pé. Virando-se, viu a minúscula e sofrida árvore. Deixou minha foto de colégio apoiada em seu tronco e entrou depressa pelas portas automáticas.

No voo para a Filadélfia, ela se sentou sozinha no meio de uma fileira de três assentos. Não podia evitar pensar em como, se estivesse viajando como mãe, teriam dois assentos ocupados ao seu lado. Um para Lindsey.

Um para Buckley. Mas, embora fosse, por definição, uma mãe, também tinha deixado de sê-lo em determinado momento. Não podia reivindicar esse direito e esse privilégio depois de perder mais de meia década de suas vidas. Agora sabia que ser mãe era uma vocação, algo que muitas meninas novas sonhavam em ser. Mas minha mãe nunca tinha tido esse sonho, e tinha sido punida da maneira mais horrível e inimaginável possível por nunca ter querido me ter.

Eu a via no avião e pedia às nuvens que ela fosse libertada. Seu corpo estava ficando pesado com medo do que ia acontecer, mas nesse peso pelo menos havia alívio. A aeromoça lhe estendeu um pequeno travesseiro azul e ela dormiu um pouco.

Quando chegou à Filadélfia, o avião taxiou pela pista e ela lembrou a si mesma onde estava e que ano era. Percorreu depressa mentalmente todas as coisas que poderia dizer ao ver seus filhos, sua mãe, Jack. E

então, quando o avião finalmente parou com um tranco, desistiu e concentrou-se apenas em desembarcar.

Mal reconheceu a própria filha esperando no final da longa rampa. Nos anos que haviam passado, Lindsey tinha ficado angulosa, magra, sem nenhum pingo de gordura. E ao lado da

minha irmã estava o que parecia seu irmão gêmeo. Um pouco mais alto, um pouco mais de carne. Samuel.

Ela encarava tanto os dois, e eles a encaravam de volta, que de início nem sequer viu o menino gorducho sentado um pouco afastado no braço de uma fileira de assentos de espera.

Então, logo antes de começar a andar em sua direção — pois eles todos pareceram suspensos e imóveis durante os primeiros instantes, como se tivessem sido presos em uma gelatina viscosa da qual só poderiam se libertar movimentando-se — ela o viu.

Começou a descer a rampa acarpetada. Ouviu chamadas sendo feitas no aeroporto e viu passageiros, com seus cumprimentos mais normais, correndo na sua frente. Mas vê-lo era como entrar num túnel do tempo: 1944 no Acampamento Winnekukka. Ela estava com 12 anos, tinha bochechas rechonchudas e pernas pesadas — tudo o que tinha agradecido pelas filhas não herdarem seu filho agora precisava suportar.

Tantos anos passados fora, tanto tempo que ela jamais poderia recuperar.

Se tivesse contado, como eu contei, ela saberia que com setenta e três passos tinha realizado o que tivera medo demais para fazer durante quase 7 anos.

Foi minha irmã quem falou primeiro: — Mãe — disse ela.

Minha mãe olhou para minha irmã e deu um salto de 38 anos para a frente, desde quando era a menina solitária no Acampamento Winnekukka.

— Lindsey — disse minha mãe.

Lindsey a encarou. Buckley agora estava em pé, mas primeiro baixou os olhos para os próprios sapatos e depois olhou por cima do ombro, para o outro lado da janela onde os aviões estavam estacionados, descarregando seus passageiros dentro de tubos sanfonados.

— Como está seu pai? — perguntou minha mãe.

Minha irmã tinha falado mãe e depois congelado. A palavra tinha um gosto de sabão na sua boca, um gosto estranho.

— Não está na melhor das formas, infelizmente — disse Samuel. Era a frase mais comprida que alguém tinha dito até então, e minha mãe se sentiu desproporcionalmente grata por ela.

— Buckley? — disse minha mãe, preparando-se para encará-lo. Para ser quem era — quem quer que isso fosse.

Ele virou a cabeça na direção dela como uma arma pronta para atirar.

— Buck — disse ele.

— Buck — repetiu ela suavemente e baixando os olhos para as próprias mãos.

Lindsey queria perguntar: Onde estão seus anéis?

— Vamos? — perguntou Samuel.

Os quatro entraram no comprido túnel acarpetado que os levaria do portão de saída dela até o terminal principal. Estavam se dirigindo para a cavernosa área de coleta de bagagens quando minha mãe disse: — Eu não trouxe nenhuma mala.

Pararam em uma rodinha desconfortável, Samuel procurando as sinalizações certas para redirecioná-los para o estacionamento.

— Mãe — tentou minha irmã de novo.

— Eu menti para você — disse minha mãe antes de Lindsey poder dizer qualquer outra coisa. Seus olhos se encontraram, e naquele fio de alta tensão que ia de uma à outra eu juro que vi, como um rato inteiro dentro de uma cobra, não-digerido: o segredo de Len.

— A gente tem que subir a escada rolante de novo — disse Samuel — depois pegar a passarela até o estacionamento.

Samuel chamou Buckley, que tinha se afastado em direção a um grupo de oficiais de segurança do aeroporto. Homens de uniforme nunca tinham perdido o encanto para ele.

Estavam na autoestrada quando Lindsey tornou a falar, — Eles não deixam o Buckley ver o papai por causa da idade.

Minha mãe se virou no assento.

— Vou tentar resolver isso — disse ela, olhando para Buckley e tentando dar seu primeiro sorriso.

— Vai se foder — sussurrou meu irmão sem levantar os olhos.

Minha mãe congelou. O carro se expandiu. Cheio de ódio e tensão uma corredeira de sangue na qual seria possível nadar.

— Buck — disse ela, lembrando-se do apelido bem a tempo —, quer olhar para mim?

Ele olhou com ódio para o banco da frente, perfurando-a com sua fúria.

Minha mãe acabou tornando a se virar e Samuel, Lindsey e meu irmão podiam ouvir o som vindo do banco do carona que ela se esforçava para não fazer. Pequenos gemidos e um soluço engasgado. Mas não havia lágrimas capazes de convencer Buckley. Diariamente, semanalmente, mensalmente, anualmente, ele vinha guardando um estoque subterrâneo de ódio. Bem lá no fundo da pilha estava sentado o menino de 4 anos, com o coração piscando. Coração em pedra, coração em pedra.

— Todo mundo vai se sentir melhor depois de ver o sr. Salmon — disse Samuel, e então, como nem ele conseguia aguentar aquilo, inclinou-se para a frente em direção ao painel e ligou o rádio.

12

Era o mesmo hospital aonde ela tinha ido 8 anos atrás no meio da noite.

Um chão diferente pintado de uma cor diferente, mas ela podia sentir aquilo a envolvê-la enquanto descia o corredor — o que ela havia feito ali. A arremetida do corpo de Len, suas costas imprensadas na parede rugosa de estuque. Tudo nela queria fugir — voar de volta para a Califórnia, de volta à sua vida tranquila entre estranhos. Escondida nas dobras dos troncos das árvores e das

pétalas tropicais, abrigada na segurança de tantas plantas e pessoas desconhecidas.

Os tornozelos e os escarpins de sua mãe, que ela viu do corredor, a trouxeram de volta. Uma das muitas coisas simples que tinha perdido ao se mudar para tão longe, o simples lugar-comum dos pés de sua mãe — sua solidez e seu bom humor — pés de 70 anos de idade calçando sapatos ridiculamente desconfortáveis.

Mas quando ela entrou no quarto, todos os outros — seu filho, sua filha, sua mãe — desapareceram.

Os olhos do meu pai estavam fracos, mas se abriram trêmulos quando ele a ouviu entrar. Havia tubos e fios saindo de seu pulso e do ombro.

Sua cabeça parecia muito frágil no pequeno travesseiro quadrado.

Ela segurou a mão dele e chorou baixinho, deixando as lágrimas rolarem livremente.

— Oi, Olhos de Oceano — disse ele.

Ela balançou a cabeça. Aquele homem traumatizado, maltratado — seu marido.

— Minha menina — disse ele com dificuldade.

— Jack.

— Olhe o que precisei fazer para você voltar para casa.

— Valeu a pena? — disse ela, sorrindo com tristeza.

— Vamos ter de ver — disse ele.

Vê-los juntos era como a materialização de uma crença tênue.

Meu pai podia ver brilhos, como as lascas de cor dentro dos olhos da minha mãe — coisas às quais se segurar. Ele as ficava contando entre as madeiras e tábuas de um barco que, muito tempo atrás, tinha batido em algo maior do que ele e afundado. Só lhe restavam agora resquícios e artefatos. Tentou levantar a mão e tocar a bochecha dela, mas seu braço estava fraco demais. Ela chegou mais perto e encostou a bochecha na mão dele.

Minha avó sabia andar de salto sem fazer barulho. Saiu do quarto na ponta dos pés. Quando recomeçou a andar normalmente e se aproximou da área de espera, interceptou uma enfermeira com um recado para Jack Salmon no Quarto 582. Nunca tinha encontrado aquele homem, mas conhecia seu nome. "Len Fenerman virá fazer uma visita em breve.

Deseja melhoras." Dobrou o recado cuidadosamente. Logo antes de esbarrar com Lindsey e Buckley, que tinham ido se juntar a Samuel na sala de espera, abriu a aba de metal da bolsa e pôs o papel entre o pó compacto e o pente.

Capítulo 20

Quando o sr. Harvey chegou à cabana de telhado de zinco em Connecticut naquela noite, o céu prometia chuva. Ele tinha matado uma jovem garçonete dentro da cabana anos atrás e depois comprado uma calça nova com as gorjetas encontradas no bolso da frente de seu avental. A essa altura o cheiro de podre já teria passado, e é verdade que, quando ele se aproximou do lugar, não foi recebido por nenhum cheiro de decomposição. Mas a cabana estava aberta e lá dentro ele podia ver que a terra tinha sido cavada. Respirou fundo e se aproximou da cabana com cuidado.

Adormeceu ao lado da cova vazia dela.

Em algum momento,para combater a lista dos mortos, eu tinha começado a fazer minha própria lista dos vivos. Era uma coisa que percebia que Len Fenerman também fazia. Quando estava de folga, ele observava as meninas e velhas e todas as outras mulheres no leque entre elas e as listava no rol das coisas que o mantinham vivo. Aquela menininha no shopping cujas pernas pálidas tinham ficado compridas demais para seu vestido já não tão novo e que tinha uma vulnerabilidade sofrida que tocava o coração de Len assim como o meu. Mulheres idosas, apoiando-se em andadores, que insistiam em pintar o cabelo com versões artificiais das cores que tinham na juventude. Mães solteiras de meia-idade correndo para lá e para cá em mercearias enquanto seus filhos puxavam sacos de balas das prateleiras. Quando eu as via, eu contava. Mulheres vivas,

respirando. Algumas vezes eu via as feridas — as que tinham apanhado dos maridos ou sido estupradas por desconhecidos, as filhas estupradas pelos próprios pais — e desejava poder intervir de alguma maneira.

Len via essas mulheres feridas o tempo todo. Elas eram visitantes assíduas da delegacia, mas mesmo quando ele ia a algum lugar fora de sua jurisdição podia sentir quando elas se aproximavam. A mulher na loja de pesca não tinha hematomas no rosto, mas se encolhia como um cachorro e falava com sussurros temerosos. A menina que ele via andando pela estrada todas as vezes em que ia ao norte do estado visitar as irmãs. A medida que passavam os anos ela havia emagrecido, perdido a gordura das bochechas, e seus olhos tinham se enchido de tristeza de um modo que os tornava pesados e desesperançados dentro de sua pele arroxeada. Quando ela não estava lá ele ficava preocupado. Quando estava, ele ficava ao mesmo tempo deprimido e revigorado.

Não teve muita coisa para escrever no meu arquivo durante muito tempo, mas nos últimos meses alguns itens tinham se somado ao registro de provas: o nome de outra vítima em potencial, Sophie Cichetti, o nome de seu filho, um nome falso de George Harvey. Havia também o que ele segurava nas mãos: minha pedra angular da Pensilvânia. Ele a moveu dentro do saco de provas, usando os dedos, e novamente encontrou minhas iniciais. O amuleto tinha sido examinado à procura de pistas e, a não ser por sua presença no local do assassinato de outra menina, tinha se mostrado limpo sob o microscópio.

Ele quis devolver o amuleto ao meu pai desde o primeiro instante em que foi capaz de confirmar que era meu. Fazer isso era quebrar as regras, mas ele nunca tinha tido um corpo para eles, só um caderno escolar encharcado e as páginas do meu livro de biologia misturadas com o bilhete de amor de um menino. Uma garrafa de Coca. Meu gorro de sininhos. Tudo isso ele tinha

catalogado e guardado. Mas o amuleto era diferente, e ele tinha a intenção de devolvê-lo.

Uma enfermeira com quem ele tinha saído nos anos seguintes à partida da minha mãe tinha telefonado para ele ao ler o nome de Jack Salmon em uma lista de pacientes atendidos. Len tinha decidido ir visitar meu pai no hospital e levar meu amuleto junto. Na cabeça de Len, ele via o amuleto como um talismã capaz de acelerar a recuperação do meu pai.

Eu não podia evitar pensar, olhando para ele, nos latões de fluidos tóxicos que tinham se acumulado atrás da oficina de motos de Hal onde a vegetação junto aos trilhos de trem tinha proporcionado às empresas locais um bom esconderijo para se livrar de um ou dois contêineres perdidos. Tudo tinha sido lacrado, mas coisas estavam começando a vazar. Nos anos desde a partida da minha mãe, eu tinha passado ao mesmo tempo a respeitar e a ter pena de Len.

Ele seguia pistas físicas para tentar entender coisas impossíveis de compreender. Nisso, eu podia ver, parecia-se comigo.

Do lado de fora do hospital, uma menina vendia pequenos buquês de narcisos, seus caules verdes amarrados por fitas cor de lavanda. Fiquei olhando minha mãe comprar todo o estoque da menina.

A enfermeira Eliot, que se lembrava da minha mãe de oito anos antes, ofereceu-se para ajudá-la quando a viu descendo o corredor com os braços cheios de flores. Pegou mais jarras de água em um armário de mantimentos e juntas, ela e minha mãe, as encheram de água e espalharam as flores pelo quarto do meu pai enquanto ele dormia. A enfermeira Eliot pensou que, se a perda pudesse ser usada como medida de beleza em uma mulher, minha mãe tinha ficado ainda mais bonita.

Lindsey, Samuel e vovó Lynn tinham levado Buckley para casa no início da noite. Minha mãe ainda não estava preparada para ver a

casa. Estava concentrada apenas no meu pai. Todo o resto teria de esperar, da casa com sua reprimenda silenciosa a seu filho e filha. Precisava de alguma coisa para comer e de tempo para pensar. Em vez de ir à lanchonete do hospital, onde m luzes brilhantes só a faziam pensar nos esforços fúteis que os hospitais faziam para manter as pessoas acordadas à espera de mais notícias ruins — café fraco, cadeiras duras, elevadores que paravam em todos os andares — ela saiu do prédio e desceu a calçada inclinada onde desembocava a porta de entrada.

Estava escuro lá fora agora, e o estacionamento onde ela um dia havia entrado no meio da noite de camisola tinha apenas alguns carros. Ela apertou com força em volta do corpo o cardigã que sua mãe tinha deixado para ela.

Atravessou o estacionamento, olhando para dentro dos carros escuros à procura de sinais sobre quem eram as pessoas dentro do hospital. Um dos carros tinha cassetes espalhadas no banco do carona, outro a forma volumosa de um assento de bebê. Aquilo virou um jogo para ela, ver o que conseguia dentro de cada carro. Um jeito de não se sentir tão sozinha e estranha, como se fosse uma criança brincando de espião na casa dos pais de um amigo. Agente Abigail para Missão Controle. Estou vendo um brinquedo peludo em forma de cachorro, estou vendo uma bola de futebol, estou vendo uma mulher! Ali estava ela, uma desconhecida sentada no banco do motorista ao volante. A mulher não viu minha mãe olhando para ela, e assim que viu seu rosto minha mãe voltou a atenção para outra coisa, concentrando-se nas luzes brilhantes da antiga lanchonete que era seu objetivo. Não precisou olhar para trás para saber o que a mulher estava fazendo. Estava se preparando para entrar. Ela conhecia aquele rosto. Era o rosto de alguém que queria mais do que tudo estar em qualquer outro lugar menos ali.

Ela parou na faixa arborizada entre o hospital e a entrada da sala de emergência e sentiu vontade de fumar um cigarro. Não tinha

questionado nada naquela manhã. Jack tinha tido um infarto; ela voltaria para casa. Mas agora, ali, não sabia mais o que tinha de fazer. Quanto tempo teria de esperar, o que teria de acontecer até ela poder ir embora de novo? Atrás dela, no estacionamento, escutou o som da porta de um carro abrindo e fechando — a mulher entrando.

Nem viu a lanchonete direito. Sentou-se em uma mesa e pediu o tipo de comida — filé de galinha frito — que parecia não existir na Califórnia.

Estava pensando nisso quando um homem bem na sua frente a olhou.

Ela registrou cada detalhe de sua fisionomia. Era automático e era algo que ela não fazia na costa oeste. Quando ainda morava na Pensilvânia, depois do meu assassinato, sempre que via um estranho em quem não confiava fazia uma análise imediata em sua mente. Aquilo — honrar o pragmatismo do medo — era mais rápido do que fingir que não devia pensar assim. Seu jantar chegou, o filé de galinha frito e o chá, e ela se concentrou na comida, no gosto metálico de chá velho. Não achava que poderia suportar ficar em casa mais do que alguns dias. Para onde quer que olhasse ela me via, e na mesa à sua frente via o homem que poderia ter me matado.

Terminou a comida, pagou e saiu da lanchonete sem levantar os olhos acima do nível da cintura. Um sino preso à porta tilintou acima dela, e ela levou um susto, sentindo o coração subir até a boca.

Conseguiu atravessar a autoestrada sã e salva, mas estava ofegante quando tornou a atravessar o estacionamento. O carro da visitante apreensiva ainda estava ali.

Na recepção, onde as pessoas raramente ficavam sentadas, decidiu se sentar e esperar sua respiração se normalizar.

Passaria algumas horas com ele e, quando ele acordasse, se despediria.

Assim que sua decisão foi tomada, uma calma bem-vinda percorreu seu corpo. O súbito alívio da responsabilidade. Sua

passagem para uma terra distante.

Era tarde agora, passava das dez, e ela pegou um elevador vazio até o quinto andar, onde as luzes do corredor tinham sido diminuídas. Passou pelo balcão da enfermagem, atrás do qual duas enfermeiras fofocavam baixinho. Podia ouvir a cadência animada de boatos alegres sendo compartilhados, o som da intimidade descontraída no ar. Então, no instante em que uma das enfermeiras não conseguiu conter uma risada aguda, minha mãe abriu a porta do quarto do meu pai e deixou que ela se fechasse novamente.

Sozinha.

Era como se a porta se fechando criasse um vácuo de silêncio. Senti que ali não era o meu lugar, que eu também deveria ir embora. Mas estava petrificada.

Vê-lo dormindo no escuro, com uma única fraca luz fluorescente na cabeceira da cama, ela se lembrou de estar naquele mesmo hospital e de tomar providências para se afastar dele.

Quando a vi pegar a mão do meu pai, pensei na minha irmã e em mim sentadas debaixo do decalque de túmulo no corredor do andar de cima.

Eu era o cavaleiro morto que tinha ido para o céu com meu cão fiel e ela era a esposa, um fio desencapado.

— Como posso ficar presa pelo resto da vida a um homem congelado no tempo? — A fala preferida de Lindsey.

Minha mãe ficou sentada segurando a mão do meu pai por muito tempo. Pensou em como seria maravilhoso entrar dentro dos lençóis frescos do hospital e se deitar ao lado dele. E como seria impossível.

Chegou mais perto. Mesmo sob os cheiros dos antissépticos e do álcool, conseguia sentir o cheiro de grama da pele dele. Ao ir embora, tinha levado a camisa do meu pai de que mais gostava e algumas vezes se enrolava nela só para vestir alguma coisa dele. Nunca a usava fora de casa, para manter seu cheiro pelo máximo de tempo possível. Lembrava-se de certa noite, quando mais tinha

sentido saudade dele, tê-la vestido em um travesseiro e a abraçado e apertado como se ainda fosse uma colegial.

Ao longe, do outro lado da janela fechada, podia ouvir o zumbido do tráfego distante na autoestrada, mas o hospital estava fechando para a noite. Só as solas de borracha das enfermeiras noturnas faziam barulho quando elas passavam pelos corredores.

Naquele inverno mesmo ela tinha se pegado dizendo para uma moça que trabalhava com ela no bar de degustação aos sábados que entre um homem e uma mulher sempre havia um mais forte do que o outro.

— Isso não quer dizer que o mais fraco não ama o mais forte — argumentou ela. A moça olhou para ela sem entender. Mas para minha mãe o importante era que, enquanto falava, subitamente tinha se identificado como a pessoa mais fraca. Aquela revelação a tinha deixado tonta. O que tinha pensado durante todos aqueles anos a não ser o contrário?

Pedras, ossos; neve, gelo; sementes, feijões, girinos.

Caminhos, gravetos, beijos em quantidade, Todo mundo sabe de quem a Susie tem saudade..

Por volta das duas horas da manhã começou a chover, e choveu no hospital e na minha antiga casa e no meu céu. Na cabana de telhado de zinco onde o sr Harvey dormia também estava chovendo. Enquanto a chuva batia como pequenos martelos acima da sua cabeça, ele sonhou. Não sonhou com a menina cujos restos tinham sido removidos e estavam agora sendo analisados, mas com Lindsey Salmon, com o 5! 5! 5! chegando na cerca viva de sabugueiro.

Tinha esse sonho sempre que se sentia ameaçado. Era na imagem daquela camisa de futebol que a vida dele tinha começado a ficar fora de controle.

Eram quase quatro horas quando vi os olhos do meu pai se abrirem e o vi sentir o calor do hálito da minha mãe na bochecha mesmo antes de saber que ela estava dormindo. Juntos desejamos

que ele conseguisse abraçá-la, mas ele estava fraco demais. Havia outro jeito e foi o que ele fez. Ele contaria para ela as coisas que tinha sentido depois da minha morte — as coisas que lhe vinham à mente com tanta frequência, mas que ninguém sabia a não ser eu.

Mas não queria acordá-la. O hospital estava silencioso, exceto pelo som da chuva. A chuva o estava perseguindo, ele sentia, escuridão e umidade — pensou em Lindsey e Samuel no vão da porta, encharcados e sorrindo, depois de correr o caminho todo para tranquilizá-lo. Muitas vezes se via repetindo ordens dizendo a si mesmo para se centrar. Lindsey. Lindsey.

Lindsey. Buckley. Buckley. Buckley.

A aparência da chuva do lado de fora da janela, iluminada pelas manchas circulares dos postes do estacionamento do hospital, lembrou-lhe os filmes a que tinha assistido quando menino — chuva de Hollywood. Ele fechou os olhos com o hálito da minha mãe soprando em sua bochecha, reconfortante, e escutou a chuva, o leve tamborilar nas finas esquadrias de metal das janelas, e depois ouviu o som de pássaros — passarinhos trinando, mas não conseguia vê-los. E essa ideia, de que poderia haver um ninho bem do lado de fora de sua janela onde filhotes de passarinho tinham acordado com a chuva e descoberto que sua mãe tinha sumido, o fez querer resgatá-los. Ele sentia os dedos frouxos da minha mãe, que tinham se soltado no sono. Ela estava ali, e daquela vez, apesar de tudo, ele a deixaria ser quem ela era.

Foi então que entrei dentro do quarto com minha mãe e meu pai. Eu estava presente de algum modo, como uma pessoa, de uma maneira que nunca tinha estado. Eu tinha sempre pairado, mas jamais ficado ao seu lado.

Me fiz pequena na escuridão, incapaz de saber se podia ser vista. Eu o tinha deixado por horas todos os dias durante 8 anos e meio como tinha deixado minha mãe ou Ruth e Ray, meu irmão e minha

irmã, e certamente o sr. Harvey, mas ele, eu agora via, nunca tinha me deixado.

Sua devoção a mim me tinha feito saber vezes sem conta que eu tinha sido amada. Na luz cálida do amor do meu pai eu tinha continuado a ser Susie Salmon — uma menina com a vida inteira pela frente.

— Pensei que se ficasse bem quieto poderia ouvir você — sussurrou ele.

— Se ficasse imóvel o bastante você voltaria.

— Jack? — disse minha mãe, acordando. — Eu devo ter caído no sono.

— E maravilhoso ter você de volta — disse ele.

E minha mãe olhou para ele. Todos os véus se romperam.

— Como você consegue? — perguntou ela.

— Não existe alternativa, Abbie — disse ele. — O que mais eu posso fazer?

— Ir embora, recomeçar — disse ela.

— Funcionou?

Eles se calaram. Estendi a mão e me dissipei.

— Por que você não vem deitar aqui? — disse meu pai. — Ainda temos algum tempo antes das intransigentes chegarem e tirarem você.

Ela não se mexeu.

— Elas foram legais comigo — disse ela. — A enfermeira Eliot me ajudou a pôr todas as flores na água enquanto você dormia.

Ele olhou em volta e distinguiu o contorno das flores.

— Narcisos — disse ele.

— É a flor da Susie.

Meu pai deu um lindo sorriso.

— Está vendo — disse ele —, é assim. Você encara os fatos de frente dando uma flor para ela.

— É tão triste — disse minha mãe.

— E — disse ele —, é sim.

Minha mãe teve de se equilibrar um pouco precariamente em um dos quadris perto da beirada de sua cama de hospital, mas eles conseguiram.

Conseguiram se esticar juntos um do lado do outro para poderem se olhar nos olhos.

— Como foi ver o Buckley e a Lindsey?

— Incrivelmente difícil — disse ela.

Ficaram calados por um instante e ele apertou a mão dela.

— Você está tão diferente — disse ele.

— Mais velha, você quer dizer.

Eu o vi estender a mão e pegar um cacho de cabelos da minha mãe e colocá-lo atrás de sua orelha.

— Eu me apaixonei por você de novo enquanto você estava fora — disse ele.

Percebi o quanto eu queria estar onde minha mãe estava. O amor dele pela minha mãe não era olhar para trás e amar alguma coisa que nunca mudaria. Era amar minha mãe por tudo — por sua dor e por sua fuga, por ela estar ali agora naquele momento antes de o sol nascer e de os empregados do hospital entrarem. Era tocar aqueles cabelos com a lateral dos dedos, e conhecer, mas mesmo assim se lançar sem medo nas profundezas de seus olhos de oceano.

Minha mãe não conseguiu dizer "Eu te amo".

— Você vai ficar? — perguntou ele.

— Por um tempo. Era alguma coisa.

— Que bom — disse ele. — Então, o que você dizia quando as pessoas perguntavam sobre sua família na Califórnia?

— Em voz alta eu dizia que tinha dois filhos. Em silêncio, dizia três.

Sempre quis pedir desculpas a ela por isso.

— Falou que tinha um marido? — perguntou ele. E ela olhou para ele.

— Não.

— Caramba — disse ele.

— Eu não voltei para fingir, Jack — disse ela.

— Por que você voltou?

— Minha mãe me ligou. Disse que você tinha tido um infarto e eu pensei no seu pai.

— Por que eu poderia morrer?

— É.

— Você estava dormindo — disse ele. — Não viu.

— Quem?

— Alguém entrou no quarto e depois foi embora. Acho que era a Susie.

— Jack? — perguntou minha mãe, mas seu alerta estava apenas a meio mastro.

— Não me diga que você também não vê.

Ela se entregou.

— Eu a vejo em todos os lugares — disse ela, soltando ar, aliviada. — Até na Califórnia ela estava em todos os lugares. Subindo nos ônibus, ou nas ruas perto dos colégios quando eu passava de carro. Eu via os cabelos dela, mas o rosto não batia, ou via o corpo dela e seu jeito de andar. Via irmãs mais velhas e seus irmãos caçulas, ou duas meninas que pareciam irmãs e imaginava o que Lindsey não teria na sua vida — toda a relação perdida para ela e para o Buckley, e aí isso me dava um soco, porque eu também tinha ido embora. A coisa fugia de controle e ia parar em você e até na minha mãe.

— Ela foi ótima — disse ele. — Uma rocha. Uma rocha esponjosa, mas uma rocha.

— E o que estou vendo.

— Então, se eu disser para você que a Susie estava no quarto dez minutos atrás, o que você diria?

— Diria que você está louco e que provavelmente tem razão.

Meu pai levantou a mão e acompanhou o contorno do nariz da minha mãe e levou o dedo até em cima dos lábios dela. Quando fez isso, os lábios se abriram bem de leve.

— Você vai ter de se inclinar — disse ele. — Sou um homem doente.

E eu vi meus pais se beijarem. Eles ficaram de olhos abertos enquanto o faziam, e foi minha mãe quem chorou primeiro, as lágrimas escorrendo para as bochechas do meu pai até ele também chorar.

Capítulo 21

Depois de deixar meus pais no hospital, fui olhar Ray Singh.

Tínhamos tido 14 anos juntos, ele e eu. Agora eu via sua cabeça no travesseiro, cabelo escuro sobre lençóis amarelos, pele escura sobre lençóis amarelos. Contei os cílios de cada olho fechado. Ele tinha sido meu quase, meu *poderia-ter-sido*, e eu não queria deixá-lo, não mais do que queria deixar minha família.

No andaime atrás do palco, com Ruth lá embaixo, Ray Singh tinha chegado perto o suficiente de mim para seu hálito ficar próximo do meu.

Eu podia sentir o cheiro da mistura de cravo e canela com a qual imaginava que ele cobria seu cereal todas as manhãs, e um cheiro escuro também, o cheiro humano do corpo chegando perto de mim onde lá no fundo havia órgãos suspensos por uma química diferente da minha.

Do momento em que eu sabia que aconteceria até o momento em que aconteceu, eu tinha tomado cuidado para não ficar sozinha com Ray Singh dentro ou fora do colégio. Tinha medo daquilo que mais queria — seu beijo. Medo de não ser bom o bastante para se igualar às histórias que todo mundo contava ou que eu tinha lido na Seventeen, na Glamour e na Vogue. Tinha medo de eu não ser boa o bastante — medo de o meu primeiro beijo rimar com rejeição, não com amor. Mesmo assim, eu colecionava histórias de beijos.

— Seu primeiro beijo é o destino batendo à sua porta — disse vovó Lynn ao telefone certo dia. Eu estava segurando o fone, enquanto meu pai ia chamar minha mãe. Ouvi ele dizer na cozinha "ela está de pileque".

— Se eu tivesse de fazer tudo de novo, teria usado alguma coisa estupenda — como Fire and Ice, mas a Revlon ainda não fazia esse batom na época. Eu teria deixado minha marca naquele homem.

— Mãe? — disse minha mãe na extensão do quarto.

— Estamos falando sobre beijos, Abigail.

— Quanto você bebeu?

— Porque sabe, Susie — disse vovó Lynn —, se você beijar como um limão, vai fazer limonada.

— Como foi?

— Ah, a pergunta do beijo — disse minha mãe. — Vou deixar vocês à vontade. — Eu tinha pedido a meu pai e a ela para contarem a história mil vezes para ouvir seus diferentes pontos de vista. O que consegui no final foi uma imagem dos meus pais atrás de uma nuvem de fumaça de cigarro — seus lábios mal se tocando dentro da nuvem.

Um instante depois, vovó Lynn sussurrou: — Susie, você ainda está aí?

— Estou, vó.

Ela ficou em silêncio por mais um instante.

— Eu tinha a sua idade, e meu primeiro beijo foi com um homem adulto.

O pai de uma amiga.

— Vó! — disse eu, sinceramente chocada.

— Você não vai me entregar, vai?

— Não.

— Foi maravilhoso — disse vovó Lynn. — Ele sabia beijar. Eu não conseguia suportar os meninos que me beijavam. Punha minha

mão no peito deles e os empurrava. O sr. McGahern sabia usar os lábios.

— O que aconteceu então?

— O paraíso — disse ela. — Eu sabia que não era certo, mas foi maravilhoso — pelo menos para mim. Nunca perguntei para ele o que ele tinha achado, mas é verdade que nunca mais fiquei sozinha com ele depois disso.

— Mas você quis fazer de novo?

— Quis, eu passei a vida procurando esse primeiro beijo.

— E o vovô?

— Não beijava lá muito bem — disse ela. Eu podia ouvir o tilintar de pedras de gelo do outro lado do telefone. — Nunca me esqueci do sr. McGahern, mesmo que tenha sido só um segundo. Tem um menino querendo beijar você?

Nem meu pai nem minha mãe tinham me perguntado isso. Agora sei que eles já sabiam disso, que tinham adivinhado, que sorriam um para o outro enquanto comparavam observações.

Engoli em seco do meu lado da linha.

— Tem.

— Qual o nome dele?

— Ray Singh.

— Você gosta dele?

— Gosto.

— Então qual o empecilho?

— Tenho medo de não saber beijar.

— Susie?

— O quê?

— Divirta-se, menina, só isso.

— Os três primeiros são o mesmo desenho, mas com setas diferentes apontando para lugares diferentes e dizendo "camada superficial", "calcário rachado" e "pedra se dissolvendo". O último

tem uma grande legenda dizendo "Aterrando" e embaixo diz "Concreto enche a garganta e argamassa preenche as rachaduras".

— Garganta? — disse Ray.

— Eu sei — disse Ruth. — Depois tem essa outra seta do outro lado como se fosse um projeto tão imenso que eles tivessem de fazer uma pausa para os leitores entenderem o conceito, e essa seta diz: "Depois o buraco é enchido com terra."

Ray começou a rir.

— Parece um procedimento médico — disse Ruth. — Consertar o planeta exige uma cirurgia delicada.

— Acho que buracos na terra despertam alguns temores bem primevos.

— Sem brincadeira — disse Ruth. — Os buracos têm gargantas, pelo amor de Deus! Ei, vamos lá ver isso.

Mais ou menos um quilômetro à frente havia sinais de alguma construção nova. Ray dobrou à esquerda e entrou nos círculos de estrada recém-asfaltada onde as árvores tinham sido retiradas e pequenas bandeiras vermelhas e amarelas flutuavam a intervalos regulares no topo de sinalizadores de arame que iam até a cintura.

Assim que eles tinham se convencido de estarem sozinhos explorando as estradas preparadas para um território ainda desabitado, viram Joe Ellis vindo em sua direção.

Ruth não acenou, nem Ray, nem Joe fez nenhum movimento para mostrar que os tinha visto.

— Minha mãe diz que ele ainda mora na casa dos pais e não consegue arrumar emprego.

— O que ele faz o dia todo? — perguntou Ray.

— Cara de maluco, imagino.

— Ele nunca superou aquilo — disse Ray, e Ruth olhou para as fileiras intermináveis de lotes vazios até Ray tornar a entrar na estrada principal e eles tornarem a cruzar os trilhos do trem rumo à estrada 30, que os levaria na direção do sumidouro.

Ruth pôs o braço para fora da janela para sentir o ar úmido da manhã depois da chuva. Embora Ray tivesse sido acusado de estar envolvido com o meu desaparecimento, tinha entendido por quê, sabia que a polícia estava fazendo o seu trabalho. Mas Joe Ellis nunca tinha se recuperado de ser acusado de matar os gatos e cachorros que o sr. Harvey tinha matado. Ele ficava perambulando, mantendo uma boa distância dos vizinhos e querendo muito encontrar alívio no amor dos gatos e cachorros. Para mim a coisa mais triste era que esses animais sentiam o cheiro de seu trauma — o defeito humano — e mantinham distância.

Na estrada 30, perto do pedágio de Eels Rod, em um ponto pelo qual Ray e Ruth estavam prestes a passar, vi Len saindo de um apartamento em cima da barbearia do Joe. Ele carregou uma mochila de estudante pouco cheia até o carro. A mochila tinha sido presente da moça a quem o apartamento pertencia.

Ela o tinha convidado para tomar um café certo dia depois de se conhecerem na delegacia em um curso de criminologia do West Chester College. Dentro da mochila havia várias coisas — algumas das quais ele mostraria ao meu pai e outras que nenhum pai de nenhuma criança precisava ver. Essas últimas incluíam fotos dos túmulos dos corpos recuperados — com os dois cotovelos, nesse caso.

Quando ele tinha ligado para o hospital, a enfermeira tinha lhe dito que o sr. Salmon estava com sua mulher e sua família. Agora sua culpa aumentava enquanto ele entrava com o carro no estacionamento do hospital e se sentava por um instante com o sol quente entrando pelo para-brisa, assando no calor.

Eu podia ver Len ensaiando como dizer o que tinha a dizer. Ele podia trabalhar apenas com uma suposição em mente — depois de quase sete anos de um contato cada vez menos intenso, desde o final de 1975, o que meus pais mais esperariam seria um corpo ou a

notícia de que o sr Harvey tinha sido encontrado. O que ele tinha para lhes dar era um amuleto.

Ele agarrou a mochila e trancou o carro, passando pela menina do lado de fora com seu balde novamente cheio de narcisos. Sabia o número do quarto do meu pai, então não se preocupou em se anunciar no balcão de enfermeiras do quinto andar, mas apenas bateu de leve na porta aberta do meu pai antes de entrar.

Minha mãe estava em pé, de costas para ele. Quando ela se virou, pude ver a força da presença dela atingi-lo. Ela estava segurando a mão do meu pai. Subitamente me senti terrivelmente sozinha.

Minha mãe se sentiu um pouco trêmula ao olhar Len nos olhos, e depois abriu a conversa com o que parecia mais fácil.

— Será que alguma vez é maravilhoso ver você? — disse ela tentando brincar.

— Len — conseguiu dizer meu pai. — Abbie, pode me levantar?

— Como está se sentindo, sr. Salmon? — perguntou Len, enquanto minha mãe apertava o botão da cama com a seta para cima.

— Jack, por favor — insistiu meu pai.

— Antes que vocês fiquem esperançosos — disse Len —, nós não o pegamos.

Meu pai desanimou visivelmente.

Minha mãe rearrumou os travesseiros de espuma atrás das costas e do pescoço do meu pai.

— Então por que você está aqui? — perguntou ela.

— Encontramos uma coisa da Susie — disse Len.

Ele tinha usado quase a mesma frase ao ir à minha casa com o gorro de sininhos. Aquilo era um eco distante na cabeça dela.

Na noite anterior, quando minha mãe primeiro olhou meu pai dormir e depois meu pai acordou para ver a cabeça dela ao lado da sua no travesseiro, ambos tinham evitado a lembrança daquela primeira noite de neve e granizo e chuva e de como tinham se

agarrado um ao outro, sem nenhum deles pronunciar em voz alta sua maior esperança. Na noite anterior, fora meu pai quem finalmente tinha dito: — Ela nunca mais vai voltar para casa. — Uma verdade clara e fácil que todo mundo que tinha me conhecido aceitava. Mas ele precisava dizê-la, e ela precisava ouvi-lo dizer.

— É um amuleto da pulseira dela — disse Len. — Uma pedra angular da Pensilvânia com suas iniciais.

— Fui eu quem comprei isso para ela — disse meu pai. — Na estação da rua Trinta, um dia quando fui à cidade. Tinha uma barraquinha e um homem usando óculos de segurança gravou as iniciais de graça. Comprei um para a Lindsey também. Lembra, Abigail?

— Lembro — disse minha mãe.

— Nós o encontramos perto de um túmulo em Connecticut.

Meus pais ficaram subitamente imóveis por um instante — como animais presos em gelo — com os olhos abertos congelados e implorando a quem quer que passasse por cima deles que os libertasse agora, por favor.

— Não era a Susie — disse Len, apressando-se em preencher o silêncio.

— O que isso quer dizer é que o Harvey foi relacionado a outros assassinatos em Delaware e em Connecticut. Foi no túmulo perto de Hartford que encontramos o amuleto da Susie.

Meu pai e minha mãe viram Len abrir com dificuldade o zíper meio emperrado de sua mochila. Minha mãe alisou o cabelo do meu pai para trás e tentou olhar seus olhos. Mas meu pai estava concentrado na possibilidade apresentada por Len — a reabertura do meu caso. E minha mãe, bem na hora em que estava começando a sentir que pisava um chão mais firme, teve de esconder o fato de que nunca mais queria que aquilo recomeçasse. O nome George Harvey a fez se calar. Ela nunca tinha sabido o que dizer sobre ele.

Para minha mãe, relacionar sua vida à sua captura e à sua punição dizia mais sobre viver com o inimigo do que ter de aprender a viver no mundo sem mim.

Len tirou da mochila um grande saco plástico. No canto de baixo do saco meus pais podiam ver o brilho do ouro. Len o entregou à minha mãe, e ela o segurou na sua frente, ligeiramente afastado do corpo.

— Você não precisa disso, Len? — perguntou meu pai.

— Fizemos todos os testes possíveis — disse ele. — Documentamos onde ele foi encontrado e tiramos as fotos necessárias. Pode ser que chegue um dia em que eu tenha de pedi-lo de volta, mas até lá ele é seu.

— Abra, Abbie — disse meu pai.

Vi minha mãe abrir o saco e se inclinar sobre a cama.

— É para você, Jack — disse ela. — Foi um presente seu.

Quando meu pai estendeu a mão, ela estava tremendo, e foi preciso um segundo para ele sentir as extremidades pequenas e pontiagudas da pedra angular com a ponta dos dedos. O modo como ele o retirou do saco me lembrou de jogar o jogo Operação com Lindsey quando éramos pequenas. Se ele tocasse as laterais do saco plástico, um alarme dispararia e ele teria de desistir.

— Como vocês podem ter certeza de que ele matou essas outras meninas? — perguntou minha mãe. Ela encarou o pequeno pedaço de ouro na palma da mão do meu pai.

— Nada nunca é certo — disse Len.

E o eco retiniu mais uma vez nos ouvidos dela. Len tinha um repertório fixo de frases. Aquela era a mesma frase que meu pai tinha tomado emprestado para tranquilizar sua família. Era uma frase cruel que apelava para a esperança.

— Acho que quero que você vá embora agora — disse ela.

— Abigail? — espantou-se meu pai.

— Não consigo ouvir mais.

— Estou muito feliz por ficar com o amuleto, Len — disse meu pai.

Len levantou um chapéu imaginário para o meu pai antes de se virar para ir embora. Ele tinha feito um tipo de amor com minha mãe antes de ela ir embora. O sexo como um ato de esquecimento voluntário. Era o tipo que ele fazia cada vez mais nos cômodos em cima da barbearia.

Rumei para o sul em direção a Ruth e Ray, mas em vez disso vi o sr. Harvey. Ele dirigia um carro laranja que parecia uma colcha de retalhos, consertado com tantas versões diferentes do mesmo fabricante e do mesmo modelo que parecia um Frankenstein sobre rodas. Uma corda elástica segurava o capo, que balançava para cima e para baixo impulsionado pelo ar que entrava pela frente.

O motor resistia a passar de um milímetro acima do limite de velocidade por mais que ele pisasse no pedal do acelerador. Ele tinha dormido perto de uma cova vazia, e enquanto dormia tinha sonhado com o 5! 5! 5!, acordando perto do amanhecer para dirigir até a Pensilvânia.

O contorno do sr. Harvey parecia estranhamente indefinido. Durante anos ele tinha mantido afastadas as lembranças das mulheres que tinha matado, mas agora, uma por uma, elas estavam voltando.

A primeira menina que ele machucou foi por acidente. Ele ficou cora raiva e não conseguiu se controlar, ou foi assim que começou a pensar no acontecido. Ela parou de ir ao colégio em que ambos estavam matriculados, mas isso não lhe pareceu estranho. Aquela altura ele tinha se mudado tantas vezes que imaginou que fosse isso que a menina tivesse feito. Tinha se arrependido daquilo, daquele estupro discreto e abafado de uma amiga de colégio, mas não o via como algo que ficaria na memória de nenhum deles dois. Era como se alguma coisa fora dele tivesse resultado na colisão de seus dois corpos certa tarde. Durante um segundo depois, ela havia mantido

os olhos fixos. Seu olhar não tinha fundo. Depois vestiu a calcinha rasgada, prendendo-a na cintura da saia para mantê-la no lugar. Não disseram nada, e ela foi embora. Ele se cortou com seu canivete nas costas da mão. Quando seu pai perguntasse sobre o sangue, teria uma explicação plausível. "Viu", ele poderia dizer apontando para o corte na mão. "Foi um acidente."

Mas seu pai não perguntou, e ninguém veio procurá-lo. Nenhum pai, irmão ou policial.

Então o que vi foi o que o sr. Harvey sentia ao seu lado. Aquela menina, que tinha morrido poucos anos depois quando seu irmão adormeceu fumando um cigarro. Ela estava sentada no banco da frente. Perguntei-me quanto tempo levaria até ele começar a se lembrar de mim.

Os únicos sinais de mudança desde que o sr. Harvey tinha me jogado no sumidouro dos Flanagan eram os postes laranja espalhados pelo lote. Aquilo e as provas de que o sumidouro tinha se expandido. O canto sudeste da casa estava inclinado, e a varanda da frente estava afundando silenciosamente para dentro da terra.

Por precaução, Ray estacionou do outro lado de Fiat Road, debaixo de um trecho de cerca viva alta. Mesmo assim, o lado do carona quase tocava a calçada.

— O que aconteceu com os Flanagan? — perguntou Ray, enquanto desciam do carro.

— Meu pai disse que a firma que comprou a propriedade deu um lugar para eles morarem e eles se mudaram.

— Este lugar é sinistro, Ruth — disse Ray.

Eles atravessaram a estrada vazia. Acima deles, o céu estava azul-claro, com algumas nuvens rarefeitas espalhadas pelo ar. De onde estavam podiam discernir os fundos da oficina de motos de Hal do outro lado dos trilhos do trem.

— Será que o Hal Heckler ainda é o dono daquilo? — disse Ruth. — Eu fui a fim dele quando a gente era mais novo.

Depois ela se virou para o lote. Estavam em silêncio. Ruth se movia em círculos cada vez menores, tendo o buraco e seus limites indistintos como objetivo. Ray seguia Ruth de perto enquanto ela ia à frente. De longe, o sumidouro parecia inofensivo — como uma poça de lama gigante começando a secar. Havia pedaços de grama e ervas daninhas em volta e então, se você olhasse bem de perto, era como se a terra parasse e começasse uma carne cor de chocolate. Essa carne era macia e convexa, e engolia as coisas colocadas em cima dela.

— Como você sabe que isso não vai engolir a gente? — perguntou Ray.

— A gente não é pesado o suficiente — disse Ruth.

— Para, se sentir que está afundando.

Tive vontade de sair andando de baixo dos arbustos altos que quase escondiam seu carro azul-gelo e atravessar a estrada e descer para dentro do buraco e subir de novo e bater de leve no ombro dela e dizer: "Sou eu! Você conseguiu! Bingo!"

— Não — disse Ray. — Eu deixo isso com você.

— Tudo está mudando aqui agora. Sempre que eu volto alguma coisa que fazia este lugar não ser exatamente igual a todos os outros lugares do país sumiu — disse ela.

— Quer entrar na casa? — perguntou Ray, mas ele estava pensando em mim. Em como tinha ficado a fim de mim aos 13 anos. Tinha me visto andando para casa depois do colégio na sua frente, e foi uma série de coisas simples: minha saia plissada fora de prumo, meu casaco coberto de pelos de Holiday, o jeito como o que eu considerava meu cabelo cor de camundongo absorvia o sol da tarde fazendo a luz se mover com fluidez de um ponto a outro enquanto andávamos para casa. Então, alguns dias depois, quando ele tinha ido para a frente da sala na aula de ciências sociais e acidentalmente lido um trecho de seu trabalho sobre Jane Eyre em vez da Guerra de 1812 — eu tinha olhado para ele de um jeito que ele achou simpático.

Ray andou na direção da casa que logo seria demolida, e de onde o sr. Connors já tinha removido certa noite bem tarde todas as valiosas maçanetas e torneiras, mas Ruth ficou perto do sumidouro. Ray já estava dentro da casa quando aquilo aconteceu. Claro como o dia, ela me viu em pé ao seu lado, olhando para o ponto onde o sr. Harvey tinha me jogado.

— Susie — disse Ruth, sentindo a minha presença com mais força ainda quando disse meu nome.

Mas eu não disse nada.

— Eu escrevi poemas para você — disse Ruth, tentando me fazer ficar com ela. O que ela tinha desejado durante a vida toda estava finalmente acontecendo. — Você não quer nada, Susie? — perguntou ela.

Então eu sumi.

Ruth ficou ali tonta, esperando na luz cinza do sol da Pensilvânia. E sua pergunta ecoava nos meus ouvidos: "Você não quer nada?"

Do outro lado dos trilhos do trem, a oficina de Hal estava deserta. Ele havia tirado o dia de folga e levado Samuel e Buckley a uma exibição de motocicletas em Radnor. Eu podia ver as mãos de Buckley alisando o para-lama dianteiro curvo de uma minibike vermelha. Logo seria seu aniversário, e Hal e Samuel olhavam para ele. Hal queria dar o sax alto de Samuel para o meu irmão, mas vovó Lynn tinha intervindo.

— Ele precisa bater nas coisas, querido — disse ela. — Guarde as mais delicadas. — Então Hal e Samuel tinham feito uma vaquinha para comprar uma bateria de segunda mão para o meu irmão.

Vovó Lynn estava no shopping tentando encontrar roupas simples, mas elegantes, que pudesse convencer minha mãe a usar. Com os dedos destros de anos de prática, tirou um vestido quase azul-marinho de uma arara de pretos. Pude ver a mulher perto dela encarar o vestido, verde de inveja.

No hospital, minha mãe lia um antigo *Evening Bulletin* em voz alta para o meu pai, e ele via seus lábios se mexerem sem ouvir de verdade.

Querendo beijá-la em vez disso.

E Lindsey.

Eu podia ver o sr. Harvey fazer a curva para entrar no meu antigo bairro em plena luz do dia, sem ligar mais para quem o visse, até apostando em sua invisibilidade-padrão — ali, no bairro em que tantas pessoas tinham dito que nunca o esqueceriam, sempre o tinham considerado estranho, tinham suspeitado facilmente que a mulher morta de quem ele falava usando nomes alternados fora uma de suas vítimas.

Lindsey estava em casa sozinha.

— Estou vendo que estão construindo alguma coisa no antigo milharal — disse o sr. Harvey. E eu percebi então que parte de mim podia se juntar às outras, descer até a Terra em pedaços, cada parte do corpo que ele tinha matado chovendo dentro do seu carro.

— Estão expandindo o colégio.

— Eu estava pensando que o bairro parece mais próspero — disse ele, pensativo.

— Talvez o senhor devesse ir saindo — disse o policial. Ele estava envergonhado pelo sr. Harvey com seu carro remendado, mas o vi anotar a placa.

— Eu não quis assustar ninguém.

O sr. Harvey era um profissional, mas naquele instante eu não estava ligando. Com cada trecho de estrada que ele percorria, eu me concentrava em Lindsey dentro de casa lendo seus livros, nos fatos pulando das páginas para dentro de seu cérebro, em como ela era inteligente e em como estava inteira. Em Temple, tinha decidido virar terapeuta. E pensei na mistura de ar que era nosso quintal da frente, uma mistura de luz do dia, mãe preocupada e policial — era

uma convergência de sorte que tinha mantido a minha irmã segura até ali.

Cada dia era um ponto de interrogação.

Ruth não contou a Ray o que tinha acontecido. Prometeu a si mesma escrever no diário primeiro. Quando atravessaram a estrada de volta para o carro, Ray viu alguma coisa violeta na vegetação rasteira a meio caminho da encosta do monte de terra que tinha sido largado ali por uma equipe de obras.

— Aquilo é pervinca — disse ele a Ruth. — Vou colher um pouco para minha mãe.

— Tudo bem, não precisa ter pressa — disse Ruth.

Ray se esgueirou para debaixo dos arbustos pelo lado do motorista e subiu até a pervinca enquanto Ruth ficava ao lado do carro. Ray não estava mais pensando em mim. Estava pensando nos sorrisos da mãe. A maneira mais certa de consegui-los era encontrar-lhe flores silvestres como essa, levá-las para ela em casa e vê-la colocá-las para secar, abrindo primeiro suas pétalas contra o fundo preto e branco de dicionários ou livros de referência. Ray foi até o alto do monte e desapareceu do outro lado, esperando encontrar mais flores.

Foi só então que senti um arrepio na espinha, quando vi seu corpo desaparecer de repente do outro lado. Ouvi Holiday, seu medo armazenado lá embaixo no fundo da garganta, e percebi que não poderia ter sido por Lindsey que ele tinha ganido. O sr. Harvey estava no alto do pedágio de Eels Rod e via o sumidouro e os postes laranja da mesma cor do seu carro. Ele tinha jogado um corpo lá dentro.

Lembrou-se do pingente de âmbar de sua mãe, e de como ainda estava morno quando ela o tinha entregado para ele.

Ruth viu as mulheres imprensadas dentro do carro com seus vestidos sujos de sangue. Começou a andar em sua direção. Naquela mesma estrada em que eu tinha sido enterrada, o sr. Harvey passou

por Ruth. Tudo o que ela conseguiu ver foram as mulheres. Depois: teto preto.

Foi nesse instante que eu caí na Terra.

Capítulo 22

Ruth desabando na estrada. Disso eu tive consciência. O sr. Harvey indo embora sem ser visto, sem ser amado, sem ser convidado — isso eu perdi.

Tropecei sem conseguir me segurar, com o equilíbrio perdido. Caí pelo vão aberto da entrada do mirante, atravessei o gramado e ultrapassei o limite mais distante do céu no qual tinha vivido todos aqueles anos.

Ouvi Ray berrando no ar acima de mim, sua voz gritando em um arco de som.

— Ruth, você está bem? — Então ele chegou perto dela e a agarrou.

— Ruth, Ruth — berrava ele. — O que aconteceu?

E eu estava nos olhos de Ruth e olhando para cima. Podia sentir a curva de suas costas encostando na calçada, e arranhões dentro de suas roupas onde a pele tinha sido ralada pelas pontas afiadas do cascalho.

Sentia cada sensação — o calor do sol, o cheiro do asfalto —, mas não conseguia ver Ruth.

Ouvi os pulmões de Ruth borbulharem, um revirar de seu estômago, mas o ar ainda enchendo seus pulmões. Depois a tensão esticando o corpo.

Seu corpo. Ray lá em cima, seus olhos — cinzas, pulsando, olhando de um lado para outro da estrada sem saber o que fazer,

procurando uma ajuda que não vinha. Ele não tinha visto o carro, mas tinha emergido dos arbustos radiante, carregando um buquê de flores silvestres para a mãe, e ali estava Ruth, deitada na estrada.

Ruth empurrava sua pele, querendo sair. Estava lutando para sair e eu estava lá dentro agora, lutando com ela. Desejei que ela voltasse, desejei essa divina impossibilidade, mas ela queria sair. Não havia nada nem ninguém capaz de mantê-la lá embaixo. Voando. Eu olhava como tinha olhado tantas vezes do céu, mas desta vez ao meu lado havia um borrão.

Era desejo e raiva querendo subir.

— Ruth — disse Ray. — Está me ouvindo, Ruth?

Logo antes de ela fechar os olhos e de todas as luzes se apagarem e do mundo ficar frenético, olhei para dentro dos olhos cinzas de Ray Singh, para sua pele escura, para os lábios que eu um dia tinha beijado. Então, como uma mão soltando alguma coisa que segurava com força, Ruth passou por ele.

Os olhos de Ray me chamaram enquanto eu parava de olhar e começava a ser tomada por um doloroso desejo. Estar viva novamente nesta Terra.

Não olhar lá de cima, mas estar — o melhor de tudo — junto.

Em algum lugar do Meio-Termo azul eu a tinha visto — Ruth passando por mim enquanto eu caía na Terra. Mas ela não era a sombra de uma forma humana, não era um fantasma. Era uma menina esperta quebrando todas as regras.

E eu estava dentro de seu corpo.

Ouvi uma voz me chamando do céu. Era a voz de Franny. Ela correu para o mirante, chamando o meu nome. Holiday latia tão alto que sua voz se prendia e tornava a sair da base de sua garganta sem intervalo. Então, de repente, Franny e Holiday sumiram e tudo ficou em silêncio. Senti alguma coisa me segurando, e senti a mão de alguém segurando a minha. Meus ouvidos pareciam oceanos onde o que eu tinha conhecido antes, vozes, rostos, fatos, começava a se

afogar. Abri os olhos pela primeira vez desde que tinha morrido e vi olhos cinzas me olhando de volta. Fiquei imóvel enquanto percebia que o peso maravilhoso em cima de mim era o peso de um corpo humano.

Tentei falar.

— Não fala — disse Ray. — O que houve?

Eu morri, era o que eu queria dizer para ele. Como se diz: "Eu morri e agora voltei para o mundo dos vivos"?

Ray tinha se ajoelhado. Espalhadas ao redor dele e em cima de mim estavam as flores que ele tinha colhido para Ruana. Eu podia ver as elipses brilhantes de suas formas contrastando com as roupas escuras de Ruth. Então Ray encostou o ouvido no meu peito para me ouvir respirar.

Pôs um dedo na parte de dentro do meu pulso para verificar meus batimentos cardíacos.

— Você desmaiou? — perguntou ele, depois de ver que estava tudo em ordem.

Assenti. Eu sabia que aquele privilégio na Terra não ia durar para sempre, que o desejo de Ruth era só temporário.

— Acho que estou bem — tentei dizer, mas minha voz estava fraca demais, distante demais, e Ray não me ouviu. Meus olhos então encararam os dele, abrindo-se o máximo de que eu era capaz. Alguma coisa me disse para me levantar. Pensei que estivesse flutuando de volta para o céu, voltando, mas estava tentando me levantar.

— Ruth — disse Ray. — Não anda, se estiver se sentindo fraca. Posso carregar você até o carro.

Sorri para ele, um sorriso de mil watts de potência.

— Estou bem — disse eu.

Hesitante, observando-me com atenção, ele soltou meu braço, mas continuou a segurar minha outra mão. Levantou-se junto

comigo, e as flores silvestres caíram no asfalto. No céu, mulheres jogavam pétalas de rosas ao verem Ruth Connors.

Vi seu belo rosto se abrir em um sorriso espantado.

— Então você está bem — disse ele. Com cuidado, chegou perto o suficiente para me beijar, mas me disse que estava verificando minhas pupilas para ver se estavam do mesmo tamanho.

Eu estava sentindo o peso do corpo de Ruth, tanto o delicioso balanço dos seios e das coxas quanto uma imensa responsabilidade. Eu era uma alma de volta à Terra. Numa curta ausência sem permissão do céu, eu tinha ganhado um prêmio. Usando toda a minha força de vontade, fiquei em pé o mais ereta possível.

— Ruth?

Tentei me acostumar com aquele nome.

— O quê? — disse eu.

— Você mudou — disse ele. — Alguma coisa mudou.

Estávamos perto do meio da estrada, mas aquela era a minha deixa. Eu queria tanto contar para ele, mas o que poderia dizer? "Eu sou a Susie, tenho só pouco tempo." Estava com medo demais.

— Me beija — disse eu em vez disso.

— O quê?

— Você não quer? — Levantei as mãos para o seu rosto e senti a leve aspereza de uma barba que não existia oito anos atrás.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele, siderado.

— Algumas vezes os gatos caem dez andares do alto de arranha-céus e aterrissam em pé. Você só acredita nisso porque viu escrito em algum lugar.

Ray ficou me encarando, atônito. Inclinou a cabeça para baixo e nossos lábios se tocaram delicadamente. Lá no fundo senti seus lábios frescos bem dentro de mim. Outro beijo, pacote precioso, presente roubado.

Seus olhos estavam tão perto de mim que vi os pontinhos verdes no meio do cinza.

Peguei sua mão, e juntos andamos em silêncio até o carro. Eu sabia que ele estava ficando para trás, esticando o meu braço atrás de mim enquanto continuávamos de mãos dadas e verificando o corpo de Ruth para ter certeza de que ela estava andando direito. Ele abriu a porta do lado do carona e eu deslizei para dentro e pus os pés no chão acarpetado. Quando ele deu a volta no carro e se sentou ao meu lado, tornou a me encarar com atenção.

— O que houve? — perguntei.

Ele me beijou de leve outra vez, nos lábios. O que eu tinha querido por tanto tempo. O tempo ficou em câmera lenta, e eu o sorvi. A textura dos lábios dele, a leve aspereza de sua barba na minha pele, e o som do beijo — o leve barulho de sucção quando nossos lábios se separavam depois do primeiro encontro e depois o afastamento mais brutal. Aquele som reverberava pelo comprido túnel da solidão e do meu conformismo em ver os outros se tocarem e se acariciarem na Terra. Eu nunca tinha sido tocada daquela maneira. Só tinha sido machucada por mãos sem nenhuma ternura. Mas estendendo-se até o meu céu depois da morte houvera um raio de luar que rodopiava e piscava, intermitente — o beijo de Ray Singh. De alguma maneira, Ruth sabia disso.

— Eles logo vão ter de mudar isso — disse Ray enquanto passava correndo pelo cascalho e subia até a estrada de terra. Os trilhos do trem seguiam em direção a Harrisburg de um lado e à Filadélfia de outro, e em toda sua extensão prédios estavam sendo demolidos e antigas famílias estavam se mudando para dar lugar a ocupantes industriais.

— Você vai ficar aqui — perguntei — depois de terminar a faculdade?

— Ninguém fica aqui — disse Ray. — Você sabe disso.

Essa escolha quase me cegou: a ideia de que se eu tivesse ficado na Terra poderia ter deixado esse lugar e abraçado outro, poderia ter ido aonde quisesse. Então pensei: será que no céu é a mesma coisa

que na Terra? O que eu não estava vendo era uma grande vontade de viajar que vinha do desapego?

Chegamos na estreita faixa de terra desobstruída que margeava os dois lados da oficina de motos de Hal. Ray parou e freou o carro.

— Por que aqui? — perguntou Ray.

— A gente está explorando — disse eu. — Lembra?

Eu o conduzi até os fundos da oficina e estiquei a mão por cima do batente da porta até sentir a chave escondida.

— Como você sabe sobre isso?

— Vi centenas de pessoas esconderem chaves — disse eu. — Não precisa ser nenhum gênio para adivinhar.

Lá dentro tudo era como eu me lembrava, o ar pesado com o cheiro de graxa de moto. Eu disse: — Acho que preciso de um banho. Por que você não fica à vontade?

Passei pela cama e acendi a luz no cordão — então todas as luzinhas brancas em cima da cama de Hal cintilaram, e eram a única luz ali com exceção da claridade empoeirada entrando pela pequena janela dos fundos.

— Aonde você vai? — perguntou Ray. — Como você conhece este lugar?

— Sua voz tinha um tom histérico que não estava presente no instante anterior.

— Me dá só um tempinho, Ray — disse eu. — Depois eu explico.

Entrei no pequeno banheiro, mas deixei a porta um pouco aberta.

Enquanto tirava as roupas de Ruth e esperava a água esquentar, desejei que Ruth pudesse me ver, pudesse ver seu corpo como eu o via, sua beleza viva perfeita.

Dentro do banheiro estava úmido e mofado, e a banheira estava manchada por ter tido tudo menos água despejado em seu ralo. Entrei na banheira com pés em forma de garras e fiquei debaixo d'água.

Mesmo na temperatura mais alta possível, a água ainda parecia fria.

Chamei o nome de Ray. Pedi-lhe para entrar no banheiro.

— Posso ver você através da cortina — disse ele, desviando os olhos.

— Tudo bem — disse eu. — Eu gosto. Tira a roupa e entra aqui comigo.

— Susie — disse ele —, você sabe que eu não sou desse tipo.

Meu coração deu um pulo.

— O que você disse? — perguntei. Focalizei meus olhos nos dele através do forro branco translúcido que Hal chamava de cortina — ele era uma forma escura com centenas de pequenos pontos de luz ao seu redor.

— Eu disse que não sou desse tipo.

— Você me chamou de Susie.

Houve um silêncio, e um instante depois ele afastou a cortina, tomando cuidado para só olhar para o meu rosto.

— Susie?

— Entra aqui comigo — disse eu, com meus olhos se enchendo de lágrimas. — Por favor, entra aqui comigo.

Fechei os olhos e esperei. Pus a cabeça debaixo d'água e senti seu calor fazendo arder minhas bochechas e meu pescoço, meus seios e minha barriga e meu sexo. Então o ouvi mexendo nas roupas, ouvi seu cinto bater no chão frio de cimento e as moedas caírem de seus bolsos.

Tive a mesma sensação de expectativa que tinha algumas vezes em criança quando me deitava no banco de trás e fechava os olhos enquanto meus pais dirigiam, certa de que estaríamos em casa quando o carro parasse, que eles me pegariam no colo e me carregariam para dentro. Era uma expectativa nascida da confiança.

Ray afastou a cortina. Virei de frente para ele e abri os olhos. Senti um maravilhoso puxão na parte interna das coxas.

— Está tudo bem — disse eu.

Ele entrou na banheira devagar. No começo não tocou em mim, mas depois, hesitante, acompanhou com o dedo uma pequena cicatriz na lateral do meu corpo. Juntos olhamos seu dedo descer pelo ferimento comprido.

— O acidente de vôlei da Ruth, 1975 — disse eu. Tive outro calafrio.

— Você não é a Ruth — disse ele, com o rosto cheio de incredulidade.

Peguei a mão que tinha chegado ao final do corte e a coloquei debaixo do meu seio esquerdo.

— Eu olho vocês há anos — disse eu. — Quero que você transe comigo.

Seus lábios se abriram para falar, mas o que estava em seus lábios agora era estranho demais para ser dito em voz alta. Ele roçou meu mamilo com o polegar, e puxei a cabeça dele na minha direção. Nos beijamos. A água caía entre nossos corpos e molhava os pelos esparsos em seu peito e em sua barriga. Eu o beijei porque queria ver Ruth e queria ver Holly e queria saber se elas podiam me ver. No chuveiro eu podia chorar e Ray podia beijar minhas lágrimas, sem nunca saber ao certo por que eu as estava derramando.

Toquei e segurei cada parte do seu corpo. Envolvi seu cotovelo com a palma da mão. Estiquei seus pelos púbicos com os dedos até ficarem lisos. Segurei aquela parte dele que o sr. Harvey tinha enfiado em mim à força. Dentro da minha cabeça eu disse a palavra carinho, e depois disse a palavra homem.

— Ray?

— Eu não sei como chamar você.

— Susie.

Levei meus dedos aos lábios dele para impedir sua pergunta.

— Você lembra do bilhete que me escreveu? Lembra de ter assinado o Mouro?

Durante um instante ficamos os dois ali em pé, e eu via a água formar gotas descendo por seus ombros, depois escorregar e cair.

Sem dizer mais nada, ele me levantou e passei as pernas em volta de seu corpo. Ele se desviou do jato d'água para se apoiar na beirada da banheira. Quando ele entrou em mim, agarrei seu rosto com as duas mãos e o beijei com a maior força de que era capaz. Um minuto depois, ele afastou o corpo do meu.

— Me conta como é.

— Você alguma vez pensa nos mortos, Ray? Ele piscou os olhos e olhou para mim.

— Eu estudo medicina.

— Não estou falando de cadáveres, nem de doenças, nem de órgãos que param de funcionar, estou falando daquilo de que a Ruth fala. Estou falando da gente.

— Algumas vezes penso — disse ele. — Sempre tive dúvidas sobre isso.

— A gente está aqui, sabe — disse eu. — O tempo todo. Você pode falar com a gente e pensar na gente. Não precisa ser uma coisa triste nem assustadora.

— Posso tocar em você de novo? — Ele sacudiu o lençol de cima das pernas para se sentar.

Foi então que vi alguma coisa no pé da cama de Hal. Era nebuloso e imóvel. Tentei me convencer de que era um estranho efeito da luz, uma massa de partículas de poeira presa no sol poente. Mas quando Ray estendeu a mão para me tocar, eu não senti nada.

Ray chegou mais perto de mim e me beijou de leve no ombro. Não senti nada. Me belisquei debaixo do cobertor. Nada.

Então a massa nebulosa no pé da cama começou a tomar forma.

Enquanto Ray se levantava da cama e ficava em pé, vi homens e mulheres enchendo o quarto.

— Ray — disse eu logo antes de ele chegar no banheiro. Eu queria dizer "Vou sentir saudades", ou "não vai", ou "obrigada".

— O quê?

— Você precisa ler os diários da Ruth.

— Eu não deixaria de ler nem que me pagassem — disse ele.

Olhei através das formas sombreadas dos espíritos que formavam uma massa no pé da cama e o vi sorrir para mim. Vi seu lindo corpo frágil se virar e passar pela porta. Uma lembrança tênue e súbita.

Enquanto o vapor começava a vazar para fora do banheiro, andei devagar até a pequena escrivaninha de criança onde Hal empilhava contas e registros. Comecei a pensar em Ruth de novo, em como eu não tinha previsto nada daquilo — a maravilhosa possibilidade com a qual Ruth sonhava desde o nosso encontro no estacionamento. Em vez disso, via como era a esperança que tinha me mantido viva no céu e na Terra. O sonho de ser fotógrafa da vida selvagem, o sonho de ganhar um Oscar no primeiro ano do científico, o sonho de beijar Ray Singh mais uma vez.

Olhe o que acontece quando você sonha.

Na minha frente vi um telefone e o peguei. Sem pensar, disquei o número da minha casa, como uma fechadura cuja combinação você só sabe quando gira o mostrador.

No terceiro toque, alguém atendeu.

— Alô?

— Oi, Buckley — disse eu.

— Quem é?

— Sou eu, a Susie.

— Quem está falando?

— A Susie, querido, sua irmã mais velha.

— Não estou escutando — disse ele.

Encarei o telefone por um minuto, e então os senti. O quarto agora estava cheio daqueles espíritos silenciosos. Entre eles havia crianças e adultos.

— Quem são vocês? De onde vocês vieram? — perguntei, mas o que tinha sido minha voz não produziu nenhum som no quarto. Foi então que percebi. Eu estava sentada olhando os outros, mas Ruth estava caída em cima da escrivaninha.

— Pode me jogar uma toalha? — gritou Ray depois de desligar o chuveiro. Quando eu não respondi ele afastou a cortina. Ouvi-o sair da banheira e chegar até a porta. Ele viu Ruth e correu até ela. Tocou seu ombro e, sonolenta, ela se levantou. Olharam um para o outro. Ela não precisou dizer nada. Ele sabia que eu tinha ido embora.

Lembrei-me de certa vez, com meus pais e Lindsey e Buckley, passar dentro de um túnel em um trem, de costas. Foi essa a sensação de deixar a Terra pela segunda vez. O destino de certo modo inevitável, a paisagem vista de passagem tantas vezes. Mas dessa vez eu estava acompanhada, não tinha sido arrancada, e sabia que estávamos fazendo uma viagem muito longa para um lugar muito distante.

Deixar a Terra de novo foi mais fácil do que tinha sido voltar. Pude ver dois velhos amigos se abraçando nos fundos da oficina de motos do Hal, nenhum deles preparado para dizer em voz alta o que lhes tinha acontecido. Ruth estava ao mesmo tempo mais cansada e mais feliz do que jamais tinha estado. Quanto a Ray, ele estava apenas começando se dar conta do que tinha vivido e das possibilidades que isso abria para ele.

Capítulo 23

Na manhã seguinte, o cheiro da comida de sua mãe tinha subido pelas escadas e entrado no quarto de Ray, onde ele e Ruth dormiam juntos. Da noite para o dia, seu mundo tinha mudado.

Era simples assim.

Depois de ir embora da oficina de motos de Hal, tomando cuidado para eliminar qualquer vestígio de sua presença ali, Ray e Ruth voltaram de carro em silêncio para a casa de Ray. Mais tarde naquela noite, quando Ruana encontrou os dois dormindo juntos abraçados e completamente vestidos, ficou feliz por Ray ter pelo menos aquela amiga esquisita.

Por volta das três da manhã, Ray tinha acordado. Sentou-se e olhou para Ruth, para seus compridos membros esguios, para o lindo corpo com o qual tinha feito amor, e sentiu-se invadido por um súbito carinho.

Estendeu a mão para tocá-la, e nesse instante um raio de luar se espalhou pelo chão vindo da janela onde eu o tinha visto sentado estudando durante tantos anos. Ele o seguiu. Ali, no chão, estava a bolsa de Ruth.

Tomando cuidado para não acordá-la, ele desceu da cama e foi até a bolsa. Lá dentro estava o diário dela. Ele o pegou e começou a ler: "Nas pontas das penas tem ar e na base: sangue. Eu seguro ossos; queria que, como o vidro partido, eles retivessem a luz.. mesmo

assim tento juntar essas peças de novo, firmá-las, fazer as meninas assassinadas tornarem a viver."

Ele pulou mais para a frente.

"Estação de Penn, banheiro, luta que levou à pia. Mulher mais velha."

"Doméstico. Avenida C. Marido e mulher." "Telhado em Mott Street, adolescente, tiro."

"Hora? Menininha no CP. some entre os arbustos. Gola de renda branca, elegante."

Ele começou a sentir muito frio no quarto, mas continuou a ler, só levantando os olhos quando ouviu Ruth se mexer.

— Eu tenho tanta coisa para te contar — disse ela.

A enfermeira Eliot ajudou meu pai a se sentar na cadeira de rodas enquanto minha mãe e minha irmã se agitavam pelo quarto, juntando os narcisos para levar para casa.

— Enfermeira Eliot — disse ele —, vou me lembrar da sua gentileza, mas espero não ter de vê-la por muito tempo.

— Eu também espero — disse ela. Ela olhou para minha família reunida no quarto, sem saber o que fazer em seguida. — Buckley, as mãos da sua mãe e da sua irmã estão ocupadas. E com você.

— Vai com calma, Buck — disse meu pai.

Vi os quatro começarem a descer o corredor rumo ao elevador, Buckley e meu pai na frente, enquanto Lindsey e minha mãe seguiam atrás, com os braços cheios de narcisos curvados.

Descendo no elevador, Lindsey ficou olhando para dentro das flores amarelas brilhantes. Lembrou-se de que Samuel e Hal tinham encontrado narcisos amarelos no milharal na tarde da primeira homenagem à minha morte. Nunca souberam quem os tinha posto lá.

Minha irmã olhou para as flores e depois para minha mãe. Podia sentir o corpo do meu irmão tocando o seu, e nosso pai, sentado na brilhante cadeira de hospital, com aspecto cansado, mas feliz por

estar indo para casa. Quando chegaram ao térreo e as portas se abriram, eu sabia que era a coisa certa eles estarem ali, os quatro, sozinhos.

Enquanto as mãos de Ruana iam ficando molhadas e inchadas descascando uma maçã depois da outra, ela começou a dizer a palavra em sua cabeça, a palavra que tinha evitado durante anos: divórcio.

Alguma coisa na posição encolhida e abraçada de seu filho e Ruth a tinha finalmente libertado. Ela não conseguia se lembrar da última vez em que tinha ido dormir ao mesmo tempo que o marido. Ele entrava no quarto como um fantasma e como um fantasma se enfiava debaixo dos lençóis, quase sem vincá-los. Ele não era aquele tipo desagradável de que a televisão e jornais estavam cheios. Sua crueldade era sua ausência.

Mesmo quando chegava em casa e se sentava à mesa do jantar e comia a comida dela, ele não estava presente.

— Hal?

— Eu vou ensinar o Buck a tocar bateria.

Vovó Lynn segurou a língua a respeito da questionável sobriedade de conhecidos mestres do jazz.

— Bem, que tal três cintilantes copos d'água?

Minha avó voltou para a cozinha para pegar as bebidas. Eu tinha passado a amá-la mais depois da morte do que jamais a tinha amado na Terra.

Gostaria de poder dizer que naquele instante na cozinha ela decidiu parar de beber, mas agora eu via que beber era parte do que a fazia ser quem era. Se a pior coisa que ela deixasse na Terra fosse um legado de apoio inebriado, para mim isso era um bom legado.

Ela levou o gelo do freezer para a pia e foi generosa com os cubos. Sete em cada copo alto. Abriu a torneira para deixar a água sair o mais fria possível. Sua Abigail estava voltando para casa de novo. Sua estranha Abigail, que ela amava.

Mas quando levantou os olhos e olhou pela janela, jurou ter visto uma menina usando as roupas de sua juventude sentada ao lado do barracão de jardinagem de Buckley e olhando para ela. No instante seguinte a menina tinha sumido. Ela tirou aquilo da cabeça. O dia estava cheio. Ela não contaria a ninguém.

Quando o carro do meu pai chegou na frente da casa, eu estava começando a me perguntar se era aquilo que eu tinha estado esperando, minha família chegar em casa, não mais por mim, mas uns pelos outros, sem mim.

Na luz da tarde, meu pai parecia de alguma maneira menor, mais magro, mas seus olhos demonstravam uma gratidão que não exibiam havia anos.

Quanto à minha mãe, ela estava pensando um instante de cada vez que poderia ser capaz de sobreviver a voltar para casa.

Os quatro saltaram do carro ao mesmo tempo. Buckley veio do banco de trás ajudar meu pai, talvez mais do que ele precisasse ser ajudado, talvez o protegendo da minha mãe. Lindsey olhou para o nosso irmão por cima do capo do carro — seu habitual modo de verificação ainda operante.

Sentia-se responsável, do mesmo jeito que meu irmão se sentia, do mesmo jeito que meu pai se sentia. Então, ela se virou e viu minha mãe olhando para ela, com o rosto iluminado pela luz amarelada dos narcisos.

— O que foi?

— Você é o retrato encarnado da mãe do seu pai — disse minha mãe.

— Me ajuda com as bolsas — disse minha irmã.

Elas andaram juntas até a mala, enquanto Buckley conduzia meu pai até a porta de casa.

Lindsey encarou o espaço escuro da mala. Ela só queria saber uma coisa.

— Você vai machucá-lo de novo?

— Vou fazer todo o possível para não fazer isso — disse minha mãe —, mas desta vez não prometo nada. — Esperou Lindsey levantar o rosto e olhar para ela, seus olhos desafiadores como os de uma criança que tinha crescido rápido, corrido rápido desde o dia em que a polícia tinha dito sangue demais na terra, sua filha/irmã/menina está morta.

— Eu sei o que você fez.

— Estou avisada.

Minha irmã levantou a bolsa.

Elas ouviram gritos. Buckley correu para a varanda da frente.

— Lindsey! — disse ele, esquecendo sua atitude séria, com o corpo pesado tomado de alegria. — Vem ver o que o Hal me deu!

Ele bateu. E bateu e bateu e bateu. E Hal foi o único que continuou a sorrir depois de cinco minutos. Todos os outros tinham vislumbrado o futuro, e o futuro era barulhento.

— Acho que agora seria uma boa hora de apresentar a vassourinha para ele — disse vovó Lynn. Hal fez o que ela dizia.

Minha mãe tinha entregado os narcisos para vovó Lynn e subido quase imediatamente para o andai de cima, usando a desculpa de que precisava ir ao banheiro. Todo mundo sabia onde ela estava indo: ao meu antigo quarto.

Ficou parada na porta, sozinha, como se estivesse diante do Oceano Pacífico. O quarto ainda era cor de lavanda. Com exceção de uma cadeira reclinável da minha avó, os móveis eram os mesmos.

— Eu te amo, Susie — disse ela.

Eu tinha ouvido essas palavras tantas vezes do meu pai que elas agora me chocavam; sem saber, eu tinha estado esperando ouvi-las da minha mãe. Ela havia precisado de tempo para saber que esse amor não a destruiria, e eu, agora eu sabia, tinha lhe dado esse tempo, podia lhe dar esse tempo, pois tempo era o que eu tinha em maior quantidade.

Ela reparou em uma fotografia em cima da minha antiga penteadeira, que vovó Lynn tinha posto em um porta-retratos dourado. Era a primeira foto que eu tinha tirado dela — meu retrato secreto de Abigail antes de sua família acordar e de ela passar batom. Susie Salmon, fotógrafa de vida selvagem, tinha conseguido clicar uma mulher com os olhos perdidos por cima de seu enevoado gramado suburbano.

Ela usou o banheiro, puxando a descarga com grande estardalhaço e mexendo nas toalhas. Soube imediatamente que minha avó tinha comprado aquelas toalhas — cor creme, uma cor ridícula para toalhas — e bordadas com monogramas — outra coisa ridícula, pensou minha mãe.

Mas então, com a mesma rapidez, riu de si mesma. Estava começando a se. perguntar o quão útil sua política da terra arrasada tinha sido para ela durante todos aqueles anos. Sua mãe era amorosa, embora fosse cachaceira, era sólida, embora fosse fútil. Quando é que ela conseguiria desistir de mudar não apenas os mortos, mas também os vivos — aprender a aceitar?

Não era no banheiro, na banheira, nem na torneira; eu não residia no espelho acima de sua cabeça e não havia uma miniatura de mim na ponta de cada cerda da escova de dentes de Lindsey ou de Buckley. De algum jeito que eu não conseguia explicar — será que eles tinham atingido um estado de felicidade? Será que meus pais estavam juntos de novo para sempre? Será que Buckley tinha começado a falar de seus problemas com alguém? Será que o coração do meu pai ficaria realmente curado? — eu tinha parado de ansiar por eles, de precisar que eles ansiassem por mim. Embora ainda fosse fazê-lo. Embora eles ainda fossem fazê-lo. Sempre.

No andar de baixo, Hal segurava o pulso de Buckley, que segurava a vassourinha.

— Passa ela de leve em cima da caixa. — E Buckley passou e levantou os olhos para Lindsey, sentada do outro lado do sofá na sua

frente.

— Bem legal, Buck — disse minha irmã.

— Parece uma cascavel.

Hal gostou da comparação.

— Exatamente — disse ele, com visões da banda de jazz de seus sonhos dançando em sua cabeça.

Minha mãe voltou ao andar de baixo. Quando entrou na sala, viu primeiro meu pai. Em silêncio, tentou fazê-lo compreender que ela estava bem, que ainda estava inspirando o ar, adaptando-se à altitude.

— Muito bem, todo mundo! — gritou minha avó da cozinha. — O Samuel tem um anúncio a fazer, então sentem-se!

Todos riram e antes de voltarem a suas atitudes mais circunspectas — já que estar juntos assim era muito difícil para eles, mesmo sendo o que todos queriam — Samuel entrou na sala junto com vovó Lynn. Ela segurava uma bandeja de taças de champanhe prontas para serem enchidas. Olhou rapidamente para Lindsey.

— A Lynn vai me ajudar a servir — disse ele.

— É uma das especialidades dela — disse minha mãe.

— Abigail? — disse vovó Lynn.

— O quê?

— Também é bom ver você.

— Pode servir, Samuel — disse meu pai.

— Eu queria dizer que estou muito feliz por estar aqui com todos vocês.

Mas Hal conhecia o próprio irmão.

— Você ainda não terminou, orador. Buck, vassourinha. — Dessa vez Hal deixou Buckley tocar sem ajuda, e meu irmão criou o fundo musical para Samuel.

— Eu queria dizer que estou feliz pela sra. Saimon estar em casa, e pelo sr. Saimon estar em casa também, e que estou honrado por me casar com sua linda filha.

— Viva! Viva!

Minha mãe se levantou para segurar a bandeja para vovó Lynn, e juntas distribuíram os copos pela sala.

Olhando minha família beber champanhe, pensei em como sua vida tinha se aproximado e se afastado da minha morte e depois, como eu via agora, enquanto Samuel tomava coragem para beijar Lindsey em um recinto cheio de parentes, partido à deriva para longe dela.

Eram esses os restos angelicais que tinham nascido da minha ausência: as conexões — algumas vezes tênues, algumas vezes criadas com muito custo, mas com frequência magníficas — que aconteceram depois de eu morrer. E comecei a ver as coisas de uma maneira que me permitia conceber o mundo sem mim dentro dele. Os acontecimentos gerados pela minha morte eram apenas os restos de um corpo que ficaria inteiro em algum momento imprevisível no futuro. O preço do que passei a ver como meu corpo miraculoso tinha sido a minha vida.

Meu pai olhou para sua filha em pé ali na sua frente. A sombra da outra filha tinha sumido.

Com a promessa de que Hal lhe ensinaria a dar rufos de tambor depois do jantar, Buckley largou a vassourinha e as baquetas e os sete começaram a passar pela cozinha até a sala de jantar, onde Samuel e vovó Lynn tinham usado os pratos bonitos para servir a marca registrada dela: macarrão congelado da Stouffer's, e cheesecake congelado da Sara Lee.

— Tem alguém lá fora — disse Hal, vendo um homem pela janela. — E o Ray Singh!

— Deixa ele entrar — disse minha mãe.

— Ele está indo embora.

Todos, com exceção do meu pai e da minha avó, que ficaram juntos na sala de jantar, começaram a ir atrás dele.

— Ei, Ray! — disse Hal, abrindo a porta e quase pisando em cheio na torta. — Espera aí!

Ray se virou. Sua mãe estava no carro com o motor ligado.

— A gente não queria interromper — disse Ray para Hal. Lindsey e Samuel e Buckley e uma mulher que ele reconheceu como a sra. Salmon estavam todos amontoados na varanda.

— Aquela é a Ruana? — perguntou minha mãe. — Por favor, pede para ela entrar.

— Não precisa, sério — disse Ray, e não fez nenhum movimento para se aproximar. Ele se perguntava A Susie está vendo isso?

Lindsey e Samuel se afastaram do grupo e chegaram perto dele.

Aquela altura minha mãe tinha descido da varanda e andado até o carro, onde estava debruçada na janela conversando com Ruana.

Ray olhou para sua mãe de relance enquanto ela abria a porta do carro para entrar na casa.

— Nada além de torta para nós dois — disse ela para minha mãe enquanto andavam em direção à porta.

— O dr. Singh está trabalhando? — perguntou minha mãe.

— Como sempre — disse Ruana. Ela ficou olhando Ray entrar, com Lindsey e Samuel, pela porta da casa. — Você vai vir fumar uns cigarros fedorentos comigo de novo?

— Combinado — disse minha mãe.

— Ray, seja bem-vindo, sente-se — disse meu pai quando o viu chegando vindo da sala de estar. Como o menino que tinha amado sua filha, ele tinha um lugar especial no seu coração, mas Buckley se sentou na cadeira ao lado do meu pai antes de qualquer outra pessoa conseguir chegar perto.

Lindsey e Samuel encontraram duas cadeiras de encosto reto na sala de estar e as trouxeram para se sentar perto do aparador. Ruana se sentou entre vovó Lynn e minha mãe e Hal se sentou sozinho em uma das cabeceiras.

Percebi então que eles não saberiam quando eu fosse embora, do mesmo modo que podiam não saber às vezes o quanto eu tinha estado presente em determinado cômodo. Buckley tinha falado comigo e eu tinha falado com ele. Mesmo que eu não tivesse pensado estar falando com ele, estava. Eu me manifestava em qualquer coisa que eles quisessem que fosse eu.

E ali estava ela de novo, sozinha, andando pelo milharal enquanto todas as outras pessoas importantes para mim estavam sentadas juntas na mesma sala.

Ela sempre me sentiria e pensaria em mim. Eu podia ver isso, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Ruth tinha sido uma menina atormentada e agora seria uma mulher atormentada. Primeiro por acidente, e agora por escolha. Tudo aquilo, a história da minha vida e da minha morte, era dela caso quisesse contá-la, mesmo que fosse para uma pessoa de cada vez.

A visita de Ray e Ruana estava adiantada quando Samuel começou a falar da casa em estilo revival gótico que Lindsey e ele tinham encontrado em um trecho abandonado da estrada 30. Enquanto ele contava os detalhes para Abigail, descrevendo como tinha percebido que queria pedir Lindsey em casamento e viver ali com ela, Ray se viu perguntando: — Essa casa tem um buraco grande no teto da sala dos fundos e janelas legais em cima da porta da frente?

— Tem — disse Samuel, enquanto meu pai ia ficando preocupado. — Mas dá para consertar, sr. Salmon. Tenho certeza.

— Essa casa é do pai da Ruth — disse Ray.

Todos ficaram em silêncio por um instante e então Ray continuou.

— Ele pediu um empréstimo, dando sua firma como garantia, para comprar casas velhas que não estejam já listadas para demolição. Quer restaurar essas casas — disse Ray.

— Meu Deus — disse Samuel.

E eu fui embora.

Restos

Vocês não percebem os mortos indo embora quando eles decidem abandoná-los de verdade. No máximo os sentem como um sussurro ou a onda de um sussurro indo para baixo. Eu os compararia a uma mulher nos fundos de uma sala de conferência ou de um teatro, que ninguém nota até ela sair discretamente. Nessa hora só os que estão eles próprios perto da porta, como vovó Lynn, percebem; para os outros é como uma brisa inexplicável em um quarto fechado.

Vovó Lynn morreu anos depois, mas ainda não a vi por aqui. Posso imaginá-la tomando todas no seu céu, bebendo *mint juleps* com Tennessee Williams e Dean Martin. Ela vai chegar quando for a sua hora, tenho certeza.

Para ser honesta com vocês, ainda saio de fininho para olhar minha família de vez em quando. Não posso evitar, e algumas vezes eles ainda pensam em mim. Eles não podem evitar.

Depois de se casarem, Lindsey e Samuel foram se sentar na casa vazia na estrada 30 e beberam champanhe. Os galhos das árvores grandes demais tinham entrado pela janela do andar de cima, e eles se aninharam debaixo deles, sabendo que os galhos precisariam ser cortados. O pai de Ruth tinha prometido lhes vender a casa com a condição de Samuel lhe pagar em trabalho como seu primeiro empregado em um negócio de restauração. No final daquele verão, o sr. Connors já tinha limpado o terreno com a ajuda de Samuel e

Buckley e montado um trailer, que durante o dia era sua oficina e durante a noite podia ser o quarto de estudo de Lindsey.

No começo era desconfortável a falta de encanamento e eletricidade, assim como ter de ir à casa de algum de seus pais para tomar banho, mas Lindsey mergulhou de cabeça nos estudos e Samuel mergulhou de cabeça em sua procura pelas maçanetas e cordinhas de luminárias da época certa. Foi uma surpresa para todo mundo quando Lindsey descobriu estar grávida.

— Eu achei que você estava mais gorda — disse Buck, sorrindo.

— Olha quem fala — disse Lindsey.

Meu pai sonhou que um dia poderia ensinar outra criança a amar barcos em garrafas. Sabia que isso lhe causaria tanto tristeza quanto felicidade; que sempre traria um eco de mim.

Eu gostaria de lhes dizer que aqui é lindo, que eu estou, e vocês estarão um dia, seguros para sempre. Mas este céu não é segurança assim como, em sua graça, não é uma cruel realidade. Nós nos divertimos.

Fazemos coisas que deixam os humanos confusos e gratos, como fazer o jardim de Buckley brotar certo dia, toda sua louca profusão de plantas nascendo ao mesmo tempo. Fiz isso por minha mãe que, tendo ficado em casa, viu-se novamente diante da questão do quintal. Maravilhada foi o que ela ficou ao ver todas as flores e ervas e brotos nascendo.

Maravilhada era o que ela mais ficava depois de voltar — com as viradas que a vida dava.

E meus pais deram meus objetos que tinham sobrado para uma instituição de caridade, junto com as coisas da vovó Lynn.

Continuaram a compartilhar as vezes em que me viam. Estar juntos pensando e falando sobre os mortos tornou-se uma parte perfeitamente normal de suas vidas. E eu escutava meu irmão, Buckley, enquanto ele tocava bateria.

Ray virou o dr. Singh, "o verdadeiro doutor da família", como Ruana gostava de dizer. E ele teve mais e mais instantes em que decidiu não desacreditar. Mesmo que ao seu redor houvesse cirurgiões e cientistas sérios que governavam um mundo onde preto era preto e branco era branco, ele não descartava a seguinte possibilidade: dos estranhos guias que apareciam às vezes para os moribundos não serem resultado de derrames; de ter chamado Ruth pelo meu nome, e de ter, de fato, feito amor comigo.

Quando duvidava, ele ligava para Ruth. Ruth, que tinha sido promovida de um closet para um conjugado do tamanho de um closet no Lower East Side. Ruth, que ainda tentava encontrar uma maneira de escrever sobre quem via e sobre suas experiências. Ruth, que queria que todos acreditassem no que ela sabia: que os mortos realmente falam conosco, que no ar ao redor dos vivos espíritos flutuam e ondulam e riem conosco. Eles são o oxigênio que respiramos.

Agora estou no lugar que chamo de imenso e gigantesco Céu, porque ele inclui todos os meus desejos mais simples, mas também os mais humildes e os mais grandiosos. A palavra que meu avô usa é conforto.

Então aqui tem bolos e travesseiros e cores para dar e vender, mas debaixo dessa colcha de retalhos mais óbvia estão lugares como um quarto silencioso onde você pode ir e segurar a mão de alguém sem precisar dizer nada. Sem contar nenhuma história. Sem pedir nada. Onde pode viver dentro de si mesmo pelo tempo que desejar. Esse imenso e gigantesco Céu é feito de pregos de cabeça chata e da penugem macia das folhas novas, de montanhas-russas incríveis e de bolas de gude que caem, depois ficam suspensas no ar, depois levam você a lugares que jamais poderia ter imaginado em seus sonhos do pequeno céu.

Certa tarde eu estava olhando a Terra com meu avô. Víamos os pássaros pularem de copa em copa dos mais altos pinheiros do

Maine e tínhamos as sensações dos pássaros enquanto aterrissavam, depois levantavam voo, depois aterrissavam de novo. Acabamos em Manchester, visitando uma lanchonete da qual meu avô se lembrava dos dias em que subia e descia a costa leste a trabalho. O lugar tinha ficado mais sinistro durante os últimos 50 anos, e depois de dar uma olhada fomos embora. Mas no instante em que virei as costas eu o vi: o sr. Harvey descendo pelas portas de um ônibus.

Ele entrou na lanchonete e pediu uma xícara de café no balcão. Para os não iniciados, ele ainda tinha a aparência mais comum possível, exceto ao redor dos olhos, mas ele não usava mais lentes de contato e ninguém se preocupava mais em olhar através das grossas lentes de seus óculos.

Enquanto uma garçonete mais velha lhe entregava um copo de isopor cheio de café fervendo, ele ouviu uma sineta em cima da porta atrás de si tilintar e sentiu uma rajada de ar frio.

Era uma adolescente que tinha estado sentada algumas fileiras na sua frente durante as últimas horas, escutando seu walkman e cantarolando junto com as músicas. Ele ficou sentado no balcão até ela acabar de usar o banheiro, depois a seguiu até o lado de fora.

Eu o vi segui-la pela neve suja da lateral da lanchonete até os fundos do terminal de ônibus, onde ela estaria ao abrigo do vento para fumar.

Enquanto estava ali, ele se juntou a ela. Ela nem sequer ficou surpresa.

Era só mais um velho chato malvestido.

Mentalmente, ele calculou suas ações. A neve e o frio. A ravina íngreme que se abria imediatamente à sua frente. A mata fechada do outro lado.

E puxou conversa com ela.

— Viagem comprida — disse ele.

Primeiro ela olhou para ele como se não pudesse acreditar que ele estava falando com ela.

— Ahã — disse ela.

— Você está viajando sozinha?

Foi então que eu os vi, suspensos acima de suas cabeças em uma fileira comprida e abundante. Pingentes de gelo.

A menina apagou o cigarro na sola do sapato e se virou para ir embora.

— Velho nojento — disse ela, e saiu andando depressa.

Um instante depois, o pingente caiu. Seu peso frio o desequilibrou apenas o suficiente para ele tropeçar e cair para a frente. Seria preciso semanas antes de a neve da ravina derreter o bastante para ele ser encontrado.

Mas agora me deixem falar-lhes sobre alguém especial: Em seu quintal, Lindsey fez um jardim. Eu a via limpar o comprido e largo canteiro de flores. Seus dedos se torciam dentro das luvas enquanto ela pensava nos pacientes que via todos os dias em seu consultório — em como ajudá-los a entender as cartas que a vida lhes dava, em como aliviar sua dor. Lembrei-me de que as pequenas coisas eram as que muitas vezes fugiam ao entendimento do que eu considerava seu grande intelecto. Ela levou uma eternidade para entender que eu sempre me oferecia para aparar a grama dentro da cerca, porque podia brincar com Holiday enquanto trabalhávamos no quintal. Então ela se lembrou de Holiday, e eu segui seus pensamentos. Como dentro de alguns anos seria hora de comprar um cachorro para seu bebê, quando a casa estivesse arrumada e cercada. Então pensou em como agora existiam máquinas com cordas resistentes capazes de aparar uma cerca viva de um canto a outro em minutos — coisa que levávamos horas reclamando para conseguir fazer.

Então Samuel saiu da casa em direção a Lindsey, e ali estava ela no colo dele, minha linda neném gordinha, nascida 10 anos depois dos meus 14 anos na Terra: Abigail Suzanne. Para mim ela era a pequena Susie.

Samuel pôs Susie em cima de uma manta perto das flores. E minha irmã, minha Lindsey, deixou-me em sua lembrança, onde era o meu lugar.

E dentro de uma casinha a oito quilômetros dali um homem mostrava minha pulseira de amuletos incrustada de lama para sua mulher.

— Olha o que eu encontrei na antiga zona industrial — disse ele. — Um cara da obra disse que eles estavam demolindo o lote todo. Estão com medo de outros sumidouros como aquele engolirem os carros.

Sua mulher lhe serviu um pouco de água da bica enquanto ele apalpava a minúscula bicicleta e a sapatilha de bale, o cesto de flores e o dedal. Ele lhe estendeu a pulseira enlameada enquanto ela punha o copo na mesa.

— Essa menininha já deve estar crescida — disse ela.

Quase.

Não exatamente.

Desejo a todos vocês uma vida longa e feliz.

FIM

Digitalização: Thiago Coss